

Contra Academicos; De Beata Vita; De Ordine

1. [Sobre Esta Obra](#)
2. [stoa0040.stoa016 — Livro 1](#)
3. [stoa0040.stoa016 — Livro 2](#)
4. [stoa0040.stoa016 — Livro 3](#)
5. [stoa0040.stoa016](#)
6. [stoa0040.stoa034](#)
7. [stoa0040.stoa056 — Livro 1](#)
8. [stoa0040.stoa056 — Livro 2](#)
9. [stoa0040.stoa056](#)
10. [Sobre a Vitae Press](#)
11. [Creditos](#)

Contra Academicos; De Beata Vita; De Ordine

Augustinus

Traduzido do latim original

VITAE PRESS

Biblioteca Patristica

Primeira edicao digital 2025

Publicado por Vitae Press

Texto original em dominio publico.

Traducao © 2025 Vitae Press. Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta traducao pode ser reproduzida, distribuida ou transmitida de qualquer forma sem autorizacao previa por escrito do editor, exceto para breves citacoes em resenhas criticas.

Esta traducao foi produzida com assistencia de IA (DeepSeek V3) e revisada para precisao. Versos biblicos seguem a Biblia Almeida Revista e Corrigida. O texto original e da edicao critica Corpus Scriptorum Ecclesiasticorum Latinorum (CSEL).

Sobre Esta Obra

Agostinho de Hipona (354-430 d.C.) é uma das figuras mais centrais e influentes do pensamento ocidental. Nascido no norte da África romana, sua trajetória intelectual e espiritual, magistralmente narrada nas **Confissões**, o levou do maniqueísmo e do ceticismo filosófico a uma profunda conversão ao cristianismo. Tornando-se bispo de Hipona, sua vasta obra teológica, filosófica e pastoral não apenas moldou a doutrina cristã nos séculos seguintes, mas também estabeleceu as bases para grande parte da filosofia medieval e do pensamento europeu. Agostinho é, assim, um ponto de encontro indispensável entre a herança clássica e o mundo cristão em formação.

Este volume apresenta ao leitor de língua portuguesa um conjunto fundamental dos chamados **Diálogos de Cassiciaco**, escritos no outono de 386, logo após sua conversão e antes do batismo. **Contra Academicos** (Contra os Acadêmicos) é uma vigorosa refutação do ceticismo da Nova Academia, onde Agostinho busca estabelecer a possibilidade de se alcançar a verdade. **De Beata Vita** (Sobre a Vida Feliz) discute, em forma de diálogo com sua mãe Mônica e amigos, a natureza da verdadeira felicidade, identificando-a com a posse de Deus. Por fim, **De Ordine** (Sobre a Ordem) investiga a presença da ordem divina e da providência no mundo, mesmo diante do aparente caos e do mal, um tema que ele desenvolveria extensamente em obras posteriores.

A importância histórica destes escritos é dupla. Filosoficamente, eles representam o primeiro grande embate do pensamento agostiniano com a tradição greco-romana, marcando sua transição de retórico a filósofo cristão. São textos nos quais a razão dialoga intensamente com a fé em busca de entendimento. Teologicamente, embora não contenham ainda a maturidade doutrinária de obras como **A Cidade de Deus**, neles já se

esboçam temas cruciais: a relação entre fé e razão, a natureza de Deus como bem supremo, e a confiança na ordenação sapiencial do criado. Eles nos mostram um Agostinho em estado de fervorosa descoberta, testemunhando o nascimento de uma das maiores vocações intelectuais da história.

A tradução que se segue baseia-se na edição crítica de referência do *Corpus Scriptorum Ecclesiasticorum Latinorum* (CSEL), volume 63, preparada por Pius Knöll e publicada em 1922. O CSEL mantém-se, há mais de um século, como uma das coleções acadêmicas mais rigorosas para o estudo das fontes patrísticas latinas. Utilizar esta edição garante ao leitor que o texto em português deriva diretamente da versão latina mais fidedigna e anotada disponível, assegurando tanto a precisão filológica quanto o acesso ao contexto editorial necessário para uma compreensão profunda destas obras fundadoras.

stoa0040.stoa016

Livro 1

Oh, se ao menos, Homaniano, a virtude pudesse arrebatat reciprocamente o homem adequado a si, resistindo à fortuna, assim como não permite que ninguém o arrebate dela, certamente já teria lançado mão de ti, proclamando que és de seu direito e, conduzindo-te à posse dos bens mais certos, não permitiria que servisses nem mesmo aos sucessos prósperos. Mas, visto que está assim disposto, seja por nossos méritos, seja pela necessidade da natureza, que o ânimo divino, inerente aos mortais, de modo algum seja acolhido pelo porto da sabedoria, onde não seja movido nem pelo sopro adverso da fortuna nem pelo favorável, a menos que ela mesma, seja favorável ou como que adversa, o conduza até lá, nada mais nos resta por ti senão votos, pelos quais, se podemos, obtenhamos daquele Deus a quem isto importa, que Ele te restitua a ti mesmo — pois assim facilmente te restituirá também a nós — e permita que essa tua mente, que há muito anseia por respirar, enfim surja às ares da verdadeira liberdade. E, de fato, talvez o que vulgarmente se chama fortuna seja regido por uma ordem oculta, e nada mais chamamos de acaso nas coisas, senão aquilo cuja razão e causa são secretas, e nada de conveniente ou inconveniente acontece na parte, que não convenha e seja congruente com o todo. Esta sentença, proferida pelos oráculos das doutrinas mais fecundas e muito afastada do entendimento dos profanos, a filosofia promete demonstrar aos seus verdadeiros amantes, à qual te convido. Por isso, quando te acontecem muitas coisas indignas de tua alma, não te desprezes a ti mesmo. Pois, se a divina providência se estende até nós, o que de modo algum se deve duvidar, acredita em mim, é necessário que sejas tratado assim, como és tratado. Pois, quando com

aquela índole tão grande, que sempre admiro, desde a adolescência inicial, ainda com o passo frágil e vacilante da razão, ingressavas na vida humana, pleníssima de todos os erros, acolheu-te a torrente das riquezas, que, àquela idade e ânimo, que avidamente seguiam o que parecia belo e honesto, começara a absorver-te em seus abismos sedutores, se dali não te tivessem arrebatado aqueles sopros da fortuna, que são tidos por adversos, quase te afogando.

Mas se, de fato, ao ofereceres espetáculos de ursos e apresentações nunca antes vistas aos nossos cidadãos, o aplauso teatral, sempre muito favorável, te houvesse recebido; se, pelas vozes unidas e concordantes de homens insensatos, cuja multidão é imensa, fosses elevado ao céu; se ninguém ousasse ser teu inimigo; se as placas municipais te registrassem em bronze não apenas como patrono dos cidadãos, mas também dos vizinhos; se estátuas fossem erguidas, honras fluíssem, poderes ainda fossem acrescentados, que superassem a condição municipal; se mesas opulentas fossem preparadas para banquetes diários, onde o que fosse necessário a cada um, e mesmo o que suas delícias desejassem, fosse pedido sem hesitação, sorvido sem hesitação, e muito ainda fosse derramado sobre os que não pedissem; e se a própria fortuna familiar, diligentemente e com fidelidade administrada pelos teus, se mostrasse adequada e preparada para tantas despesas; tu, entretanto, vivesses em edifícios de construções requintadíssimas, no esplendor dos banhos, em jogos de tabuleiro, que a honestidade não rejeita, em caçadas, em banquetes, na boca dos clientes, na boca dos cidadãos, na boca, enfim, dos povos, fosses proclamado humaníssimo, liberalíssimo, puríssimo, felicíssimo — alguém, Romano, ousaria fazer-te menção de outra vida feliz, que só ela é verdadeiramente feliz? Alguém, peço-te, poderia persuadir-te não apenas de que não és feliz, mas de que és sobretudo miserável, na medida em que menos o parecesses a ti mesmo? Agora, porém, quantas e tão grandes adversidades que suportaste te fizeram digno de uma breve advertência. Pois não é preciso persuadir-te com

exemplos alheios de quão volúveis, frágeis e cheias de calamidades são todas as coisas que os mortais consideram bens, visto que as experimentaste de tal modo, que a partir de ti podemos persuadir os demais.

Aquilo, pois, aquilo teu, pelo qual sempre desejava coisas decorosas e honestas, pelo qual preferiste ser mais liberal do que rico, pelo qual nunca cobiçaste ser mais poderoso do que mais justo, nunca cedeste às adversidades e às iniquidades, aquilo mesmo, digo, que em ti divino, por não sei qual sono e torpor desta vida, está adormecido, a providência decidiu despertar com essas várias e duras agitações secretas. Desperta, desperta, suplico-te; muito, acredita em mim, te alegrarás, porque quase nenhuma prosperidade, pelas quais os incautos são retidos, os dons deste mundo te lisonjearam, os quais a mim mesmo procuravam capturar diariamente, cantando essas coisas, se a dor do peito não me tivesse compelido a abandonar a vã profissão e a refugiar-me no seio da filosofia. Ela mesma agora, no ócio, que veementemente desejamos, me nutre e acaricia; ela mesma me libertou completamente daquela superstição, na qual eu te havia lançado precipitadamente comigo. Pois ela ensina e verdadeiramente ensina que absolutamente nada deve ser adorado e que tudo deve ser desprezado, o que quer que seja discernido pelos olhos mortais, o que quer que qualquer sentido alcance. Ela promete demonstrar-se claramente o Deus verdadeiríssimo e secretíssimo e já, já mesmo, como que através de nubes luminosas, digna-se a mostrar.

Nela vive comigo, com o maior empenho, nosso Licentius; a ela se voltou inteiramente, desde as seduções e prazeres juvenis, de tal modo que não ousou apresentá-lo levemente a meu pai como modelo a ser imitado. Pois a filosofia é aquela de cujos seios nenhuma idade se queixará de ser excluída. Para incitá-lo a retê-la e sorvê-la com mais avidez, embora conheça bem sua sede, quis, contudo, enviar-lhe um gosto. Peço que isso lhe seja suavíssimo e, por assim dizer, indutor, para

que não tenha esperado em vão. Pois enviei-lhe, posta por escrito, a discussão que entre si tiveram Trigécio e Licentius. Aquele jovem também, como que para limpar o fastio das disciplinas, tendo-se apropriado um tanto da milícia, assim nos restituiu ardentíssimo e voracíssimo das grandes e honestas artes. Passados, pois, poucos dias depois que começamos a viver no campo, ao exortá-los e animá-los aos estudos, vendo-os mais dispostos e absolutamente ávidos do que eu esperava, quis experimentar, conforme a idade, o que poderiam. Sobretudo porque o livro Hortênsio, de Cícero, já parecia tê-lo conquistado em grande parte para a filosofia. Chamado, portanto, um notário, para que as brisas não dispersassem nosso trabalho, não permiti que nada se perdesse. Certamente, neste livro, lerás as coisas e opiniões deles, mas as palavras minhas e de Alípio.

Quando, portanto, todos por minha exortação nos reunimos em um só lugar para este fim, onde pareceu oportuno: — Acaso duvidais, perguntei, que devemos conhecer a verdade? — De modo algum, disse Trigécio, e os demais mostraram com o próprio semblante que aprovavam. — E se, perguntei, mesmo sem ter apreendido a verdade, podemos ser felizes, considerais necessária a apreensão da verdade? — Aqui Alípio disse: Penso que mais seguro me é ser juiz desta questão. Pois, como está estabelecida para mim uma viagem à cidade, convém que eu seja aliviado do peso de assumir qualquer parte, ao mesmo tempo porque mais facilmente posso delegar a alguém as funções de juiz do que as de qualquer defesa. Por isso, daqui em diante, nada espereis de mim a favor de uma ou outra parte. — Tendo-lhe isso sido concedido por todos e eu repetido a pergunta: — Certamente desejamos ser felizes, disse Trigécio, e se para isso podemos chegar sem a verdade, não nos é necessário buscar a verdade. — Que significa isso? perguntei; julgais que podemos ser felizes mesmo sem ter encontrado a verdade? — Então Licêncio disse: Podemos, se buscarmos a verdade. — Aqui, quando eu pedi a opinião dos outros com um aceno: — Move-me, disse Navígio, o

que foi dito por Licêncio. Pois talvez isto mesmo seja viver feliz: viver na busca da verdade. — Define, pois, disse Trigécio, o que é a vida feliz, para que disso eu conclua o que convém responder. — Que pensas, perguntei, ser viver feliz senão viver segundo aquilo que há de melhor no homem? — Não lançarei palavras levianamente, disse ele; pois penso que deves definir para mim o que é exatamente esse melhor. — Quem, perguntei, duvidaria que nada mais é o melhor do homem senão aquela parte da alma, à qual, dominando, convém obedecerem todas as demais coisas que há no homem? Esta, para que não exijas outra definição, pode ser chamada mente ou razão. Se isso não te parece, busca como tu mesmo definirias ou a vida feliz ou o melhor do homem. — Concordo, disse ele.

O que então? Para retornarmos ao proposto, disse eu, parece-te que não se pode viver feliz sem que se encontre a verdade, se apenas se busca? — Repito, disse ele, aquela minha opinião: de modo algum parece. — Vós, disse eu, o que opinais? — Então Licêncio: A mim absolutamente, disse, parece. Pois nossos antepassados, que recebemos como sábios e felizes, viveram bem e felizes somente por isso, porque buscavam a verdade. — Agradeço, disse eu, porque fizestes de mim e de Alípio juízes, a quem, confesso, já começara a invejar. Visto, portanto, que a um de vós parece que a vida feliz pode ser alcançada somente pela investigação da verdade, e ao outro, não senão pela descoberta, e Navígio, há pouco, mostrou querer passar para o teu lado, Licêncio, observo com grande interesse que tipo de defensores de vossas opiniões podeis ser. Pois a questão é importante e digníssima de diligente discussão. — Se a questão é importante, disse Licêncio, requer homens importantes. — Não busques, disse eu, especialmente nesta propriedade, o que é difícil encontrar em qualquer parte do mundo, e antes explica por que aquilo que por ti foi proferido não temerariamente, creio eu, e com que razão te parece. Pois também as questões máximas, quando são investigadas pelos pequenos, costumam torná-los grandes.

Pois vejo, disse ele, que insistes grandemente para que disputemos uns contra os outros, o que confio que desejas com proveito, pergunto: por que não pode ser feliz aquele que busca a verdade, mesmo que de modo algum a encontre? — Porque feliz, disse Trígécio, queremos que seja o sábio perfeito em todas as coisas. Mas aquele que ainda busca, não é perfeito. Como, portanto, possas afirmar que este é feliz, de modo algum vejo. — E aquele: Porventura tem valor para ti, disse, a autoridade dos antigos? — Não de todos, disse Trígécio. — De quais, afinal? — Aquele: Daqueles, certamente, que foram sábios. — Então Licêncio: Carnéades, disse, não te parece sábio? — Eu, disse ele, não sou grego; não sei quem foi esse Carnéades. — E quanto, disse Licêncio, àquele nosso Cícero, que afinal pensas? — Este, depois de ter calado por muito tempo: Foi sábio, disse. — E aquele: Logo, a opinião dele sobre este assunto tem algum peso para ti? — Tem, disse ele. — Aceita, pois, qual ela seja; pois creio que te escapou. Pois agradou ao nosso Cícero que seja feliz aquele que investiga a verdade, mesmo que não consiga chegar à sua descoberta. — Onde disse isso, perguntou ele, Cícero? — E Licêncio: Quem ignora que ele afirmou veementemente nada poder ser percebido pelo homem e nada restar ao sábio senão a diligente investigação da verdade, precisamente porque, se assentisse a coisas incertas, ainda que porventura fossem verdadeiras, não poderia libertar-se do erro, que é a maior culpa do sábio? Por esta razão, se também é necessário crer que o sábio é feliz e a só investigação da verdade é a função perfeita da sabedoria, por que hesitamos em considerar que a vida feliz pode ser alcançada até mesmo pela própria investigação da verdade?

Então ele disse: É permitido, afinal, retornar àquilo que foi concedido temerariamente? — Aqui eu disse: Aqueles que são impelidos a disputar não pelo desejo de encontrar a verdade, mas pela vanglória pueril do engenho, costumam não conceder isso, respondi. Por isso, junto a Ele, especialmente enquanto ainda tendes sede de ser nutridos e educados, não apenas é concedido, mas também desejo que tenhais em vossos

preceitos que deveis retornar ao exame daquilo que concedestes com imprudência. — E Licêncio disse: Considero não pequeno progresso na filosofia, afirmou, quando na comparação entre o correto e o verdadeiro, a vitória é desprezada por quem disputa. Por isso, obedeço de bom grado aos preceitos e à tua opinião, e permito que Trigeccio retorne àquilo que ele julga ter concedido temerariamente — pois a questão é de meu direito. — Então Alípio disse: Reconheceis convosco mesmos que ainda não cumpristes as obrigações do ofício assumido junto a Ele. Mas, visto que uma partida há muito planejada me obriga a interromper, por meu próprio encargo também, não recusará a duplicada autoridade para si, participante comigo do julgamento, até meu retorno; pois vejo que esta vossa contenda se prolongará ainda mais. — E quando ele partiu: O que, disse Licêncio, concederas temerariamente? Apresenta. — E ele disse: Temerariamente dei, afirmou, que Cícero foi sábio. — Então Cícero não foi sábio, por quem na língua latina a filosofia foi tanto iniciada quanto aperfeiçoada? — Ainda que eu conceda, disse ele, que ele seja sábio, não aprovo, contudo, todas as suas coisas. — Mas é preciso que refutes muitas outras dele, para que não pareças reprovar impudentemente isto, sobre o que se trata. — E se estou preparado para afirmar que apenas isto ele não entendeu corretamente? A vós, creio eu, nada importa, exceto que apresente razões de quanto peso para aquilo que desejo sustentar. — Prossegue, disse ele. — Pois o que, disse ele, ousaria contra aquele que se declara adversário de Cícero?

Então Trygétio disse: Quero que atentes, ó nosso juiz, como definiste acima a vida bem-aventurada; pois disseste que é bem-aventurado aquele que vive segundo aquela parte da alma que convém governar sobre as demais. Mas tu, Licêncio, quero que agora mesmo me concedas — pois já sacudimos o jugo da autoridade, graças à liberdade que a filosofia tanto promete nos garantir — que não é perfeito aquele que ainda busca a verdade. — Então ele, após um longo silêncio: Não concedo, disse. — Trygétio: Por quê, peço-te? Explica. Estou aqui e

anseio ouvir como pode um homem ser perfeito e ainda assim buscar a verdade. — Então Licêncio: Aquele que não chegou ao fim, confesso, não é perfeito. Mas creio que só Deus conhece aquela verdade, ou talvez a alma do homem, quando deixar este corpo, isto é, esta escura prisão. O fim do homem, porém, é buscar perfeitamente a verdade; pois buscamos o perfeito, mas ainda assim, o homem. — E Trygétio: Portanto, o homem não pode ser bem-aventurado. Como poderia, se não consegue alcançar aquilo que ardentemente deseja? Mas o homem pode viver bem-aventuradamente, se de fato pode viver segundo aquela parte da alma que é justo que domine no homem. Pode, portanto, encontrar a verdade. Ou então reúna-se e não deseje a verdade, para que, não podendo alcançá-la, não seja necessariamente infeliz. — Mas isto mesmo é o bem-aventurado do homem, disse ele, buscar perfeitamente a verdade; pois isto é chegar ao fim, além do qual não se pode avançar. Quem, portanto, busca a verdade com menos empenho do que deve, não chega ao fim do homem; mas quem se dedica a encontrar a verdade tanto quanto o homem pode e deve, ainda que não a encontre, é bem-aventurado; pois faz tudo aquilo para o qual nasceu. Se, porém, faltar a descoberta, faltará aquilo que a natureza não deu. Finalmente, visto que o homem necessariamente ou é bem-aventurado ou é infeliz, não é loucura dizer que é infeliz aquele que, dia e noite, tanto quanto pode, se empenha em investigar a verdade? Será, portanto, bem-aventurado. Além disso, aquela definição, creio eu, apoia-me mais amplamente; pois se é bem-aventurado, como de fato é, aquele que vive segundo aquela parte da alma que convém reinar sobre as demais, e esta parte se chama razão, pergunto: acaso não vive segundo a razão aquele que busca perfeitamente a verdade? Se isto é absurdo, por que hesitamos em chamar bem-aventurado o homem somente pela própria busca da verdade?

Para mim, disse ele, nem viver segundo a razão nem ser feliz parece possível a quem quer que erre. Erra, porém, todo aquele que sempre

busca e não encontra. Onde se deve mostrar-te uma de duas coisas: ou que quem erra pode ser feliz, ou que aquele que nunca encontra o que busca não erra. — Então ele: Feliz não pode errar. E, após calar-se por muito tempo: Não erra, disse, quando busca, porque busca para não errar. — E Trigezio: Para não errar, de fato, busca, disse ele, mas erra, quando de modo algum encontra. Assim, porém, julgaste que te seria proveitoso o fato de não querer errar, como se ninguém errasse contra a vontade ou alguém de todo errasse a não ser contra a vontade. — Então eu, como ele hesitasse por muito tempo sobre o que responder: Deveis definir, disse, o que é erro; mais facilmente podeis ver seus limites, nos quais já profundamente entrastes. — Eu, disse Licêncio, não sou capaz de definir coisa alguma, ainda que definir o erro seja mais fácil do que terminá-lo. — Eu, disse ele, definirei, o que para mim é muito fácil não pelo engenho, mas pela causa ótima. Pois errar é certamente sempre buscar, nunca encontrar. — Eu, disse Licêncio, se pudesse facilmente refutar até essa definição, já há muito não teria faltado à minha causa. Mas, visto que ou a própria coisa é por si árdua ou assim me parece, peço-vos que até a luz de amanhã a questão seja adiada, se nada hoje que possa responder conseguir encontrar, quando isso diligentemente comigo mesmo ponderarei. — O que, julgando eu que devia ser concedido, não recusando os outros, para passear levantamo-nos e, enquanto entre nós muitas e variadas coisas conversávamos, ele ficou absorto em pensamento. O que, quando percebeu ser em vão, preferiu relaxar o ânimo e misturar-se à nossa conversa. Depois, quando anoitecia, tinham voltado ao mesmo conflito; mas impus limite e persuadi-os a que consentissem em ser adiado para outro dia. Dali, para os banhos.

No dia seguinte, porém, quando nos assentamos: "Apresentai", disse eu, "o que ontem havíeis começado." — Então Licêncio: "Adiáramos", disse ele, "a disputa, se não me engano, a meu pedido, pois a definição do erro me era difícilima." — "Aqui, claramente", disse eu, "não erras, o

que, para que te seja presságio para o restante, de bom grado desejaria." — "Ouve, pois", disse ele, "o que ontem também, se não tivesses intervindo, teria apresentado. O erro me parece ser a aprovação do falso como verdadeiro. Em que de modo algum incorre aquele que sempre julga que a verdade deve ser buscada; pois não pode aprovar o falso, aquele que nada aprova; portanto, não pode errar. Mas ser bem-aventurado pode muito facilmente; pois, para não me alongar mais, se nos fosse permitido viver para nós mesmos, como ontem foi permitido, diariamente, nada me ocorre por que hesitássemos em nos chamar bem-aventurados. Pois vivemos com grande tranquilidade de espírito, libertando a alma de toda mancha do corpo e mantendo-nos muito afastados dos ardores das paixões, dedicando, quanto é permitido ao homem, esforço à razão, isto é, vivendo segundo aquela parte divina da alma, que, por nossa definição de ontem, concordamos ser a vida bem-aventurada; contudo, creio eu, nada encontramos, mas apenas buscamos a verdade. Pode, portanto, apenas pela busca da verdade, mesmo que de modo algum possa encontrá-la, sobrevir ao homem a vida bem-aventurada. Pois vê com quanta facilidade tua definição é excluída pela noção comum. Pois disseste que errar é sempre buscar e nunca encontrar. E se alguém nada busque e, interrogado, por exemplo, se é agora dia, temerária e imediatamente julgue que é noite e responda, não te parece errar? Este gênero de erro, portanto, o mais bárbaro, tua definição não abrangeu. E se também não abrangeu os que não erram, pode alguma definição ser mais defeituosa? Pois se alguém busque Alexandria e siga para ela pelo caminho reto, não creio que possas chamá-lo de errante. E se percorra o mesmo caminho por várias causas de impedimentos durante longo tempo e seja surpreendido nela pela morte, não buscou sempre e nunca encontrou e, no entanto, não errou?" — "Não", disse ele, "não buscou sempre."

Corretamente falas, disse Licêncio, e bem me admoestas. Pois, de fato, nada absolutamente pertence ao assunto a tua definição; pois eu

não disse que é feliz aquele que sempre busca a verdade. O que nem mesmo pode acontecer, primeiro porque nem sempre o homem existe, depois porque não desde o tempo em que começa a ser homem, já pode, pela idade impedindo, buscar a verdade. Ou se sempre julgas que se deve dizer isso, se nenhum tempo, no qual já pode buscar, deixa parecer, novamente a ti é preciso voltar a Alexandria. Imagina, pois, alguém, desde o tempo em que é permitido viajar, seja pela idade seja pelos negócios, começar a seguir aquele caminho e, como disse acima, embora não se desvie para lugar algum, antes de chegar, contudo, sair da vida, muito certamente errarás, se a ti parecer que errou aquele, ainda que em todo tempo que pôde nem cessou de buscar nem pôde encontrar para onde se dirigia. Por isso, se tanto a minha descrição é verdadeira e segundo ela não erra aquele que perfeitamente busca, ainda que não encontre a verdade, e é feliz por essa razão, porque vive segundo a razão, a tua definição, porém, foi frustrada e, se não fosse, nada dela deveria me importar, se apenas por isso que eu defini. Suficientemente está firmada a causa, por que, peço-te, ainda não está dissolvida essa questão entre nós?

Então Trygétio disse: "Permites, então, que a sabedoria seja o caminho reto da vida?" — "Permito, sem dúvida", respondeu ele; "mas ainda assim desejo que definas para mim a sabedoria, para que eu saiba se aquela que me parece ser a mesma também o é para ti." — E aquele respondeu: "Parece-te pouco definida por isto mesmo, sobre o que agora foste interrogado? Até mesmo o que eu quiseste concedeste. Pois, se não me engano, o caminho reto da vida é chamado de sabedoria." — Então Licêncio disse: "Nada me parece tão ridículo quanto essa definição", afirmou. — "Talvez", disse aquele; "no entanto, peço-te que avances passo a passo, para que o raciocínio preceda o teu riso; pois nada é mais torpe do que o riso indigno de escárnio." — "Pois o quê?", disse ele, "não confessas que a morte é contrária à vida?" — "Confesso", respondeu. — "Para mim, portanto", disse aquele, "o caminho da vida não parece ser

outro senão aquele pelo qual alguém avança para não cair na morte." — Trygétio concordava. — "Logo, se algum viajante, evitando um desvio que ouviu estar cercado por ladrões, prossegue em linha reta e assim escapa da perdição, não seguiu ele tanto o caminho da vida quanto o reto? E ninguém chama isso de sabedoria? Como, então, todo caminho reto da vida é sabedoria?" — "Pois concedi que o é, mas não que é o único." — "A definição, porém, não deveria abranger nada que lhe fosse estranho. Portanto, define novamente, se te agrada: o que te parece ser a sabedoria?"

Por muito tempo ele calou-se; depois: Eis, disse, novamente defino, se tu nunca decidiste terminar isso. A sabedoria é o caminho reto, que conduz à verdade. — Da mesma forma, isso também, disse ele, é refutado; pois quando em Virgílio foi dito a Eneias por sua mãe: "Avança apenas e, por onde te conduz o caminho, dirige teus passos", seguindo este caminho ele chegou àquilo que fora dito, isto é, ao verdadeiro. Esforça-te, se te agrada, onde ele, avançando, pôs o pé. Pode-se dizer que é sabedoria; embora eu tente refutar completamente essa tua descrição, pois nada mais ajuda a minha causa. E, de fato, disseste que a sabedoria não é a própria verdade, mas o caminho que a ela conduz. Portanto, quem quer que use este caminho, certamente usa a sabedoria, e quem usa a sabedoria, necessariamente é sábio; sábio, pois, será aquele que perfeitamente buscou a verdade, mesmo que ainda não tenha chegado a ela. Pois o caminho que conduz à verdade, creio eu, não é entendido melhor do que como a diligente investigação da verdade. Usando, portanto, somente este caminho, já será sábio. E ninguém sábio é infeliz; todo homem, porém, ou é infeliz ou é feliz: feliz, pois, fará não apenas a descoberta, mas a própria investigação da verdade por si mesma.

Então ele, sorrindo: "Com razão me acontecem essas coisas, enquanto confiantemente concordo com o adversário em assunto não necessário; como se eu fosse um grande definidor ou considerasse algo

mais supérfluo no debate. Pois qual será o limite, se eu novamente quiser que algo seja definido por ti e, novamente, fingindo as palavras da mesma definição e de cada uma das consequentes, uma por uma, que nada entendo, exija que seja definido? Pois o que há de mais claro não poderei, por meu direito, exigir que seja definido, se por direito se exige de mim a definição de sabedoria? Pois de qual palavra a natureza quis que houvesse noção mais aberta em nossas almas do que a da sabedoria? Mas não sei como, quando a própria noção, por assim dizer, deixou o porto de nossa mente e estendeu para si as velas das palavras, imediatamente surgem mil naufrágios de calúnias. Por essa razão, ou que não se exija a definição de sabedoria, ou que nosso juiz dignese descer em seu patrocínio."

Então eu, como a noite já impedisse a escrita e visse surgir, como que de novo, algo grande a ser discutido, adiei para outro dia. Pois havíamos começado a discutir quando o sol já declinava para o ocaso, e quase todo o dia foi consumido tanto na organização de assuntos rurais quanto na revisão do primeiro livro de Virgílio.

Em seguida, logo que amanheceu — pois assim haviam sido estabelecidas as coisas no dia anterior, para que houvesse amplo ócio — imediatamente foi empreendida a tarefa que devia ser realizada. Então eu disse: Ontem vós pedistes, disse eu, Trigeccio, que eu descesse da função de juiz para a defesa da sabedoria, como se realmente a sabedoria sofresse algum adversário em vossa discussão ou estivesse em tal dificuldade, que devesse implorar maior auxílio, mesmo que alguém a defendesse. Pois nem entre vós surgiu outra questão a ser buscada senão o que é a sabedoria — em que nenhum de vós a ataca, porque ambos a desejam — nem, se tu pensas teres falhado em definir a sabedoria, por isso deves abandonar a defesa restante de tua opinião. Portanto, de mim nada mais terás senão a definição da sabedoria, que não é minha nem nova, mas tanto dos antigos homens, e que me admiro que vós não vos

recordeis. Pois não é agora que ouvis pela primeira vez que a sabedoria é a ciência das coisas humanas e divinas.

Então Licêncio, a quem, após aquela definição, por muito tempo julguei que estivesse buscando algo para dizer, imediatamente acrescentou: Por que, então, peço-te, não chamamos de sábio aquele homem tão infame, a quem nós mesmos bem conhecemos por dissolver-se através de inúmeras meretrizes, refiro-me àquele Albicério, que em Cartago, por muitos anos, aos que o consultavam, respondeu coisas admiráveis e certas? Inumeráveis casos poderia eu recordar, se não estivesse falando também entre aqueles que os experimentaram, e se agora bastassem poucos para o que desejo. Não foi o colherzinho — pois a mim dizia — que, não sendo encontrado em casa, por tua ordem, interrogado não apenas sobre o que se buscava, mas também nominalmente, de quem era a coisa e onde se escondia, respondeu com a maior rapidez e verdade? Do mesmo modo, estando eu presente — omito aquilo, que no que lhe era perguntado nada absolutamente de falso havia, mas quando o rapaz, que levava as moedas, certa parte delas, enquanto nos dirigíamos a ele, havia furtado, ordenou que todas lhe fossem contadas e forçou aquele, diante de nossos olhos, a restituir o que havia tomado, antes mesmo que ele próprio tivesse visto as mesmas moedas ou ouvido de nós quanto lhe havia sido trazido.

O que dizer, então, de que soubemos por ti que o doutíssimo e claríssimo varão Flacciano costumava admirar-se, o qual, tendo falado sobre a compra de uma propriedade, referiu o assunto àquela realidade divina de tal modo que declarou o que teria feito, se fosse possível? E aquele imediatamente não apenas proclamou o tipo de negócio, mas também, sobre o qual aquele clamava veementemente admirado, o próprio nome da propriedade, sendo isto tão absurdo que o próprio Flacciano dificilmente se lembrava disso. Já aquilo não posso dizer sem pasmo da alma: que a nosso amigo, teu discípulo, que queria provocá-lo e insolentemente exigia que dissesse o que ele mesmo em silêncio

ponderava, respondeu que ele estava pensando num verso de Virgílio. Quando aquele, atônito, não pôde negar, prosseguiu perguntando qual verso seria; e Albicério, que mal atravessando a escola do gramático alguma vez a tinha visto, não hesitou, despreocupado e tagarela, em cantar o próprio verso. Será, pois, que ou não eram coisas humanas aquelas sobre as quais ele era consultado, ou sem a ciência das coisas divinas respondeu tão certa e verdadeiramente aos que o consultavam? Mas ambas as coisas são absurdas. Pois e as coisas humanas nada mais são do que coisas dos homens, como a prata, a moeda, a propriedade, e finalmente até mesmo o próprio pensamento, e quem não julgaria corretamente que são coisas divinas aquelas pelas quais ao homem acontece a própria adivinhação? Sábio, portanto, foi Albicério, se pelaquela definição concedemos que a sabedoria é a ciência das coisas humanas e divinas.

Então ele disse: Primeiro, afirmo que não chamo de ciência aquela em que aquele que a professa às vezes se engana. Pois a ciência consiste não apenas em coisas compreendidas, mas compreendidas de tal modo que ninguém possa errar nela nem, impelido por quaisquer adversários, vacilar. Por isso, com toda a verdade, alguns filósofos dizem que ela não pode ser encontrada em ninguém, exceto no sábio, que não apenas deve ter perfeito aquilo que defende e segue, mas também mantê-lo inabalável. Sabemos, porém, que aquele que mencionaste muitas vezes disse coisas falsas, o que não só descobri por outros que me relataram, mas também percebi pessoalmente em certa ocasião. Devo, então, chamá-lo de sábio, quando frequentemente disse falsidades, a quem não chamaria se tivesse dito verdades com hesitação? Considerai que disse isso sobre os áugures e os adivinhos, e sobre todos aqueles que consultam os astros, e sobre os intérpretes de presságios, ou apresentai, se puderdes, alguém desse gênero de homens que, consultado, nunca tenha duvidado de suas respostas, nunca, em suma, tenha respondido

falsamente. Pois sobre os profetas, creio que não preciso me preocupar, pois falam com a mente de outrem.

Em seguida, que as coisas humanas sejam, para que eu conceda, coisas dos homens, pensas tu que algo seja nosso, que o acaso nos pode dar ou arrebatat? Ou quando se fala da ciência das coisas humanas, fala-se daquela pela qual cada um sabe quantas ou quais propriedades temos, quanto ouro, quanto prata, ou enfim, que versos alheios pensamos? Aquela é a ciência das coisas humanas, que conhece a luz da prudência, o esplendor da temperança, o vigor da fortaleza, a santidade da justiça. Pois estas são as coisas que, não temendo nenhuma sorte, ousamos dizer verdadeiramente nossas; as quais se aquele Albicerius tivesse aprendido, nunca, crede-me, teria vivido de modo tão luxurioso e deforme. Quanto ao que ele disse, que o verso que aquele, a quem se consultava, quisesse em sua mente, tampouco penso que isso deva ser contado entre as nossas coisas, não porque negue que as disciplinas honestíssimas pertençam a uma certa posse de nossa alma, mas porque é concedido até aos mais ignorantes cantar e pronunciar um verso alheio. Por isso, quando tais coisas incidirem em nossa memória, não é de admirar se podem ser percebidas por certos animais vilíssimos deste ar, a que chamam demônios, pelos quais concedo que podemos ser superados em agudeza e sutileza dos sentidos, mas pela razão nego, e isso acontece por algum modo secretíssimo e remotíssimo de nossos sentidos. Pois não é porque admiramos a abelhinha, com o mel posto, por não sei que sagacidade, pela qual vence o homem, vir voando de toda parte, que por isso devemos preferi-la a nós ou ao menos compará-la conosco.

Portanto, eu preferiria que esse Albicério, interrogado por alguém que desejasse aprender, tivesse ensinado os próprios metros, ou, forçado por algum dos consultores, tivesse cantado versos próprios sobre um assunto imediatamente proposto a ele. O que costumava lembrar que o mesmo Flacciano costumava dizer, quando ridicularizava e desprezava com grande elevação de espírito aquele gênero de adivinhação, e o

atribuía a não sei que alminha abjetíssima — pois assim ele falava —, pela qual aquele, como que advertido ou inflado por um espírito, costumava dar essas respostas. Pois aquele doutíssimo varão perguntava aos que admiravam tais coisas se Albicério poderia ensinar gramática, ou música, ou geometria. Quem, porém, o conhecesse e não confessasse que ele era totalmente ignorante de todas essas coisas? Por essa razão, ao final, exortava que aqueles que tivessem aprendido tais coisas preferissem sem dúvida suas próprias almas àquela adivinhação, e se aplicassem a essas disciplinas para instruir e apoiar sua mente, pelas quais lhes fosse dado transpor e sobrevoar aquela natureza aérea e invisível dos seres animados.

Já que as coisas divinas, com todos concordando, são muito melhores e mais augustas do que as humanas, como poderia aquele homem alcançá-las, ele que nem a si mesmo conhecia, a menos que talvez julgasse serem os astros, que contemplamos diariamente, algo grandioso em comparação com o Deus verdadeiríssimo e secretíssimo, a quem raramente talvez o intelecto atinge, mas os sentidos de modo algum? Estas, porém, estão presentes aos nossos olhos. Nem essas, portanto, são aquelas coisas divinas, quais somente a sabedoria professa conhecer; as demais, porém, das quais esses adivinhos, não sei quem, abusam seja para vã jactância seja para lucro, são certamente mais vis do que os astros. Portanto, Albicerius não foi participante da ciência das coisas humanas e divinas, e em vão por ti foi tentada assim a nossa definição. Finalmente, visto que tudo o que está além das coisas humanas e divinas, nós devemos considerar vilíssimo e totalmente desprezar, pergunto: em quais coisas busca a verdade o teu sábio? — Nas divinas, disse ele; pois a virtude, mesmo no homem, é sem dúvida divina. — Estas, então, Albicerius já conhecia, as quais o teu sábio sempre investigaria? — Então Licêncio: Divinas, disse, também ele conhecia, mas não aquelas que devem ser buscadas pelo sábio. Pois quem não subverteria todo o costume da linguagem, se lhe concedesse a

adivinhação, mas tirei as coisas divinas, das quais a adivinhação recebeu o nome? Por isso aquela vossa definição, a menos que me engane, incluiu não sei que outra coisa, que não pertence à sabedoria.

Então Trígécio disse: Defenderá essa definição, se for do seu agrado, aquele que a propôs. Agora, responda-me você, para que finalmente cheguemos ao que está sendo tratado. — Estou aqui, disse ele. — Admite, perguntou, que Albicério conhecia a verdade? — Admito, respondeu. — Melhor, portanto, do que o seu sábio. — De modo algum, disse ele; pois o tipo de verdade que o sábio busca, não apenas aquele adivinho delirante, mas nem mesmo o próprio sábio, enquanto vive neste corpo, alcança. No entanto, isso é tanto, que é muito mais preferível buscar isso sempre do que encontrá-lo alguma vez. — É necessário, disse Trígécio, que aquela definição me socorra nas dificuldades. Se ela te pareceu defeituosa por abranger aquele a quem não podemos chamar de sábio, pergunto se a aprovas, se dissermos que a sabedoria é a ciência das coisas humanas e divinas, mas daquelas que pertencem à vida bem-aventurada. — Existe, disse ele, também essa sabedoria e não apenas ela. Portanto, a definição superior invadiu o alheio, enquanto esta abandonou o próprio; por isso aquela pode ser acusada de avareza, esta de estultícia. Pois, para que eu mesmo explique agora com uma definição o que penso, a sabedoria me parece ser das coisas humanas e divinas, que pertencem à vida bem-aventurada, não apenas ciência, mas também diligente investigação. Se quiseres dividir essa descrição, a primeira parte, que detém a ciência, é de Deus, mas esta, que se contenta com a investigação, é do homem. Aquele, portanto, é bem-aventurado por Deus, mas este pelo homem. — Então ele disse: Admiro-me de como afirmas que o teu sábio consome esforço em vão. — Como, disse Licêncio, consome esforço em vão, quando com tão grande recompensa busca? Pois por isso mesmo, pelo que busca, é sábio, e pelo que é sábio, é bem-aventurado, quando de todos os envoltórios do corpo desdobra a mente tanto quanto pode e recolhe a si mesmo em si mesmo, quando não se permite ser dilacerado

pelas cupidez, mas em si e em Deus sempre tranquilo se concentra, para que também aqui, o que concordamos entre nós ser bem-aventurado, desfrute pela razão e no último dia da vida para alcançar o que desejou seja encontrado preparado e desfrute por mérito da divina bem-aventurança, aquele que antes desfrutou da humana.

Então eu, enquanto Trigécio demorava a buscar o que deveria responder: Não creio, disse eu, Licêncio, que faltarão argumentos a este, se o permitirmos investigar com tranquilidade. Pois o que lhe faltou em qualquer momento para responder? Pois primeiro ele mesmo apresentou que, uma vez que a questão sobre a vida feliz surgiu e é necessário que apenas o sábio seja feliz, se de fato a estultícia é miserável até mesmo pelo juízo dos insensatos, o sábio perfeito deve existir, mas não é perfeito aquele que ainda investiga o que é a verdade, donde nem mesmo é feliz. A este ponto, quando tu lançaste contra ele o peso da autoridade, perturbado um tanto modestamente pelo nome de Cícero, contudo ele logo se ergueu e com uma certa altivez obstinada saltou ao cume da liberdade e novamente agarrou o que lhe havia sido violentamente arrancado das mãos e perguntou a ti se te parecia perfeito aquele que ainda investigava, para que, se confessasses não ser perfeito, ele retornasse ao princípio e demonstrasse, se pudesse, por aquela definição, que o homem é perfeito, que governasse a vida segundo a lei da mente, e por isso não poder ser feliz senão sendo perfeito. Desse laço, quando te livraste mais cautelosamente do que eu pensava, e disseste que o homem perfeito é o investigador mais diligente da verdade e com aquela mesma definição, pela qual havíamos dito que a vida feliz é aquela que finalmente se conduz segundo a razão, tu lutaste com mais confiança e clareza, ele claramente te replicou; pois ocupou a tua fortaleza, de onde, sendo expulso, terias perdido completamente o domínio da situação, se as tréguas não te tivessem restaurado. Pois onde os Acadêmicos, cuja opinião defendes, colocaram a cidadela, senão na definição do erro? A qual, se talvez não te retornasse à mente à noite

através do sonho, já não terias o que responder, quando na exposição da opinião de Cícero tu mesmo antes a tinhas mencionado. Depois chegou-se à definição da sabedoria, a qual, quando tentavas abalar com tanta astúcia, que talvez nem mesmo o teu auxiliar Albicério compreendesse os teus roubos, com quanta vigilância, com quantas forças ele resistiu, como quase te envolveu e afundou, se ao final não te protegesses com a tua nova definição e disseses que a sabedoria humana é a investigação da verdade, da qual, por causa da tranquilidade da alma, adviria a vida feliz! A esta opinião ele não responderá, especialmente se na prorrogação do dia ou da parte que resta, exigir que lhe seja concedida a graça.

Mas, para não nos alongarmos, se vos apraz, que este discurso já se encerre, no qual demorar-me considero até supérfluo. Pois o assunto foi tratado suficientemente para a tarefa empreendida; o qual, após pouquíssimas palavras, poderia ser concluído. A não ser que eu desejasse exercitar vossos nervos e sondar vossos estudos, os quais me são de grande cuidado. Pois, tendo eu me proposto a exortar-vos grandemente à busca da verdade, comecei a indagar de vós quanto peso nela depositáveis; e todos depositastes tanto, que mais não desejo. Visto que desejamos ser felizes, seja isso impossível sem que a verdade seja encontrada, seja impossível sem que seja diligentemente buscada, postas de lado todas as demais coisas, se queremos ser felizes, devemos investigá-la. Por essa razão, já encerremos, como disse, essa discussão e a enviemos, Licêncio, sobretudo a teu pai. De cujo ânimo para com a filosofia já tenho plena certeza. Mas ainda investigo que sorte ele admita. Poderá, porém, ser inflamado mais veementemente para estes estudos, quando souber que tu mesmo já vives comigo assim, não apenas ouvindo, mas também lendo estas coisas. Quanto a ti, se, como percebo, os Acadêmicos te agradam, prepara forças mais robustas para defendê-los; pois decidi acusá-los. — Tendo sido ditas estas coisas, levantamos.

Aparato Critico

1. 9 cf. *Retract.* I 1, 3 17 cf. *Retract.* I 1, 2
2. 2 AUKELI AUGUSTIXI EPI CATHOLICAE ACHADEMICORUM LIB PRIMUS INCIPIT P EXPLICIT RETRACT INCIPIT LIBER I. SCI AU- GUSTINI EPI CONTRA ACHADEMICOS M INCIPIT LIB .1. AURELII AUGUST ... CONTRA T D. AURELII AUGUSTINI ACHADEMI- CORUM LIBER PRIMUS suppl. m. rec. H 4 prima verba resecta lilt, initiali lacera et manca exhibet T G manum Tm 8 permitte permittet (ret in r.) P 9 necessitate* (m ras.) P 12 ipsa liMP ipsa furturna T edd. lo redded T tuam illam T 19 et] uel T secreta Pml 20 et] iam et T 22 monstra- turam T
3. 1*
4. 3 oportet Pm2 operet Pml tecum agitur ut agi oportetT 4 quanta H semper] uel sepe Tm2 in mg, a 5 adulestia Pml rationes lassescente M 6 ingrederis Mml excipite (om. te) P 7 atque] et M 8 onesta Pml illecebrostis T 11 *te T 12 etciuibusP 14 conflatu Ma ferreis jHpr. 15 esse ex isse Pm2 aueret tibi esse a tibi aueret esse m simv*nicipales (1 ras.) P 16 etiamom.T patronorum-M 18 conuiuisTpr. 19 alias optimae a in mg. esse P alt. quod om.T 20 delitiae P alt. inc7u- tanter Pml auriret Pm] 22 idonea M 24 sumptibus HMPm2T balnaearum Pml thesseris M 25 uenationibus M clientum M 26 mundissimus fortunatissimusJ mundissimus ut suesti fortan. T mund. fortunatissimus ut fuisti m
5. 22 cf. *Retract.* I 1, 4
6. 2 supersuadere P 4 tot*ac tanta (et ras. ac 8.1. rubric. add. a Maurinis) P 5 est] dest P 7 expertus] ex ali] ***** T ex aliqua parte bene expertus edd. 9 ergo om.M 11 concupisti T concusisti HPml concussisti MPm2 essecessisti om.HMP 12 *illud T diuinum quod in te a 13 ueternoquoque HMP uanis M 14 illius a 15 crede om.M cede Pml 16 huius mundi M 17 captare a 19 compulisset Mml nunc om.M 20 p*enitus (a ras.) P 22 omnino (ni add, m2) P 23 quicquid Pm2 24 ullus] illuc HPm2 illic Pml ipsa se T secretissumTml 25 seom.T 28 iuuenilibus M edd.
7. 15 cf. *Uerg. Aen.* IX 312 sq.
8. 1 praepone a phisophia Pm] 2 nulla aetas se T qu*eretur (a ras.) P queraturT 3 auriendam H 4 quod] quem MT edd. 5 suiauisimum Tml frustra P 6 trigetius HMT plerumque 7 literas MPml litteris. T quoque om. M 8 quasi] quem quasiT 9 millitia P ista T magnum hone- staque P 10 edacissimum (om. que) M 11 ceperimus M ceperamus a 12 ortans Pml 13 iniantesZi pr. uidere*(t ras. et m s.) P temptare HMPm2T atatePml 17 eorum T alipii HT alybii P alippii M 18 adhuc M 19 numquid M 21 approbare M 22 etiam om.Mml non om. M conpraehenso P baeti Pml possimus T 23 alybius P nie huius quaest. iud. esse (om. inquit) T* 25 onnre P 26 quo T iudices (i! ex i cort. m2) P defensoris T edd. ca*piam ex cuipiam Pm2
9. 3 *Cic. Hort. frag.* 36 Miiller (*August. Trin.* XIII 4, 7) cf. *Tusc.* V ae 12.15 cf. *Retract.* II, 15
10. 1 del*egare (a ras.) P possim edd. 2 quicquam (c ex d) P ex*pectetis (s ras.) P 3 ragationem Pml interrogationem Pm2 rogationem rogati- onem T 4 abque Pml 5 ipsum om.M 6 tum T 7 hec (i s. e) T 3 sentiam Pml flagitauissem M 9 enim om.Jl 12 cesses PmlTml 14 quit Pm] 15 peto Ma aliud esse edd. 17 quae M quaeq; quae a 19 beata M optimum] ultimum T pr. 22 non om-M 23 inquam ex inquit corr. Pml 24 tunc MT uide*tur (n ras.) P pr. inquit mihi uidetur M 2G uixrt***P 27 fecestis Tml
11. 26.29 cf- *Cic. Hort. frag.* 101 Miiller

12. 1 uestri H 2 solam P continge*re T 4 magnopere HJIT edd. 4 expecto Tin 5 patroni (ni add. m2) P positus Pml 8 re*pe*rire (p et r ras.) P reperire T et] sed r edd. explica cur] explicatur 9 prola*tum P 12 magnopere HMT edd. 14 etia*si P 15 qui* (a s. ras. m2) P 16 autem orn.M 18 apud Pml uincere inquit T inquit uiuere edd. maiorum (ma s.l.) P 19 ille (e in i mut, m. post.) P 20 carnedes Pml 22 qui] quis (s s. m2) T 24 apud Pml aliquis T pr.
13. 1 percipi posse (pi et all. s m2) P sapienti (sa add. m2) P 2 proterea Pml 3 ascensus P ab errore m 4 septentis (corr. m2) P **si (et ras.) / 10 redire rnrsum edd. 11 inueui*endi (r ras.) P 12 puerilis iactantia m impellit (m ex n m2) P apud Pml 15 harum HMP 16 com PHil cumparatione Tml 18 se tenere edd. 21 quoniam] quoniam id T edd. 23 renet HPm2T reuit JI 24 discessisset Mm2Ta quod Hm2Ma profer] promeT 25 inquit dedi T 26 pliosofia Pml 27 incloata HMPm2Tm2 sapientem esse M 29 prob***** (probo ras.) T oportet sr operet corr. Pm2 alia* (s ras.) T
14. 1 n** (on ras.) P inpunder (e alt. ex u m2) P probare HmlPml 2 quid] quia T sensisse illuni edd. sim T ex corr. 4 adadserendum P inquit Pml quit Pml 5 inquit om. T 6 trygenus Pml 11 illud iugumM 12 requirit a 13 et trygetius T 14 habeo HMPa adeo T 15 ueritatem quaerere M 17 auforte Pml aut si forte HMA 18 alt. est] et M 21 magno*pere (O ras.) P magnopere HMT 26 ad P 27 est enim edd. 28 que P 29 quaerit ueritatem T nominis-autem add. Pm2 in ntg. 30 quatum Pml *ac (h ras.) P
15. 1 ueritatis HMm1P etiamsi] is etiamsi Tm eam om-M 2 pr. fecit T ita om. Test om.M 5 ut ritatis HP 7 sicut a 9 pars ratio (a pr. et o s. m2) P 10 quae**rit (qe ras.) P ueritatem P 11 ipsa sola 31 inuestigatione M 13 qui] quisquis T 14 unum] unum iam Tm e] de T monstratum P 15 es*se P nonquam T 18 pr. quaerit] perfecte quaerit Tm quaerit inquit T 20 non milt] ille non unIt T edd. 21 errat M 23 fines eius T 25 falius Pm] 27 quere-T inuenire] reperire M 28 pos**sem P
16. 12 cf. Retract. I 1, G
17. 1 odiae Pml re*perrire (p ras.) P 2 seduo*Pml 3 renuentibus HMPm2T sureximus Pml 4 uariacqu#0 (a ras.) P 5 sensisset Pml 6 sermoni miscere edd. cum] cum iam Tm 7 sed] se Pml persuaig; Tml 8 patarentur Pml a balneas Pml 9 post tridie P post cum die Tml consedisemus Pml] proferre Pml 10 ceperatis Pml 13 obtauerim T nisi om-Mm1 14 intercessisses Pml intercessisset M 17 igitur] enim Tml xacillime esse edd. 18 liceret uiuere M 19 occurreret M 21 cubiditatum (b in p corr.2) P cupiditatum MT edd. faucibus M 22 illam diuinam edd. 23 uitam esse edd. 24 atqui] atque Hedd. ut om.M tatummodo Pml 25 uiritatis Tml 26 minime inuenira M
18. 1 uide quaeso a 2 dixisti esse edd. 3 quaerit M intergatus Pml 4 sit dies M sitemere (te s. m2) P adque Pml 6 quod Tml 7 complexa P potestne HMPm2 edd. uitio*sior (r ras.) P 8 querat P 9 impedimentis HP impedimenti M impeditus T edd. 10 nonne & (pr. n et & m2) P 13 ammones MPml 17 eo] ex eo HMm2Ta 19patiatur T 21 accipere HMPm2T uiam] u. ut ceperat nequissime pergere a 22 numquam M 23 uidetur a omni om.JI 24 desierit (erit s.l.m2) P potuit Tml 25 si] sic Ta uera] uera estHMT edd. 26 ueniat P 27 beatus M rationem (e ex u corr.) P 28 frustrata Pml frustra T pr. est** (& ras. ei ei s. m2) P
19. 25 Uerg. Aen. I 401
20. 1 solo MT 4 uitae esse edd. 5 et eadeni a esse tibi M 6 intergatus Pml 7 si enim non] nisi enim T recta] non falso recta Tm 8 li** centius P 10 peiletemptim Pm2 pedetentim HILL pereniati Pml 11 est om.M risu] irrisu M 13 ille om.M ea] eo HP 15 quisspam qui P quispiam qui HM diuerticulum M Pm'? edd. 16 ire] uia HmlJI ita om,M 17 eam] eam uiam Mm2 nemo nominat T 18 concessisti Mm2 in mg. 20 rursiis otn.T uideatur T esse om..M 23 ducit M dum m apud Pml uirgillum MPm2Tedd. 24 aenaeae P 25 dirigessum Pml 26 anc Pml 27 contendere modo ci

21. 1 quanquam Pm2Tm2 descriptionem Pml effringere eonor edd. 2nulla plus] nullatenus a 3 [ueri] tatem sed-ducatur om.Pml; add.m'2 in mg. ducitJI 4 uia utitur./ 5 erat Pml 7 uia Tm1 ducatur T ad] a Pml melius intelligitur Tml 9 et] at Tm 12 inquit Pml 14 sum P sim HMT 15 putem edd. 16 consequentiam M singulatim Mm2T 17 definire Pa 18 definireHPa uere ex iure Pm2 20 aptiorem Pml 21 reliquaerit Pml 22 tetenderint T occurrant (rant et quattuor uerla, quae sequatur, in ras.)II occurrerint T 24 ne] noii a descendere P 28 cam] tum M 20 uirgiliu MT per*actus (h ras.) P
22. 13 Cic. de off. II 5. Tusc. IV 57
23. 1 mox ut T (c/. de ord. II 9,26) mox HMP (c/. Ronsch, It. u. Vulg. 2 p.400) pridi*e (a ras.) P 2 ocium esset Tml 3 postulasti Tedd. tygeti Tml 5 ***sermone T 6 ullo] te eam Ta 9 neque sit (om. tu) P neque sit H neque sic M 10 sapientiae M 11 ame (e s. m2) P 12 mirer HPm2m 13 nunc primum m tunc primo a 16 quid MTa 19 kartaginem MT 21 et] at edd. ad id] uti ad*id (h ras.) T 22 cochlearius P autem om.M 24 uerissime (que add. m2) M 25 pre*ssente P 27 omnis M 28 oculos T quod MT
24. 2 ablatum Ma e] a Hm2 s. I. 3 flactionuin Tml 5 diuinam M potis esset ediceret HP potis esse te diceret M potuisset ediceret T 7 quo] co P uehementius T 8 flactianus PT 11 tatus Pml uirgiliu]T 12 cogita*re (t ras.)P 13 quinam T 14 scolam codd. 15 non dubitauit HMPa 17 atj aut H (in ras.) MTa a*bsurdum P 19 fundi T 22 definitione tua (e tua add. m2) P 23 ille] ego T inquam T 24 ea H 25 co*prehensis (n ras., i ex o corr.) P 26 quisquam] quis unquam Tm aduersitatibus M impulsis a 28 sapiente*(e alt. a m2) P perceptum Tm
25. LXIII. August. I pars III. ed. Knoell.
26. 2
27. 1 dixi*sse T 2 ipse aliquando T aliquando (om. ipse) M 3 percipi Pm] 4 constaiter a 6 coniectoribus] coniectoribus somniorum Tm aut] ut Pml 7 respons*is P 9 aubus ex uatibus Pm2 quae ex qui Pm2 locuntur M 10 quicquam Pm2 13 quisquam edd. pr. uel om.T quod HmlPmlTml 14 qui denique Pml quidque denique edd. 15 rerum om. a prudentiae Tm2 in ras. 16 s*ancitatem (c ras., ti s. m2) P 18 luxoriose P 20 quo] a quo HT edd. nostras res M 21 possessinem Pml 22 quia P 23 etiam om. T ideoque Tedd. 24 mirum] mirum est Tm sentire H 28 amotissimo M
28. 1 uicit Trnl unde llmp inde a saltim HMmlPml 3 istaquae M dicere Pml 5 *statim ex statum Pm2 8 dispiceret M animalis M 9 ammonitus Pml haec om.JIml 10 doctissimus ille a iis m 11 numj nunc H 12 albericus M Albicerius posset m istor*um (i ras.) P 13 peritissimum M 14 hii H ii m 16 adque Pml adminiculari MT eriam Pml 17 transilire (re s. m2) P transilire his T superuolare Mm 19 com Pml 20 ille eas edd. 21 essent ipsae M fortasseM existimas T edd. 22 quidam Pml 23 uenissimi Pml quam T se*nsus P 24 oculis—sunt add. m2 in mg. P 27 prae sideribus (si s.) P pro syderibus M profecto om. a 28 ac] ex ad corr. T et M scientiae om.M
29. 2*
30. 1 particeps (s add.m2)P frustaqueP 2 quicquid MPm2T 4 ille tuus MT edd. 7 sed et non a 9 diuinatione HJJP concessa 111 et adimat a ex M 10 ni edd. 11 inclusit — P 12 istam inquit defendet definitionem T silebit M 13 responde] uolo respondeas Tm tandem P de quo M 14 dasme H desine P 16 inquiri m 17 delerus Pm2 hariolus T ipsi Pml 18 tameri om.M 20 est om, T 21 propterea P 22 *eam (m ras.) P 24 inquit Pml 25 et] sed T edd. 26 ista stultitiae om.HMP coargui*P 27 ipse iam edd. 28 diuinarumque (om. et) edd.
31. 1 descriptionem P 2 inquisitione Pml contempta T 3 autem om.M 4 adseras m 5 operam consumere om.HMT 6 tantam mercedem a 7 est om.M ab om.M *ompibus (h ras.) P sinsemet(s em2add.)P 10 tran- quilliusT1 intendit a hic] hic tranquillius T quod] q; P 1*2

- repperiatur Pml 13 qui] quia (a m2) P perfructus Hm2Tm 14 sit HPml sibi esset MPm2T edd. 15 quaerer*et (a ras.) P huic ex hunc P huic etiam argu- menta T etiam argumenta huic edd. 17 ipse primo M 19 etiam P 20 esse sapientem M 21 mole M 22 moleste Tm 23 contumacia PT 24 exsiliuit Pm2 exiliuit T exsiliit m rursusque P 25 uiolenter] ei u. M 26 quaeret HP querit M 27 demonstraretque Pml possit P
32. 1 beatum Tm2s.l. a quo T edd. 2 perfectumque (om. et) T diceres (om. esse) Tm diceres esse a 3 ipsaquae Pml 5 ageretur om.M aptiusque M illa M 7 nisi T 8 posuerunt M achademici codd. ubique 9 nocte H 10 pr. in om.M 13 furta—Albicerius om.HMP albicerius hariolus a 15quam] qua H cum M postremo te edd. 16 dicesquae P 17 inquisitionis T 18 respondit M 19 *si P praeroganda H die Ma reddi (i ex e corr.)T 22 tracta Pml est om.M 23 ueba Pml 24 u*os* (n ras.) P 25 est cura edd. quaerendum (om. ueritatem) M 2G magno*pere (o ras.) P magnopere HJIT

Livro 2

Se é tão necessário que o sábio não possa estar vazio da disciplina e da ciência da sabedoria, quanto era necessário encontrá-la, enquanto se busca, certamente toda a calúnia, ou pertinácia, ou perversidade dos Acadêmicos, ou, como eu às vezes julgo, a razão adequada àquela época, juntamente com o próprio tempo e com os próprios corpos de Carneades e de Cícero, teria sido sepultada. Mas porque, seja pelos muitos e variados abalos desta vida, seja pela malícia no mesmo, seja por certo estupor dos engenhos, ou por indolência, ou por lentidão dos que estão entorpecidos, seja pelo desespero de encontrar — porque não tão facilmente surge aos olhos esta luz, como tão facilmente surge às mentes a estrela da sabedoria — seja também, o que é um erro totalmente dos povos, pela falsa opinião de terem encontrado a verdade, e os homens não buscam diligentemente, se alguns buscam, e são desviados da vontade de buscar, acontece que a ciência raramente e a poucos sobrevém, e por isso se dá que as armas dos Acadêmicos, quando se chega às mãos com eles, pareçam invencíveis e como que vulcânicas não a homens medianos, mas a agudos e bem instruídos. Por esta razão, contra aqueles fluxos e procela da fortuna, enquanto se deve resistir com os remos de quaisquer virtudes, então em primeiro lugar o auxílio divino deve ser implorado com toda a devoção e piedade, para que a intenção constantíssima dos bons estudos mantenha seu curso, do qual nenhum acaso a arranque, a fim de que o porto mais seguro e mais agradável da filosofia a acolha. Esta é a tua primeira causa; daqui temo por ti, daqui desejo que sejas liberado, daqui, se ao menos sou digno de alcançar, não cesso de orar com votos cotidianos por ventos prósperos para ti; oro, porém, à própria virtude e sabedoria do sumo Deus. Pois o que é outro, senão aquele que os mistérios nos transmitem como o Filho de Deus?

Muito me ajudarás, porém, rogando por ti, se não desesperares que possamos ser ouvidos e te esforçares conosco, e não somente com votos,

mas também com vontade e com aquela tua natural elevação de espírito, pela qual te busco, da qual singularmente me deleito, a qual sempre admiro, a qual em ti — ó nefando! — por aquelas nuvens das coisas domésticas como um raio se envolve e a muitos e quase a todos se oculta, a mim, porém, e a outro ou a um terceiro, teus familiares, não pode ocultar-se, que muitas vezes não somente atentamente ouvimos teus murmúrios, mas também alguns clarões, mais próximos de raios, contemplamos. Pois quem, para calar as demais coisas por ora e lembrar uma só, quem, digo, tão subitamente jamais tanto trovejou e tanto com luz da mente brilhou, que sob um só fragor da razão e certo relampejar da temperança, num só dia aquela libidinagem, dias antes ferozíssima e selvagem, inteiramente morresse? Portanto, não irromperá alguma vez essa virtude e converterá o riso de muitos desesperados em horror e espanto e, tendo falado na terra como certos sinais dos futuros, de novo, lançado fora o peso de todo o corpo, retornará ao céu? Acaso, pois, Agostinho disse essas coisas em vão a Romaniano? Não o permitirá Aquele a quem me entreguei totalmente, a quem agora comecei a reconhecer um tanto.

Portanto, aproxima-te comigo da filosofia; eis o que costuma mover-te admiravelmente, muitas vezes ansioso e duvidoso. Pois não temo nem pela indolência dos teus costumes nem pela lentidão do teu engenho. Quem, quando te foi concedido respirar um pouco, nos nossos diálogos apareceu mais vigilante, quem mais agudo do que tu? Eu não te retribuerei a graça? Ou talvez eu deva um pouco? Tu me recebeste, jovem e pobre, prosseguindo nos estudos, com casa, com sustento e, o que é mais, com ânimo; tu, órfão de pai, consolaste-me com amizade, animaste-me com exortação, ajudaste-me com auxílio; tu, no nosso próprio município, com favor, familiaridade e comunicação da tua casa, quase me fizeste contigo ilustre e primaz; tu, em Cartago, por causa de uma profissão mais ilustre, quando eu retornava, embora a nenhum dos meus tivesse revelado meu conselho e esperança, ainda que hesitasses

um tanto com aquele amor à pátria aí enraizado — porque já ali ensinava —, contudo, quando não pudeste vencer o desejo do jovem que se dirigia ao que parecia melhor, converteste-te, com admirável moderação de benevolência, de desaconselhador em auxiliador. Tu, com todos os recursos, apoiaste minha jornada; tu, no mesmo lugar, outra vez, que havias acalentado o berço e, por assim dizer, o ninho dos meus estudos, sustentaste os rudimentos daquele que já ousava voar; tu também, quando naveguei na tua ausência e sem o teu conhecimento, ressentindo-te um pouco, porque não havia compartilhado contigo, como costumava, e suspeitando de qualquer outra coisa antes que de contumácia, permaneceste inabalável na amizade, e não mais diante dos teus olhos esteve o abandono do discípulo pelo mestre do que a pureza e os recônditos da nossa mente estiveram presentes.

Finalmente, tudo aquilo de que agora me alegro em meu ócio, por ter escapado dos laços dos desejos supérfluos, por ter deposto os fardos das preocupações mortais e respirar, recuperar os sentidos, retornar a mim mesmo, por buscar a verdade com a máxima atenção, por já começar a encontrá-la, por confiar que chegarei ao próprio sumo bem, tu animaste, tu impulsionaste, tu realizaste. E de quem tenhas sido ministro, concebi ainda mais pela fé do que compreendi pela razão. Pois quando, presente a ti presente, expus os temores interiores da minha alma e afirmava veementemente e repetidas vezes que nenhuma fortuna me parecia próspera, senão aquela que concedesse o ócio para filosofar, nenhuma vida feliz, senão aquela vivida na filosofia, mas que eu era refreado por tão grande fardo dos meus, cujas vidas dependiam do meu ofício, e por muitas necessidades, seja do pudor, seja da miséria inepta dos meus, foste elevado por tão grande alegria, inflamado por tão santo ardor por esta vida, que disseste que, se de algum modo fosses liberto daqueles laços importunos de litígios, romperias todos os meus laços, mesmo com a participação do teu patrimônio comigo.

Portanto, quando, após nos teres aproximado do combustível, partiste, nunca cessamos de aspirar à filosofia e àquela vida que entre nós foi aprovada e acordada, absolutamente nada mais pensando, e isso, de fato, com constância, mas agíamos com menos vigor; contudo, julgávamos que agíamos suficientemente. E como ainda não estava presente aquela chama que nos havia de arrebatara ao sumo, julgávamos que aquela pela qual ardíamos era a máxima, quando eis que, de repente, certos livros repletos, como diz Celsino, de boas coisas árabes, ao exalarem sobre nós, ao insuflarem naquelas chaminhas gotas muito poucas do preciosíssimo unguento, um incêndio incrível, Romaniano, incrível e além do que talvez tu acreditas de mim — que mais direi? — até a mim mesmo de mim mesmo, incrível, suscitaram. Que honra então me comovia, que pompa dos homens, que desejo de vã fama, que estímulo, enfim, desta vida mortal e que retenção? Absolutamente todo, apressadamente, retornei a mim. Olhei para trás, contudo, confessarei, como que de uma viagem, para aquela religião que nos foi inculcada na infância e profundamente enraizada; ela mesma, porém, arrastava-me a si, sem que eu soubesse. Assim, vacilando, apressando-me, hesitando, agarro o apóstolo Paulo. Pois não seria verdade, digo, que aqueles pudessem ter alcançado tanto e tivessem vivido assim, como é manifesto que viveram, se seus escritos e raciocínios se opusessem a este tão grande bem. Li-o todo com a máxima atenção e a maior pureza.

Então, com essa pequena luz que já se derramava sobre mim, tão grande se me revelou a face da filosofia, que não digo a ti, que sempre ardestes pela fama desconhecida dela, mas se eu pudesse demonstrá-la ao próprio adversário teu, por quem não sei se mais te exercitas do que és impedido, nem ele, abandonando e deixando Baías e os amenos pomares e os delicados e brilhantes banquetes e os histriões domésticos, enfim, tudo o que o comove intensamente para quaisquer deleites, não voaria como um amante suave e santo, admirando, ansiando, ardendo, para essa beleza. Pois também ele tem, o que é preciso confessar, uma

certa dignidade da alma, ou melhor, uma semente da dignidade, que, esforçando-se por irromper na verdadeira beleza, cresce tortuosamente e deformadamente entre as asperezas dos vícios e entre as moitas das opiniões falazes; contudo, não cessa de frondescer e, para poucos que atentamente e diligentemente observam no denso, quanto é permitido, sobressair. Daí vem aquela hospitalidade, daí nos banquetes muitos condimentos de humanidade, daí a própria elegância, o brilho, a face limeníssima de todas as coisas e a urbanidade que, por toda parte, tudo perfunde de uma graça esboçada.

Esta Filocalia é assim chamada comumente. Não desprezes este nome por vir do nome do povo. Pois Filocalia e Filosofia são denominadas de modo quase semelhante e querem parecer, e são, como que irmãs entre si. Pois o que é Filosofia? Amor à sabedoria. O que é Filocalia? Amor à beleza. Pergunta aos gregos. O que é, então, a sabedoria? Não é ela mesma a verdadeira beleza? São, portanto, verdadeiramente irmãs e geradas do mesmo pai; mas aquela, arrebatada do seu céu pelo visgo da concupiscência e encerrada numa gaiola popular, conservou, no entanto, a proximidade do nome para advertir o caçador, a fim de que não a despreze. Esta, pois, sem asas, suja e necessitada, voando livremente, a irmã frequentemente reconhece, mas raramente liberta; pois esta Filocalia não reconhece de onde traça sua origem, exceto pela Filosofia. Esta fábula toda — pois de repente me tornei Esopo — Licêncio a indicará para ti de modo mais suave em versos; pois é poeta quase perfeito. Portanto, ele, se pudesse contemplar com os olhos um tanto curados e desvendados a verdadeira beleza, da qual é amador falso, com quanta volúpia se envolveria no seio da filosofia? Como ali te abraçaria, conhecido como verdadeiro irmão? Admiras estas coisas e talvez rias. E se eu as explicasse, como desejava? E se ao menos a voz, se ainda o rosto não pode ser visto por ti, pudesse ser ouvida da própria filosofia? Certamente te admirarias, mas não ririas, não desesperarias. Crê em mim, não se deve desesperar de

ninguém, e destes menos ainda; há exemplos por completo. Facilmente escapa, facilmente revoa este gênero de aves, com muitos encerrados muito admirados.

Mas voltemos a nós. Nós, digo, Romano, filosofemos; retribuirei a tua graça, teu filho começou a filosofar. Eu o reprimo, para que, primeiro cultivado pelas disciplinas necessárias, surja mais vigoroso e firme. Quanto a estas, não temas que estejas isento, se bem te conheço, apenas desejo para ti ares livres. Pois, quanto ao caráter, o que direi? Oxalá não fosse tão raro nos homens, quanto é certo em ti! Restam dois vícios e impedimentos para encontrar a verdade, dos quais por ti não temo muito; temo, contudo, que te desprezes e desesperes de encontrá-la, ou certamente, que creias tê-la encontrado. O primeiro, se todavia existe, talvez esta discussão te subtraia. Pois frequentemente te indignaste com os Acadêmicos, tanto mais gravemente quanto menos erudito eras, tanto mais de boa vontade, porque eras atraído pelo amor à verdade. Assim, já com Alípio como teu defensor, lutarei e te persuadirei facilmente do que quero, embora de modo provável; pois a própria verdade não verás, a menos que entres inteiramente na filosofia. Quanto ao outro, que talvez presumas ter encontrado algo, ainda que já tenhas partido de nós buscando e duvidando, contudo, se alguma superstição se revolveu em tua alma, será certamente expulsa, seja quando eu te enviar alguma discussão entre nós sobre religião, seja quando, presente, conferenciar muito contigo.

Pois eu agora nada mais faço do que me purificar das opiniões vãs e perniciosas. Portanto, não duvido que seja melhor para mim do que para ti. Uma coisa apenas há, pela qual invejo a tua fortuna: que gozas sozinho do meu Luciliano. Ou também tu invejas, porque eu disse 'meu'? Mas o que disse eu senão 'teu' e de todos quantos somos um? Contudo, para que alivies o meu desejo a respeito dele, que te peço? Ou mereço-o eu mesmo? Tanto sabes, que deves. Mas agora digo a ambos: guardai-vos, para que não penseis saber coisa alguma, a não ser aquilo que

aprendestes de tal modo, ao menos, como sabeis que um, dois, três, quatro, juntos na soma, perfazem dez. Mas, igualmente, guardai-vos, para que não penseis que a filosofia não alcançará a verdade ou que de modo algum ela possa ser assim conhecida. Pois crede em mim, ou melhor, naquele que diz: Buscai e achareis, nem se deve desesperar do conhecimento, e ele será mais manifesto do que são aqueles números. Agora, voltemos ao propósito proposto. Já, pois, tarde comecei a temer que este princípio excedesse a medida. E não é leve. Pois a medida, sem dúvida, é divina, mas engana quando docemente conduz. Serei mais cauteloso. Quando for sábio.

Após o discurso anterior, que reunimos no primeiro livro, estivemos ociosos de disputar por quase sete dias, embora tenhamos revisado os três livros de Virgílio após o primeiro e, como parecia apropriado no momento, os discutíssemos. Contudo, nesse trabalho, Licêncio ficou tão inflamado pelo estudo da poética que me pareceu necessário refreá-lo um pouco. Pois já quase não se deixava desviar voluntariamente dessa dedicação para qualquer outra coisa. Finalmente, porém, quando o convidei, tanto quanto pude, a retomar a questão sobre os Acadêmicos que havíamos adiado, ele se aproximou não de má vontade, pois a luz da filosofia era louvada. E por acaso o dia havia amanhecido tão sereno que parecia adequado para nada mais do que para serenar nossas almas. Assim, deixamos os leitos mais cedo que o costume e passamos um pouco com os camponeses, pois o tempo pressionava.

Então Alípio disse: Antes de ouvir vocês disputando sobre os Acadêmicos, quero que seja lido para mim aquele discurso de vocês, que dizem ter sido concluído na minha ausência; pois não posso, de outra forma, ao ouvir as palavras, não errar ou certamente me esforçar, já que daí nasceu a ocasião para esta discussão.

Quando isso foi feito e vimos que quase todo o tempo antes do meio-dia havia sido consumido, decidimos voltar para casa, vindo do campo que nos havia acolhido enquanto caminhávamos.

E Licêncio disse: Peço-te, não te importes de repetir brevemente, antes do almoço, expondo-me toda a opinião dos Acadêmicos, para que nada me escape que seja a favor da minha parte.

Farei, disse eu, e tanto mais de boa vontade, quanto mais, pensando nisso, pouco almoçares.

Não, disse ele, quanto a isso, esteja tranquilo; pois observei muitas vezes, e especialmente meu pai, que quanto mais cheio de preocupações, mais voraz era. Além disso, tu mesmo, pensando nessas métricas, não experimentaste que minha mente está segura à mesa? O que, de fato, costumo admirar em mim mesmo; pois o que significa que então primeiramente buscamos mais persistentemente, quando aplicamos a mente a outra coisa? Ou quem é que, ocupados com nossas mãos e dentes, se torna excessivamente imperioso sobre nós?

Ouve antes, disse eu, sobre os Acadêmicos, o que havias pedido, para que eu não te permita, revolvendo essas métricas, não apenas nos lábios sem métrica, mas também nas questões. Se, porém, algo ocultar a favor da minha parte, Alípio o revelará.

É necessária a tua boa fé, disse Alípio; pois se é de temer que ocultes algo, difícil julgo que possa ser descoberto por mim, de quem ninguém que me conhece ignora que aprendi essas coisas, especialmente quando, ao revelar a verdade, não estarás mais preocupado com a vitória do que com a tua própria mente.

Agirei, digo, de boa fé, uma vez que prescreves pelo direito. Pois também agradou aos Acadêmicos que o conhecimento não pudesse ser alcançado pelo homem, pelo menos daquelas coisas que pertencem à filosofia — pois Carnéades negava que se importasse com as demais — e, no entanto, que o homem pudesse ser sábio e que toda a função do sábio, como também foi discutido por ti, Licêncio, naquele discurso, se explicasse na busca da verdade: daí se conclui que o sábio não dá assentimento a nada; pois necessariamente erraria, o que é ímpio para o sábio, se assentisse a coisas incertas. E que "todas as coisas são incertas"

não apenas diziam, mas também afirmavam com razões abundantíssimas. Mas que a verdade não pudesse ser compreendida, pareciam ter tomado daquela definição de Zenão, o Estóico, que diz que pode ser percebido como verdadeiro aquilo que estivesse impresso na alma a partir daquilo de que procede, de tal modo que não pudesse proceder daquilo de que não procede. O que se diz mais breve e claramente assim: que a verdade pode ser compreendida por estes sinais, os quais sinais não pode ter o que é falso. Que isto absolutamente não pudesse ser encontrado, se empenharam veementemente para demonstrar. Daí as dissensões dos filósofos. Daí as falácias dos sentidos, daí os sonhos e as loucuras, daí os pseudomenos e os sorites floresceram em defesa dessa causa. E como haviam recebido do mesmo Zenão que nada era mais vergonhoso do que opinar, concluíram astutamente que, se nada pudesse ser percebido e a opinião fosse a coisa mais vergonhosa, o sábio jamais aprovaria coisa alguma.

Daí lhes surgiu grande inveja; pois parecia ser consequente que nada fizesse quem nada aprovasse. Por isso, os acadêmicos pareciam descrever o vosso sábio como sempre adormecido e desertor de todos os deveres, a quem julgavam nada aprovar. Aqui, introduzindo um certo provável, que também chamavam de verossímil, afirmavam que de modo algum o sábio cessava dos deveres, uma vez que tinha algo a seguir, ainda que a verdade, seja por certas trevas da natureza, seja pela semelhança das coisas, estivesse soterrada ou confusa e oculta, embora dissessem que essa própria refração e, por assim dizer, suspensão do assentimento era absolutamente uma grande ação do sábio. Parece-me ter exposto brevemente tudo, como desejaste, e nada ter me afastado da tua prescrição, Alípio, isto é, ter agido, como se diz, de boa fé. Pois se algo ou não disse como é, ou talvez não disse, nada foi feito por mim com vontade. Boa fé, portanto, é conforme a sentença da alma. Pois ao homem deve parecer que o homem falso deve ser ensinado, o enganador

deve ser evitado, dos quais o primeiro requer um bom mestre, o último um discípulo cauteloso.

Então Alípio disse: Agradeço, pois tanto a Licêncio foi por ti satisfeito como a mim aliviaste do fardo imposto. Pois não era mais necessário que tu te preocupasses em evitar dizer algo menos por causa de investigar-me — pois de que outro modo poderia acontecer? — do que eu, se em algum ponto fosse necessário te trair. Portanto, faze de modo que não te desgaste expor o que falta, não tanto à pergunta em si, mas ao próprio perguntante, sobre a diferença entre a nova e a velha Academia. — Absolutamente, respondi, confesso que me desgasta. Por isso, terás feito um benefício — pois não posso negar que isso que mencionas pertence muito ao assunto — se, enquanto eu repouso um pouco, quiseses distinguir esses nomes e esclarecer a causa da nova Academia. — Acreditaria, disse ele, que também eu quisera te distrair do almoço, se não pensasse que antes foste mais ameaçado por Licêncio e que a exigência dele assim nos prescrevera, que antes do almoço fosse desembaraçado qualquer emaranhado deste assunto. — E quando ele se preparava para dizer o restante, nossa mãe — pois já estávamos em casa — começou a nos pressionar para o almoço de tal modo, que não houve lugar para proferir palavras.

Em seguida, tendo recebido tanto alimento quanto bastasse para aplacar a fome, e havendo nós retornado ao prado, Alípio disse: "Submeto-me à tua sentença e não ousaria recusar. Pois, se nada me escapar, alegrar-me-ei tanto com a tua doutrina quanto também com a minha memória. Mas se, porventura, em algum ponto eu talvez tenha errado, corrigirás isso, para que daí em diante não tema tal delegação. Julgo que a dissensão da Nova Academia foi suscitada não tanto contra a concepção antiga, mas contra os Estoicos. Nem, de fato, deve ser considerada uma dissensão, se era preciso que uma nova questão, introduzida por Zenão, fosse resolvida e examinada. Pois, acerca da não apreensão, embora não tenha sido agitada por nenhum conflito, a

opinião, no entanto, que habitava as mentes dos antigos Acadêmicos, foi considerada não sem fundamento. O que também é fácil de provar pela autoridade do próprio Sócrates, de Platão e dos demais antigos, que acreditaram poder defender-se do erro até aqui, se não se entregassem temerariamente ao assentimento, embora não tenham introduzido uma discussão própria sobre este assunto em suas escolas, nem por eles tenha sido alguma vez investigado minuciosamente se a verdade pode ou não ser apreendida. O que, quando Zenão introduziu, rude e novo, e insistiu que nada podia ser apreendido, exceto o que fosse verdadeiro de tal modo que se distinguisse do falso por notas dissimilares, e que o sábio não devia submeter-se à opinião, e Arcesilau ouviu isso, negou que algo desse tipo pudesse ser encontrado pelo homem, e que a vida do sábio devia ser confiada a tal naufrágio de opinião. Donde também concluiu que não se deve dar assentimento a coisa alguma.

Contudo, como a situação se apresenta de tal modo que a antiga Academia parecia mais fortalecida do que atacada, surgiu Antíoco, discípulo de Filão, que, a alguns pareceu, mais ávido de glória do que da verdade, trouxe para o conflito as opiniões de ambas as Academias. Pois dizia ele que os novos Acadêmicos tentavam introduzir algo inusitado e muito distante do pensamento dos antigos. Para este fim, invocava a autoridade dos antigos físicos e de outros grandes filósofos, atacando até mesmo os próprios Acadêmicos, que afirmavam seguir o verossímil, enquanto confessavam ignorar a própria verdade; e havia reunido muitos argumentos, dos quais julgo agora devemos prescindir, mas nada defendia mais do que a capacidade do sábio de alcançar a percepção. Creio que esta foi a controvérsia entre os novos e os antigos Acadêmicos. Se a questão é diferente, como Licêncio plenamente informado exigiria por ambas as partes, assim o solicitei. Mas se realmente é como pude dizer, levei a termo a disputa empreendida.

Então eu disse: Até quando, disse eu, Licêncio, repousas nesse nosso discurso mais longo do que eu pensava? Ouviste quem são teus

Acadêmicos? — Mas ele, sorrindo timidamente e um tanto perturbado por essa interpelação: Arrependo-me, disse, de ter afirmado com tanto vigor contra Trigécio que a vida feliz consiste na busca da verdade. Pois essa questão me perturba de tal modo, que quase não sou infeliz, e certamente a vós, se tendes alguma humanidade, pareço digno de compaixão. Mas por que eu mesmo, insensato, me atormento? Ou por que tremo, apoiado em tão grande bondade da causa? Decididamente não cederei, exceto à verdade. — Agradam-te, disse eu, os novos Acadêmicos? — Muito, disse ele. — Logo, parecem-te dizer a verdade? — Então ele, já prestes a assentir, tornando-se mais cauteloso pelo sorriso de Alípio, hesitou um pouco e depois disse: Repete, disse, a perguntinha. — Parecem-te, disse eu, os Acadêmicos dizer a verdade? — E novamente, depois de ter calado por muito tempo: Se é verdade, disse, não sei; contudo, é provável. Pois não vejo mais nada a seguir. — Provável, disse eu, sabes que pelos próprios também é chamado de semelhante ao verdadeiro? — Assim, disse, parece. — Logo, disse eu, a opinião dos Acadêmicos é semelhante à verdade. — Assim é, disse. — Peço-te, disse eu, atenta mais diligentemente. Se alguém afirmar que teu irmão é semelhante à aparência de teu pai e não conhecer teu próprio pai, não te parecerá insano ou insensato? — E aqui calou por muito tempo; depois disse: Isso não me parece absurdo.

A quem, quando comecei a responder: "Espera, por favor, um pouco", ele disse, sorrindo: "Dize-me, peço-te, já estás certo de tua vitória?" — Então eu: "Faze-me", disse, "estar certo; contudo, não debes por isso abandonar tua causa, especialmente porque esta discussão entre nós foi empreendida por causa de teu exercício e para desafiar e polir o espírito." — "Acaso", disse ele, "li os Acadêmicos ou fui instruído em tantas disciplinas, com as quais tu vens equipado contra mim?" — "Os Acadêmicos", disse eu, "nem mesmo aqueles que primeiro defenderam essa opinião os leram. Quanto à erudição e abundância de disciplinas, se te faltam, não deve, no entanto, teu engenho ser tão fraco a ponto de

sucumbir, sem qualquer esforço, às minhas poucas palavras e perguntas. Pois já comecei a temer que Alípio chegue mais cedo do que eu desejo, contra quem adversário não caminharei tão despreocupado." — "Portanto, oxalá", disse ele, "já seja vencido, para que finalmente vos ouça discorrendo e, o que é mais, veja, espetáculo para o qual nada mais feliz pode ser-me apresentado. Pois, uma vez que vos agradou derramar isso antes que desperdiçar, se de fato acolheis com a pena o que irrompe da boca e não deixais cair no chão, como se diz, também vos será permitido ler; mas não sei por que modo, quando são aproximados aos olhos esses mesmos com quem o discurso é travado, uma boa discussão, se não mais utilmente, ao menos certamente mais alegremente, banha o espírito."

Agradecemos, digo; mas essas tuas alegrias repentinas te forçaram a escapar precipitadamente daquela sentença, na qual disseste que nenhum espetáculo te poderia ser apresentado mais feliz. Pois, e se vires aquele teu pai, que certamente ninguém há de beber a filosofia com mais ardor após tão longa sede, buscando e discutindo essas coisas conosco? Quando eu jamais me considerarei mais afortunado, o que te convém, afinal, sentir e dizer? — Então ele, de fato, chorou um tanto e, quando pôde falar, estendendo a mão e olhando para o céu: E quando eu, ó Deus, disse ele, verei isso? Mas não se deve desesperar de ti. — Aqui, quando quase todos nós começamos a ser levados das atenções da discussão às lágrimas, lutando comigo mesmo e a custo me recompondo: Vamos, antes, disse eu, e retorna às tuas forças, as quais, para que as reunisses de onde quer que pudesses, como futuro defensor da Academia, eu havia avisado muito antes. Não creio, portanto, que agora, antes da trombeta, o tremor ocupe os membros, ou que, pelo desejo de ver uma luta alheia, tão depressa desejes ser cativo. — Então Trigécio, quando observou suficientemente nossos rostos já serenados: Por que não desejaria ele, disse, homem tão santo, que Deus lhe tenha concedido isso antes do que notou? Crê já, Licêncio; pois tu, que não encontras o

que responder, e ainda assim desejas ser vencido, pareces-me de pouca fé. — Sorrimos. — Então Licêncio: Fala, bem-aventurado, disse ele. Não por encontrar a verdade, mas certamente por não buscá-la.

Com essa alegria dos jovens, estávamos mais contentes: Presta atenção, digo, à súplica e retorna ao caminho mais firme e mais forte, se podes. — Eis-me aqui, disse ele, quanto posso. Pois, se aquele que viu meu irmão, pela fama, sabe que ele é semelhante ao pai, pode estar louco ou insensato, se acredita? — Pode ao menos ser chamado de tolo? — Não, imediatamente, disse ele, a menos que afirme saber isso. Pois, se segue como provável o que a frequente fama divulgou, não pode ser acusado de nenhuma temeridade. — Então eu: Consideremos a coisa em si por um momento e, por assim dizer, coloquemo-la diante dos olhos. Eis que faço aquele tal homem, que descrevemos, estar presente; chega de algum lugar teu irmão. Ali aquele: De quem é este menino filho? Responde-se: De um tal Romaniano. E este: Quão semelhante ao pai é! Como não temerariamente isso me trouxe a fama! Aqui tu ou qualquer outro: Conheces, pois, Romaniano, bom homem? Não conheço, diz ele; todavia, parece-me semelhante a ele. Poderá alguém conter o riso? — De modo algum, disse ele. — Portanto, digo, vê o que se segue. — Já há muito, disse ele, vejo. Mas, contudo, quero ouvir de ti a própria conclusão; pois deves começar a alimentar a quem capturaste. — Por que não, digo, concluirei? A própria coisa clama que teus Acadêmicos devem ser igualmente ridicularizados, os quais dizem seguir na vida a semelhança da verdade, quando ignoram qual seja a própria verdade.

Então Trygétio disse: Parece-me muito diferente a cautela dos Acadêmicos da insensatez deste que descrevestes. Pois aqueles alcançam por meio de razões aquilo que dizem ser verossímil, enquanto este insensato seguiu a fama, cuja autoridade nada há mais vil. — Como se, disse eu, não fosse mais insensato se dissesse: de fato, não conheço minimamente o pai dele, nem soube pela fama quão parecido seja com o pai; contudo, parece-me semelhante. — Certamente mais insensato,

disse ele. Mas para que serve isso? — Porque tais são, disse eu, os que afirmam: de fato não conhecemos o verdadeiro, mas isto que vemos é semelhante àquilo que não conhecemos. — Verossímil, disse ele, é o que eles afirmam. — Ao que eu respondi: Como dizes isso? Ou negas que eles digam verossímil? — E ele: Eu, disse, quis dizer isso para excluir aquela semelhança. Pois parecia-me que a fama entrou indevidamente em vossa questão, visto que os Acadêmicos nem mesmo aos olhos humanos creem, quanto mais à fama, que tem, de fato, mil olhos, como os poetas fingem, mas ainda assim olhos monstruosos. Pois quem sou eu, afinal, defensor da Academia? Ou será que nesta questão invejam minha segurança? Eis que tens Alípio, cuja chegada, peço, nos conceda um descanso, a quem julgamos que já há muito tempo não temes em vão.

Então, feito silêncio, ambos os olhos voltaram-se para Alípio. Então ele disse: Eu gostaria, de fato, conforme minhas forças permitem, auxiliar de alguma forma as vossas partes, se o vosso presságio não me fosse motivo de terror. Mas este temor, se a esperança não me tiver enganado, facilmente fugirei. Pois ao mesmo tempo me consola o fato de que o presente atacante dos Acadêmicos quase tenha suportado o fardo do vencido Trigécio, e agora é provável, pela vossa confissão, que seja o vencedor. Isso é o que mais temo, para que não possa evitar a negligência do dever abandonado e a imprudência do ataque. Pois não creio que vós tenhais esquecido que a função de juiz me foi conferida. — Aqui Trigécio disse: Isso é uma coisa, mas isto é outra; por isso, suplicamos que te permitas, finalmente, ser um particular. — Não me recusaria, disse ele, para que, desejando evitar a imprudência ou a negligência, não caia nas armadilhas da soberba, vício do qual nada é mais monstruoso, se retiver por mais tempo do que permitis a honra que por nós me foi concedida.

Portanto, gostaria que me expusesses, bom acusador dos Acadêmicos, o teu officio, isto é, em defesa de quem os combates. Temo, pois, que, refutando os Acadêmicos, queiras provar-te a ti mesmo um

Acadêmico. — Dos acusadores, digo eu, dois gêneros há, como penso, bem o sabes. Pois se por Cícero foi dito muito modestamente que ele era acusador de Verres de tal modo que era defensor dos Sicilianos, por isso é necessário que aquele que acusa a alguém tenha outro a quem defenda. — E ele: Ao menos tens tu algo em que a tua opinião já se tenha firmado e estabelecido? — Fácil é, digo eu, responder a esta interrogação, para mim sobretudo, a quem não é repentina; já todo este assunto tratei comigo mesmo e por muito e largo tempo revolve-o no ânimo. Pelo que ouve, Alípio, o que, como julgo, já ótimo sabes: não quero eu que esta disputa, por causa de disputar, tenha sido empreendida. Basta o que com estes jovens preludivamos, onde de bom grado conosco a filosofia como que brincou. Por isso sejam afastadas de nossas mãos as fabuletas pueris. De nossa vida, dos costumes, da alma se trata, a qual presume que, superando as inimizades de todos os enganos e apreendida a verdade, como que retornando à região de sua origem, triunfará das concupiscências e assim, recebida a temperança como esposa, reinará, mais seguro, retornando ao céu. Vês o que digo. Removamos já do meio todas essas armas, que devem ser feitas para o homem aguerrido; nem coisa alguma menos sempre desejei do que entre aqueles que consigo muito viveram e muito conversaram, surgir algo, donde novo como que conflito se levante. Mas por causa da memória, que é guardiã infiel das coisas cogitadas, quis que fosse registrado por escrito o que internamente muitas vezes tratamos, ao mesmo tempo para que estes jovens tanto a isto atender aprendessem como o enfrentar e suportar tentassem.

Então, não sabes que ainda não tenho nada de certo que eu pense, mas que, ao buscá-lo, sou impedido pelos argumentos e disputas dos Acadêmicos? Pois, de algum modo, eles produziram em minha alma uma certa probabilidade — para que ainda não me afaste de sua palavra — de que o homem não possa encontrar a verdade; por isso, eu me tornei preguiçoso e totalmente indolente e não ousava buscar, pois aos

homens mais agudos e doutos não foi permitido encontrar. Portanto, se primeiro não me persuadir de que a verdade pode ser encontrada, assim como eles a si mesmos persuadiram de que não pode, não ousarei buscar nem terei algo que possa defender. Assim, remove, por favor, essa interrogação; antes discutamos entre nós, com toda a sagacidade que pudermos, se a verdade pode ser encontrada. E, da minha parte, parece-me já ter muitos pontos com os quais me esforço para me opor à razão dos Acadêmicos; entre os quais e eu, por ora, nada há de diferente, exceto que a eles pareceu provável que a verdade não possa ser encontrada, enquanto a mim parece provável que possa. Pois a ignorância da verdade ou é minha, se eles fingiam, ou é peculiar a mim, ou certamente é comum a ambos.

Então Alípio disse: Agora, disse ele, caminharei seguro; pois vejo que não serás tanto um acusador quanto um auxiliador. E assim, para não nos afastarmos demais, vejamos, peço-te, primeiro, para que não caiamos, por meio desta questão, na controvérsia sobre palavras, na qual pareço ter sucedido àqueles que te cederam, o que, por tua própria sugestão e por aquela autoridade de Cícero, confessamos muitas vezes ser coisa vergonhosíssima. Pois quando, se não me engano, Licêncio dizia que a opinião dos Acadêmicos sobre a probabilidade lhe agradava, acrescentaste, o que ele sem dúvida confirmou, se sabia que esta mesma coisa também era chamada pelos mesmos de semelhança da verdade. E bem sei, se de fato essas coisas me são conhecidas por ti, que os ensinamentos dos Acadêmicos não existem sem ti. Os quais, como disse, estando fixos em tua mente, ignoro por que segues as palavras. — Não é essa, crede-me, uma grande controvérsia de palavras, mas das próprias coisas; pois não penso que aqueles homens tenham sido tais que não soubessem impor nomes às coisas, mas parece-me que eles escolheram estes termos tanto para ocultar sua opinião aos mais lentos quanto para significá-la aos mais vigilantes. Por que e como isso me parece, exporei, depois de primeiro ter discutido aquelas coisas que os homens pensam

ter sido ditas por eles como inimigos do conhecimento humano. E assim, tenho grande prazer que nosso discurso tenha avançado até aqui hoje, para que ficasse suficientemente claro e evidente o que se buscava entre nós. Pois aqueles me parecem ter sido homens de todo graves e prudentes. Se há, porém, algo que agora discutiremos, será contra aqueles que creram que os Acadêmicos foram adversos à descoberta da verdade. E para que não me consideres amedrontado, também contra eles mesmos não me armaria de má vontade, se não defenderam aquelas coisas que lemos em seus livros por causa de ocultar sua opinião, para que certos segredos da verdade não fossem revelados por mentes imprudentemente poluídas e como que profanas, mas por convicção. O que faria hoje, se o ocaso do sol já não nos obrigasse a retornar para casa. — Até aqui se discutiu naquele dia.

No dia seguinte, porém, embora tivesse amanhecido um dia não menos suave e tranquilo, mal conseguimos nos desvencilhar dos afazeres domésticos. Pois tínhamos consumido grande parte dele, sobretudo na redação de cartas, e, quando já restavam apenas duas horas, saímos para o Prado. Pois a extrema serenidade do céu nos convidava e pareceu-nos bem não deixarmos perecer sequer o tempo que ainda restava. Assim, quando chegamos à árvore habitual e permanecemos no lugar, eu disse: "Gostaria, jovens, que, já que hoje não há uma grande tarefa a empreender, me recordassem como Alypius respondeu ontem à pequena pergunta que os perturbou." — Então Licentius disse: "É tão breve que não há dificuldade em lembrar-se disso; mas quão leve seja, isso cabe a ti ver. Pois, creio eu, ele te proibiu, uma vez que a questão estava estabelecida, de levantar uma questão sobre as palavras." — E eu: "Isto mesmo, pergunto, o que significa e que força tem, vocês perceberam suficientemente?" — "Parece-me", disse ele, "que vejo o que é; mas peço-te que o expliques um pouco. Pois muitas vezes ouvi de ti que é vergonhoso para quem discute demorar-se na questão das palavras,

quando não resta nenhuma disputa sobre as coisas. Mas isso é mais sutil do que deveria ser exigido que eu o explicasse."

Ouvi, portanto, disse eu, o que é, vós. O provável ou verossímil os Acadêmicos chamam aquilo que nos pode convidar a agir sem assentimento. Sem assentimento, porém, digo, para que aquilo que fazemos não opinemos ser verdadeiro ou não julguemos sabê-lo, mas ainda assim o façamos: como, por exemplo, se alguém nos perguntasse se o sol, tão límpido e puro na noite passada, hoje tão alegre haveria de nascer. Creio que negaríamos saber isso, mas diríamos que assim parece. Tais coisas, disse o Acadêmico, me parecem todas aquelas que julguei dever chamar de prováveis ou verossímeis; se tu queres chamá-las por outro nome, não discuto. Pois basta-me que já tenhas bem compreendido o que digo, isto é, a que coisas imponho estes nomes. Pois não convém ao sábio ser artífice de vocábulos, mas investigador das coisas. Entendestes suficientemente como aquelas brincadeiras, com que vos agitava, me foram arrancadas das mãos? — Aqui, quando ambos responderam ter entendido e com o próprio rosto exigiam minha resposta: Que pensais, disse eu, que Cícero, de quem são estas palavras, teria sido pobre na língua latina, para impor nomes menos aptos às coisas que sentia?

Então Trygétio disse: "Já que a questão é conhecida, agrada-nos não levantar calúnias sobre as palavras. Portanto, vê antes o que respondes a este que nos libertou, contra os quais tu, impulsionado, tentas novamente investir." E Licêncio disse: "Espera, peço-te; pois brilha para mim não sei o quê, que vejo que não te deveria ter sido tão fácil arrebatar um argumento tão grande." E, estando fixo em pensamento, calou-se por um tempo: "Pergunto, parece não haver nada mais absurdo do que dizer que segue o verossímil aquele que ignora o que seja a verdade; e aquela tua semelhança não me perturba. Pois, sendo corretamente interrogado se daquela temperança do céu nenhuma chuva é forçada para amanhã, respondo que é verossímil. Não nego que conheço algo da verdade. Pois

sei que aquela árvore não pode agora tornar-se prateada e muitas coisas semelhantes, digo que sei verdadeiramente e não impudentemente, das quais vejo haver semelhanças com aquelas que chamo de verossímeis. Tu, porém, Carneades, ou qualquer outra peste grega — para poupar os nossos, pois por que hesitaria em passar para este lado, àquele a quem, cativo, devo-me pelo direito da vitória? — tu, portanto, quando dizes não saber nada da verdade, donde segues este verossímil? Pois, na verdade, não lhe pude impor outro nome. Que devemos, então, disputar com aquele que nem pode falar?"

Não temo, disse Alípio, os desertores; quanto menos aquele Carneades, contra quem, movido não sei se por leviandade juvenil ou pueril, julgaste que deverias lançar antes injúrias do que algum dardo. Pois, de fato, para fortalecer sua opinião, que sempre se fundamentou no provável, isto por enquanto bastará facilmente contra ti. Assim, estamos tão longe da descoberta da verdade, que tu mesmo podes ser para ti um grande argumento, tu que, comovido por uma pequena interrogação, ignoravas completamente onde deverias permanecer firme. Mas deixemos estas coisas e o teu conhecimento, que confessaste há pouco ter recebido desta árvore, para outro tempo. Pois, embora já tenhas escolhido outras posições, ainda debes ser diligentemente instruído sobre o que disse há pouco. Ainda não, creio eu, tínhamos avançado para aquela questão em que se pergunta se a verdade pode ser encontrada, mas apenas julguei necessário prescrever isto no próprio vestíbulo da minha defesa, no qual te vi cansado e prostrado: isto é, que não se deve investigar se é semelhante à verdade, ou provável, ou por qualquer outro nome que possa ser chamado aquilo que os Acadêmicos dizem ser suficiente para si. Pois, se tu, ó melhor descobridor da verdade, já te pareces a ti mesmo, nada tenho a ver com isso. Depois, se não fores ingrato a este meu patrocínio, talvez me ensines as mesmas coisas.

Então eu, enquanto Licêncio, por modéstia, temia o ataque de Alípio: "Antes de tudo", disse eu, "Alípio, preferiste falar sobre qualquer coisa,

exceto sobre como devemos discutir com aqueles que não sabem falar." — E ele respondeu: "Visto que há muito tempo ficou claro para mim e para todos, e agora, por tua própria declaração, indicas suficientemente que és perito na arte de falar, gostaria que primeiro explicasses a utilidade desta tua investigação. Pois ela ou é supérflua, como penso, e muito mais supérfluo é responder-lhe, ou, se parecer conveniente e eu não conseguir explicá-la, peço-te humildemente que não te recuses ao ofício de mestre." — "Lembras-te", disse eu, "que ontem prometi tratar depois dessas palavras. E agora o sol me adverte para que recolha nas caixas os brinquedos que propus às crianças, especialmente porque já os exponho mais para ornamento do que para venda. Agora, antes que as trevas, que costumam ser as protetoras dos Acadêmicos, ocupem nosso estilo, quero que hoje fique plenamente estabelecido entre nós qual questão devemos nos levantar pela manhã para explicar. Portanto, responde, por favor, se te parecem os Acadêmicos terem tido uma opinião certa sobre a verdade e não a quiseram revelar precipitadamente a almas ignorantes ou não purificadas, ou se realmente pensaram como suas discussões mostram."

Então ele disse: O que se passava na mente deles, afirmou, não o afirmarei levianamente. Pois, quanto se pode deduzir de seus livros, tu sabes melhor, quais palavras costumam empregar para expressar seu pensamento; quanto a mim, se me consultas, creio que a verdade ainda não foi encontrada. Acrescento ainda, o que perguntavas sobre os Acadêmicos, que não pode ser encontrada, penso não apenas na opinião incomum que quase sempre observaste em mim, mas também pela autoridade de grandes e excelentes filósofos, aos quais, seja por nossa fraqueza, seja por sua própria sagacidade, somos compelidos de alguma forma a oferecer nossos pescoços, além do que nada mais se pode crer que seja encontrado. — Isto é, disse eu, o que eu queria. Pois temia que, se também a ti parecesse o mesmo que a mim, nossa discussão permanecesse truncada, não havendo ninguém que, do outro lado,

forçasse a questão a vir às mãos, para que fosse examinada diligentemente, tanto quanto pudermos. Por isso, se isso tivesse acontecido, estava preparado para te pedir que assumisses o papel dos Acadêmicos, como se não apenas tivessem argumentado, mas também sentido que a verdade não pode ser compreendida. Buscamos, portanto, entre nós, se por seus argumentos é provável que nada possa ser percebido e que não se deva assentir a nada. Se conseguires provar isso, cederei de bom grado; mas se eu puder demonstrar que é muito mais provável que o sábio possa alcançar a verdade e que o assentimento não deve sempre ser contido, não terás razão, creio eu, para não consentires em passar para a minha opinião. — Tendo isso agradado a ele e aos presentes, já ao anoitecer, envoltos pela sombra, retornamos para casa.

Aparato Critico

1. 2 suputationem (corr. m2) P 3 literas M litteris T 4 er*ga P 5 quaesio Ha 6 iam] iam intentum edd. 7 si ut] sicut P ut Tml 9 accusare] reos citare Tm posl dicta add. Tedd. prandium paratum esse nuntiatum (annuntiatum edd.) est (atque add. edd.) sureximus Pml ACHAEMICORUM LIBER PRIMUS EXPLICIT INCIPIT LIBER SECUNDUS P EXPLICIT LIBER PRIMUS AURELII AUGUSTINI EPI ACHAEMICORUM LIBER SECUN- DUS INCIPIT H EXPLICIT LIBER -I- CTRA ACHAEMICOS INCIPIT LIB II-*y* AURELII AUGUSTINI ACHAEMICORUM LIB -I-EXPLICIT. INC II- T 11 disciplina scientiae atque sapientiae M adque Pm] 14*iiicatia T ratio tempori T 17 eadem T 19 non quam] numquam HmlP 20 omnium JITm 21 a se om.T 22 si] et si II et a] et ea P ea H uoluntate Pml 23 eoquae P 24 achademica Mml his T meocribus Pml
2. 1 cf. Uerg. Aen. VIII 535. XII 739 10 cf. I Cor. 1, 24
3. 3 qualicumque M 5 intentione M cursus M 7 iocundissimusquae MPmlT 8 sim HMT edd. 10 ora P di sapientiam T 11 quae P misteria PmlT 12 autem me M edd. 13 desperas Mml et P et tu HMT edd. 15 quam te ex quante Tm2 qua* (e ras.) P 16 quasi] qua P flumen M 17 pene P 19 fulgura llMT edd. 21 inquā * (m ras.) P unquam (corr. m2) P 22 uno] illo T 23 illa om.M pridie] et pr. T 24 ergone HMPm2T edd. 26 conuertat Tml 27 recurret] currit HMP 28 romoniano Tml illa Tml 29 aliquantum om-M
4. 7,cf. Conf. II 3, 5 11 cf. Conf. III 1, 1 20 cf. Conf. V 8, 14 sq.
5. 1 atgretere Tml 2 mirabiliter om.M 3 ingenii tui Hm2M edd. quis] quis enim edd. 4 respirere Pml 5 egone IIPm2 ergone MT edd. 6 adolescentulum T 7 studia] peregrina studia T edd. sumptu HMPm2T pus Pml 8 consulatus Pml 9 ope**P ope adiuuisti om.Mml 11 fecisti] me fecisti edd. Kartaginem M cartaginem T carthaginem H proffessionis P 12 tibi] tibi soli Ta smpemque om.M 14 aduliscentis P 15 quiuisti Pml nequisti m 17 tu neces (sariis) Pm2 in ras.

- necessarium M 18 cunabla Pml 19 tu* (m ras.) P 20 innorante Pml immorante Pm2 nihil Tm succensens T succenses M 21 cummunicassem P quiequiduis H qua H contumacia Pml contumacia H 22 suspicias Pml in amicitia inconcussus T 23 nostri (om. mentis) H penitralia T 26 cupiditatum MT edd.
6. 13 cf. Conf. VI 14, 24 21 cf. Conf. VII 9, 13
7. 1 cu*rarum P 2 ipsum summum a 3 impuls Pm] 4 adhoc HP 6 motus T edd. ueheinenterquae Pml asserte**rem P 8 philosoph+andi (i ras.) P 9 officio Pml 10 pudori:-] pudoris mei uani Hm2M edd. pudoris uani mei T inepte P 11 pr. tam] utam Pml es] esse P esses H 12 inflammatus es M ilarum Pml 13 exemeris a 15 amoto HTm2 ' amodo Tml amato P a nobis T 18 sed] sed forte a 19 nundum P eaJ hęc T 20 nos om.Mm2 ' areptura Pml qualem] qua lenta Tm qua iam a uel esse elld. 21 pleni] plinii M 22 exhilarunt T illae Ha 23 pre- ciosissimi MP ungenti T 24 incredibile* (s ras.) P *amplius (i ras.) P 25 concitauerunt M
8. 6 cf. Conf. VII 21, 27
9. 2 cursim om..M 3 tamen] tantum Mm confiteor MT edd. relegionem Pml regionem M 4 medulitus Pm1 ipsa] ipsa me T edd. 5 rapiebantMmJ titubus Pm] 6 paulum apostolum T uerae H isti inquam edd. 9 cautissime Trn 10 quantumlocumquae M aspersum H 11 que ei P incognite P 12 fama HM fama T a quo T edd. 13 demonstra Pml demonstrare T 14 amoenia H pomaria Migne diligata P 15 striones HMP ariter Pml 16 delitias Pm2T reliquens Pml cuius M pulcritudinem Tm1 19 sementum HM seminarium a in om.P uera*P 20 opinionem P 21 frutescit Pml f*rondescere (o ras.) P 22 intensa H 23 emunere Pml ospitalitas P 24 ipse elegantiae M 25 unque Pml
10. 6 cf. Retract. I 1, 7
11. 1 filocalia P ubique ista (ta s. m2) P 2nomine ex homine Tml 5 quid] q. est M est uera HT 6 istae] istae sunt Tm 7 procriatae Tml cauia Pml 8 uicinam T 9 illam] se Tm pinis Pml pennis MT 11 ducit T philosophiam T 12 esopus MPm2Tml isopus Tm2 osopus Pml 13 carmine] carmipaene P indicebit Pml 14 false P falso M nudatisque M 15 paululum om.Mml posset MT edd. 16 ibi om-M tibi Migne 20 speres M desperandum est de nullo T 22 multis M miserantibus a 23 redeamus Tm 24 iam filius cepit (om. tuus) T eum] autem M 25 exc*ultus (1 ras.) P uigentior] suigenitor (genit in ras. m2) P fermeor Pm1 26 aures MTm2a 27 rare Pml
12. 26 Matth. 7, 7
13. 2 non otn.M pr. timeo] eo (metuo s. m2) P 4 ne om.M inuenisse*T craedas P 5 disputatio fortasse edd. succensuisti M 6 esseP es Tm2 eo in ras. P sed eo Tm quo M 7 iam om.M 8 quo Pml nam om..m 10 autem in ras. m2 P 11 discesseras T 12 tibi om.M 13 regione P praesens* (salt. s.l.)P 15 ipsum T a om.M 16 pernitiosisqueMPml 17 tibij tibiasta 18 luciniano Ma quidjquiPml 20aut] tu Tedd. 21 promereor] pro me roga T edd. tantum] quantum T edd. 22 arbitramini T saltim M 23 quattuor(pr. t in ras.) P summam MTm 24 in philosophia HMTedd. 25 itau V posse (u — m2)T agnosci M mihi om.Hml uel potius illi om.HJ!P
14. 2 principum Pml modus] m. iam T 3 diuillus] profecto ubique diuinus T 7 tainen] tantum edd. uirgili MT 9 poeticae] p. artis M poetae T poeticum a 10 reprimendus (us in ras.) P iam] ita HMTa 11 retractandam M 14 effulserit Pml 16 paululumquae Pml urgebat T 17 demicis P; corr. ml 19 ocaseo Pml 20 cer* (te s. l.m2)P 21 fuisset Tml 22 consumptum HMPm2T 25 eam effugiat (om. me) MT 26 fatiam Pml quo] quod T 27 inquit] quid P 28 pr. et otn.T saepae P edatiore Pml 30 sic ex sit T cura P
15. 21 cf. Oic. Acad. II 18. 57 22 cf. ibiil. II 148 27 cf. ibid. II 147
16. 2 primllm] cybum T cibum etld. animum—dentibus om.HMP 3 quis est qui T quid est quod m quid est quia a 4 nimis] animus edd. impecosus rml quid m G qu*estionibus (a ras.) P parte* P

- 7 bono P dona ex bona T 8 difficile posse vi 9 deficile Pml ista (sta in ra\$.) P 10 impro- dendo H uictoriae tuae T 12 ag*ani P 13 et m.T hominis HP 15 se curare T 17 di*sertuni (s ras.) P (juisitione Pm1 20 copiosissim] pernitiosissiniisTml 21 conipraeliendi Pm1 23 esse] esse* (t raf.) P ut—non esset om.Pml 26 inueniri non posse M 28 fallatae Pml pseudomeniaT pseudomeni m
17. 3 cf. Cic. Acad. II 59 6 cf. ibid. II 39. 62
18. 1 solitae HJJ P 2 calidissime Pml 3 onatio Pml 4 approbare P 5 esse om.Mml 6 conseques Pml ? suum T edd. 8 hinc a 9 probabiiii] probari HJJ P 11 naturae] natura et (add. m. post.) P 12 uel obruta (1 et o a m2) P l4magnam prorsus HMPm. post. T edd. dicerant Pml 15 praescriptione (p alt. ex b) P 16 alypii P fide* (s ras.) P 17 forsitan M 19 eauendus] emendusJ/ debaet Pml 22releuasti in ras. Pm2 21 fleri M quoquam te] quo quante P quoquo ante H 25 fac sis T 26 de om.M noui T 27 ne te-Academiae om.J! 28 hoc] et doc (dd.
19. 4 ni om-Ma niagis te (om. et) Tm2 5 praescrississet P 6 inuolntationis M 7 nos trudere] nostrumdere P nostru indere Hml nostndere Hm2, om.,J1 lacuna uacua relicta 9 accepisemus Pm1 11 tuae om.M asim Pml ausus sum a 12 gratulabor M Pm2a cum] tum.ill 13 at] aut T oberrauero T curabis Tml in mg. 16 est putandum edd. 18 percipienda a 21 probatum H 22 actenus HPml ab errore posse m seomT 23 commississet P proprie T ac Pml 24 scolas codd. non om.MT 26 contenderetquae P posset P 28 obeundam M sapienti-audiret om.Pml archesilas codd. 29 quidquam om.M omine P repperiri Pml
20. LXIII. August. I pars III. ed. Knoell.
21. 3
22. 3 se res T haberet Tm 4 acuta M oppugnata*P filonis T 5 nonnulli Migne uisum M 6 addnxert T 8 conatus Ma phisi- corum MP pycicorum Tml alienorumque M 10 con*tenderent (d ras.) P 12 sedendum M quam] quam uerum m 18 largiore M conquies Pml sunt Tml 20 penitet P tantopere HJIT 24 ineptus crutio PmlT crucio ineptus M tantae M 25 prorsus otn.M pacentne Pml 27 uidentur tibi edd. iam] iam id T arisione Pml 28 repetite (ti add. m2) P 29 dicere academici T
23. 27 cf. Terl Heaut. 242
24. 1 rursum edd. 4 inquam om.T uerissimilis P uerisimiles H esse M 5 ita] est T quaeso] illud quaeso T iam quaeso cdd. G uisum om.M 7 uel M 8 hoc om.T 10 ac ex at corr. T 11 uictori Pml 14 nonquidnam T 15 sim M tu om.M instrutus Pml aduenias (enias in ras. m. post.) P 16 ista sententia M 18 debet esse T 19 rogatianibusque Pml rogationibus T 20 coepi* (t ras.) P titius Pml 21 deambno Mignc 23 filitius Pm] facilius Mm1T uel carius Mm2 20 nobis T 27 creditur MT aditur a 28 at] ac MP animam T
25. 3*
26. 14 Uerg. Aen. XI 424
27. 3 exiberi P brilius M enim] etiam HT illum patrem ewl. 5 uidaris T 6 quod a 8 suspiciens Pm] ego om. a 9 deus om.M sed] si a desperandum de te T 10 dimitti*P remitti Tm demitti a 12 quas] quas quia T [****unde (unde ras.) P unde HM 15 aut om.a tam cito] tacito M 16 tam HMPa 17 qu*inni P quinni H 18 concesserit (it in ras.) P nam] iam H 21 non] 1 in Ilm2s. I. 22 ilaritate Pml adolescentorum M 23 redi firmior et ualeutior edd. 24 quatum Pm] 25 sinulem esse T patri M 2G credis M stultus nequam M 27 potes M ni T
28. 1 quod crebra (d er in ras. m2) P 4 ali*unde (c ras.) P aliunde M 5 cuidam M 6 patri JIT ad me hoc non temere edd. temeraria T 8 mihi om.M 10 iam inquit dudum T 11 istam HMedd. uolo audire H 12 coepisti (o s. m2) P quinni P con*cludam P similiter bis scriptum P 13 acathemicos H 14 quid HMT edd. sint M 15 tunc T inquit mihi M 16 descripsistis P descripsisti

- HM edd. 17assecurtur JITml 18 assecutus a 19 ineptior esset edd. 20 famam a patri sed (ed in ras. m2) P patris et (om sed) edd. 21 qu*orsum P 22 quia] qui MP 24 quomo P ista T istud a 25 eo M inquit ego edd. 26 illam om.H 27 improbo Tml inruise Pml nec T
29. 1 cf. Uerg. Aeu. IV 181 sqq. 24 cf. Cic. Uerr. II 4,82
30. 1 *ille (m ras.) P nullae a 2 in lumitiibus (iu m1)P 3 inuitetis (tis m2 in mg.) P 4 quesus] quoque M 5 arbitramur Mm2Tm 7 inquit quidem edd. 8 terroris HP 9 facile om.M fugiam Ma 10 solatu Pm 1 honus T 14 illum MPm1 15 pr. aliud] aliul est T est om.T 16 renuerin HMP)H2T duni edd. 18 laqcos Pm1 onorem Pm1 21 defensionein m lios] os Pml eos Pm. post. 24 bene om.Mml si enim] non eniim si Tm 23 Uerris esse edd. 2G accused Ptnl accusat edd 2S tu om.M
31. 10 cf. Retract. I 1, 8 12 Uerg. Aen. VIII 441
32. 2 seruauit M ob rem audi P in ras. 4 prolusionis Hml praelusimus m 5 cum (om. nobis) M 6 nostris om T 8 conpraehensa P 11 de medio iam cuncta ista edd. 12 arma ex anni T arma*acri (a ras.) P 13 nequiquam minus MP nec minus quicquam T obtauit T hos T 14 sermotinati Pml 16 est om- a 17 ptra*cuimus Pm1 tractauimus MT 18 aggredi ex adgredi T temptarent HMPm2T 20 ab eo] liabeo Ta atq; (q; m2) P 21 enim quomodo m 24 ac doctissimis om-HMP; ct. III 15, 34; ciu. dei VI2 (I p. 272,8 H) 25 persuadere Tml 27 intergationem Pm1
33. 13 cf. Cic. de orat. I 47. cf. Aug. de ciu. dei IX 5 (1416, 1 H)
34. 1 potius] et potius T edd. 2 sagatiter Pml ue*rum P 3 iam om.M multa] m. ea sunt autem T rationes T 4 nihil interim M 5 ueritateminueniri om.Tml 6 si] sicut (cut m2 s. 1.) P 10 habeamus Pml 11 iis m 12 te Pm2 s. 1. et] ex edd. 15 dubiae Pml 17 ex te] abs te H et per te T 18 quid] quae a 20 eos] eos egoTillos m uiroseosm 21 nescirent** (ntm2) P nescire M 22 cultandam MPml 24 uidetur Tml 26 a beo Pml hoc usquel/P 28 fuisse graues omnino ac pr. uiri M autem est a
35. 1 disputauimus HJI Pa aduersu Pml 2 aduersatos T dideruut Pml ne add. Pm2 s. I. teritum Pml 4 sue P ne] saltem ne T 6 defenderent a facerent HJIP 7 Tredirei T 9 post tridie T autem in ras.T tranquillussq; que(q; add. m2) P 10 illuxit M a domesticis T **sumus (su ras.) P 11 scribitione Pml consumpseramus HMPm'2 12 patum Pml 13 mira T 15 mansisemus Pml 16 inquam uos T 18 turbant Pml 19 haec T 22 animauertistis Pml 23 quaero T 24 audiui* T 26 suptilius T 27 quid] quid istuc T uos orn T id om, T uel] ac uel Pml ac id Pm2'
36. 4 Cic. Acad. frag. 19 Mtiller
37. 1 non] nosT 2 tam om.M liquida**P 3 exhorturus H quisspam P 7 repugno HMPm2T edd. te iam] etiam M 10 usse* (s ras.) P 12 sunt T 14 impoiieret quas sentiebat nomina m 17 uerho T 18 hue T 19 ruere M 20 quod] quo T edd. 22 nihil] nihil mihi T edd. uidotur esse m 22 similem M siqui HMP quit Pml 24 intergatus Pm1 illaM tempe*rie P 27 uera Tcodd. 29 quaedam a alia] ista alia T greca JI P 31 uictoriae] u. tuae T
38. 1 nomen ei non potui uiliul m non p. ci aliud nomen a 4 iuuenali ac (c tn2)P iuuenilia (otn. an)IIM 5 teluni om.M 6 saepi1 a tenus om.JI probabili ratione u 7 sufficerit II Pm1 8 sepositos T ipsi a 10 hoc JI 11 paulo ante om.M 13 degeris Pml delegeres M ante] at Pml 14 dixerinns T nondum] n. enim m lli ilud Pml definitionis M 18 si*mile P approbabile Tml 19 appellare (e cx i m2) P potes*/' quod sibi] quod si MP si quod sibi T sat esso] adesse T 20 est M optimis Pml iam om.M 21 si iugratus (si iu in ras.) P patrotiuio Pml eandem T 22 nie fortasse M 23 uerecoude Pml alippy P 24 alypit (i ras.) P 25 lis m 2(i cum] tum Mm1 edd.
39. 1 tuae T 3 nequierit HM non quiuerit T pr*ecario (a ras.) P abs te om T 4 neg*auere (r ras.) P 5 fuisse T acturus 11 6 solam monet P redigam T praedicam IIMP in cista P hin cistas Hm1 inciat Hm2 in cystras M 9 plenisissime P 10 est M 13 disputationes se edd. 16 colligatur (om.

datur) M in quae T 18 uerum esse m 19 de] ab MPm2, dcesl in PmlT 20 insolita (s m2) P fore
om.M animiaduertisti Pml 22 sagatitas Pm] insagacitas M eorum M 27 si deuenisset MP 28
achad- michorum Pml

Livro 3

Após aquele discurso, que o segundo livro contém, quando no dia seguinte nos assentamos nos banhos — pois estava mais triste, de modo que não aprazia descer ao prado —, assim comecei: Creio que já suficientemente notastes em vossa mente sobre qual questão foi estabelecida para ser discutida entre nós. Mas antes que eu chegue à minha parte, que pertence a explicá-la, peço que ouçais de bom grado algumas palavras, não despropositadas, sobre a esperança, sobre a vida, sobre o nosso propósito. Julgo que nosso empreendimento não é leve ou supérfluo, mas necessário e sumo, buscar a verdade com grande empenho. Isto está acordado entre mim e Alípio. Pois também os demais filósofos julgaram que seu sábio a encontrou, e os Acadêmicos professaram que ela deve ser encontrada por seu sábio com o máximo esforço e empenho, e que ele a busca diligentemente, mas porque ou estava oculta sepultada ou confusa não se destacava, para conduzir a vida ele segue aquilo que lhe ocorre como provável e verossímil. Isto também foi concluído em vossa discussão anterior. Pois enquanto um afirmou que o homem se torna feliz com a verdade encontrada, o outro, porém, apenas com a verdade diligentemente buscada, nenhum de nós duvida que nada deve ser anteposto por nós a este empreendimento. Por qual razão, pergunto-vos, como parece que passamos o dia de ontem? A vós, certamente, vos foi permitido viver em vossos estudos. Pois também tu, Trígécio, deleitaste-te com os poemas de Virgílio, e Licêncio teve tempo para compor versos, pelo amor aos quais está tão arrebatado, que por causa dele principalmente julguei que aquele discurso deveria ser introduzido, pelo qual na sua mente a filosofia — pois agora é o tempo — reivindique e reclame para si uma parte maior não apenas do que a poética, mas do que qualquer outra disciplina.

Mas vos suplico, não vos compadecesteis de nós, quando ontem nos recolhemos de tal modo, que para uma questão ampliada e

absolutamente para nada mais nos levantamos, porque tantos assuntos domésticos necessários se apresentaram para serem resolvidos, que, inteiramente ocupados com eles, mal pudemos respirar para nós mesmos durante as duas últimas horas do dia? Por isso sempre foi minha opinião que ao homem já sábio nada é necessário; mas para que se torne sábio, a fortuna é em extremo necessária, a menos que pareça diferente a Alípio. — Então ele disse: Quanto direito concedes à fortuna, ainda não compreendi bem. Pois se julgas que para desprezar a fortuna é necessária a própria fortuna, também me faço teu companheiro nesta opinião. Mas se não concedes à fortuna nada além daquilo que, para a necessidade do corpo, não pode ser suprido senão por ela, querendo ou não, não penso assim. Pois ou é permitido, mesmo que ela resista e seja contrária, ao ainda não sábio, mas desejoso de sabedoria, tomar aquilo que confessamos ser necessário para a vida, ou deve-se conceder que ela domine também em toda a vida do sábio, uma vez que nem mesmo o próprio sábio pode não carecer daquilo que é necessário ao corpo.

Então dizes, pergunto, que a fortuna é necessária ao estudioso da sabedoria, mas ao sábio a negas. — Não é fora de propósito repetir o mesmo, disse ele. Por isso agora também te pergunto se consideras que a fortuna ajuda em algo para que ela mesma seja desprezada. Se assim pensas, afirmo que o ávido por sabedoria grandemente necessita da fortuna. — Penso que sim, respondi, se é por meio dela que alguém se tornará tal, que possa desprezá-la. E não é absurdo; pois assim também, quando pequenos, os seios nos são necessários, pelos quais se consegue que depois possamos viver e ter saúde sem eles. — As nossas opiniões, disse ele, se a concepção da mente não é dissonante, claramente me parecem concordar, a menos que talvez alguém julgue que se deva discutir se não é a própria coisa — os seios ou a fortuna —, mas outra coisa qualquer, que nos faz desprezadores. — Nada de grande é, disse eu, usar outro exemplo semelhante. Pois assim como sem navio ou qualquer veículo ou, para não temer nem mesmo o próprio Dédalo, sem quaisquer

instrumentos adaptados a este fim ou algum poder mais oculto, ninguém atravessa o mar Egeu, ainda que não proponha nada além de chegar, o que, quando lhe acontecer, estará pronto para lançar fora e desprezar todas aquelas coisas pelas quais foi transportado, assim também quem quer que deseje chegar ao porto da sabedoria e, por assim dizer, ao solo mais firme e tranquilo — visto que, para omitir outras coisas, se for cego e surdo, não pode, o que está colocado no poder da fortuna — parece-me necessário ter fortuna para alcançar aquilo que cobiçou. O que, quando obtiver, ainda que se considere que necessita de certas coisas pertinentes à saúde do corpo, contudo, é certo que não precisa delas para ser sábio, mas para viver entre os homens. — Pelo contrário, disse ele, se for cego e surdo, tanto a sabedoria a ser alcançada quanto a própria vida, por causa da qual a sabedoria é buscada, na minha opinião, com razão desprezará.

Contudo, digo, uma vez que a própria nossa vida, enquanto aqui vivemos, está sob o poder da fortuna e ninguém pode tornar-se sábio a não ser vivendo, não é preciso confessar que é necessário o seu favor, para que sejamos conduzidos à sabedoria? — Mas, disse ele, uma vez que a sabedoria só é necessária aos que vivem e, afastada a vida, não há necessidade de sabedoria, nada temo da fortuna na propagação da vida. Pois, porque vivo, por isso desejo a sabedoria, não porque desejo a sabedoria, desejo ou não desejo a vida. Onde, se a fortuna me tirar a vida, tirará a causa de buscar a sabedoria. Nada tenho, portanto, para que, a fim de me tornar sábio, deseje o favor da fortuna ou tema os seus impedimentos, a não ser que talvez apresentes outros. — Então eu disse: Não julgas, portanto, que o estudioso da sabedoria possa ser impedido pela fortuna de alcançar a sabedoria, mesmo que ela não lhe tire a vida? — Não creio, disse ele.

Quero, digo, que me esclareças um pouco, o que te parece diferir entre o sábio e o filósofo. — O sábio do estudioso, diz ele, julgo não diferir em nada, exceto que das coisas das quais no sábio reside certa posse, destas no estudioso há apenas o ardor. — Quais são, afinal, essas

coisas? pergunto; pois nada mais me parece haver de diferença, senão que um sabe a sabedoria, o outro deseja sabê-la. — Se a ciência, diz ele, defines com um limite modesto, expressaste a própria coisa mais claramente. — Seja como for que a defina, digo, a todos agradou que a ciência de coisas falsas não pode existir. — Nisto, diz ele, pareceu-me que devia ser oposta uma prescrição, para que, por uma concordância inconsiderada minha, tua fala não cavalgasse facilmente nos campos daquela questão principal. — Claramente, digo, não me deixaste nada onde eu pudesse cavalgar. pois, se não me engano, aquilo que há muito me esforço, chegamos ao próprio fim. se, pois, como disseste sutil e verdadeiramente, nada há entre o estudioso da sabedoria e o sábio, exceto que este ama, aquele, porém, possui a disciplina da sabedoria — donde também não hesitaste em expressar o próprio nome, isto é, certa posse — ninguém, porém, pode ter disciplina na alma, quem nada aprendeu, e nada aprendeu quem nada conhece, e ninguém pode conhecer o falso, conhece, portanto, a verdade o sábio, a quem confessaste ter na alma a disciplina da sabedoria, isto é, a posse. — Não sei, diz ele, de que impudência seria, se, tendo confessado que no sábio há a posse da investigação das coisas divinas e humanas, quisesse negá-lo. mas não vejo como te pareça que a posse das descobertas prováveis não exista. — Concedes, digo, que ninguém sabe coisas falsas? — Facilmente, de fato, diz ele. — Dize agora, se podes, digo, que o sábio não sabe a sabedoria. — Pois o quê? diz ele, com este limite conclusis tudo, para que não possa parecer a si mesmo ter compreendido a sabedoria? — Dá, digo, a destra. pois, se te lembras, isto é o que ontem Aquele disse que faria, o que agora me alegre não ter sido concluído por mim, mas por ti espontaneamente oferecido. pois quando eu disse que entre mim e os Acadêmicos havia esta diferença, que a eles pareceu provável que a verdade não pode ser compreendida, a mim, porém, ainda não descoberta por mim, contudo parece que pode ser encontrada pelo sábio, agora, quando eras pressionado pela minha interrogação, se o sábio não sabe a sabedoria, 'parece a si mesmo saber' disseste. — E depois? diz ele.

— Porque, se parece a si mesmo, digo, saber a sabedoria, não lhe parece que o sábio nada pode saber; ou, se a sabedoria é nada, quero que afirmes.

Creio verdadeiramente, disse ele, que chegamos ao fim e à conclusão, mas de repente, quando interpuseste as mãos direitas, vejo que estamos muito separados e avançamos por longo caminho, evidentemente porque no dia passado nenhuma outra questão parecia ter sido estabelecida por nós, senão que, enquanto tu afirmavas que o sábio pode chegar à compreensão da verdade, eu negava; agora, porém, penso que nada te concedi além de que parece ao sábio ter alcançado a sabedoria por meio de coisas prováveis; essa sabedoria, contudo, acredito que nenhum de nós duvida que Aquele a estabeleceu na investigação das coisas divinas e humanas. — Não, digo, por isso, porque te enrolas, te desenrolarás; pois já pareces a mim discutir por causa do teu exercício e, porque bem conheces esses jovens que ainda mal podem discernir o que é discutido aguda e sutilmente, abusas da ignorância dos juizes, para que te seja permitido falar quanto quiseres sem que ninguém reclame. pois há pouco disseste, quando perguntei se o sábio sabe a sabedoria, que parece a si mesmo saber. a quem, portanto, parece que o sábio sabe a sabedoria, certamente não lhe parece que o sábio nada sabe. isto, com efeito, não pode ser sustentado, a menos que alguém ouse dizer que a sabedoria é nada. disso resulta que isto te pareça, como também a mim, pois a mim parece que o sábio não nada sabe e a ti, creio, a quem agrada parecer ao sábio que o sábio sabe a sabedoria. — Então ele: Não penso que eu queira exercitar o engenho mais do que tu e isso me admira; pois não tens necessidade de nenhum exercício nesta questão. pois a mim, talvez ainda cego, parece fazer diferença entre parecer a si mesmo saber e saber e entre a sabedoria, que está posta na investigação, e a verdade. as quais, quando são ditas por nós de uma ou outra maneira, não encontro como se ajustam entre si. — Então eu, quando já éramos chamados para o almoço: Não, digo, me desagrada que tanto resistas;

pois ou ambos não sabemos o que falamos, e é preciso dar atenção para não sermos tão vergonhosos, ou um de nós, o que igualmente abandonar e negligenciar não é menos vergonhoso. mas nas horas da tarde voltaremos um ao outro. pois a mim, quando parecia que já tínhamos chegado ao fim, ainda misturaste os punhos. — Aqui, tendo sorrido, nos separamos.

E quando retornamos, encontramos Licêncio, a quem Hélio, nunca sequioso, teria socorrido, absorto em compor versos. Pois, quase no meio do almoço, embora nosso almoço tivesse tido o mesmo começo e fim, ele havia se levantado silenciosamente e nada havia bebido. A ele eu disse: Desejo, de fato, que alcances um dia essa poesia que tanto cobiçaste, não porque essa perfeição me deleite excessivamente, mas porque vejo que ardes de tal modo, que não podes escapar desse amor senão pelo fastio, o que costuma ocorrer facilmente após a perfeição. Além disso, como tens uma voz bem melodiosa, preferiria que incutisses teus versos em nossos ouvidos a que, à maneira das tragédias gregas, como passarinhos que vemos enjaulados, cantasses palavras que não compreendes. Aviso-te, contudo, que continues a beber, se quiseres, e retornes à nossa escola, se ao menos Hortênsio e a filosofia já merecem algo de ti, a quem já ofereceste as docíssimas primícias com aquele vosso discurso, que te inflamara mais veementemente do que esta poesia para o conhecimento das grandes e verdadeiramente frutíferas coisas. Mas, enquanto desejo reconduzir-vos ao círculo dessas disciplinas pelas quais as almas são cultivadas, receio que se torne um labirinto para nós, e quase me arrependo de ter reprimido aquele teu ímpeto. — Ele corou e afastou-se para beber. Pois estava com muita sede e surgia a oportunidade de evitar que eu talvez dissesse mais coisas e mais severas.

E quando retornou, com todos atentos, assim comecei: É assim, Alípio, que entre nós não haja acordo sobre algo que, ao que me parece, já é claríssimo? — Não é de admirar, disse ele, se o que afirmas estar evidente para ti, para mim é obscuro, se de fato muitas coisas manifestas

podem ser para outros mais manifestas e, igualmente, certas coisas obscuras para alguns serem mais obscuras. Pois se também isto para ti é verdadeiramente manifesto, acredita-me, há outro alguém para quem este teu manifesto seja mais manifesto, e igualmente outro, para quem o meu obscuro seja mais obscuro. Mas para que não me consideres por mais tempo demasiado obstinado, suplico-te que expliques mais claramente este teu manifesto. — Atende, disse eu, por favor, diligentemente e, por assim dizer, pondo de lado por um momento a preocupação de responder. Pois se bem conheço a mim e a ti, facilmente, com o esforço devido, ficará claro o que digo e um ao outro logo persuadirá. Disseste, afinal, ou talvez eu estivesse surdo, que parece ao sábio saber a sabedoria? — Anuiu. — Deixemos de lado, disse eu, por um momento esse sábio. Tu mesmo és sábio ou não? — Nada, disse ele, menos. — Quero, porém, disse eu, que me respondas o que tu mesmo pensas sobre o sábio Acadêmico, se te parece que ele sabe a sabedoria? — Se a ele mesmo, disse ele, parece saber ou se sabe, julgas ser uma mesma coisa ou diversa? Temo, pois, que esta confusão ofereça a qualquer de nós um refúgio.

Isto é, digo, aquela disputa toscana, como costuma ser chamada, quando para uma questão não resolvida parece que não é sua solução, mas a objeção de outra coisa que parece trazer remédio. O que também nosso poeta — para me entregar um tanto aos ouvidos de Licêncio — julgou adequadamente em seu poema bucólico ser algo rústico e claramente pastoril, quando um pergunta ao outro, onde a extensão do céu não se abre mais do que três braças, e aquele, por sua vez, em quais terras nascem flores com os nomes de reis inscritos. O que, por favor, Alípio, não consideres que nos seja permitido na villa. Certamente, ao menos essas pequenas termas possam trazer alguma recordação da decoração dos ginásios; para isso, se te agrada, responde ao que peço: parece-te que o sábio dos Acadêmicos sabe a sabedoria? — Para não alongarmos referindo palavras a palavras, disse ele, parece que lhe

parece saber. — Parece, portanto, digo eu, a ti que não sabe? Pois não pergunto o que te parece que parece ao sábio, mas se te parece que o sábio sabe a sabedoria. Podes, creio eu, aqui ou afirmar ou negar. — Ah, se ao menos, disse ele, ou me fosse tão fácil como a ti ou a ti tão difícil como a mim, nem tão importuno serias nem nestas coisas algo esperarías. Pois quando me perguntaste o que me parece acerca do sábio Acadêmico, respondi que me parece que lhe parece saber a sabedoria, para nem temerariamente afirmar que eu sei nem dizer que ele sabe não menos temerariamente. — Por grande favor, digo eu, te suplico que primeiro me concedas, que te dignes responder ao que eu, não ao que tu mesmo perguntas, depois que omitas agora um pouco minha esperança, que sei não te ser menos cuidadosa que a tua — certamente se eu te enganar com essa interrogação, rapidamente passarei para o teu lado e terminaremos a controvérsia — finalmente que, afastada não sei qual inquietação, pela qual vejo que és tocado, observes mais diligentemente, para que facilmente entendas o que desejo que me respondas. Disseste, pois, que por isso não afirmas nem negas — o que certamente é preciso fazer para o que peço — para não dizeres temerariamente que sabes o que não sabes; como se de fato eu tivesse perguntado o que sabes e não o que te parece. Assim, agora pergunto o mesmo mais claramente — se contudo pode ser dito mais claramente: parece-te que o sábio sabe a sabedoria ou não parece? — Se puder ser encontrado, disse ele, um sábio, tal como a razão apresenta, pode me parecer saber a sabedoria. — A razão, portanto, digo eu, apresenta-te que tal é o sábio, que não ignore a sabedoria; e corretamente isso. Pois não de outro modo convinha que te parecesse.

Pergunto, portanto, agora, se o sábio pode ser encontrado. Pois se pode, pode também conhecer a sabedoria, e toda questão entre nós está dissolvida. Se, porém, dizes que não pode, já não se perguntará se o sábio sabe algo, mas se alguém pode ser sábio. Estabelecido isso, já será preciso afastar-se dos Acadêmicos e essa questão, contigo, tanto quanto

pudermos, deve ser tratada com diligência e cautela. Pois a eles pareceu, ou melhor, foi-lhes opinião, que o homem pode ser sábio e, no entanto, que o conhecimento não pode cair sobre o homem — por isso afirmaram que o sábio nada sabe — a ti, porém, parece que se conhece a sabedoria, o que certamente não é nada saber. Pois ao mesmo tempo concordamos entre nós, o que também entre todos os antigos e entre os próprios Acadêmicos, que ninguém pode saber o falso; donde já resta isso, ou que contendas que a sabedoria nada é, ou que confesses que tal sábio é descrito pelos Acadêmicos, qual a razão não possui, e, deixando de lado estas coisas, consintas, para que busquemos se pode sobrevir ao homem tal sabedoria, qual a razão revela. Pois não devemos nem podemos chamar retamente de sabedoria outra.

Mesmo que eu conceda, disse ele, o que vejo que tu te esforças grandemente, que seja conhecida pelo sábio a sabedoria e algo apreendido entre nós, que o sábio possa perceber, contudo de modo algum me ocorre que toda a intenção dos Acadêmicos esteja abalada. Pois prevejo que não lhes é reservado um lugar mínimo de defesa, nem aquela suspensão do assentimento está cortada, visto que até mesmo neste ponto de sua causa não podem faltar, onde tu os consideras convencidos. Dirão, com efeito, que até tal ponto nada é compreendido e que a nenhuma coisa se deve prestar assentimento, que também isto sobre perceber o nada, que quase toda a vida até ti haviam persuadido provavelmente a si mesmos, agora por esta conclusão lhes foi arrancado, de modo que, seja então a força deste argumento pela lentidão do meu engenho, seja na verdade por sua própria força invicta, não possa movê-los do lugar, visto que ainda possam afirmar audaciosamente que nem agora se deve consentir a qualquer coisa. Pois talvez algum dia contra isto também possa ser encontrado algo, seja por eles mesmos, seja por qualquer outro, que seja dito agudamente e de modo provável, e que sua imagem e como que um certo espelho deva ser observado naquele Proteu, que se conta ser capturado justamente por aquilo pelo qual

menos poderia ser capturado, e que seus investigadores nunca o mantiveram o mesmo senão por indicação de alguma espécie de divindade. Que ela esteja presente e se digne demonstrar-nos aquela verdade, que é de tanto cuidado! Eu também, mesmo contra a vontade deles, o que de modo algum creio, confessarei que eles foram superados.

Está bem, digo, absolutamente nada mais desejei. Pois vede, por favor, quantos e quão grandes bens me sobrevieram. Primeiro é que os Acadêmicos já se dizem assim convencidos, que nada lhes resta para defesa, senão o que não pode ser feito. Pois quem poderia de algum modo entender ou crer que aquele que foi vencido, por isso mesmo que foi vencido, se glorie de ser vencedor? Depois, se algo ainda resta de conflito com eles, não é porque dizem que nada pode ser conhecido, mas porque sustentam que a nada se deve assentir. Agora, portanto, estamos concordes. Pois assim como a mim, também a eles parece que o sábio conhece a sabedoria. Mas, contudo, advertem que se deve moderar o assentimento. Pois dizem que lhes parece apenas, mas de modo algum conhecer; como se eu professasse conhecer. Eu também digo que isso me parece; pois sou tolo, assim como eles mesmos, se não conhecem a sabedoria. Penso, porém, que devemos aprovar algo, isto é, a verdade. Sobre o que os consulto, se negam, isto é, se lhes agrada que não se deva assentir à verdade. Nunca dirão isso, mas afirmarão que ela não é encontrada. Portanto, também aqui, em alguma parte, me têm como companheiro, porque a ambos não desagrade, e até necessariamente agrada que se deva consentir à verdade. Mas quem a demonstrará? perguntam. Onde eu não me importarei de contender com eles; basta-me que já não é provável que o sábio nada saiba, para que não sejam forçados a dizer uma coisa absurdíssima: ou que a sabedoria nada é, ou que o sábio não conhece a sabedoria.

Quem, porém, possa mostrar a verdade, foi dito por ti, Alípio, de quem não discordo, devendo eu esforçar-me grandemente. Pois afirmaste que somente alguma divindade pode mostrar ao homem o que

seja a verdade, tanto brevemente quanto piedosamente. Nada, portanto, neste nosso discurso ouvi mais agradavelmente, nada mais sério, nada mais provável e, se aquela divindade, como confio, estiver presente, nada mais verdadeiro. Pois também aquele Proteu — com quanta profundidade de espírito recordado por ti, com quanta dedicação ao melhor gênero da filosofia! — aquele Proteu, de fato, para que vós, jovens, não vejais que os poetas devem ser inteiramente desprezados pela filosofia, é introduzido como imagem da verdade; da verdade, digo, Proteu nos versos ostenta e sustenta a personagem, a qual ninguém pode obter, se, enganado por falsas imagens, tiver afrouxado ou abandonado os laços da compreensão. Pois são essas imagens que, pelo hábito das coisas corporais, através daqueles sentidos de que usamos para as necessidades desta vida, esforçam-se por nos enganar e iludir, mesmo quando a verdade é detida e como que tida nas mãos. Este, portanto, é o terceiro bem que me acontece, o qual não encontro como avaliar. Pois comigo o meu amigo íntimo não só concorda sobre a probabilidade da vida humana, mas também sobre a própria religião, o que é o mais manifesto indício do verdadeiro amigo, se, de fato, a amizade foi definida de modo retíssimo e santíssimo como o consenso nas coisas humanas e divinas com benevolência e caridade.

Contudo, para que os argumentos dos Acadêmicos não pareçam lançar certas névoas, ou para que não pareçamos resistir arrogantemente à autoridade de homens doutíssimos, entre os quais Cícero, sobretudo, não pode deixar de nos comover, se vos agrada, primeiro discutirei brevemente contra aqueles a quem tais disputas parecem opor-se à verdade; depois, como me parece, mostrarei qual foi a causa que levou os Acadêmicos a ocultarem sua opinião. Assim, Alípio, embora te veja inteiramente do meu lado, aceita, contudo, um pouco por eles e responde-me. — Visto que, disse ele, hoje iniciaste auspiciosamente, como se diz, não impedirei tua vitória pleníssima e tentarei assumir essas partes, já com mais segurança, conforme me são

impostas por ti, se, no entanto, preferes converter em um discurso contínuo, se te for conveniente, este assunto que indicas tratarás por meio de interrogações, para que eu, verdadeiramente como um adversário teimoso — o que está muito longe de tua humanidade —, já cativo, não seja torturado por ti com aquelas pequenas flechas.

E eu, ao perceber que eles também esperavam isso, como se estivesse iniciando outro começo: “Vou satisfazer o vosso costume”, disse, “e, embora tivesse presumido que, após aquele labor da escola retórica, descansaria um pouco nesta minha leve armadura, para tratar desses assuntos mais interrogando do que discorrendo, todavia, porque somos muito poucos, de modo que não seja necessário eu gritar contra a minha saúde, e porque quis que este estilo fosse, por causa dessa mesma saúde, como um condutor e moderador do meu discurso, para que não seja arrebatado com mais ímpeto do que o cuidado do corpo exige, ouvi, como desejais, em contínua oração, o que penso. Mas primeiro vejamos qual seja aquilo de que os amantes dos Acadêmicos costumam se gloriar excessivamente. Pois há nos livros de Cícero, que ele escreveu em defesa desta causa, um certo trecho, como me parece, composto com admirável elegância, e para alguns, até mesmo fortalecido com solidez. É realmente difícil que alguém não seja movido pelo que ali está dito. Ao sábio Acadêmico é dada por todos os demais das outras seitas, que a si mesmos se consideram sábios, a segunda posição, sendo necessário que cada um reivindique para si o primeiro lugar. Onde se pode concluir de modo provável que aquele é corretamente o primeiro pelo seu próprio juízo, que pelo juízo de todos os outros é o segundo.

Pois, por exemplo, suponha que estivesse presente um sábio estóico; pois contra estes sobretudo se inflamou o engenho dos Acadêmicos. Portanto, se Zenão ou Crisipo forem interrogados sobre quem é o sábio, responderão que é aquele que ele mesmo descreveu. Em contrapartida, Epicuro ou qualquer outro dos adversários negará e sustentará que o seu próprio, peritíssimo caçador de prazeres, é que é o sábio. Daí à contenda.

Clama Zenão e toda aquela Pórtico se enfurece: o homem nasceu para nada mais que a honestidade; ela mesma, por seu próprio esplendor, atrai as almas para si, sem absolutamente nenhuma vantagem exterior posta e como que aliciadora recompensa, e aquele prazer de Epicuro é comum apenas aos animais entre si, na cuja sociedade empurrar tanto o homem quanto o sábio é um crime. Contra ele, convocada dos hortinhos em auxílio como que uma turba bêbada de Baco, que todavia buscam a quem, com unhas desgrenhadas, bacantes e com rosto áspero dilacerem, exagerando o nome do prazer, a suavidade, a quietude com o povo por testemunha, insiste asperamente. De modo que, a não ser por elas, ninguém parece poder ser bem-aventurado. Na rixa destes, se o Acadêmico se deparar, ouvirá ambos puxando-o para suas partes, mas se ele ceder àqueles ou a estes, será clamado insano, imperito e temerário por aqueles que abandonar. Assim, quando tiver aplicado cuidadosamente o ouvido tanto de um lado quanto do outro, interrogado sobre o que lhe parece, dirá que duvida. Pergunta agora ao estóico: quem é melhor? Epicuro, que clama que ele delira, ou o Acadêmico, que declara que ainda deve deliberar sobre assunto tão grande: ninguém duvida que o Acadêmico será preferido. De novo, volta-te para aquele e pergunta a quem ele mais ama, Zenão, por quem é chamado de besta, ou Arcesilau, de quem ouve: 'tu talvez digas a verdade, mas investigarei mais diligentemente': não é evidente que toda aquela Pórtico é insana, mas os Acadêmicos, diante deles, parecem homens moderados e cautelosos a Epicuro? Assim, quase igualmente sobre todas as seitas, Cícero copiosissimamente oferece aos leitores um espetáculo agradabilíssimo, como que mostrando que nenhum daqueles há que, tendo-se dado a si mesmo o primeiro lugar, o que é necessário, não diga dar o segundo àquele a quem viu não resistir, mas duvidar. No que eu nada contradirei, nem lhes tirarei qualquer glória.

Parece, de fato, que este Cícero, longe de estar brincando, quis seguir e reunir certas coisas vãs e ventosas — o que repugnaria à própria

leviandade daqueles greguelhos. Pois o que me impede, se eu desejar resistir a essa vaidade, de mostrar facilmente quanto menos mal é ser indouto do que indócil? Daí acontece que, quando aquele Academiãozinho se entrega como discípulo a cada um, e ninguém consegue persuadi-lo daquilo que pensa saber, depois é ridicularizado com grande consenso deles. Pois cada um julgará que qualquer outro de seus adversários nada aprendeu, mas este, de fato, nada pode aprender. Donde, a partir daí, será expulso de todas as escolas não com varas, o que seria mais vergonhoso do que incômodo, mas com chaves e porretes daqueles encapotados. Pois não será grande tarefa, contra uma praga comum, pedir certos auxílios hercúleos dos Cínicos. Se, porém, aprover competir com essa glória vilíssima, o que a mim, que já filósofo mas ainda não sou sábio, deve ser concedido com perdão mais fácil, o que terão eles para poder refutar? Eis, pois, façamos que eu e o Acadêmico nos lancemos naquelas disputas dos filósofos; que todos absolutamente estejam presentes, exponham brevemente, conforme o momento, suas opiniões. Pergunte-se a Carnéades o que ele pensa. Dirá que duvida. Assim, cada um o preferirá aos demais; logo, todos a todos — grande e altíssima glória, sem dúvida. Quem não desejaria imitá-lo? E eu, portanto, interrogado, responderei o mesmo; a louvação será igual. Alegra-se, pois, o sábio com aquela glória na qual o insensato se iguala a ele. E se ele até o supera facilmente? Não age de modo algum a vergonha? Pois àquele Acadêmico, já saindo do julgamento, eu o deterei; pois a insensatez é mais ávida desse tipo de vitória. Retendo-o, pois, revelarei aos juízes o que ignoram e direi: Eu, ó varões excelentes, tenho isto em comum com este, que duvida qual de vós deve seguir a verdade. Mas temos também opiniões próprias, sobre as quais peço que julgueis. Pois para mim é incerto, embora tenha ouvido vossos decretos, onde esteja a verdade, mas porque ignoro quem seja o sábio entre nós. Este, porém, nega até mesmo que o próprio sábio saiba algo. Nem mesmo a sabedoria pela qual é chamado sábio. Quem não vê de quem seja aquela palma? Pois se meu adversário disser isto, serei vencido na glória; se,

porém, envergonhado, confessar que o sábio sabe a sabedoria, serei vencido na opinião.

Mas afastemo-nos já deste tribunal litigioso para algum lugar, onde nenhuma turba importuna nos perturbe, e oxalá na própria escola de Platão, que se diz ter recebido o nome do fato de estar separada do povo. Aqui já não discutamos sobre a glória, que é coisa leve e pueril, mas sobre a própria vida e sobre alguma esperança da alma bem-aventurada, tanto quanto entre nós podemos. Os Acadêmicos negam que se possa saber algo. Donde isto vos agradou, ó homens estudiosíssimos e doutíssimos? Advertiu-nos, dizem, a definição de Zenão. Por que, pergunto? Pois se é verdadeira, algo de verdade conhece aquele que ao menos a conhece; se falsa, não deveria comover os mais constantes. Mas vejamos o que diz Zenão: tal visão pode ser compreendida e percebida, a qual não tivesse sinais comuns com o falso. Isto te comoveu, ó homem platônico, para que com todas as forças afastasses os estudiosos da esperança de aprender, para que abandonassem todo o ofício de filosofar, auxiliados por um certo torpor da mente que até geme?

Mas como isso não o perturbaria, se nem mesmo algo assim pode ser encontrado e, a menos que seja assim, não pode ser percebido? Se isso é assim, deveria antes ser dito que a sabedoria não pode cair sobre o homem, do que o sábio não saber por que vive, não saber de que modo vive, não saber se vive, e finalmente — o que nada mais perverso, mais delirante e insano pode ser dito — ao mesmo tempo ser sábio e ignorar a sabedoria. Pois o que é mais duro: o homem não poder ser sábio, ou o sábio não saber a sabedoria? Nada há a disputar sobre isso, se a própria coisa não está suficientemente posta para ser julgada. Mas talvez, se isso fosse dito, os homens seriam completamente afastados da filosofia; agora, porém, devem ser atraídos pelo nome doce e santíssimo da sabedoria, para que, quando, após gastar a idade, nada tiverem aprendido, depois te persigam com as mais altas execrações, a quem,

deixando ao menos os prazeres do corpo, seguiram para os tormentos da alma.

Mas vejamos, por quem mais seriam afastados da filosofia, por aquele que disse: ouve, amigo, filosofia não é a própria sabedoria, mas chama-se estudo da sabedoria; à qual, se te dedicares, não serás, de fato, enquanto aqui viveres, sábio — pois a sabedoria está junto de Deus e não pode chegar ao homem — mas, quando te exercitares e purificares suficientemente com tal estudo, teu espírito, após esta vida, isto é, quando deixares de ser homem, facilmente desfrutará dela, ou por aquele que disse: vinde, mortais, à filosofia! Grande é este fruto; pois o que é mais precioso para o homem do que a sabedoria? Vinde, portanto, para que sejais sábios e não conheçais a sabedoria! 'Não', diz ele, 'por mim assim será dito'. Isto é enganar; pois nada mais se encontrará em ti. Assim acontece que, se disseres isso, fujam como de um louco, se de outro modo os levores a isso, os tornas loucos. Mas creiamos que, por causa de ambas as sentenças, igualmente os homens não querem filosofar. Se algo pernicioso da filosofia a definição de Zenão obrigava a dizer, ó homem, isso deveria ser dito ao homem, de onde se doesse, ou aquilo, de onde te ridicularizasse?

Contudo, o que Zenão definiu, tanto quanto nós, tolos, podemos, discutamos. Ele diz que aquela impressão pode ser compreendida, que assim aparecesse, que uma falsa não pudesse aparecer. É manifesto que nada mais vem à percepção. Isso também eu, diz Arcesilas, vejo e com isso mesmo ensino que nada é percebido. Pois tal coisa não pode ser encontrada. Talvez por ti e por outros tolos; mas por um sábio por que não pode? Embora eu julgue que nem mesmo ao tolo possa ser respondido, se ele te disser, para que com aquele teu memorável agudeza refutes esta mesma definição de Zenão e mostres que ela também pode ser falsa; o que se não puderes, tens esta mesma que percebes. Mas se a refutares, não tens de onde sejas impedido de perceber. Eu não vejo que ela possa ser refutada e julgo-a completamente verdadeira. Assim,

quando a conheço, ainda que seja tolo, conheço algo. Mas suponhamos que ela ceda às tuas sutilezas. Usarei um raciocínio muito seguro: pois ou é verdadeira ou falsa. Se verdadeira, bem a retenho; se falsa, algo pode ser percebido, ainda que tenha sinais comuns com o falso. Donde, diz ele, pode? Portanto, Zenão definiu muito verdadeiramente e ninguém que mesmo nisto concordou, errou. Ou julgaremos de pequeno louvor e sinceridade a definição, que contra aqueles que estavam prestes a dizer muitas coisas adversas à percepção, ao designar qual era aquilo que podia ser percebido, mostrou-se ela mesma tal? Assim, às coisas compreensíveis, tanto a definição é como exemplo. Se, diz, ela mesma é verdadeira, não sei; mas porque é provável, por isso, seguindo-a, mostro que nada é tal, qual ela expressou que podia ser compreendido. Mostras talvez além dela mesma e vês, como julgo, o que se segue. Mas se também dela estamos incertos, nem assim nos abandona o conhecimento. Pois sabemos ou que é verdadeira ou falsa; não sabemos, portanto, nada. Embora nunca conseguirá que eu seja ingrato, eu julgo aquela definição completamente verdadeira. Pois ou podem ser percebidas coisas falsas, o que os Acadêmicos temem veementemente e é de fato absurdo, ou nem aquelas podem, que são muito semelhantes às falsas; donde aquela definição é verdadeira. Mas já vejamos o restante.

Embora estas coisas, se não me engano, possam ser suficientes para a vitória, talvez não sejam, contudo, para a saciedade da vitória. Duas são as coisas que são ditas pelos Acadêmicos, contra as quais, para que possamos prevalecer, decidimos enfrentar: nada poder ser percebido e a nenhuma coisa se dever assentir. Sobre o assentir falaremos logo; agora diremos algumas outras coisas sobre a percepção. Nada absolutamente dizeis poder ser compreendido? Aqui despertou Carneades — pois ninguém desses dormiu menos profundamente do que ele — e olhou em torno para a evidência das coisas. E assim creio que, falando consigo mesmo, como acontece, disse: Então, ó Carneades, dirás que não sabes se és homem ou formiga? Ou triunfará sobre ti Crisipo? Digamos que

não sabemos aquelas coisas que são investigadas entre os filósofos, e que o resto não nos pertence, de modo que, se eu tropeçar na luz cotidiana e vulgar, seja levado àquelas trevas dos ignorantes, onde só certos olhos divinos veem, os quais, ainda que me tenham visto vacilante e caindo, não possam me entregar aos cegos, especialmente aos arrogantes e que se envergonham de ser ensinados. Certamente, ó indústria grega, avanças elegante, sucinta e preparada, mas não olhas para aquela definição, que foi tanto inventada pelo filósofo quanto fixada e fundamentada no vestibulo da filosofia. A qual, se tentares cortar, o machado voltará para as pernas; pois, se ela for abalada, não só algo pode ser percebido, mas também aquilo que é muito semelhante ao falso, se não ousares derrubá-la. Pois é o teu esconderijo, de onde irrompes veemente e ágil sobre os incautos que desejam passar; algum Hércules te sufocará na tua caverna como a um semihomem e te oprimirá com a mesma massa, ensinando que há algo na filosofia que, por ser semelhante ao falso, não pode ser tornado incerto por ti. Certamente eu me apressava para outras coisas; quem quer que pressione isto, a ti mesmo, Carneades, inflige grande afronta, pois pensa que podes ser superado por mim em qualquer lugar ou de qualquer maneira, mesmo morto. Se, porém, não pensa assim, é imisericordioso, aquele que me obriga a abandonar por toda parte as defesas e a lutar contigo em campo aberto; no qual, quando comecei a descer, aterrorizado apenas pelo teu nome, recuei o pé e, de um lugar superior, lancei não sei o quê, que se chegou até ti ou o que fez, vejam aqueles sob cujo exame lutamos. Mas por que temo, insensato? Se bem me lembro, estás morto e já não luta pelo teu sepulcro com direito Alípio; facilmente Deus me ajudará contra a tua sombra.

Nada dizes poder ser percebido na filosofia e, para difundir amplamente o teu discurso, agarra-te a brigas e dissensões dos filósofos e julgas que elas te fornecem armas contra eles. Pois como decidiremos a contenda entre Demócrito e os físicos anteriores sobre um mundo e

inumeráveis, se nem mesmo entre ele e o seu herdeiro Epicuro pôde permanecer a concórdia? Pois este luxurioso, ao permitir que os átomos, como suas servinhas, isto é, corpúsculos, que ele alegremente abraça nas trevas, não mantenham o seu caminho, mas espontaneamente se desviem por toda parte para limites alheios, dissipou toda a herança até mesmo por meio de rixas. Isto, porém, nada me diz respeito. Pois se pertence à sabedoria saber algo destes, isso não pode estar oculto ao sábio. Mas se é algo diferente, o sábio conhece aquela sabedoria e despreza estas coisas. No entanto, eu, que ainda estou longe, nem mesmo da proximidade do sábio, nestas coisas físicas sei algo. Tenho por certo que ou há um mundo ou não há um; e se não há um, ou são de número finito ou infinito. Carnéades julgará essa opinião semelhante à falsa. Igualmente sei que este nosso mundo ou pela natureza dos corpos ou por alguma providência está assim disposto, e que ele ou sempre foi e será, ou começou a ser e de modo algum deixará de ser, ou não teve origem no tempo, mas terá um fim, ou também começou a existir e não permanecerá perpetuamente, e inumeráveis coisas físicas conheço deste modo. Pois estas disjunções são verdadeiras e ninguém pode confundilas com alguma semelhança do falso. Mas assume algo, diz o Acadêmico. Não quero; pois isto é dizer: deixa o que sabes. Diz o que não sabes. Mas a opinião está pendente. Certamente pende melhor do que cai; sem dúvida está completa; sem dúvida já pode ser chamada ou falsa ou verdadeira. Digo que sei isto. Tu, que nem negas que estas coisas pertencem à filosofia e afirmas que nada delas pode ser conhecido, mostra que eu não sei estas coisas; diz que estas disjunções ou são falsas ou têm algo em comum com o falso, pelo qual não possam de modo algum ser discernidas.

De onde, disse ele, sabes que existe esse mundo, se os sentidos te enganam? Nunca vossas razões puderam refutar de tal modo a força dos sentidos, que nos convencêsseis de que nada nos parece, nem jamais ousastes tentar essas coisas, mas aplicastes-vos intensamente a

persuadir-nos de que pode ser diferente do que parece. Eu, portanto, chamo mundo a este todo, seja qual for, que nos contém e alimenta, isto, digo, que aparece aos meus olhos e é sentido por mim como tendo terra e céu ou como que terra e como que céu. Se dizes que nada me parece, nunca errarei. Pois erra aquele que aprova precipitadamente o que lhe parece. Dizeis, com efeito, que o falso pode parecer aos que sentem, não dizeis que nada parece. Certamente, toda causa de discussão será removida, onde vos apraz reinar, se não somente nada sabemos, mas também nada nos parece. Se, porém, negas que isto, que me parece, seja o mundo, fazes controvérsia sobre o nome, uma vez que eu disse que chamo mundo a isso.

E então, dirás, se estás dormindo, este mundo que vês é real? Já foi dito: tudo que me parece dessa natureza, chamo de mundo. Mas se te agrada chamar de mundo somente aquilo que é visto pelos que estão acordados ou mesmo pelos sãos, defende, se podes, que aqueles que dormem e deliram não estão no mundo a delirar e dormir. Por isso digo: toda essa massa e maquinaria dos corpos, na qual estamos, quer dormindo, quer delirando, quer acordados, quer sãos, ou é uma ou não é uma. Explica, discorre sobre como essa afirmação pode ser falsa. Pois se estou dormindo, pode acontecer que eu não tenha dito nada; ou se até mesmo palavras escaparam da boca de quem dorme, como costuma acontecer, pode ser que eu não tenha dito isso aqui, não sentado assim, não para estes ouvintes; mas que isto seja falso, não pode. Nem digo que percebi aquilo, que estou acordado. Pois podes dizer que isso também pode ter me parecido assim enquanto dormia, e por isso pode ser muito semelhante ao falso. Mas se um e seis são mundos, que haja sete mundos, seja qual for o meu estado, é manifesto, e que eu sei isso, afirmo sem impudência. Portanto, ensina que ou esta conexão ou aquelas disjunções anteriores podem ser falsas por causa do sono, ou do delírio, ou da vaidade dos sentidos, e eu, se ao despertar me lembrar disso, concederei que fui vencido. Creio que já é suficientemente claro

que aquelas coisas que parecem falsas através do sonho e da demência são, evidentemente, as que pertencem aos sentidos do corpo; pois que três vezes três são nove e que o quadrado dos números inteligíveis é necessário, deve ser verdade mesmo que o gênero humano esteja roncando. Embora também veja que muito pode ser dito em favor dos próprios sentidos, o que não encontramos repreendido pelos Acadêmicos. Creio, pois, que os sentidos não devem ser acusados, nem porque os que deliram sofrem imaginações falsas, nem porque vemos coisas falsas nos sonhos. Pois se relataram o verdadeiro aos que estão acordados e são, nada importa para eles o que a mente de quem dorme ou enlouquece invente para si mesma.

Resta, pois, que se investigue se, quando eles mesmos relatam o verdadeiro, o relatam de fato. Vamos, se algum epicurista disser: 'Não tenho do que me queixar dos sentidos; pois é injusto exigir deles mais do que podem; mas tudo o que os olhos podem ver, veem verdadeiramente', será então verdadeiro o que veem quanto ao remo na água? Absolutamente verdadeiro. Pois, havendo uma causa pela qual assim parecesse, se o remo, submerso pela onda, aparecesse reto, mais acusaria meus olhos de um falso relato. Pois não veriam o que, existindo tais causas, deveria ser visto. Para que preciso de muitas palavras? Isto pode ser dito sobre o movimento das torres, sobre as penas das aves, sobre outras coisas inumeráveis. 'Contudo, sou enganado, se der meu assentimento', diz alguém. Não dê mais assentimento do que o necessário para te persuadires de que assim te aparece, e não há nenhum engano. Pois não vejo como o Acadêmico refute aquele que diz: sei que isto me parece branco, sei que este som me deleita, sei que isto me cheira agradavelmente, sei que isto me sabe docemente, sei que isto me é frio. Dize antes se, por si mesmas, são amargas as folhas da oliveira brava, que o bode tão persistentemente apetece. Ó homem ímpio! Não é o próprio bode mais moderado? Não sei como são para o gado, para mim, porém, são amargas. Que mais procuras? Mas talvez haja também algum

homem para quem não sejam amargas. Insistes em me importunar? Porventura disse eu que são amargas para todos? Disse para mim, e nem sempre afirmo isto. E se, por uma causa ou outra, agora se sinta algo doce na boca, agora amargo? Isto digo: que o homem, quando prova algo, pode de boa fé jurar que sabe que aquilo é suave ao seu paladar, ou o contrário, e nenhuma calúnia grega pode desviá-lo desse conhecimento. Pois quem seria tão impudente que, enquanto lambisco algo com deleite, me dissesse: talvez não estejas provando, mas isto é um sonho? Porventura resisto? Mas ainda assim aquilo me deleitaria também no sonho. Portanto, aquilo que disse saber, nenhuma semelhança de coisas falsas confunde. E os epicuristas ou os círenaios e talvez muitos outros argumentem em favor dos sentidos, contra os quais nada ouvi ter sido dito pelos Acadêmicos. Mas que me importa? Se querem essas coisas e se podem, mesmo com o meu favor, que as refutem. Pois tudo o que por eles é disputado contra os sentidos, não vale contra todos os filósofos. Pois há os que confessam que todas essas coisas, que a alma recebe pelo sentido do corpo, podem gerar opinião, mas negam que gerem ciência, a qual, contudo, querem que esteja contida na inteligência e viva na mente, afastada dos sentidos. E talvez naquele número esteja o sábio que buscamos. Mas sobre isto, em outra ocasião. Agora, passemos ao restante, o qual, por causa destas coisas já ditas, explicaremos brevemente, se não me engano.

Pois o que ajuda ou atrapalha os sentidos do corpo a quem investiga os costumes? A menos que, de fato, aqueles mesmos que colocaram o sumo bem verdadeiro do homem no prazer, nada os impede – nem o pescoço da pomba, nem a voz incerta, nem o peso grave para o homem, que é leve para os camelos, nem outras seiscentas coisas – para que digam que sabem que se deleitam com aquilo que os deleita, ou que se ofendem com aquilo que os ofende, o que não vejo como poder ser refutado. Irão comover aquele que abraça com a mente o fim do bem? Qual destas coisas tu escolhes? Se perguntas o que me parece, julgo que

o sumo bem do homem está na mente. Mas agora investigamos sobre o conhecimento. Portanto, interroga o sábio, que não pode ignorar a sabedoria; a mim, porém, lento e tolo que sou, é permitido por enquanto saber que o fim do bem humano, no qual habita a vida feliz, ou não existe, ou está na alma, ou no corpo, ou em ambos. Convince-me, se podes, a ignorar isto, o que vossas tão conhecidas razões de modo algum conseguem. E se não podes – pois não encontrarás algo que se assemelhe ao falso – eu hesitarei em concluir que me parece correto saber que o sábio conhece tudo o que é verdadeiro na filosofia, uma vez que eu mesmo dali conheci tantas verdades?

Mas talvez tema, não escolha o sumo bem dormindo. Nenhum perigo há; quando despertar, rejeitará, se desagradar, reterá, se agradar. Pois quem o repreenderá com razão, por ter visto o falso em sonhos? Ou talvez receies isto, não perca dormindo a sabedoria, se aprovou o falso como verdadeiro? Isto já nem dormindo ousa sonhar, que chame sábio o que está acordado, negue, se dorme. Estas coisas também podem ser ditas sobre a loucura; mas a discussão se apressa para outros assuntos. Contudo, não deixo estas coisas sem conclusão, que é a mais segura. Pois ou se perde com a loucura a sabedoria e já não será sábio aquele que, dizeis, ignora a verdade, ou permanece sua ciência no intelecto, ainda que a parte restante da alma imagine, como em sonhos, aquilo que recebeu dos sentidos.

Resta a dialética, a qual certamente o sábio conhece bem, e ninguém pode saber o falso. Se, porém, a ignora, o conhecimento dela não pertence à sua sabedoria, sem a qual pôde ser sábio, e supérfluamente investigamos se é verdadeira ou se pode ser percebida. Aqui talvez alguém me diga: 'Costumas revelar, ó tolo, o que conheces; acaso nada pudeste saber sobre a dialética?' Eu, na verdade, sei mais dela do que de qualquer parte da filosofia. Pois, primeiro, aquelas todas as proposições, das quais me utilizei acima, que são verdadeiras, esta me ensinou. Depois, por meio dela conheci muitas outras verdades. Mas quantas são,

contai, se podeis: se há quatro elementos no mundo, não são cinco; se o sol é um, não são dois; não pode uma alma ao mesmo tempo morrer e ser imortal; não pode o homem ser simultaneamente feliz e miserável; não é verdade que aqui tanto o sol brilha quanto é noite; ou estamos agora acordados ou dormimos; ou é um corpo, o que me parece ver, ou não é um corpo. Estas e muitas outras, que enumerar seria demasiado longo, por meio dela aprendi que são verdadeiras, seja qual for a condição dos nossos sentidos, verdadeiras em si mesmas. Ensinou-me que, se de qualquer uma daquelas coisas, que propus por conexão, a parte antecedente for assumida, necessariamente se segue aquilo que está anexado; e que aquelas, porém, que por mim foram enunciadas por repugnância ou disjunção, têm esta natureza: que, quando as demais são removidas, sejam uma ou várias, resta algo que se confirma pela sua remoção. Ensinou-me também que, quando há acordo sobre a coisa, por causa da qual as palavras são ditas, não se deve contender sobre as palavras, e quem quer que faça isso, se por ignorância, deve ser ensinado; se por malícia, deve ser abandonado; se não pode ser ensinado, deve ser advertido a fazer antes outra coisa, do que consumir tempo e esforço em coisas supérfluas; se não obedece, deve ser negligenciado. Sobre os raciocínios capciosos e falaciosos, há um breve preceito: se são inferidos por uma concessão má, deve-se retornar àquilo que foi concedido; se o verdadeiro e o falso conflitam numa mesma conclusão, deve-se aceitar dali o que é entendido, e o que não pode ser explicado deve ser deixado de lado; se, porém, o modo em algumas coisas está profundamente oculto ao homem, não se deve buscar o conhecimento disso. Isto, de fato, tenho da dialética e muitas outras coisas, que não é necessário mencionar; pois não devo mostrar-me ingrato. Porém, aquele sábio ou negligencia estas coisas ou, se a dialética perfeita é ela mesma o conhecimento da verdade, assim a conhece, que com o desprezo e não com a miserável compaixão mata de fome essa mendicíssima calúnia: se é verdadeiro, é falso; se é falso, é verdadeiro.

Creio que isto seja suficiente sobre a percepção, porque, quando começar a falar sobre o assentir, toda a causa ali novamente se debaterá.

Cheguemos, pois, àquela parte em que Alípio parece ainda duvidar, e primeiro examinemos qual seja a sua natureza. É isso que te move com grande agudeza e cautela. Pois se a opinião dos Acadêmicos — fortalecida por tantas e tão grandes razões, como disseste —, pela qual lhes agradava que o sábio nada soubesse, é abalada por esta tua descoberta, que nos obriga a confessar ser muito mais provável que o sábio conheça a sabedoria, então a assentimento deve ser mais contido. Por isso mesmo mostra-se que nada, por mais copiosos e sutis que sejam os argumentos, pode ser persuadido àquele a quem, se houver talento, não se resista com igual ou talvez maior acume pela parte contrária. Daí resulta que, embora o Acadêmico tenha sido vencido, tenha vencido. Oh, se ao menos fosse vencido! Nunca logrará, por qualquer arte grega, que ao mesmo tempo parta vencido e vencedor. Certamente não se encontre outra coisa que possa ser dita contra isso, e espontaneamente confesso-me vencido. Pois não tratamos de adquirir glória, mas de encontrar a verdade. Para mim basta, de qualquer modo, transpor essa massa que se opõe aos que entram na filosofia e, cobrindo as trevas com uns certos receptáculos, ameaça que toda a filosofia seja tal e não permite esperar que nela se encontre alguma luz. Mas nada mais desejo, se já é provável que o sábio saiba alguma coisa. Pois não parecia haver outra causa para ser verossímil que ele devesse conter o assentimento, senão porque era verossímil que nada pudesse ser compreendido. Uma vez removido isso — pois o sábio percebe ou a própria sabedoria, como já se concede —, não restará mais nenhuma razão para que o sábio não assinta à própria sabedoria. Pois é sem dúvida mais monstruoso que o sábio não aprove a sabedoria do que que o sábio ignore a sabedoria.

Pois, peço-vos, coloquemos por um momento, como diante dos olhos, tal espetáculo, se pudermos: uma certa contenda entre o sábio e a sabedoria. Que outra coisa diz a sabedoria, senão que ela é a sabedoria?

Mas, ao contrário, aquele diz: "Não creio", afirma. Quem diz à sabedoria: "Não creio que sejas a sabedoria"? Quem, senão aquele com quem ela pôde falar e em quem dignou-se habitar, a saber, o sábio? Ide agora e procurai-me, a mim, que lute com os Acadêmicos; tendes já um novo combate: o sábio e a sabedoria lutam entre si. O sábio não quer consentir com a sabedoria. Eu, convosco, aguardo tranquilo. Pois quem não creeria que a sabedoria é invencível? Contudo, munamo-nos com algum raciocínio completo. Pois, ou neste combate o Acadêmico vencerá a sabedoria e será vencido por mim, porque não será sábio, ou será superado por ela e ensinaremos que o sábio consente com a sabedoria. Portanto, ou o sábio não é Acadêmico, ou o sábio assentirá a alguma coisa, a menos que, porventura, a quem envergonhou dizer que o sábio ignora a sabedoria, não envergonhe dizer que o sábio não consente com a sabedoria. Mas se já é verossímil que caia ao sábio a percepção da própria sabedoria e não há nenhuma razão para que ele não assinta àquilo que pode ser percebido, vejo o que eu queria que fosse verossímil, a saber, que o sábio assentirá à sabedoria. Se perguntares onde ele encontra a própria sabedoria, responderei: em si mesmo. Se dizes que ele ignora o que possui, voltas àquele absurdo: o sábio ignora a sabedoria. Se negas que o próprio sábio possa ser encontrado, não mais com os Acadêmicos, mas contigo, quem quer que sintas isto, discutiremos em outro discurso. Pois eles, quando disputam estas coisas, disputam certamente sobre o sábio. Clama Cícero que ele mesmo é um grande opinador, mas que busca o sábio. O que se ainda vós, jovens, ignorais, certamente lestes no Hortênsio: "Se, portanto, nada é certo nem opinar é próprio do sábio, nunca o sábio aprovará coisa alguma". Donde é manifesto que eles, em suas disputas, contra as quais nos esforçamos, buscam o sábio.

Portanto, considero que para o sábio a sabedoria é certa, isto é, que o sábio percebeu a sabedoria e, por isso, ele não opina, quando dá seu assentimento à sabedoria; pois ele dá seu assentimento àquela coisa que,

se não a tivesse percebido, não seria sábio. E esses mesmos afirmam que ninguém deve dar seu assentimento senão às coisas que não podem ser percebidas; mas a sabedoria não é nada: portanto, visto que ele tanto conhece a sabedoria quanto dá seu assentimento a ela, ele não conhece o nada nem dá seu assentimento a coisa alguma como sábio. O que mais desejais? Ou será que investigamos algo sobre aquele erro que dizem ser completamente evitado, se o assentimento não inclinar a mente para coisa alguma? Pois erra, dizem eles, quem aprova não apenas uma coisa falsa, mas também uma coisa duvidosa, ainda que seja verdadeira. Mas não encontro nada que não seja duvidoso. No entanto, o sábio encontra a própria sabedoria, como dizíamos.

Mas talvez já queiram que eu me afaste daqui. Não é fácil abandonar as posições mais seguras; estamos lidando com homens astutíssimos; contudo, vosso desejo será atendido. Mas o que direi aqui? O quê? O que, afinal? Sem dúvida, devo proferir aquela antiga máxima, onde eles mesmos têm algo a dizer. Pois que farei, a quem expulsais de minhas próprias trincheiras? Acaso invocarei o auxílio dos doutos, com os quais, se não consigo vencer, talvez me envergonhe menos ser vencido? Lançarei, pois, com as forças que posso, uma arma já enfumaçada e gasta, mas, se não me engano, robustíssima: quem nada aprova, nada faz. Ó homem rústico! E onde está o provável? Onde está o verossímil? Isto é o que desejáveis. Ouvis como soam os escudos gregos? Foi interceptado o que era realmente robustíssimo, mas com que mão o arremessamos! E nada mais poderoso me sugerem estes meus, nem, pelo que vejo, causamos qualquer ferida. Voltarei-me para aquilo que a casa de campo e o campo proporcionam; sobrecarregam-me antes com coisas maiores do que me preparam.

Pois, tendo refletido longamente em ócio nesta propriedade rural, sobre como esse provável ou verossímil poderia defender nossos atos do erro, primeiro me pareceu, como costuma parecer, quando vendia essas ideias, um belo abrigo e fortificado; depois, quando examinei tudo com

mais cautela, pareceu-me ter visto uma única entrada, por onde o erro irromperia sobre os incautos. Pois não só penso que erra aquele que segue um caminho falso, mas também aquele que não segue o verdadeiro. Fazemos, pois, dois viajantes que se dirigem a um mesmo lugar, dos quais um decidiu não acreditar em ninguém, o outro é demasiado crédulo. Chegaram a uma bifurcação. Aqui, o crédulo pergunta a um pastor que ali estava, ou a qualquer camponês: "Salve, homem probo! Dize, por favor, por onde se vai bem para aquele lugar." Responde-se: "Se fores por aqui, nada errarás." E ele ao companheiro: "Ele diz a verdade, vamos por aqui." Ri-se o homem cauteloso e, com fina ironia, zomba de um assentimento tão rápido e, entretanto, enquanto aquele se afasta, fica parado na bifurcação. E já começa a parecer vergonhoso ficar parado, quando eis que do outro lado do caminho surge um homem elegante e urbano, montado a cavalo, e começa a aproximar-se. Este se congratula, então, dirigindo-se ao recém-chegado e saudando-o, expõe seu propósito, pergunta o caminho, diz também a razão de sua demora, para torná-lo mais benévolo, preferindo-o ao pastor. Aquele, porém, por acaso, era um daqueles que o povo já chama de samardocos. Manteve seu costume, o homem perverso, mesmo sem motivo. "Segue por aqui", diz; "pois eu venho de lá." Enganou-o e partiu. Mas quando seria este enganado? Pois não aprovo essa indicação como verdadeira, diz ele, mas porque é muito verossímil, e aqui estar ocioso não é nem honesto nem útil; vou por aqui. Entretanto, aquele que, assentindo, errou tão rapidamente, julgando verdadeiras as palavras do pastor, já se refazia naquele lugar para onde se dirigiam; este, porém, que não erra, se é que segue o provável, percorreu não sei quais bosques e já não sabe qual é aquele lugar conhecido, a que pretendia chegar. Encontrou-o. Em verdade vos digo, quando refletia sobre essas coisas, não pude conter o riso, que pelas palavras dos Acadêmicos acontece de algum modo que erre aquele que, por acaso, segue o caminho verdadeiro, enquanto aquele que, conduzido de modo provável por montes desviados, não encontra a região

procurada, não parece errar. Pois, para condenar justamente a concordância temerária, mais facilmente ambos erram do que este não erra. Daí, já mais vigilante contra essas palavras, comecei a considerar os próprios feitos e costumes dos homens. Então, de fato, tantas e tão graves coisas me vieram à mente contra esses, que já não ria, mas em parte me indignava, em parte me doía que homens doutíssimos e agudíssimos tivessem caído em tão grandes crimes de opiniões e flagícios.

Certamente, pois, talvez nem todo aquele que erra, peca. Contudo, todo aquele que peca, ou se admite que erra, ou algo pior. E se, então, algum dos jovens, ao ouvi-los dizer: 'É vergonhoso errar e, por isso, não devemos dar assentimento a nada; mas, no entanto, quando alguém age conforme lhe parece provável, nem deixa de agir nem erra, lembre-se apenas disto: qualquer coisa que surja, seja na mente, seja nos sentidos, não deve ser aprovada como verdadeira' — ouvindo isso, o jovem armará ciladas à castidade da esposa alheia? A ti, a ti consulto, Marco Túlio; tratamos dos costumes e da vida dos jovens, para cuja educação e formação todas aquelas tuas letras velaram. O que mais dirás, senão que não te parece provável que o jovem faça isso? Mas a ele parece provável. Pois se vivemos conforme o provável alheio, nem tu deverias ter administrado a república, porque a Epicuro pareceu que não se devia fazer. Adulterará, portanto, aquele jovem a esposa alheia; se for surpreendido, onde te encontrará, para que por ti seja defendido? Embora, mesmo que te encontre, o que dirás? Certamente negarás. E se for tão claro, que em vão negarás? Queres persuadir, sem dúvida, como no ginásio de Cumas ou mesmo no de Nápoles, que ele não pecou em nada, ou até mesmo que nem sequer errou. Pois não se persuadiu como verdade que não se deve cometer adultério; surgiu-lhe o provável, seguiu-o. Fez; ou talvez não fez, mas pareceu-lhe ter feito. Aquele marido, porém, homem insensato, perturba tudo com litígios, clamando pela castidade da esposa, com a qual talvez agora dorme e não sabe. Se

os juízes entenderem isso, ou negligenciarão os Acadêmicos e punirão como crime veríssimo, ou, obedecendo aos mesmos, condenarão o homem de modo verossímil e provável, de forma que já não se saiba absolutamente o que aquele patrono faça. Pois não terá contra quem se irar, já que todos dizem que não erraram em nada, quando, não assentindo, fizeram o que lhes pareceu provável. Portanto, deixará de lado a persona de patrono e assumirá a de filósofo consolador; assim persuadirá facilmente ao jovem, que já tanto progrediu na Academia, que pense ter sido condenado como que em sonhos. Mas vós julgais que eu brinco. É manifesto jurar por tudo o que é divino que absolutamente não sei como aquele pecou, se todo aquele que faz o que lhe parece provável não peca, a menos que talvez digam que errar é uma coisa totalmente diversa, e pecar outra, e que eles agiram conforme aqueles preceitos para não errarmos, mas julgaram que pecar não é nada de grande.

Caleio sobre homicídios, parricídios, sacrilégios e todos os crimes e infâmias que podem ser cometidos ou imaginados, os quais com poucas palavras e, o que é mais grave, perante juízes sapientíssimos são defendidos: nada consenti e por isso não errei; como, de que modo, porém, não faria o que me pareceu provável? Aqueles, porém, que não julgam que tais coisas possam ser persuadidas de modo provável, leiam a oração de Catilina, pela qual ele persuadiu o parricídio da pátria, no qual se contém todos os crimes. Agora, quem não ri disso? Eles mesmos dizem que nada seguem em seu agir senão o provável e buscam grandemente a verdade, embora lhes seja provável que ela não possa ser encontrada. Ó monstruosidade admirável! Mas deixemos isto de lado; menos isso nos diz respeito, menos ao risco de nossa vida, menos ao perigo de nossas fortunas. Aquilo é capital, aquilo é temível, aquilo é de se temer por todo homem bom: que todo crime, se esta razão do provável prevalecer — quando a alguém parecer provável que deve ser feito, contanto que ninguém dê assentimento como a algo verdadeiro —,

seja cometido não somente sem a censura do crime, mas também sem a do erro. Que fazer, então? Acaso eles não viram estas coisas? Ao contrário, com muita astúcia e prudência as viram, e de modo algum me arrogarei tanto, a ponto de seguir Marco Túlio em alguma parte por diligência, vigilância, engenho e doutrina; a ele, porém, que afirma que o homem nada pode saber, se apenas isto lhe fosse dito: 'Sei que assim me parece', de onde o refutaria não teria.

O que, portanto, agradou a tão grandes homens, com contendas perpétuas e pertinazes, agir, para que sobre ninguém parecesse cair o conhecimento da verdade? Ouçam agora um pouco mais atentamente, não o que eu saiba, mas o que eu pense; pois isto eu reservava para o fim, para explicar, se pudesse, qual me parece ser todo o propósito dos Acadêmicos. Platão, homem sapientíssimo e eruditíssimo de seu tempo, que falou de tal modo que tudo o que dissesse se tornava grande, e falou tais coisas que, de qualquer modo que as dissesse, não se tornavam pequenas, diz-se que, após a morte de seu mestre Sócrates, a quem singularmente amara, também aprendeu muitas coisas dos Pitagóricos. Pitágoras, porém, não contente com a filosofia grega, que então ou era quase nenhuma ou certamente ocultíssima, depois que, comovido pelas disputas de certo Ferécides da Síria, acreditou que a alma é imortal, ouvira muitos sábios, tendo peregrinado longe e largamente. Portanto, Platão, acrescentando à graça e sutileza socrática, que ele teve nos assuntos morais, a perícia das coisas naturais e divinas, que diligentemente recebera daqueles que mencionei, e subjugando, por assim dizer, como formatrix daquelas partes e juíza, a dialética, a qual ou era a própria sabedoria ou sem a qual a sabedoria de modo algum poderia existir, diz-se que compôs a disciplina perfeita da filosofia, sobre a qual agora discorrer não é tempo. Basta, pois, para o que quero, que Platão tenha sentido que há dois mundos: um inteligível, no qual a própria verdade habitasse, e este, porém, sensível, que é manifesto sentirmos pela visão e pelo tato; e assim aquele, verdadeiro; este,

semelhante à verdade e feito à imagem daquele, e por isso daquele, na alma que se conhecesse, como que se polir e quase se serenar a verdade; deste, porém, nas almas dos insensatos, não poder gerar-se ciência, mas opinião: tudo, porém, o que se fizesse neste mundo por meio daquelas virtudes, que ele chamava cívicas, semelhantes às outras virtudes verdadeiras, as quais, a não ser a poucos sábios, seriam desconhecidas, não poder senão ser chamado semelhante ao verdadeiro.

Estas e outras coisas semelhantes me parecem ter sido preservadas entre seus sucessores, tanto quanto puderam, e guardadas como mistérios. Pois nem facilmente essas coisas são percebidas, exceto por aqueles que, purificando-se de todos os vícios, se elevam a um certo hábito mais que humano, nem peca levemente quem quer que, sabendo-as, deseje ensiná-las a quaisquer homens. Assim, Zenão, o príncipe dos Estoicos, quando, após ter ouvido e acreditado em certas doutrinas, veio à escola deixada por Platão, que então Polemão mantinha, suspeito que foi considerado suspeito e não pareceu tal a quem aqueles decretos platônicos, por assim dizer sacrossantos, pudessem facilmente ser confiados para serem revelados, antes que desaprendesse aquilo que, aceito de outros, trouxera para aquela escola. Morre Polemão, sucede-lhe Arcesilau, condiscípulo de Zenão, sim, mas sob o magistério de Polemão; por essa razão, quando Zenão se deleitava com sua própria opinião sobre o mundo e principalmente sobre a alma, por causa da qual a verdadeira filosofia vigia, dizendo que ela é mortal e que nada existe além deste mundo sensível e que nada nele age senão corporalmente — pois também acreditava que o próprio deus era fogo —, parece-me que Arcesilau, com suma prudência e utilidade, quando aquele mal se espalhava amplamente, ocultou profundamente a opinião da Academia e, por assim dizer, enterrou o ouro a ser encontrado algum dia pelos pósteros. Por isso, como a turba é mais propensa a cair em falsas opiniões e por costume dos corpos se crê com muita facilidade, mas nocivamente, que todas as coisas são corpóreas, instituiu o homem

agudíssimo e humaníssimo desensinar antes aqueles que via mal instruídos do que ensinar aqueles que não julgava aptos a aprender. Daí nasceram todas aquelas coisas que são atribuídas à nova Academia, porque os antigos não tinham necessidade delas.

Pois se Zeno alguma vez tivesse despertado e visse que nada pode ser compreendido, exceto como ele mesmo definia, e que tal coisa não pode ser encontrada nos corpos, aos quais ele atribuía tudo, há muito tempo esse tipo de disputa, que ardera com grande necessidade, teria sido extinto. Mas Zeno, enganado por uma aparência de constância, como parecia aos próprios Acadêmicos e também não me parece diferente, foi obstinado, e aquela fé perniciosa nos corpos, de qualquer modo que pôde, sobreviveu até Crisipo, que lhe dava — pois era o mais capaz — grandes forças para se difundir mais amplamente, se não fosse por Carnéades, mais aguçado e vigilante do que os outros anteriores, que resistiu de tal modo que me admiro de que aquela opinião ainda tenha tido algum valor depois disso. Pois Carnéades primeiro abandonou aquela impudência de caluniar, pela qual via Arcesilau não pouco infamado, para não parecer que queria falar contra tudo por causa de ostentação, mas propôs especificamente aos próprios estoicos e a Crisipo serem abalados e derrubados.

Em seguida, quando era pressionado por todos os lados, que se não assentisse a nada, o sábio nada faria — ó homem admirável e, na verdade, não admirável! pois fluía das próprias fontes de Platão — atentou sabiamente a quais ações eles aprovavam, e vendo que eram semelhantes a não sei quais verdades, chamou de verossímil aquilo que, neste mundo, se seguiria para a ação. Pois sabia peritamente e ocultava prudentemente a que coisa era semelhante, e também o chamava de provável. Pois aprova bem a imagem, aquele que contempla seu modelo. Pois como aprova o sábio, ou como segue o semelhante ao verdadeiro, se ignora o que seja a própria verdade? Portanto, eles conheciam e aprovavam as falsidades, nas quais percebiam uma imitação louvável

das coisas verdadeiras. Mas porque não era lícito nem fácil mostrar isso aos profanos, deixaram aos pósteros e àqueles a quem naquele tempo puderam, um certo sinal de sua opinião, mas proibiam que aqueles bem dialéticos levantassem questões sobre as palavras, insultando e ridicularizando. Por isso se diz que Carnéades foi também príncipe e autor da terceira Academia.

Em seguida, em nosso Túlio, essa contenda perdurou, já claramente ferida e prestes a soprar, com seu último suspiro, nas letras latinas. Pois nada me parece mais inflado do que dizer tantas coisas, com tanta abundância e ornamento, sem realmente pensar assim. Contudo, por esses ventos, aquele platônico de palha, Antíoco, foi, ao que me parece, suficientemente dissipado e disperso. Pois os rebanhos dos epicuristas estabeleceram estábulos ensolarados nas almas dos povos entregues aos prazeres. Com efeito, Antíoco, discípulo de Filon, homem, quanto posso julgar, muito circunspecto, que já começara a abrir as portas, por assim dizer, aos inimigos que cediam, e a chamar a Academia de volta à autoridade de Platão e às suas leis — embora também Metrodoro tivesse tentado fazê-lo antes, sendo considerado o primeiro a confessar que não agradara diretamente aos acadêmicos que nada pudesse ser compreendido, mas que eles necessariamente haviam tomado armas desse tipo contra os estoicos — portanto, Antíoco, como havia começado a dizer, tendo ouvido Filon, o acadêmico, e Mnesarco, o estoico, infiltrara-se na Academia antiga, como que vazia de defensores e segura, sem inimigo algum, como um auxiliar e cidadão, introduzindo não sei que mal das cinzas dos estoicos, que violaria os santuários de Platão. Mas contra ele, Filon, retomando novamente aquelas armas, resistiu até morrer, e todos os seus remanescentes nosso Túlio suprimiu, não suportando, enquanto vivo, que fosse manchado ou contaminado qualquer coisa que tivesse amado. Assim, após aqueles tempos, não muito depois, com toda a teimosia e pertinácia extintas, aquele rosto de Platão, que na filosofia é puríssimo e lucidíssimo, dissipadas as nuvens

do erro, brilhou sobretudo em Plotino, que, sendo um filósofo platônico, foi considerado tão semelhante a ele que parecia terem vivido ao mesmo tempo, embora haja tanta diferença de tempo que se deve pensar que aquele reviveu neste.

Portanto, hoje quase não vemos filósofos, exceto os Cínicos, os Peripatéticos ou os Platônicos. Os Cínicos, de fato, porque uma certa liberdade e licença da vida os deleita. Quanto à erudição e doutrina, e aos costumes pelos quais a alma é curada, porque não faltaram homens agudíssimos e habilidosos, que ensinavam em suas disputas que Aristóteles e Platão concordavam entre si de tal modo que, aos inexperientes e menos atentos, pareciam discordar — através de muitos séculos e muitas contendas, mas, no entanto, foi depurada, creio eu, uma única disciplina da mais verdadeira filosofia. Pois não é essa a filosofia deste mundo, que nossos escritos sagrados com toda a razão detestam, mas a de outro mundo inteligível. A essa filosofia, as almas, cegadas pelas múltiplas trevas do erro e esquecidas pelas profundas imundícies do corpo, jamais essa razão subtilíssima as teria reconduzido, se o sumo Deus, por uma certa clemência voltada ao povo, não tivesse inclinado e submetido a autoridade do intelecto divino até o próprio corpo humano; excitadas não apenas pelos seus preceitos, mas também pelos seus feitos, as almas puderam retornar a si mesmas e recordar-se da pátria, mesmo sem a contenda das disputas.

Isto sobre os Acadêmicos, por ora, persuadi-me de modo provável, conforme pude. Mas se é falso, nada me importa, pois me basta já não julgar que a verdade não possa ser encontrada pelo homem. Quem quer que, porém, pense que os Acadêmicos assim sentiram, ouça o próprio Cícero. Pois ele diz que eles tiveram o costume de ocultar sua opinião e não costumavam revelá-la a ninguém, exceto àqueles que tivessem vivido com eles até a velhice. Qual seja, porém, essa opinião, Deus o veja; contudo, julgo que foi a de Platão. Mas para que brevemente aceiteis toda a minha proposta, seja como for que se tenha a sabedoria humana,

vejo que ainda não a alcancei. Mas, embora esteja no trigésimo terceiro ano da minha idade, não me julgo dever desesperar de que algum dia a alcancei. Desprezadas, porém, todas as demais coisas que os mortais julgam bens, propus-me servir a esta investigação. E deste trabalho, uma vez que as razões dos Acadêmicos não me detinham levemente, estou, como julgo, suficientemente munido contra elas por esta discussão. A ninguém, porém, é duvidoso que somos impelidos por um duplo peso para aprender: o da autoridade e o da razão. Para mim, portanto, é certo não me afastar de modo algum da autoridade de Cristo; pois não encontro outra mais forte. Mas o que deve ser perseguido pela mais sutil razão — pois já estou de tal modo afetado, que impacientemente desejo apreender o que é verdadeiro não apenas crendo, mas também entendendo — confio que, por ora, entre os Platônicos, encontrarei o que não repugne às nossas coisas sagradas.

Aqui, depois que perceberam que eu havia concluído o discurso, embora já fosse noite e também tivesse sido trazida uma lâmpada para escrever, contudo aqueles jovens aguardavam com a máxima atenção, para ver se Alípio prometeria responder noutro dia. Então ele disse: Estou pronto a afirmar que nunca nada me aconteceu tão conforme ao meu desejo, quanto o fato de que, pela discussão de hoje, me retiro vencido. E não penso que esta minha alegria deva ser apenas minha. Portanto, a compartilharei convosco, meus contendores ou nossos juízes, uma vez que talvez os próprios Acadêmicos também desejassem que, por este pacto, fossem vencidos por seus próprios descendentes. Pois o que poderia parecer ou ser apresentado mais agradável para nós do que esta graça do discurso, mais ponderado do que a gravidade dos pensamentos, mais pronto do que a benevolência, mais hábil do que a doutrina? Absolutamente, de modo algum posso admirar dignamente que coisas tão ásperas tenham sido tratadas com tanta fineza, tão desesperadas com tanta coragem, tão refutadas com tanta moderação, tão obscuras com tanta clareza. Portanto, agora, meus companheiros, convertam a

vossa expectativa, com a qual me provocáveis a responder, numa esperança mais segura comigo para o aprendizado. Temos um guia, que nos conduza aos próprios mistérios da verdade, já que Deus os está mostrando.

Então eu, como eles, com um certo ardor juvenil, mostravam em seus rostos que se sentiam defraudados, pois parecia que Alípio não responderia: "Invejam", disse eu sorrindo, "os meus elogios? Mas, como já estou seguro da constância de Alípio e nada temo dele, para que também vocês me agradeçam, instruo-os contra aquele que frustrou tamanha expectativa de vossa atenção. Leiam os 'Acadêmicos' e, quando lá encontrarem Cícero — pois o que é mais fácil? — vitorioso dessas trivialidades, que ele seja forçado por vocês a defender este nosso discurso contra aquelas invencíveis doutrinas. Esta dura recompensa, Alípio, devolvo-te por meu falso louvor." — Aqui, tendo sorrido, pusemos fim a tão grande conflito — não sei se de modo muito firme — porém com mais modéstia e rapidez do que eu esperava.

Aparato Critico

1. 2 obtinueris HM opti*ueris P 3 uenirejW 5 sententiam (tiam s. l. m2) P G eis HMP ceteris Tm 7 reuertitur a 8 AURELI AUG ACHADEMI CORUM LIBER SECUXDUS EXPLICIT. INCIPIT LIBER TERTIUS P EXPLICIT LIBER SECUNDUS AURELII AUGUSTINI EPISCOPI ACHA- DEMICORUM. LIBER TERTIUS INCIPIT H EXPLICIT L -II- CTRA AUHADETI. INCIPIT LIB III. M EXPLICIT LIB II. AUGUSTINI AU- RELII CONTRA ACHADEMICOS. INCIP *** III T 9 quem deest in T quae P 10 tristior P 11 libere descendere possemus M exorsus sum excidit in T 12 animaduertisse T edd. 15 aborrentia P 17 magno*pero (o ras.) P magnopere HMT 18 philosophi*(a ras.) P 19 *inuenisse (m ras.) P inuenire M 24 ea inuenta (om. ueritate) T asseueret ex asseuerit P
2. 14 cf. Retract. 11,2
3. 1 a nobis nihil esse M 2 qualiter a nobis T 3 studiis (di s. m2) P uiuere (cf. 1 4, 11)] uidere P tu om.M trygeti* (i ras.) P uirgili MT te uirgili Tml 4 uacauit Pm2T uacuit HMPml 8 uendicet Ma 9 miseratio HmlM miserti Migne nos T nostri HJl P (cf. Conf. V 9,16) 12 is Pm] 13 nosme ipsos Pm] 21 tamen om.Jl 22 su+mere (m ras.) P 23 etiam Pm] e*iam Pm. post. est etiam HMT edd. 24 iis m 25 studioso om M
4. 1 u**bera P uerba a sunt necessaria M 3 nostra Pm] 4 nisi priorte (in ras. et in mg. m2) P discernendum T edd. 5 fortunae] uel for- tunaeTedd. -contemptores HMPm2T 6 utinam

- HMml 7 dedalum MP 9 mare egeum T 10 uenerit a 11 euctus T 14 necaessariam Pm]
 necessarium M 15 concupiit T 16 cum (c in ras. m2) P 20 scientia a contemnit a 22 alt. cum]
 quam T qua edd. 24 est] et Pm] perueamur T 25 necessaria P sit necessaria edd. 31 alia ex aba
 corr. Pm2
5. 1 a fortuna Tm 2 non et uitam om.M 4 aperies M 5 sapientiam M am 6 sapienti T sapientia
 HMP 7 quidem M 10 scientiam] sapientiam M 11 eloquutus Pml quoquo] quo P inquam om-
 M deminem Pml homnibus P 13 obicienda (i pr. m2) P praescribitio Pvil 14 fale Pml eius T 15
 inquam mihi edd. 25 inquisitionis Pml 28 mihi inquam edd. facile] facile id Tm 29 potest H
 30 uideris P 31 se om.T dexteram (ram in ras.) P dextram 111
6. 1 eri Pm] 4 compraehecmli Pml 5 inuenta T 6 nur.c] nunc tu T edd. mea cu Tml 7 uidetur add.
 Pm2 in mg. 8 bitiquam om.T 11 inquam T finesq;*ue P finemque H Mm in finemque T 15
 perueniri M firmante M te om T 10 nihil] n. aliud T 17 consequutum Pml constitutum M 19
 nullo P nostrum] uestrum .1/ nostrum esse T 20 inuoluis— quia om.HMP 21 adhuc] hic M 22
 iudicum Pm1 iudicium H, om.M 23 nullo*P 24 dixisti om.T cum ex quum P quaerem Pml 25
 uide**ri (ui m2) P uideri dixisti T cui (i m2) P 28 hoc] iam hoc T edd. tibi quod Mm2 s. I. nam
 mihi uidetur om.HMP 29 sapienti om.M
7. LXIII. August. I pars III. ed. Knoell.
8. 4
9. 2 hanc rem T edd. 3 nam-fortasse add. in mg. Pm2 4 inter anle uideri om.M scire sibi T alt. et
 om.M 5 inuestigatione*(m ras.) P 7 p*randium (a ras.) P 9 unum M 10 promeridianiS
 HMPm2T meridianis Pml post meridianas a horas a 11 redeamus (e alt. ex i) M rediemus
 (iemus in ras. m2) T 12 peruenisse* P 14 redisemus Pml 15 sitienti om.J! helicoo HP helicon
 T, om.M subuenissent HMP 19pr.quoHMP nims Pml delectet edd. 24 amoneo Pml 25
 sc*olam (h ras.) P scolam MT iamhortensius Tm2 in ras. 26 mereretur T 27 nostro a sermone
 illo Tml 28 incederat Pml 29 animi excoluntur M animi ex amici Pm2
10. 29 cf. Uerg. eclog. 3, 105 30 Uerg. eclog. 3, 106 sq.
11. 1 circum Tm Iaberintus T laborinthus M 2 peniteat (a m2) M 5 redissed Pml 8 possunt (t in
 ras. m2) P possint HM edd, 11 hoc-uP 12 obscurius sit edd. putes diutius M 13 manifestum
 om.Mml 14 et quasi-16 alter om.Pml 15 facillae P 16 et om.Pm2 20 quod H 21 pr. sire Pml 22
 putes Tml 24 Tuscum] **cum M 25 inten*tatae P 27 dedam Pm2 in mg. declara Pthl bucolio
 Tml 28 pastoricum Tm2 in mg. pastoritium Pm] pastoricum a 30 dic quibus edd:
12. 2 ginnasiuru (i pr. in y corr.) T 5 inquam] in quantum H 6 nescire add.Tm2 in mg. 7
 sapienscire Pml 8 potest M agere M 12 uidatur Pml 15 tu te m 16 alt. qttam] q. mihia esse]
 esse certo T edd. 17 certe— ista om.M 19 sollicitudine P 21 aiere] affirmare Mm2 24 idem om.
 rn po*test P 26 mihi uideri m 27 inquam igitur P 29 tibi om.M 31 alt. potest om-H quaestio
 inter nos edd.
13. 9 cf. Cic. Acad. II 40. 103
14. 2 aliquit Pml 3 questione M _4 uelemus Pml cauteque om.M uersandum M 6 sientiam Pml 7
 n* in ras. m2P 9 falsa T falli HMPa 10 contendas ex contemuas corr. Tml 11 habeat a 12 ab et
 his incipit cap. V m 15 s*ciri (i ras.) P scire Ma 16 sapientem (om. a) M depraeheensum Pml]
 deprehensum erit T 17 labefaltata Pml labefacta a 19 minu- tumli suspicionem Tm2s.l. 20
 conuictas Mml 21 co*prehendi P 22prehendendam M nihil Tm percipendo Pml pena P 23
 persua* serant (s ras.) P 24 tunc] tunc siue nunc cdd. 25 inducta T 27 assentiendum T 28
 repperiri HPml
15. 2 cf. Uerg. Georg. IV 388 sqq.

16. 2 im T protheo HMPm2T protho Pml animaduertisti M 3 caperetur om.M 4 alicuius modi (modi m2) T nomine Tml quod P quod si HMT edd. nobis om M 5 in ipsis (in del. m2) T 8 quot] quo P quae Ma 9 fensionem Pml 10 non Pm2 s.l. 13 scire HmlP 16 sensione Pml 18 uidere Hml istud edd. ipsis Pml si om.MTml 19 aprobare Pml 20 consolo Pml post negent add. m2 s.l. eis P 22 ueniri Pml 23 utri- usque Pml 25 satis**P probabile non est eda 26 dicere om.M
17. 21 Cic. Lael. 20
18. 2 mihi om. M 6 8.10 protheus codd. 7 intentioneione (carr. m2) P 8 ille om.M 10 indicitur Hml Proteus om.M 14huiusuitae otn-M ITaestimem] est M familiarissonus P 18 uerum T uel HMP 19 relegione P amici**P iudicium H 21 beneuolentia HMT 23 post aut ras. 6 litt. P 24 effundere M offendere Pml 26 resistere uidemur P uideamur resistere T edisseram T 27 ueritate Hml 30 his (s m2) P paulplumM o mihi (om. que) P
19. 21 Cic. Arau. frag. 20 Miiller (p. 60, li Plasberg)
20. 1 hodie inquit HMTedd. 3 quo] quae T quod M 4 aucturum T prope tuam a 6 longissimu (ū s. m2) M 7 captus T 9 alium HP morem ex in orem corr. Pm2 uobis ex uis corr. m2P 10 scolae MPT rethoricae MPmlT . 11 intergando Pml potius ista H 12 quan P docendo T clamare] clare P dare Mml 13 ualitudinem MPm2T 14 causae MmlP 15 corporis om.Mm1 16 ut] *aut si (sm2) P aratione P ishuius]h modi]i 19 conditus] concidit HmlMmlP 20 ut om.T nonnulla T autem om.M 21 non om.M 23 uiderentur a dare Mml 25 anle eum add. II m. post. s. I. scilicet constat
21. 3 crysippus P crisippus M 4 interrogentur HMP edd. quid M quis m 5 describerit Pml 6 epycurus T quis] quasi M 10 tumultuaturum P 12 in] ad Plasberg quomodo HmlP quoquomodo Hm2 15 peccoribus T 18 ortulis T libera MTedd. 19 incomptis HMPm2T 20 ba*chantes P pachantes M 21 discrepant Mm1 25 tradentes M 27 deserit Tml m 28 pr. et orn.T hac* (c s. m2) P 31 quis m epycurusne T
22. 5 bestia* (e ras.) T arcesilam Tml archesilam Tm2 9 modesto P epycuro T 10 iocundissimum MT 12 non] nu T 13 secun*das P dicat] eligat T sed*** (non ras.) P 14 eis ullah T ei syllae HMPa 15 uidetur MT iocatus ex uocatus ras. corr. T 16 leuite Pml 17 abhorret Migne non abhorret a ab quid enim incipit cap. VIII m 18 quin Tqui HMPa 19 indocilem (in ex m corr.) T indocibilem a 23 didicisse*P uerum IIMP 24 scolis MPT 25 illorum (loru in ras.) P 26 proicetur Pml proiceretur M 27 postulare Tml 28 cinicorum M P ista uilissima T stabilissima HMPtn2a stabilisima Pml
23. 23 cf. Diog. Laerf TTI 7. Snid. s. u. 'Εκαδημία
24. 1 habuerunt ex habebunt Pm2 quod] quid M possunt M 4 censeat] sentiat T edd. 5 diet Pml praeferant Ma 10 discendeutem P descendentem M 12 di*cam P 13 habeamus Tml 14 mihi om.M 15 deo Pml 16 qui] quid P ipsum etiam M 1ssi] quod si a 20 sententia] sapientia M 21 ad ex ab carr. Tml 22 scolam MPT 23 dititur Pml accepse Pml sit (t m2) P 24 ac] hac T uita ipsa M 25 animi om.M disseramus (seramn" m2 in ras.) T 2G hac nobis P 27 niouit Tm 28 quaso Pml
25. 3 cf. Oic. Acad. 11 (1
26. 1 si. (n ras.) M 3 hocine HPm2T edd. 4 te om. M * omnibus (h ras.) P spe om.]] spe*P 6 ingemiscendo HMT 7 permoueres H 8 quid edd. 10 uauit nescire P 13 est om.M 16 a*P 17 et] ac T ut] uel ne Hml cum] con T 20 sunt secuti edd. 23 sapientiae uocatur] est sapientiae M 24 erit a 26 animis Pm1 hac Pml 27 perfruat HPa 28 ad] a Pml
27. 8 cf. Cic. Acad. II 34. 112

28. 1 fugiam T 3 philopliari Mml 8 comprehendi posse M appa*ret (rcra\$.)P OniLV 10 archesilas codd. llforteT^m 12 ab om M at]aut Hm1P cor Pml 13quan#quam P respoderi P 14 aut illo Hm2 in mg. P aut ullo Hm1 tuo om. M psam Pm1 15 deficionem Pml falsum HP 17 a om. M 18 egoj licet Mm2 in lac. nerissimum M 19 pr. scire Hm1P sciero ex scire Hm2 20 tnae om. Pm1 credere M cedere uersutiae tuae <dd. 22 potes P 23 definiuit P quiquis Pml 24 putauimus H 26 monstauit Pm1 27 itaque T edtl. comprehensibilibus MT edd. pr. et om.M diffinitio M definitionem P
29. 13 cf. Cic. Acad. II 59
30. 1 sequens eam edd. 2 ut om. a 3 sum M 4 sientia Pml s*cimus (i ras.) P 7 pr. et om. a absundum P 8 aut] ut Tml similia edd. 12 dicuntur Pml 13 et om.M 14 alias (s add. m2) HP mox alias, nunc m dicamus T 15 dititis P cōñp**endi (— et pr. n sl. m2) P 18 Carneades edd. an] aut HM 19 crysippus HPT crisippus M triumphauit HMPa scire IBfa 20 requiruntur a dicuntur M 21 imperatorum Mm1 25 succinta Pml 27 temptabis HMPm2T 28 labefactata HMT edd. 29 similimuin Pml
31. 2 cf. Uerg. Aen. VIII 194 sqq. 22 cf. Cic. de fin. I 18 sqq. de nat. d. I 69. de fato 21 sqq.
32. 1 cautos HmlP 2 Hercules-spelunca om.Hml 3 semihominem Cacum edd. suffocari M 4 aliquit T 6 iurguet P Carneades edd. 7 uel] ueluti codd. 8 misericors M 10 re*tuli P retuli HMT quod Migne 11 ad te om.M uiderit HP 13 est HPa sepulcro HT sepulto Mm2 tuo om.M 15 in om. T perfici Pml 17 illas HM P 18 superiores P phisicog JITml 20 epycurum T 21 luxoriosus P athomas Pml athomas Mm2Pm2 22 amplecti*tur P . 23 limetes Pml 24 per*iurgia (s ras.) P periuria H 2G alium P 27 sapientia Tm
33. 8 cf. Cic. de nat. d. I 20
34. 2 phisicis MT 4 ininfinite T false P 5 muuHlum P nostrum om.JI naturae HJIP corporeae M 7 et mininw Mm2T hortum H 8 esse om.Mml 10 ista sunt m 11 falsi om.M falsis Pa poteat quisquam edd. aliquid assume T 12 hoc om.M 13 e*ndit P 14 plana T edd. ego] ergo Tmlm 15 me scire] nescire T qui om.J! 16 dic istas (dic ill ras. istas add. mZ) P 17 pr. falsa P 22 ista om.T 24 oculi Pml 25 aut] utT pr. quasi (qua m2) P 2G nihil dicis Tml 27 erat P uideri om.M uidere HmlPml 28 assentientibus T nou om.Mml
35. 8 cf. Cic. Acad. II 48
36. 2 nil] nihil Hm2T,om.Mm1 12 ista falsa possit esse // possit ista esse falsa codd. 14 euaserint M 16 ergo m illud me m 17 itlque T hoc Tm2 in ras. 18 etj aut a 21 illa P disiunctione P 23 liquaere M *liquere T 24 somnum IIMT 26 et intellegibilium Ha generi a stertente om.M 27 posse ilici uideo edd.
37. LXIII. August. I pars III. ed. Knoell.
38. 5
39. 7 cf. Cic. Acad. II 79
40. 1 atque sanis edd. renuntiarin M qui M sibi] si M animum MP 4 epicurus M 7 nlt. uerum] u. est M 8 dimersus M 11 quod P 12 pinnulis (i pr. in e corr. m'2) P 14 assentire M 16 pr. hoc om-HMP uel hoc T 17 hoc-olere scio exhibet P ante dic potius iocunde MPmlT 18 hoc—scio om. Mm1 frigidum esse T 2U peccori T 23 numquid M amares Tml hominibus omnibus Tml omnibus hominibus M 25 in ore om.M illum Hml 28 tam om.P 29 gustas, sedj gustasse P
41. 15 cf. Cic. Acad. II 19. 79 20 cf. Retract. 11,9 31 Ter. Andr. 35U. Phorni. 763
42. 1 alt. illaff 2 dixit HmlMP confuilit Tm2 epicurus M 3 et om.M dicunt T 6 disputantur P 7 ista omnia edd, sensus H animus H 9 a] ac Pml 13 iubat HmlPml 15 uerum om Tm posuere edd.

- 18 scir*eP 24 habitetT 27 repperies PmlT similisM 28 sapientiHJIP 30 bonum om./1 31 peridi Tml periculi edd. euigilabit M repudiauit Pml
43. 5*
44. 12 cf. Gic. Acad. II 40. 103
45. 1 eum] cum M 2 formidabit Tm 3 probaberit P etiam a 6 uerissima M 8 sententia M 9 in om.MP accipit T 14 possitque M percipit P fortasse M edd. aliquis mihi edd. 15 tu om.M 17 primas M omnes illas edd. 18 istam] ista HP 19 sed-potestis om.Mm1 pr. **si in ras. P 22 pr. et orn.M 24 multa alia T 25 se MT 26 ipsa uero Hm2T
46. 30 cf. Uerg. Aen. II 152
47. 2 imperita Ilinl Pml imperite M 4 obtemperat HMT 13 profecta M profecto edd. 14 storum Pml mendacissimam HMmlTedd. 16 contemnenda T fame necetj fame neget H fame enecet m enecet a hac T edd. praeceptione T 21 atque] et M mouit T 25 enim ipso edd. 26 suptili->simisque P stultissimisque J[27 suadere iIMP si om.HM assit otn M sit H 2\)) quamuis HM
48. 3 cf. Aug. de beat. uit. 3
49. 1 me uictum om.Mm1 4 se M 5 tenebras tegens MP tenebrans tegens H tenebrascens Tm 8 nihil (n add. m2) T 15 quaeso om.M 19 quis om.Mml 20 ite] iste HMP me om..M. 21 pugne ex pugnem Pm2 22 secum om.M pugnat M 25 pro uincat Tml 27 non est om.M nulli Mtnl 28 sapientem-pudebit om.M sapientem] sapiens H
50. 8 cf. Cic. Acad. II 66 10 Cic. Hort. frag. 100 Miiller
51. 1 percipi omM sentiatum M 2 queris T 3 se (om. met) M 5 si sapientem T sapientem HMP 7 hoc M cicere Tml 8 quaere Pm] 9 uos orn.H adulescentes P adolescentes (o in ras.) T ignotom Pml 10 est] estis HMPa 11 est om.T 14 id est-sapientiam om.M 21 in] ad Hm2s.l.M 22 animam T 24 ipsam otn.a 26 fortasse me edd. 28 quid? quidnam] quicquidnam PmlT quidnam MPm2 30 foras om.M num] nisi T ni M
52. 1 plorabo HP doctiorum T edd. 2 possim a 6 sonant a grecania HMP est] e. enim a 7 qua] quia T 8 suggerent Hm2 10 praeparent M 12 aut] ac edd. 13 mihi om.H uelle HMPa 14 ubi om.Mm1 15 non solum (om. enim) M non enim solum edd. 22 ad (d add. m2) P 24 illo interea M 27 accipit H 28 etiam] enim Tml 29 illae H 30 planus] seductor planus T iis M samardagos T samardacos m
53. 4 ille] iam ille T 5 loquo Tml illo] isto M tendebat a 6 circumiuit JI circumit Tml circuit Tm2 12 condemnet H 13 errant om..JI uerba ista T 15 et tam] etiam Tml uel tamen Tm2 21 adulescentium P 22 rei om.JI 23 uidentur T cessat] peccat edd. 24 pr. uel om.M 25 probandum M 26 pudicitiae T all. te om.M adulescentium P adulescentulorum (or s. m2) H 27 uitamque P educandae Tedd. 2S illae om.Mml 29 ille /' 8o debuisti tu T administrare IIT 31 additerabitur //
54. 19 cf. Ter. Enn. 331 cf. Retract. 1 1.10 29 cf. Sall. (1at. 20
55. 4 ut frustra om.M infigere M inficiare a persuadere uis 11 persuadere bis P persuadebis MT edd. Cnmano gymnasio edd. 5 Ptiam] eum M G nec] i.e T 8 sed] sed si II *homo P 14 succenseat M f edd. 16 consolatori HMP susceptia P suscepit et H ita—adulescenti om.M 17 qui iam] quam M 18 iocare Pml 24 homicidis MPml parricidis M patricidiis Tm1 sicrilegis M 20 cogitatione (om. aut) M ac] aut edd. 29 catileno Tml
56. 21 cf. Retract. I 1, 12
57. 2 se om M 3 probabile sit M 4 post inueniri inser. Mm2 sed nisum sit 7 omne] o. prohibet M 9 esse om.M tamen M llhocJ/ solertissime Pml 12 paoto] modo Tml 13 aliqua Mm2 s.l. 14 si] qui Hm1MP 15 direretJla 18 sriam] agam M 20 possum M uideatur esse edd. 25 pithagoreis T

- pythagoreis M pythagoras M greca P 26 pr. aut om Mm127 pherecide IIMT pheretide P 28 siri T 29 etiam om.M lataeque P peregrinatos Mml
58. 1 sochrataeae P in moralibus] immortalibus P in mortalibus Hml id est inter mortales Hm2 s.l. 2 quos P in raa. 3 commemorauit Tml 5 qua om.M sapientia omnino edd. esse non posset om.M esse*T 7 tempus a et Migne 8 ueritas ipsa T 9 nos] non P 10 ita a 12 fenerari ex serenari Pm2 16 note T ueri similes M 17 mihi orn.M 18 misteriiis T 21 uindicauerint edd. quotlibet (corr. m2) P quodlibet H 23 scolam cndd. a*P platone* (m ras.) P 25 tale II 26 prodo Tml dedicisset Pmlm didi- cisset MPm2Ta 27 palemo M 28 archesilas codd. ubique discipulus Tml
59. 2 cf. Cic. Tusc. I 79 29 cf. Cic. Acad. II 39. 62. 108
60. 1 declaretur T 2 quisquam Mm1 7 et] ex M 9 credantur M 15 ille] ipse M 19 perniosa MT 20. 27 crysippum HP chrisippum T crisippum M nam] quam Tmla 21 magna T latius om.Mml 22 ita] ei ita? 24 illa P 28 cun T 31 illis T actionis Pml
61. 6 cf. Retract. I 1, 11
62. 1 id uidens H ad JIT in HP 2 ueri similes M 3 appellabatur T 4 eius om M enim] nihil ergo T 6 quod HP quid MTedd. approbant P falsam HP 7 animaduertebant Tm 11 hoc edd. 17. 19. 25 athiocus ///' 18 delitiosorum P aprica] ad prisca M 19 philionis HP 20 quantum P 22 ante M 23 directo scripsi directo HMPa decreto Tvt 25 sumsisse T ut om Mml instituerant Mml 26 audistis M philione Hm2Pm2 philionem Hm1Pm1 Mnesarcho] omne area IIPa omne archo M 29 adita codd.
63. 14 cf. Cic. Acad. I 18 29 cf. Cic. Acsd. frag. 21 Miiller (p. 61,17 Plasberg)
64. 1 filo T filio HP 2 condemnari M 4 peruicacia MT 6 eroris P 7 autem om.JI 8 ut om.M 9 philosophis Tml 10 cynichos T peripatecos Pml peripatheticos MT 12 et] en HMPa 13 solertissimi Pml 14 aristotilem HM ac] et T 15 sentire M 17 disciplinae philosophia M 19 multiformis T 21 deus om.M 23 committeret T 24 ipsos Tml recipere T respicere m 25 etiam om..M
65. 1 uixisset MmlT 2 fuisse om-M 3 habet a 5 trige*simuni (g ex c, 1 ras.) P tricesimum HMT 6 debere om.JI 8 megotio (om. rae) Pm] o ut opinor arbitrator T ista] tota Migne 10 munitissimum 11 muniti sumus a 11 ergo (go in ras.) P autem cdd. 12 a add. T s.l. .13 repperio Pm1T persuadendum M 14 effectus Hm2M 16 a*pud P aut H 20 adulescentes P 23 disputatione om Mm1 27 iocundius MT iocur.dis Pm] 29 exhiberi T posset? prorsus edd. prorsus posse P nosse prorsus II possit pr. M potest pr. T admirari HPm2T 30 quo m pr. et alt. tam om.M
66. 11 cf. Retract. I 1, 13
67. 1 delucide P 2 qua me] quam P 4 archana M PT 5 pueruli M 6 uultu se edd. 7 laudibus] plaudibus HPml plausibus MPm2 10 achademichos P 13 dura mercede demoro M pro] oro HP 16 fecimus finem (finem add. m2)M AURELI (AURELII H) AUGUSTINI ACHADEMICO-RUM LIB III EXPLICIT HP, EXPLICIT LIBER AURELII AUGUSTINI DE ACHA*****T, deest in M
68. LXIII. August. I pars III. ed. Knoell.
69. G

Quando, portanto, deixei para trás tanto o que havia alcançado nos desejos deste mundo quanto o que ainda desejava alcançar, e me entreguei ao repouso da vida cristã, ainda não batizado, escrevi primeiro contra os Acadêmicos ou sobre os Acadêmicos, para que os argumentos deles, que a muitos incutem o desespero de encontrar a verdade e proíbem que o sábio dê assentimento a qualquer coisa e aprove algo como manifesto e certo, uma vez que tudo lhes parece obscuro e incerto, fossem afastados da minha mente, porque me perturbavam, com quantas razões eu pudesse. O que, pela misericórdia e auxílio do Senhor, foi realizado.

Mas nos mesmos três livros meus não me agrada ter chamado tantas vezes a fortuna, embora não tenha querido que por este nome se entendesse alguma deusa, mas o acontecimento fortuito das coisas, seja nos bens ou males do nosso corpo, seja nos externos. Donde também são aquelas palavras, que nenhuma religião proíbe dizer: por acaso, talvez, quiçá, porventura, fortuitamente, o que, no entanto, tudo deve ser remetido à divina providência. Isto também não ocultei ali, dizendo: pois talvez aquilo que o vulgo chama fortuna seja regido por uma ordem oculta e, por assim dizer, divina, e nada mais chamamos nas coisas de acaso, senão aquilo cuja razão e causa são secretas. Disse, de fato, isto, mas, no entanto, arrependo-me de ter assim nomeado ali a fortuna, quando vejo os homens terem o péssimo costume, onde se deve dizer: isto Deus quis, de dizer:

Isto quis a fortuna. Porém, em certo lugar eu disse: assim está disposto, quer por nossos méritos quer pela necessidade da natureza, que a mente divina, aderindo aos mortais, de modo algum seja acolhida pelo porto da filosofia e o restante; ou nenhuma dessas duas coisas deveria ter sido dita, porque mesmo assim o sentido poderia permanecer íntegro, ou bastaria dizer: por nossos méritos, como é verdadeira a miséria derivada de Adão, e não acrescentar: quer pela necessidade da

natureza, uma vez que a dura necessidade de nossa natureza surgiu do mérito da iniquidade precedente.

Igualmente, ali onde eu disse: nada absolutamente deve ser cultuado e tudo deve ser rejeitado, tudo o que é percebido pelos olhos mortais, tudo o que qualquer sentido alcança, deveriam ser acrescentadas palavras, para que se dissesse: tudo o que o sentido do corpo mortal alcança; pois há também o sentido da mente. Mas naquele momento eu falava segundo o costume daqueles que dizem que o sentido é apenas do corpo e que as coisas sensíveis são apenas corporais. Portanto, em todos os lugares onde assim falei, a ambiguidade não foi suficientemente evitada, exceto para aqueles que têm o costume desta forma de expressão.

Também disse: o que pensas ser a vida feliz senão viver de acordo com aquilo que há de melhor no homem? E, explicando um pouco depois o que eu disse ser o melhor no homem: quem, perguntei, duvidaria que nada mais é o melhor do homem do que aquela parte da alma, à qual convém obedecer quando domina as demais coisas que existem no homem? Esta, para que não busques outra definição, pode ser chamada de mente ou razão. Isto, de fato, é verdade — pois, no que diz respeito à natureza do homem, nada há nele melhor do que a mente e a razão — mas não deve viver segundo ela aquele que deseja viver feliz. Caso contrário, vive segundo o homem, quando se deve viver segundo Deus, para que possa alcançar a felicidade, pela qual, para ser alcançada, nossa mente não deve estar contente consigo mesma, mas deve ser submetida a Deus.

Igualmente, respondendo àquele com quem disputava: isto claramente, digo, não erras; que isso seja para ti um presságio para o restante, de bom grado eu desejaria. Embora isto tenha sido dito não seriamente, mas em tom de brincadeira, não gostaria, contudo, de usar essa palavra. Pois não me recordo de ter lido 'presságio' sem ser nas Sagradas Escrituras ou no discurso de qualquer debatedor eclesiástico,

embora 'abominação' seja dita a partir dali, a qual nos livros divinos se encontra frequentemente.

No segundo livro, porém, é absolutamente inepta e insípida aquela espécie de fábula sobre a filocalia e a filosofia, que seriam irmãs e geradas pelo mesmo pai. Pois ou a chamada filocalia não existe senão nas nuvens e, por isso, de modo algum é irmã da filosofia; ou, se este nome deve ser honrado porque, interpretado em latim, significa amor à beleza, e existe uma beleza verdadeira e suprema da sabedoria, então essa mesma filocalia, que é a filosofia, reside nas realidades incorpóreas e supremas, e de modo algum são como duas irmãs. Em outro lugar, ao tratar da alma, eu disse: mais seguro voltará ao céu.

'Iturus', porém, teria dito mais seguramente do que 'rediturus', por causa daqueles que pensam que as almas humanas, pelos méritos de seus pecados, caíram ou foram lançadas do céu e são forçadas a entrar nestes corpos. Mas eu, por isso, não hesitei em dizer, porque assim disse 'para o céu', como se dissesse 'para Deus', que é seu autor e criador, assim como o bem-aventurado Cipriano não hesitou em dizer: pois, tendo o corpo da terra, possuímos o espírito do céu, nós mesmos somos terra e céu. E no livro de Eclesiastes está escrito: o espírito volte para Deus, que o deu. O que certamente deve ser entendido de tal modo que não se resista ao apóstolo dizendo que os ainda não nascidos nada fizeram de bom ou de mau. Sem controvérsia, portanto, certa região original da bem-aventurança da alma é o próprio Deus, que a gerou não de si mesmo, mas a criou de nenhuma outra coisa, assim como criou o corpo da terra. Pois, no que diz respeito à sua origem, pela qual acontece que ela está no corpo, se é daquele único, que primeiro foi criado, quando o homem foi feito em alma vivente, ou se igualmente são feitas individualmente para cada um, nem então sabia, nem até agora sei.

No livro terceiro: se algo me parece, perguntas, digo, na mente julgo estar o sumo bem do homem.

Mais verdadeiramente teria dito: em Deus; pois nEle a mente se alegra e frui, para que seja bem-aventurada, como em seu sumo bem.

nem me agrada aquilo que disse: é claro que se jura por tudo o que é divino. Igualmente, o que disse sobre os Acadêmicos, porque conheciam a verdade, à qual chamavam de verossímil, e a esse mesmo verossímil chamei de falso, que eles aprovavam, por duas razões não foi dito corretamente, seja porque era falso, que de algum modo se assemelhava a alguma verdade, pois em seu gênero também isto é verdade, seja porque aprovavam essas falsidades, que chamavam de verossímil, quando eles nada aprovavam e afirmavam que o sábio nada aprova.

mas porque eles chamavam essa própria verossimilhança também de provável, daí aconteceu que eu falasse sobre eles. também o próprio elogio, com o qual exaltei Platão ou os filósofos platônicos ou acadêmicos tanto quanto não convinha a homens ímpios, não me desagradou imerecidamente, especialmente porque contra os erros deles, que são grandes, deve ser defendida a doutrina cristã.

Isso também, que na comparação dos argumentos de Cícero, dos quais ele se serviu em seus livros Acadêmicos, eu disse serem minhas bagatelas, com as quais refutei aqueles argumentos pela razão mais certa, ainda que tenha sido dito por gracejo e mais se falava por ironia, não deveria, contudo, ter sido dito. Esta obra assim começa: Oh, se ao menos, Romanianano, um homem adequado a si mesmo.

Aparato Critico

1. 3 Aug. Conf. IX 4. 76 Cic. Acad. II 28 sq. G6. 68. 76 8 Cic. Acad. II 59. 67. cf. Gell. Xoct. Att. XI 5. 6 12 De Acad. I 1, 1. 9, 25. II 1,1. 3. 9. III 2, 2. 3. 4 18 Do Acad. I 1, 1 23 ibid.
2. 2 De Acad. 11,3 8.11 De Acad. I 2, 5 17 1 Petr. 4, t5 20 Ps. 36, 7. lac. 4, 7 21 De Acad. 14,11 24 cf. III Regn. 20,33 Uulg. 25 cf. Ex. 8, 26. Deut. 7, 25. saepissime 27 De Acad. II 3, 7 35 De Acad. II 9, 22
3. 6*

4. 2 Plato Tim. p. 91 A sqq. Diels Doxogr. p. 199. 568, 19. 588, 21. 651, 2. Purphyr. sec. Aug. de
ciu. dei XII 27 6 Cypri. de dom. orat. 16 (I 278 ed. Hart.) Aug. de praed. sLlnct. 8,15 8 Eccle.
12, 7 10 Horn. 9,11 13 Gen. 2, 7 15 I Cor. 15, 45 16 Aug. de lib. arb. III 21, 59. 62. ep. 166, 7. op.
inperf. c. Iul. IV 104 18 De Acad. III 12, 27 21 De Acad. III 16, 35 22 De Acad. III 18, 40 Cic.
Acad. II 67 sq. et 73 27 De Acad. II 6,14 30 De Acad. III 17,37. II 10, 24
5. 2 De Acad. III 20, 45

stoa0040.stoa034

Se ao porto da filosofia, de onde já se avança para a região da vida bem-aventurada e para o solo, ó humaníssimo e grande Teodoro, o curso estabelecido pela razão e a própria vontade conduzissem, não sei se diria temerariamente que muito menor número de homens teria chegado a ele, embora também agora, como vemos, raros e bem poucos cheguem. Pois quando neste mundo, seja por Deus, seja pela natureza, seja pela necessidade, seja pela nossa vontade, seja por alguma combinação destas, seja por todas juntas — a questão é muito obscura, mas contudo já por ti assumida para ser esclarecida — nos tivesse lançado, por assim dizer, como que ao acaso e por toda parte, num certo mar tempestuoso, quem seria capaz de reconhecer para onde deveria se esforçar ou por onde retornar, se alguma tempestade, que aos insensatos parece adversa, não arremessasse, por vezes, mesmo contra a vontade e resistindo, os que ignoram e erram, para a terra tão desejada?

Portanto, dos homens que a filosofia pode acolher, parece-me ver três gêneros, por assim dizer, de navegantes. Um é o daqueles que, quando a idade os tomou como capazes da razão, com pequeno impulso e remada dos remos, logo se afastam e se escondem naquela tranquilidade, de onde, para os demais cidadãos que podem, como advertidos, se esforçam para chegar até eles, erguem um claríssimo sinal de alguma obra sua. O segundo, porém, é o daqueles, contrário ao anterior, que, enganados pela aparência falacíssima do mar, escolheram avançar para o meio e ousam peregrinar longe de sua pátria — e dela muitas vezes se esquecem. Se, por algum modo oculto demais, da popa um vento, que julgam próspero, os tiver seguido, penetram nas altíssimas profundezas das misérias, elevados e regozijando-se, porque por toda parte uma serenidade falacíssima lhes acaricia os prazeres e as

honras. A estes, certamente, o que mais se deve desejar senão certas adversidades naquelas coisas de que se alegram ao serem recebidos, e, se isso é pouco, uma tempestade totalmente furiosa e um vento contrário soprando, que os conduza, ainda que chorando e gemendo, a alegrias certas e sólidas? Contudo, muitos deste gênero, ainda não extraviados muito longe, são reconduzidos por certas dificuldades não tão graves. Estes são os homens que, quando quer as lacrimosas tragédias de suas fortunas, quer as ansiosas dificuldades de ocupações vãs, como se não tivessem mais nada que fazer, os tiverem empurrado para os livros dos doutos e sapientíssimos homens, despertam, por assim dizer, no próprio porto, de onde nenhuma promessa daquele mar, que ri falsamente em demasia, os exclua. Há, porém, um terceiro gênero entre estes, o daqueles que, quer no próprio limiar da adolescência, quer já há muito e muito agitados, contudo olham para certos sinais e se recordam de sua dulcíssima pátria, ainda que em meio às próprias ondas, e ou retomam a ela em curso reto, sem se deterem em nada falso, ou, na maioria das vezes, ou desviando-se entre nuvens, ou contemplando as estrelas que se põem, ou capturados por algumas seduções, adiando os tempos da boa navegação, erram por mais tempo, muitas vezes até se arriscando. A estes, igualmente, muitas vezes alguma calamidade nas fortunas instáveis, como uma tempestade adversa aos seus esforços, os impele para a vida desejadíssima e tranquila.

A todos estes, porém, que de qualquer modo são conduzidos à região da vida bem-aventurada, um monte imensíssimo, colocado diante do próprio porto, o qual também gera grandes angústias aos que nele adentram, deve ser veementemente temido e cautelosamente evitado. Pois ele brilha de tal modo, reveste-se de tal maneira com aquela luz mentirosa, que não só se oferece como morada aos que estão chegando e ainda não entraram, e promete satisfazer à sua vontade em lugar da própria terra bem-aventurada, mas muitas vezes convida para si os homens do próprio porto, e não raro os detém, deleitados com a própria

altura, de onde lhes apraz desprezar os demais. Estes, no entanto, muitas vezes advertem os que vêm, para que não sejam enganados por rochas ocultas sob as águas, nem pensem que é fácil ascender até eles, e, com a maior benevolência, ensinam por onde possam entrar sem perigo, devido à proximidade daquela terra. Assim, embora lhes invejem a vã glória, mostram-lhes o lugar da segurança. Pois que outro monte quer a razão que seja entendido como temível para os que se aproximam da filosofia ou já nela ingressaram, senão o soberbo desejo da vã glória, o qual assim nada tem dentro de si que seja pleno e sólido, que afunda e engole os inchados que sobre ele caminham, com o solo frágil a ceder sob os pés, e, revolvendo-os nas trevas, lhes arrebatava a luminosa morada, que quase já tinham visto?

Visto que assim são as coisas, recebe, meu Teodoro — pois para aquilo que desejo, a ti só contemplo e a ti sempre o mais apto: admiro — recebe, digo, e o que aquele gênero de homens dos três me deu a ti e em que lugar me pareço estar e de ti de que tipo de auxílio certo espero. Eu desde o décimo nono ano da minha idade, depois que na escola do retor aquele livro de Cícero, que se chama Hortênsio, recebi, tamanho amor pela filosofia acendi-me, que imediatamente a ela me levar cogitei. Mas nem me faltaram névoas, pelas quais se confundisse o meu curso, e por muito tempo, confesso, pelas quais em erro fosse conduzido, as estrelas deslizantes no Oceano contemplei. Pois também uma certa superstição pueril me da própria investigação aterrorizava e, quando feito mais ereto aquela escuridão dispersei e a mim mesmo persuadei que aos que ensinam antes do que aos que mandam é preciso ceder, caí em homens, para os quais aquela luz, que com os olhos se discerne, entre as sumamente divinas parecia ser venerada. Não concordava, mas pensava que eles algo grande ocultavam naqueles invólucros, que algum dia iriam abrir. Mas quando, discutidos, escapei deles, sobretudo atravessado aquele mar, por muito tempo as minhas rédeas, resistindo a todos os ventos, nas ondas médias os Acadêmicos mantiveram. Depois vim a

estas terras; aqui o setentrão a quem me confiasse aprendi. Percebi, pois, e frequentemente nos discursos do nosso sacerdote e algumas vezes nas tuas conversas, quando de Deus se cogitava, nada absolutamente corpóreo ser cogitado, nem quando da alma; pois isso é o único na realidade mais próximo de Deus. Mas para que no seio da filosofia rapidamente não voasse, confesso, o atrativo da esposa e da honra me detinha, de modo que, quando estas tivesse conseguido, então enfim a mim, o que a pouquíssimos felizes foi permitido, com todas as velas, com todos os remos naquele seio me arrebatasse e ali repousasse. Lidos, porém, muitíssimos poucos livros de Plotino, de quem és ser estudioso fervoroso ouvi, e comparados com eles, quanto pude, também da autoridade daqueles, que os divinos mistérios transmitiram, tanto ardi, que todas aquelas âncoras quisesses romper, se não me a consideração de alguns homens comovesse. O que, pois, restava outro, senão que a mim demorando em coisas supérfluas a tempestade, que se julga adversa, socorresse? Assim, tanto me arrebatou a dor do peito, que o peso daquela profissão suportar não podendo, pela qual talvez às Sereias velejava, abandonasse todas as coisas e à desejada tranquilidade até a nau sacudida e cansada conduzisse.

Portanto, vêes em qual filosofia, como que em porto, naveguei. Mas também ele mesmo se estende amplamente; sua grandeza, embora já torne menos perigoso, contudo não exclui inteiramente o erro. Pois a que parte da terra, que certamente é uma só bem-aventurada, me aproxime e a toque, absolutamente ignoro. Pois que coisa sólida segurei, a respeito da qual ainda a questão sobre a alma oscila e flutua? Por isso, suplico-te pela tua virtude, pela humanidade, pelo vínculo e intercâmbio das almas entre si, que estendas a destra, e isto é, que me ames e creias que por mim reciprocamente és amado e tido por caro. O que se conseguir, à própria vida bem-aventurada, à qual presumo que já te aferras, com pequeno esforço muito facilmente chegarei. Mas o que faça ou de que modo reúna os meus necessários a esse porto, para que

conheças e daí o meu ânimo — pois não encontro outros sinais com os quais me mostre — mais plenamente entendas, o que das minhas disputas me parece ter saído mais religioso e mais digno do teu título, julguei dever escrever-te e dedicar ao teu próprio nome. Muito apropriadíssimo, certamente; pois sobre a vida bem-aventurada inquirimos entre nós e nada aliás vejo, que mais deva ser chamado dom de Deus. Da tua eloquência não fiquei aterrorizado. Pois tudo o que amo, ainda que não alcance, não posso temer; da sublimidade da fortuna, muito menos. Pois junto a ti, verdadeiramente, embora seja grande, é favorável; pois a quem domina, aos mesmos torna favoráveis. Mas agora o que trago, peço, atende.

Nos idos de novembro era o meu dia natalício. Após um almoço tão leve, que dele nada impedisse os talentos, chamei a todos, que não apenas naquele dia, mas diariamente, costumávamos conviver juntos, para as termas, a fim de nos assentarmos; pois aquele lugar, adequado à ocasião, apresentava-se como um recanto secreto. Estavam presentes — pois não temo, por ora, torná-los conhecidos à tua singular benignidade pelos seus nomes — em primeiro lugar, nossa mãe, cujo mérito creio ser a causa de tudo o que vivo, meu irmão Navigio, Trigécio e Licêncio, meus concidadãos e discípulos; e também não faltavam meus primos Lartidiano e Rústico, ainda que não tivessem sofrido nenhum gramático. Quis que estivessem ausentes, e julguei necessário o próprio senso comum deles para a empreitada que eu me preparava para realizar. Estava também conosco o mais jovem de todos em idade, mas cujo talento, se o amor não me engana, promete algo grandioso, Adeodato, meu filho. Tendo-os assim atentos, comecei.

Parece-vos evidente que somos compostos de alma e corpo? — Como todos concordassem. Navigio respondeu que ignorava. — A ele eu disse: Nada sabes absolutamente, ou entre algumas coisas, que ignoras, também isto deve ser contado? — Não creio, disse ele, que ignore tudo. — Podes-nos dizer algo daquilo que sabes? — Posso, respondeu. — Se

não for incômodo, disse eu, apresenta algo. — E enquanto hesitava: Sabes ao menos, disse eu, que estás vivo? — Sei, respondeu. — Sabes, portanto, que tens vida, se é que ninguém pode viver sem vida. — E isto, disse ele, sei. — Sabes também que tens corpo? — Concordou. — Logo, já sabes que consistes de corpo e vida. — Sei por enquanto, mas se são só estes, estou incerto. — Portanto, destas duas coisas, disse eu, não duvidas, corpo e alma, mas estás incerto se há algo mais, que valha para completar e aperfeiçoar o homem. — Assim é, disse ele. — O que seja isto, noutra ocasião, se pudermos, investigaremos, disse eu. Agora, isso já pergunto a todos, uma vez que confessamos todos que o homem não pode existir nem sem corpo nem sem alma, por causa de qual destes apeteçemos os alimentos. — Por causa do corpo, disse Licêncio. — Os demais, porém, hesitavam e discutiam entre si com variado discurso, como poderia o alimento parecer necessário por causa do corpo, uma vez que era apeteçido por causa da vida e a vida não pertencesse senão à alma. — Então eu: Parece-vos, disse eu, que o alimento pertence àquela parte, a qual vemos crescer e tornar-se mais robusta com o alimento? — Concordaram, exceto Trigécio. Pois disse: Por que eu não cresci por minha gula? — Toda coisa corpórea, disse eu, tem seu limite estabelecido pela natureza, além do qual não pode progredir. Contudo, essa medida seria menor, se lhes faltassem os alimentos; o que percebemos mais facilmente nos animais e ninguém duvida que, subtraídos os alimentos, os corpos de todos os seres vivos emagrecem. — Emagrecer, disse Licêncio, não diminuir. — Basta-me, disse eu, para o que quero. Pois a questão é se o alimento pertence ao corpo. Pertence, no entanto, uma vez que, retirado ele, se reduz à magreza. — Todos julgaram que assim era.

poderia depois parecer exibir M 17 não senão A pertencer M 19 assentia Mml trigécio A 20 eu] portanto Mam pela minha gula não cresci p modo Aml 22 menores fossem] diminuíssem M 23 pecados AM 24 duvida] d. disse Mm2 murchar Mp emagrecer m 25 emagrecer-diminuir om.M 26 isso acrescentado Aml s.l. 28 julgaram que assim era.

O que é, então, a alma? perguntei; não terá ela alimentos próprios? ou parece-vos que o seu alimento é o conhecimento? — Certamente, disse minha mãe, não creio que a alma se alimente de outra coisa senão do entendimento das coisas e do conhecimento. — Sobre essa opinião, quando Trigecio mostrou-se em dúvida: Hoje, disse ela, tu mesmo não ensinaste de onde ou onde a alma se alimenta? pois após uma parte considerável do almoço disseste ter percebido qual recipiente usávamos, porque pensaste em outra coisa qualquer, e contudo não abstiveste as mãos e as mordidas da própria parte dos alimentos. Onde, então, estava tua mente, no tempo em que, enquanto comias, não prestavas atenção a isso? Acredita em mim, é daí e de tais banquetes que a mente se alimenta, isto é, de suas preocupações e pensamentos, se por meio deles puder perceber algo. — Sobre o qual assunto, quando murmuravam hesitantes: Não concedereis, perguntei, que as mentes dos homens doutíssimos são muito mais plenas e maiores, por assim dizer, em seu gênero, do que as dos ignorantes? — Disseram ser manifesto. — Corretamente, então, dizemos que as mentes daqueles que não foram instruídos por nenhuma disciplina e nada sorveram das boas artes, estão em jejum e como que famintas. — Plenas, disse Trigecio, também creio que estão as mentes deles, mas de vícios e maldade. — Essa mesma, acredita em mim, é uma certa esterilidade e como que fome das mentes. Pois assim como o corpo, privado de alimento, muitas vezes se enche de doenças e sarna, que nele indicam a fome, assim também as mentes daqueles estão cheias de doenças, pelas quais confessam seus jejuns. E, de fato, os antigos quiseram que a própria maldade, mãe de todos os vícios, fosse assim chamada a partir do fato de ser inútil, isto é, a partir do fato de ser nada. A virtude que se opõe a esse vício é chamada frugalidade. Assim como esta deriva de fruge, isto é, do fruto, por causa de uma certa fecundidade das mentes, assim aquela foi chamada maldade a partir da esterilidade, isto é, do nada; pois é nada tudo o que flui, que se dissolve, que se liquefaz e como que sempre perece. Por isso também chamamos tais homens de perdidos. Mas é algo aquilo que

permanece, que é constante, que é sempre tal como é, como é a virtude. Desta, uma grande e belíssima parte é a que se chama temperança e frugalidade. Mas se isto é obscuro, ainda que já possais ver, certamente concedereis aquilo, porque, se as mentes dos ignorantes também estão plenas, assim como dos corpos, também das mentes se encontram dois gêneros de alimentos, um salubre e útil, outro mórbido e pestífero.

Visto que assim são as coisas, considero que, no dia do meu nascimento, uma vez que entre nós convém que haja duas coisas no homem, isto é, o corpo e a alma, não devo oferecer apenas um banquete um pouco mais refinado aos nossos corpos, mas também às almas. E o que seja este banquete, se tendes fome, apresentarei. Pois se tentar alimentar-vos contra a vossa vontade e com fastio, em vão gastarei esforço, e mais ainda será necessário fazer votos para que desejeis tais iguarias antes que aquelas do corpo. Isso virá, se vossas almas estiverem sãs; pois os enfermos, assim como vemos nas doenças do próprio corpo, recusam e rejeitam seus alimentos. — Todos disseram, com o próprio semblante e com voz concordante, que já queriam tomar e devorar qualquer coisa que eu tivesse preparado.

E eu, recomeçando: Queremos ser felizes, disse. — Mal tinha derramado estas palavras, todos concordaram com uma só voz. — Parece-nos, disse, que é feliz aquele que não tem o que deseja? — Negaram. — E então? Todo aquele que tem o que deseja é feliz? — Então minha mãe: Se deseja e tem coisas boas, é feliz; mas se deseja coisas más, ainda que as tenha, é infeliz. — Eu, sorrindo e exultando: Tu mesma, disse, mãe, alcançaste a própria cidadela da filosofia. Pois sem dúvida te faltaram palavras para te exprimires como Cícero, cujas palavras sobre este pensamento são estas. Pois no Hortênsio, livro que escreveu sobre o louvor e defesa da filosofia: Eis, diz, que não apenas os filósofos, mas até mesmo os prontos para disputar, todos dizem que são felizes aqueles que vivem como desejam. Isso é falso; pois desejar o que não convém, isso em si é a maior infelicidade. E não é menos infeliz não

alcançar o que se deseja, do que alcançar desejando o que não se deve. Pois a perversidade da vontade traz mais mal do que a fortuna traz bem. — Nestas palavras ela exclamava de tal modo, que, esquecendo-nos completamente de seu sexo, acreditaríamos que algum grande homem estava sentado conosco, enquanto eu, por minha parte, entendia, tanto quanto podia, de onde e de que fonte divina aquelas palavras manavam. — E Licêncio: Mas é preciso que digas, disse, para que alguém seja feliz, o que deve desejar e de quais coisas lhe convém ter desejo. — Convidar-me-ás, disse, no teu aniversário, quando te dignares; o que quer que ofereças, aceitarei de bom grado. Com esta condição, para que hoje banquetees em minha casa, peço que não exijas o que talvez não esteja preparado. — E como ele se arrependia de sua admoestação modesta e verdadeiramente respeitosa: Portanto, disse, concordamos entre nós que ninguém pode ser feliz se não tem o que deseja, nem todo aquele que tem o que deseja é feliz? — Concordaram.

O que é isso? perguntei, concedem que todo aquele que não seja feliz é infeliz? — Não hesitaram. — Todo aquele, portanto, disse eu, que não tem o que deseja, é infeliz. — Agradou a todos. — O que, então, deve o homem adquirir para si, para ser feliz? perguntei; talvez até mesmo isso seja fornecido a este nosso banquete, para que a avidez de Licêncio não seja negligenciada; pois isso, creio eu, deve ser adquirido, que quando deseja, possui. — Disseram ser evidente. — Isso, portanto, disse eu, deve ser sempre permanente, nem dependente da fortuna, nem sujeito a quaisquer acasos. Pois tudo o que é mortal e caduco não pode ser por nós possuído, quando queremos e por quanto tempo queremos. — Todos concordaram. Mas Trígécio disse: Há muitos afortunados, que possuem abundante e largamente para esta vida aquelas mesmas coisas frágeis e sujeitas aos acasos, ainda assim agradáveis, e nada lhes falta daquilo que desejam. — A ele eu disse: Quem teme, parece-te feliz? — Não parece, disse ele. — Portanto, se aquilo que alguém ama pode perder, pode não temer? — Não pode, disse ele. — Mas aquelas coisas fortuitas podem ser

perdidas. Logo, aquele que ama e possui isso não pode de modo algum ser feliz. — Nada objetou. Neste momento, porém, a mãe disse: Mesmo que esteja seguro de que não perderá todas essas coisas, ainda assim não poderá saciar-se com elas. Portanto, também é infeliz, porque está sempre necessitado. — A ela eu disse: E se, disse eu, abundando e transbordando em todas essas coisas, estabelecer para si um limite no desejar e, contente com elas, desfrutar decente e agradavelmente, não te parece feliz? — Não é, portanto, disse ela, por essas coisas, mas pela moderação de sua alma que é feliz. — Excelente, disse eu, e nada mais deveria ter sido respondido a esta pergunta, nem por ti outra coisa. Portanto, de modo algum duvidamos, se alguém decide ser feliz, que deve adquirir para si aquilo que sempre permanece e não pode ser arrebatado por nenhuma fortuna que se enfureça. — Isso, disse Trigécio, já concordamos há muito. — Deus, disse eu, parece-vos eterno, sempre permanente? — Isso, de fato, disse Licêncio, é tão certo que não precisa de pergunta, e todos os outros concordaram com piedosa devoção. — Portanto, quem possui Deus, disse eu, é feliz.

O que, recebendo com alegria e grande satisfação: Nada mais, portanto, disse eu, creio que nos resta buscar senão quem dentre os homens possui Deus; pois feliz certamente será aquele — sobre o qual pergunto, o que vos parece. — Aqui Licêncio: Possui Deus aquele que vive bem. — Trigécio: Possui Deus, disse ele, aquele que faz o que Deus quer que se faça. — À opinião do qual Lartidiano concordou. O menino, porém, aquele menor de todos: Possui Deus, disse, aquele que não tem espírito imundo. — A mãe, na verdade, aprovou tudo, mas isto sobretudo. Navígio calava. Quando o interroguei sobre o que sentia, respondeu que aquela última opinião lhe agradava. Também pareceu não dever ser negligenciado perguntar a Rústico, qual fosse sua opinião sobre assunto tão importante; o qual me parecia estar impedido de falar não tanto por deliberação quanto por pudor. Concordou com Trigécio.

Então eu disse: Compreendo, afirmo, as opiniões de todos sobre um assunto certamente grandioso e além do qual nada mais se deve buscar nem pode ser encontrado. Contanto que o investiguemos, como começamos, com a maior serenidade e sinceridade. Mas porque hoje é tarde e os espíritos têm em seus banquetes uma certa luxúria, se além da medida neles se lançam vorazmente — pois assim de algum modo digerem mal; donde se deve temer pela saúde das mentes não menos do que por aquela mesma fome — melhor será que esta questão nos encontre amanhã com fome, se assim parece. Só quero que lambuzeis com gosto aquilo que de repente me veio à mente oferecer, como vosso servidor, e é, se não me engano — como costumam ser as últimas iguarias servidas — uma espécie de doce acadêmico, preparado e condimentado com mel. — Ao ouvirem isso, todos se esticaram como para um prato elevado e agitaram-se, para que me apressasse a dizer o que seria. — O que, perguntei, pensais senão que com os Acadêmicos todo o negócio que havíamos empreendido está concluído? — Ao receberem esse nome, aqueles três, para quem o assunto era conhecido, se ergueram mais animados e, como é costume, com as mãos estendidas, ajudaram com as palavras que puderam o servo que servia, mostrando que nada ouviri

Então eu assim coloquei a questão: Se é manifesto, disse, que não é feliz aquele que não tem o que deseja — o que a razão demonstrou há pouco — e ninguém busca o que não deseja encontrar, e esses buscam sempre a verdade — desejam, portanto, encontrar, desejam, pois, ter a descoberta da verdade — mas não encontram, segue-se que eles não têm o que desejam, e disso segue-se também que não são felizes. Mas ninguém é sábio senão feliz: sábio, portanto, o Acadêmico não é. — Aqui, de repente, eles exclamaram, como se arrebatassem tudo. Mas Licêncio, atento e cauteloso, temeu a asserção e acrescentou: Arrebatei, de fato, convosco, se é que exclamei, comovido por aquela conclusão. Mas nada admitirei daqui às minhas entranhas e guardarei a minha parte para

Alípio; pois ou ele a lamberá comigo, carnosa como está, ou me advertirá por que não convém tocá-la. — Doces coisas, disse eu, mais deveria temer o Xavígio, por causa do baço vicioso. — Aqui ele, sorrindo: Certamente tais coisas me curarão. Pois não sei de que modo este argumento, contorto e aguçado, que apresentaste, como aquele diz do mel do Himeto, é agudamente doce e nada infla as entranhas. Por isso, mesmo com o palato um tanto remordido, todavia, trago-o com o maior prazer às medulas, como posso. Pois não vejo como essa conclusão possa ser refutada. — Absolutamente de modo algum pode, disse Trigécio; por isso me alegro de há muito ter assumido inimizade com eles. Pois por alguma natureza impelente, ou, para dizer mais verdadeiramente, por Deus, mesmo sem saber como deveriam ser refutados, contudo eu os adversava demasiadamente.

Então Licêncio disse: Eu, afirmou, ainda não os abandono. — Logo, disse Trigécio, discordas de nós? — Por acaso, ele respondeu, vós discordais de Alípio? — A ele eu disse: Não duvido, digo, que, se Alípio estivesse presente, cederia a esta pequena razãozinha. Pois não podia pensar de modo tão absurdo, que lhe parecesse feliz aquele que não possui um bem tão grande da alma, que ardentemente desejaria ter, ou que aqueles não querem encontrar a verdade, ou que há sábio que não seja feliz; pois com essas três coisas, como que com mel, farinha e nozinhas, está preparado aquele gosto que temes. — Ele cederia a esta tão perversa sedução dos rapazes, abandonando a tão grande abundância dos Acadêmicos, com a qual, transbordando, este não sei quê breve será ou sepultado ou arrastado? — Como se, de fato, digo, buscássemos algo longo, especialmente contra Alípio; pois não pouco argumenta consigo mesmo que essas coisas pequenas são fortes e úteis, o bastante a partir de teu corpo. Tu, porém, que escolheste depender da autoridade de um ausente, qual destas coisas não aprovas? Será que não é feliz aquele que não tem o que quer? Ou negas que eles querem ter encontrada a verdade, que veementemente buscam? Ou te parece que

alguém é sábio e não é feliz? — Absolutamente feliz é, disse, aquele que não tem o que quer, como que com ar de desdém sorrindo. O que, quando ordenei que fosse escrito: Não disse, exclamou. O que, igualmente, quando concordei que fosse escrito: Disse, afirmou. E eu havia ordenado uma vez, que nenhuma palavra além das letras fosse proferida. Assim mantinha o jovem agitado entre a vergonha e a constância.

Mas, quando com essas palavras o provocamos, brincando, como que para saborear sua pequena porção, percebi que os outros, ignorantes do assunto todo e desejosos de saber o que se passava tão alegremente entre nós dois, nos observavam sem rir. Eles me pareceram inteiramente semelhantes — como muitas vezes acontece — àqueles que, quando festejam entre convivas ávidos e voracíssimos, se abstêm de arrebatá-los, seja por gravidade, seja porque são detidos pela vergonha. E porque eu o havia convidado e você me ensinou a sustentar a persona de um homem importante e, para explicar tudo, até mesmo um imitador do verdadeiro homem naquelas iguarias, aquela desigualdade de nossa mesa e a discrepância me comoveram. Sorri para minha mãe. E ela, com toda liberdade, ordenando que o que faltava fosse provido, como se de sua própria despesa: "Agora diga-nos", disse, "e explique quem são esses Acadêmicos e o que eles querem." — A ela, depois que eu expus brevemente e de forma clara, de modo que nenhum daqueles partisse ignorante: "Esses homens", disse ela, "são caducários" — nome pelo qual são vulgarmente chamados entre nós aqueles que são acometidos pela doença comicial — e imediatamente se levantou para se retirar. E aqui, todos alegres e rindo, com um intervalo final, nos despedimos.

No dia seguinte, porém, quando novamente após o almoço, mas um pouco mais tarde do que anteontem, nos assentamos no mesmo lugar: "Chegaram tarde", disse eu, "ao banquete; o que creio não ter acontecido por indigestão, mas pela segurança da escassez dos pratos, pois pareceu que não deveriam se aproximar tão cedo, porque pensaram que logo

acabariam. Não se podia esperar que tivessem sobrado muitas sobras, onde no próprio dia e solenidade se havia encontrado pouco. Talvez corretamente. Mas o que nos está preparado, eu também ignoro convosco. Outro é, de fato, aquele que não cessa de oferecer a todos, e especialmente a tais banquetes, mas nós, pela fraqueza, ou pela saciedade, ou pelos afazeres, frequentemente cessamos de comer; aquele que, permanecendo nos homens, os faz felizes, conforme ontem, se não me engano, piedosa e firmemente concordamos entre nós. Pois, quando a razão demonstrou que é feliz aquele que possui a Deus, e nenhum de vós se opôs a esta opinião, perguntou-se o que vos parecia possuir a Deus. Sobre o qual assunto, se bem me lembro, três opiniões foram ditas. Pois, a alguns pareceu que possui a Deus aquele que faz o que Deus quer; outros, porém, disseram que possui a Deus aquele que vive bem; aos restantes, porém, pareceu que Deus está naqueles em quem o espírito imundo, como é chamado, não está.

Mas talvez todos tenham sentido uma mesma coisa com palavras diferentes. Pois, se considerarmos os dois primeiros pontos, tanto "todo aquele que vive bem faz o que Deus quer" quanto "todo aquele que faz o que Deus quer vive bem", e nada mais é viver bem do que fazer o que agrada a Deus, a menos que lhes pareça diferente. — Concordaram. — Já aquele terceiro ponto deve ser considerado com um pouco mais de cuidado, porque, segundo entendo, o espírito imundo, segundo o rito dos sacrossantos mistérios, costuma ser chamado de dois modos: ou aquele que, vindo de fora, invade a alma e perturba os sentidos, e inflige aos homens uma certa loucura, para expulsar o qual aqueles que presidem dizem-se impor as mãos ou exorcizar, isto é, expulsá-lo por meio de adjurações divinas; ou então chama-se espírito imundo toda alma absolutamente imunda, que nada mais é senão contaminada por vícios e erros. Portanto, pergunto a ti, menino, que talvez com espírito um tanto mais sereno e puro proferiste essa sentença: quem te parece não ter espírito imundo? Aquele que não tem demônio, pelo qual

costumam enlouquecer os homens, ou aquele que já purificou sua alma de todos os vícios e pecados? — Parece-me, disse ele, que não tem espírito imundo aquele que vive castamente. — Mas casto, digo eu, a quem chamas? Aquele que não peca em nada, ou apenas aquele que se abstém do concúbito ilícito? — Como, disse ele, pode ser casto aquele que, abstendo-se apenas do concúbito ilícito, não cessa de se contaminar com os demais pecados? Verdadeiramente casto é aquele que atende a Deus e a Ele só se apega. — Tendo-me agradado que essas palavras do menino fossem escritas tal como foram ditas: Esse, portanto, digo eu, necessariamente vive bem, e quem vive bem é necessariamente assim, a menos que te pareça diferente. — Concordou com os demais. — Portanto, digo eu, aqui está uma sentença proferida.

Mas isso eu lhes pergunto um pouco: Deus quer que o homem busque a Deus? — Concordaram. — Também pergunto: será que podemos dizer que aquele que busca a Deus vive mal? — De modo algum, disseram. — Respondam também a esta terceira: o espírito imundo pode buscar a Deus? — Hesitaram um tanto, com Navígio duvidando, que depois cedeu às vozes dos demais. — Se, portanto, disse eu, aquele que busca a Deus faz o que Deus quer, e vive bem e não tem espírito imundo, mas aquele que busca a Deus ainda não tem a Deus, então nem todo aquele que vive bem ou faz o que Deus quer ou não tem espírito imundo deve ser dito ter a Deus imediatamente. — Aqui, enquanto os outros riam de terem sido enganados por suas próprias concessões, minha mãe pediu, depois de ter ficado muito tempo perplexa, que eu lhe explicasse e desfizesse isso mesmo que eu havia dito, forçado pela necessidade da conclusão. E quando isso foi feito: Mas ninguém, disse ela, pode chegar a Deus, se não tiver buscado a Deus. — Muito bem, disse eu; no entanto, aquele que ainda busca, ainda não chegou a Deus e já vive bem. Portanto, nem todo aquele que vive bem tem a Deus. — A mim, disse ela, parece que ninguém não tem a Deus, mas aqueles que vivem bem, o têm propício, aqueles que vivem mal, o

têm hostil. — Mal, então, disse eu, ontem concedemos que é feliz aquele que tem a Deus, se de fato todo homem tem a Deus e, no entanto, nem todo homem é feliz. — Acrescente, então, disse ela, propício.

Ao menos, digo, isto entre nós está suficientemente estabelecido, que é feliz aquele que tem a Deus propício? — Gostaria, disse Navigius, de concordar, mas receio aquele que ainda busca, especialmente para que não conclusas que é feliz o Acadêmico, que no discurso de ontem, com uma palavra de fato vulgar e mal latina, mas muito apropriada, ao que me parece, foi chamado de caducário. Pois não posso dizer que aquele que busca a Deus está contra Deus. E se é ímpio dizer isso, Ele será propício, e aquele que tem a Deus propício, é feliz. Feliz, portanto, será aquele que busca; mas todo aquele que busca ainda não tem o que deseja: será, pois, feliz o homem que não tem o que deseja, o que ontem a todos nós parecia absurdo, de onde acreditávamos que as trevas dos Acadêmicos haviam sido dissipadas. Por isso, agora Licentius triunfará sobre nós e me lembrará, como um médico prudente, que aqueles doces que imprudentemente aceitei contra minha saúde exigirão de mim estas penas.

Aqui, quando até mesmo a mãe sorriu: Eu, disse Trigécio, não concedo que Deus seja imediatamente adversário daquele a quem não é propício, mas penso que há algo intermediário. — A ele eu disse: No entanto, concedes que esse homem intermediário, para quem Deus não é nem propício nem hostil, possui Deus de alguma maneira? — Aqui, enquanto ele hesitava: Uma coisa é, disse a mãe, possuir Deus, outra é não estar sem Deus. — O que então, disse eu, é melhor, possuir Deus ou não estar sem Deus? — Tanto quanto posso entender, esta é minha opinião: quem vive bem, possui Deus, mas propício; quem vive mal, possui Deus, mas adverso; aquele, porém, que ainda busca e ainda não O encontrou, nem propício nem adverso, mas não está sem Deus. — Esta é também a opinião de vocês? — Disseram que sim. — Dizei-me, por favor, não vos parece que Deus é propício ao homem a quem favorece? —

Confessaram que sim. — Não favorece então, disse eu, Deus ao homem que O busca? — Responderam que favorece. — Possui, portanto, disse eu, quem busca a Deus, Deus propício, e todo aquele que possui Deus propício é feliz. É feliz, portanto, também aquele que busca. Aquele, porém, que busca, ainda não possui o que deseja. Será, então, feliz aquele que não possui o que deseja. — Absolutamente, disse a mãe, não me parece feliz aquele que não possui o que deseja. — Logo, disse eu, nem todo aquele que possui Deus propício é feliz. — Se a razão força a isto, disse ela, não posso negar. — Esta será, então, disse eu, a distribuição: que todo aquele que já encontrou a Deus, possua Deus propício e seja feliz; todo aquele, porém, que busca a Deus, possua Deus propício, mas ainda não seja feliz; já aquele, verdadeiramente, que por vícios e pecados se aliena de Deus, não apenas não seja feliz, mas nem mesmo viva com Deus propício.

O que, tendo agradado a todos: "Está bem", digo, "mas ainda temo aquilo, que vos perturbe o que já antes havíamos concedido, ser infeliz todo aquele que não fosse feliz; do que será consequente ser infeliz o homem que busca alguém feliz. Ou, na verdade, como diz Túlio, a muitos senhores de terras e propriedades chamamos ricos, a possuidores de todas as virtudes chamaremos pobres? Mas vede aquilo, se, assim como é verdade que todo necessitado é infeliz, assim também seja verdade que todo infeliz necessite. Pois assim será verdade que a infelicidade não é outra coisa senão a necessidade, o que, quando foi dito, percebestes que eu elogiava. Isto, porém, hoje é longo, para que o investiguemos; por isso, peço que não vos seja enfadonho reunir-se também amanhã a esta mesa." — O que, tendo todos dito que de muito bom grado o fariam, levantamo-nos.

O terceiro dia de nossa discussão matutina dissipou as nuvens, que nos obrigavam a ir aos banhos, e tornou o tempo vespertino muito claro. Decidimos, portanto, descer ao prado próximo e, com todos nós sentados onde nos pareceu conveniente, o restante da conversa

prosseguiu assim: Quase tudo, disse eu, que desejei que me concedessem ao perguntar, tenho e retenho; por isso, no dia de hoje, em que finalmente podemos distinguir este nosso banquete com algum intervalo de dias, haverá pouco ou nada, creio eu, que vocês precisem me responder. Pois foi dito pela mãe que a miséria não é outra coisa senão a pobreza, e concordamos entre nós que aqueles que são pobres são miseráveis. Mas se todos os miseráveis também são pobres, é uma questão não pequena, que não pudemos esclarecer ontem. Se, porém, a razão demonstrar que isso é assim, descobriu-se perfeitamente quem é o bem-aventurado; será aquele que não é pobre. Pois todo aquele que não é miserável é bem-aventurado; portanto, é bem-aventurado aquele que carece de pobreza, se ficar estabelecido que a pobreza que mencionamos é a mesma miséria.

Pois, quê? — disse Trigecio — não se pode já concluir daí que todo aquele que não necessita é feliz, uma vez que é manifesto que todo aquele que necessita é infeliz? Pois me lembro de termos concedido que não há meio-termo entre o infeliz e o feliz. — Parece-te haver algum meio-termo entre o morto e o vivo? — perguntei. — Não é todo homem ou vivo ou morto? — Confesso — disse ele — que também aqui não há meio-termo; mas para que serve isso? — Porque — respondi — creio que também confessas que todo aquele que foi sepultado há um ano está morto. — Ele não negava. — E então? Todo aquele que não foi sepultado há um ano está vivo? — Não — disse ele — isso não se segue. — Logo — prossegui — não se segue que, se todo aquele que necessita é infeliz, todo aquele que não necessita seja feliz, embora entre o infeliz e o feliz, assim como entre o vivo e o morto, não se possa encontrar meio-termo algum.

Pois quando alguns deles, um pouco mais lentamente, haviam compreendido, eu explicando e examinando aquilo com as palavras que pude, adaptadas ao seu entendimento: "Logo", digo, "ninguém duvida que todo aquele que necessita é infeliz, nem nos assustam certas coisas necessárias ao corpo dos sábios. O próprio espírito, no qual está

colocada a vida feliz, não necessita delas. Pois ele mesmo é perfeito; e ninguém que é perfeito necessita de algo e, o que parece necessário ao corpo, ele tomará, se estiver presente; se não estiver presente, a falta dessas coisas não o quebrará. Pois todo sábio é forte, e ninguém que é forte teme algo: portanto, o sábio não teme nem a morte do corpo nem as dores, para afastar, evitar ou adiar as quais são necessárias aquelas coisas, cuja falta lhe pode acontecer. Mas, no entanto, ele não deixa de usá-las bem, se elas próprias não faltarem. Pois é verdadeiríssima aquela sentença: 'pois admitir o que podes evitar é estultícia'. Ele evitará, portanto, a morte e a dor, quanto puder e quanto for conveniente, para que, se não as evitar minimamente, não seja infeliz por isso, porque estas coisas acontecem, mas porque, podendo evitá-las, não quis, o que é um sinal manifesto de estultícia. Será infeliz, portanto, aquele que não evita, não pelo sofrimento dessas coisas, mas pela estultícia. Se, porém, não tiver podido evitá-las, tendo agido com diligência e decoro, elas, ao irromperem, não o farão infeliz. Pois também aquela sentença do mesmo cômico não é menos verdadeira: 'Visto que não pode ser feito o que queres, queres o que podes'. Como será infeliz aquele a quem nada acontece contra a vontade, porque, o que lhe parece não poder conseguir, não pode querer? Pois ele tem a vontade das coisas certíssimas, isto é, que tudo o que faz não o faça senão segundo uma certa prescrição da virtude e a lei divina da sabedoria, as quais de modo algum lhe podem ser arrebatadas.

Veja agora se também todo aquele que é infeliz necessita. Pois a esta sentença, o que cria dificuldade para conceder é o fato de que muitos, estabelecidos em grande abundância de bens fortuitos, para os quais todas as coisas são tão fáceis que, ao seu mero aceno, está disponível tudo o que a cobiça exige, essa vida é, de fato, difícil. Mas imaginemos, no entanto, alguém como Túlio diz que foi Orata. Pois quem diria facilmente que Orata padeceu de necessidade, um homem riquíssimo, ameno, deliciosíssimo, a quem nada faltou nem para o prazer, nem para

o favor, nem para a boa e plena saúde? Pois tanto de propriedades lucratíssimas quanto de amigos agradabilíssimos, abundou quanto quis, e de tudo isso usou de modo muito apropriado para a saúde do corpo e, para explicar tudo brevemente, todo o seu plano e toda a sua vontade foram seguidos por uma prosperidade contínua. Mas talvez alguém de vós objete que ele quis ter mais do que possuía. Isso ignoramos. Mas, o que basta para a questão, façamos que ele não desejou mais do que detinha; parece-vos que ele necessitou? — Mesmo que eu conceda, disse Licêncio, que ele nada mais desejou, o que num homem não sábio não sei como aceitar, ele temia, no entanto — pois era, como se diz, de engenho não mau — que tudo aquilo lhe fosse arrebatado por um só golpe adverso. Pois não era difícil entender que todas aquelas coisas, por maiores que fossem, estavam sujeitas aos acasos. — Então eu, sorrindo: Vês, disse eu, Licêncio, que aquele homem afortunadíssimo foi impedido da vida feliz pela qualidade do seu engenho. Pois quanto mais perspicaz era, mais via que poderia perder tudo aquilo; por esse temor era quebrantado, e aquele ditado bastante comum afirmava que o homem desconfiado é, para seu mal, prudente.

Então, quando tanto ele quanto os outros sorriram: No entanto, consideremos isto mais diligentemente, disse eu, porque, ainda que este homem tenha temido, não careceu, eis a questão. Pois carecer é estar na condição de não ter, não no temor de perder o que se possui. Este homem, porém, era infeliz, porque temia, embora não carecesse. Portanto, nem todo aquele que é infeliz, carece. — E quando ela mesma, cuja opinião eu defendia, tivesse aprovado isso juntamente com os outros, ainda assim, duvidando um pouco: Não sei, disse ela, e ainda não compreendo claramente como a infelicidade possa ser separada da carência, ou a carência da infelicidade. Pois também este homem, que era rico e abastado e nada mais desejava, como dizeis, todavia, porque temia perder, carecia de sabedoria. Diremos, então, que este homem carecia, se carecesse de prata e dinheiro, mas não diremos que carecia,

quando carecia de sabedoria? — E quando todos, admirados, exclamaram, inclusive eu mesmo, não moderadamente animado e alegre, porque fora dito por ela, precisamente, aquilo que eu me preparara para apresentar como algo grandioso, extraído dos livros dos filósofos, e como argumento derradeiro: Vedes, disse eu, que uma coisa são os muitos e variados ensinamentos, e outra, o espírito atentíssimo voltado para Deus? Pois de onde procedem essas coisas que admiramos, senão dali? — Aqui, Licêncio, exclamando alegremente: Absolutamente, disse ele, nada mais verdadeiro, nada mais divino pode ser dito. Pois não há carência maior e mais miserável do que carecer de sabedoria, e aquele que não carece de sabedoria, não pode carecer de coisa alguma, de modo algum.

Portanto, a pobreza da alma, digo, não é outra coisa senão a estultícia. Pois esta é contrária à sabedoria e tão contrária, como a morte à vida, como a vida bem-aventurada à miserável, isto é, sem qualquer meio-termo. Pois assim como todo homem bem-aventurado é miserável e todo homem não morto vive, assim é manifesto que todo não estulto é sábio. Disso já se pode ver, não apenas que Sérgio Orata era miserável porque temia perder aqueles dons da fortuna, mas porque era estulto. Pelo que acontece que seria mais miserável se, diante daquelas coisas que julgava bens, tão vacilantes e instáveis, nada absolutamente temesse. Pois estaria mais seguro, não pelas vigílias da fortaleza, mas pelo sono da mente, e mais submerso na miséria por uma estultícia mais profunda. Mas se todo aquele que carece de sabedoria sofre uma grande pobreza, e todo aquele que possui a sabedoria de nada carece, segue-se que a estultícia é pobreza. E assim como todo estulto é miserável, assim também todo miserável é estulto. Portanto, assim como toda pobreza é miséria, assim também toda miséria é comprovadamente pobreza.

Quando Trygetius disse que havia compreendido pouco essa conclusão: "O que", perguntei, "concordamos entre nós pela razão?" — "Que carece", disse ele, "quem não possui a sabedoria." — "O que é,

então", perguntei, "carecer?" — "Não ter a sabedoria." — "O que é", perguntei, "não ter a sabedoria?" Aqui, enquanto ele calava: "Não é isto", perguntei, "ter a estultícia?" — "Isto", disse ele. — "Nada é, portanto, outra coisa", perguntei, "ter a carência do que ter a estultícia; do que já é necessário que a carência seja nomeada por outra palavra, quando a estultícia é nomeada; embora não saiba como dizemos: 'tem carência' ou 'tem estultícia'. Pois tal é, como se algum lugar, que carece de luz, disséssemos ter trevas, o que nada mais é do que não ter luz. Pois as trevas não vêm nem se retiram como se fossem algo, mas carecer de luz, isto mesmo é já ser tenebroso, assim como carecer de veste, isto é estar nu. Pois não é com a chegada da veste que a nudez foge como algo móvel. Assim, portanto, dizemos que alguém tem carência, como se disséssemos ter nudez. Pois carência é palavra de não ter. Por qual razão, para que eu explique o que desejo. Assim como é possível, diz-se 'tem carência', como se dissesse 'tem não ter'. Portanto, se foi demonstrado que a própria estultícia é a verdadeira e certa carência, vê agora a questão que havíamos assumido, se está resolvida. Pois duidávamos entre nós, se, quando chamamos miséria, nada mais nomeávamos do que carência. Demos, porém, a razão de que a estultícia é corretamente chamada carência. Assim como, portanto, todo estulto é miserável e todo miserável é estulto, assim é necessário que não apenas confessemos que todo aquele que carece é miserável, mas também que todo aquele que é miserável carece. Mas se, a partir do fato de que todo estulto é miserável e todo miserável é estulto, conclui-se que a estultícia é miséria, por que não, a partir do fato de que todo aquele que carece é miserável e todo aquele que é miserável carece, concluímos que a miséria nada mais é do que carência?

Visto que todos admitiam que assim era: "O que se segue agora", disse eu, "é que vejamos quem não nega; pois este será o sábio e o bem-aventurado. A pobreza, porém, é a estultícia, e o nome de pobreza; este termo costuma significar certa esterilidade e penúria. Atentai, portanto,

mais profundamente, com quanto cuidado os homens antigos criaram todas as palavras, ou, o que é manifesto, certas palavras, especialmente daquelas coisas cujo conhecimento era sumamente necessário. Pois já concedeis que todo estulto é pobre e todo aquele que é pobre é estulto; creio que também concedeis que a alma estulta é viciosa e que todos os vícios da alma estão incluídos num só nome de estultícia. No primeiro dia, porém, desta nossa disputa, dissemos que a malícia foi assim chamada porque é aquilo que não é nada, cujo contrário, a frugalidade, foi nomeada a partir de fruto. Portanto, nestes dois contrários, isto é, frugalidade e malícia, aqueles dois parecem sobressair: ser e não ser. À pobreza, porém, sobre a qual é a questão, que pensais que lhe seja contrário?" — Aqui, enquanto hesitavam um tanto: "Se disser", afirmou Trigécio, "riquezas, vejo que a estas é contrária a pobreza." — "É de fato", disse eu, "próximo; pois pobreza e penúria costumam ser tomadas como uma e a mesma coisa. No entanto, é preciso encontrar outro termo, para que à parte melhor não falte uma palavra, de modo que, enquanto aquela parte abunda com o nome de pobreza e penúria, desta parte só se oponha o nome de riquezas. Nada, pois, é mais absurdo do que aqui haja pobreza de vocábulo, onde está a parte contrária à penúria." — "Plenitude", disse Licêncio, "se se pode dizer, parece-me corretamente oposta à penúria."

Depois, disse eu, talvez busquemos mais diligentemente sobre a palavra; pois não é isso que deve ser cuidado na investigação da verdade. Embora Salústio, o mais seletivo avaliador de palavras, tenha oposto opulência à pobreza, contudo aceito essa plenitude. Pois nem aqui seremos libertos do temor dos gramáticos, nem devemos temer que por eles sejamos repreendidos, por usarmos descuidadamente as palavras, as quais nos deram para nosso uso. — E quando sorriram: Portanto, porque decidi não desprezar vossas mentes, disse eu, quando estais atentos a Deus, como certos oráculos, vejamos o que este nome pretende; pois julgo que nenhum é mais apropriado à verdade.

Plenitude, pois, e pobreza são contrárias; mas também aqui, similarmente, como na maldade e na frugalidade, aparecem aquelas duas coisas, ser e não ser, e, se a pobreza é a própria estultícia, a plenitude será a sabedoria. Com razão também muitos disseram que a frugalidade é a mãe de todas as virtudes. Concordando com eles, Cícero também em discurso popular diz: como cada um quiser, aceite; eu, porém, julgo a frugalidade, isto é, a modéstia e a temperança, como a máxima virtude: absolutamente doutíssima e decentíssima; pois considerou o fruto, isto é, aquilo que dizemos ser, ao qual o não ser é contrário. Mas por causa do costume comum de falar, pelo qual a frugalidade costuma ser dita como parcimônia, com duas palavras seguintes esclareceu o que sentiu, acrescentando modéstia e temperança; e estas duas palavras consideremos mais diligentemente.

A modéstia, certamente, foi dita do modo e a temperança da temperança. Onde, porém, há modo e temperança, não há nem mais nem menos. Esta é, portanto, a plenitude, que tínhamos posto como contrária à indigência, muito melhor do que se puséssemos a abundância. Na abundância, de fato, entende-se a afluência e, por assim dizer, o derramamento de uma coisa demasiado exuberante. O que, quando acontece além do que é suficiente, também ali se deseja o modo, e a coisa, que é excessiva, carece de modo. Portanto, nem da própria redundância a indigência é alheia, mas do modo tanto o mais quanto o menos são alheios. A própria opulência, se a examinares, encontrarás que ela nada mais contém senão o modo. Pois a opulência não foi dita senão da ajuda. Como, porém, socorre o que é demasiado, quando muitas vezes é mais incômodo do que o pouco? Tudo, portanto, que é ou pouco ou demasiado, porque carece de modo, está sujeito à indigência. O modo, pois, da alma é a sabedoria. E, de fato, não se nega que a sabedoria é contrária à estultícia, e a estultícia é indigência, mas à indigência é contrária a plenitude: a sabedoria, portanto, é plenitude. Na plenitude, porém, está o modo: o modo, portanto, está na alma na

sabedoria. Donde aquele preceito célebre e não imerecidamente difundido: isto é o primeiro útil na vida, que nada em excesso.

Dissemos, porém, no início de nossa discussão de hoje, que, se descobríssemos que a miséria não é outra coisa senão a pobreza, confessaríamos que é feliz aquele que não é pobre. E, no entanto, foi descoberto. Portanto, ser feliz não é outra coisa senão não ser pobre, isto é, ser sábio. Se, porém, perguntardes o que é a sabedoria, já a própria razão, tanto quanto pôde no momento presente, a desdobrou e extraiu; pois não é outra coisa senão a moderação da alma, isto é, aquilo pelo qual a alma se equilibra, para que nem se lance ao excesso nem seja constrangida abaixo daquilo que é pleno. Lança-se, porém, aos luxos, dominações, soberbas e outras coisas desse gênero, pelas quais as almas desregradas e miseráveis julgam obter alegrias e poderes para si. Constrange-se, porém, com as torpezas, temores, tristezas, cobiças e outras, quaisquer que sejam, pelas quais até os miseráveis confessam que os homens são miseráveis. Quando, porém, contempla a sabedoria descoberta e quando, para usar a palavra deste jovem, se mantém junto a ela e não se volta para a falsidade das imagens, cujo peso, abraçado, costuma fazer cair e submergir de seu Deus, movido por qualquer vaidade, nada teme da desmedida e, portanto, nada da pobreza, nada, pois, da miséria. Tem, portanto, a sua moderação, isto é, a sabedoria, todo aquele que é feliz.

Ora, que outra coisa deve ser chamada de sabedoria senão a sabedoria de Deus? E também recebemos, por autoridade divina, que o Filho de Deus não é outra coisa senão a sabedoria de Deus, e o Filho de Deus é certamente Deus. Portanto, quem possui Deus é bem-aventurado; o que já nos agradou a todos antes, quando entramos neste banquete. Mas o que pensais que é a sabedoria, senão a verdade? Pois também foi dito: Eu sou a verdade. E para que a verdade exista, ela se faz por meio de uma certa medida suprema, da qual procede e para a qual se volta quando perfeita. A essa medida suprema, porém, nenhuma outra

medida é imposta; pois se a medida suprema é medida por uma medida suprema, ela é medida por si mesma. Mas também é necessário que a medida suprema seja verdadeira medida. Assim, como a verdade é gerada pela medida, assim também a medida é conhecida pela verdade. Portanto, nem a verdade sem a medida, nem a medida sem a verdade jamais existiram. Quem é o Filho de Deus? Foi dito: a verdade. Quem é aquele que não tem pai? Quem senão a medida suprema? Portanto, quem chegar à medida suprema por meio da verdade, esse é bem-aventurado. Isto é ter Deus nas almas, isto é, fruir de Deus. Pois as demais coisas, ainda que sejam possuídas por Deus, não possuem a Deus.

Uma advertência, porém, que age conosco, para que nos lembremos de Deus, para que o busquemos, para que, afastado todo fastio, o desejemos, emana para nós da própria fonte da verdade. Esse sol oculto derrama seu fulgor sobre nossas luzes interiores. Dele é todo o verdadeiro que falamos, mesmo quando ainda, seja com olhos menos sãos, seja repentinamente abertos, hesitamos em nos voltar audaciosamente e contemplar tudo, e nada mais parece ser isto senão Deus perfeito, sem que nenhuma degeneração o impeça. Pois ali tudo e o todo é perfeito e, ao mesmo tempo, é Deus onipotente. Mas, contudo, enquanto buscamos, ainda não saciados pela própria fonte e, para usar aquela palavra, pela plenitude, confessamos que ainda não chegamos à nossa medida e, por isso, embora já com o auxílio de Deus, ainda não somos sábios e bem-aventurados. Aquela é, portanto, a plena saciedade das almas, isto é, a vida bem-aventurada: conhecer piedosa e perfeitamente Aquele por quem és conduzido à verdade, pela qual verdade fruas, e por meio do qual te unes ao Sumo Bem. Estas três coisas mostram aos que entendem um só Deus e uma só substância, excluídas as vaidades da superstição variada. — Aqui, minha mãe, reconhecendo as palavras que profundamente aderiam à sua memória, e como que despertando para sua fé, derramou com alegria aquele verso de nosso

sacerdote: "Aquece os que oram, Trindade", e acrescentou: Esta é, sem dúvida alguma, a vida bem-aventurada, a qual vida é perfeita, para a qual, apressando-nos, devemos presumir que podemos ser conduzidos por uma fé sólida, uma esperança alegre e uma caridade ardente.

Portanto, digo, uma vez que a própria medida nos adverte e devemos distinguir o banquete com algum intervalo de dias, agradeço, tanto quanto minhas forças permitem, ao sumo e verdadeiro Deus Pai, Senhor libertador das almas, e depois a vós, que, harmoniosamente convidados, ainda me cumulastes com muitos dons. Pois tanto contribuístes para nossa conversa, que não posso negar ter sido saciado por meus convidados. — Aqui, enquanto todos se alegravam e louvavam a Deus: Quanto eu desejaria, disse Trígécio, que assim nos alimentasses todos os dias. — A medida, digo, deve ser guardada em toda parte, amada em toda parte, se vos é caro o nosso retorno a Deus. — Ditas estas palavras, feito o fim da discussão, retirámo-nos.

RETRATAÇÕES DE AGOSTINHO, LIVRO I, CAPÍTULO II. (PAG. 18, 4 ED. KNOELL) O LIVRO UM SOBRE A VIDA FELIZ.

O livro sobre a vida feliz não veio a ser escrito depois dos livros Contra os Acadêmicos, mas durante a composição destes. Pois surgiu por ocasião do dia do meu nascimento e foi completado com a discussão de três dias, como ele mesmo indica suficientemente. Neste livro, ficou estabelecido entre nós, que juntos investigávamos, que não há vida feliz senão o perfeito conhecimento de Deus.

Desagrada-me, porém, ali, que a Málio Teodoro, a quem escrevi o próprio livro, ainda que homem instruído e cristão, tenha sido atribuído mais do que eu deveria, e que também ali nomeei frequentemente a fortuna, e que disse que a vida feliz habita no tempo desta vida somente na alma do sábio, qualquer que seja a condição do seu corpo, quando o apóstolo espera a perfeita conhecimento de Deus, isto é, aquele que não pode ser maior para o homem, na vida futura, a qual somente deve ser

chamada vida feliz, onde também o corpo incorruptível e imortal será submetido ao seu espírito sem qualquer molestia ou relutância.

Certamente, encontrei este livro interrompido no nosso códice e faltando não pouco, e assim foi copiado por alguns irmãos, nem até agora o tinha encontrado completo com alguém, a partir do qual pudesse emendá-lo, quando revisei estas coisas.

Este livro começa assim: Se ao porto da filosofia.

Aparato Critico

1. 1 INCIPIT LIBER (sci aug.) DE BEATA UITA (sci aug. add. s. I. m. post.) A, INCIPIT LIBER SANCTI AUGUSTINI DE BEATA VITA L, INCIPIT LIBER EIUSDEM DE BEATA UITA M 2 e] a Lm2s.l. de edd. 3 magr.e add.m2s.lA 4 institutos A 8 aliqua horum p 10 ueluti am procellosum (s ex r ml) A 11 quasi om.LMp 12 et om.M 13 obtinentes L 15 philophia Aml 16 uideor mihi M 18 recondunt a 19 quu] quod A co (ut s. vi2) M 21 fallacissime M 22 saepe eius eJd. 25 altissimam miseriam M 27 laeti] iacti Mm iactati ap
2. 20 cf. Aug. c. Acad. III 14, 30
3. 2 flens Mm1 ad certa et] accierat ad (cci in ras.) M uel om M 4 reducantur L hii (is. im2A) Ap 5 tragoediue A 7traxerinta 9excludunt AmlM 11 iam diu] tam diu L 12 recordabuntur M 14 nebula p 16 peri- clitabunturM 17 fortunis] rebusM 18 instantissimam M uitam] patriam tn 21 quo] qui edd. 22 formidandas Mml 23 illa lucet M luce illa p 24 uoluntatibus am ipsa ex issa corr. m2 A 26 al sese jom-M inuitat LM edd. detinet ALM edd.; an scribendum detineat? 27 delectatus Aml 28 decipiantur (a corr. m2) A 29 quam M
4. lOcf. Retr. 12,2 14 cf. Cic. Hort. frag. 9 Müller cf. Cunf. III4, 7 21 cf. ibid 1116,10 sqq.
5. 1 beniuolentissimo Aml beneuolentissime (me m2) M 4 ingressi*suae (s ras.) L nisi (n ex s corr.) A 5 habent M inflatos (in a m2) A superambulantes A 6 subcrepantes A sua repente M 7 tenebris Mml eripiat (t ex s m2) A luculentum Aml luculentissimam am 13 undeuce*simo A undeucesimo Lmp 14 se*ola*(h et m ras.) A scola Mp rethoris (ris in ras. A) ALM rethorum a rethorum p ihortentius A 16 transferre am meditarer (r alt. ex s corr.) A 18 ducor M ducebar am suscepi M 19 ab ipsa me M et om-M 20 persuasit L 21 credendum M edd. 22 summe A summa et LM e,dd. 23 quod] que p 24 at ex ut corr. A 26 achademici codd. has] exteram M hic] in M
6. 1 cf. Conf. VI 3, 4 sqq. 8 cf. ibid. VII 9, 13. VIII 2, 3 14 cf. ibid. IX 2, 4
7. 1 septentrioces A (6 ex es corr.) credere M 2 sacerdotis (is ex es orr.)A 5 illecebra LM 6 haec om.M hoc p tam] tamen p 7 omnibusque am 8 plotini AL platonis M edd. 9 esse om.M 12 ergo om.Jl 13 superfluus Mml putabatur edd. 14 tantus LM edd. dolor pectoris p 15 honus A ualificabam Mml uilificabam a 16 syrenas M abicere M 17 nauim Mp fessamque ALM fissamque m perducere M 19 eiusque (que m2A) ALJI edd. periculosum (o alt. ex u) A 20 non tamen om.M exclusit p 21 est beata M eamque] atque LMm 22 nutuat uel nutat L nitat Mml

8. 9 cf. Retr. I 2, 3

9. 3 plenius] utpleniws plenius ut JI uel quo pl. p disputationllm] initium (iispntationum m pelagus d. ap 4 euasisse (isse in ras. m2) A 7 donum dei p 11 eosdem ex eiusdem A eosdem ipsos om-M 12 quaeso] q. te Mam 13 no- uembris edd. dies om.Mml 15 cotidie LM ad om.Mml 16 histemporibus M aptius Lm2Mp apius Lml secretusque Mm 19 esse credo Lp 20 triaetiu. LM cuius ill condiscipulip 21 larcidianum M Lastidianum edd. 22 com- munem sensum M 23 unlibar Mm1 molebar a 25 amore] animo M quidam Aml adeudatos (u in o corr.) A 27 uidetur .4 s.l. ml 29 nihilne] nihil nihilne m

10. 1 inquit (t ex d corr.) A, /ere semper inquit me p 2 potesne] potes inquam LMp potesne inquam am aliquid eorum dicere M 4 hesitaret 37 saltim A te om.J1 5 te habere M 6 scis] scir* (e ras.) A habere te corpus L te habere te corpus M te corpus h. p 7 te scis p 10 complacendum p 11 quale*(s ras.) A quaeramus Lp 12 ex in ras. mlA 13 pos*se (e, ut uidetur,ml) A 14 orum A 15 se*A posset LM edd. posset post uideri exhibet M 17 nonsnisi A pertinere M 19 assentiebatur Mml trigetium A 20 ego] ergo Mam pro edacitate mea non creui p modo Aml 22 minora essent] minorarentur M 23 peccoribus AM 24 dubitat] d. inquit Mm2 marcescere Mp macrescere m 25 macescere-decrescere om.M 26 id add. Aml s.l. 28 censuerunt ita esse p

11. 9 cf. Retr. I 2, 3

12. 3 plenius] utpleniws plenius ut JI uel quo pl. p disputationllm] initium (iispntationum m pelagus d. ap 4 euasisse (isse in ras. m2) A 7 donum dei p 11 eosdem ex eiusdem A eosdem ipsos om-M 12 quaeso] q. te Mam 13 no- uembris edd. dies om.Mml 15 cotidie LM ad om.Mml 16 histemporibus M aptius Lm2Mp apius Lml secretusque Mm 19 esse credo Lp 20 triaetiu. LM cuius ill condiscipulip 21 larcidianum M Lastidianum edd. 22 com- munem sensum M 23 unlibar Mm1 molebar a 25 amore] animo M quidam Aml adeudatos (u in o corr.) A 27 uidetur .4 s.l. ml 29 nihilne] nihil nihilne m

13. 1 inquit (t ex d corr.) A, /ere semper inquit me p 2 potesne] potes inquam LMp potesne inquam am aliquid eorum dicere M 4 hesitaret 37 saltim A te om.J1 5 te habere M 6 scis] scir* (e ras.) A habere te corpus L te habere te corpus M te corpus h. p 7 te scis p 10 complacendum p 11 quale*(s ras.) A quaeramus Lp 12 ex in ras. mlA 13 pos*se (e, ut uidetur,ml) A 14 orum A 15 se*A posset LM edd. posset post uideri exhibet M 17 nonsnisi A pertinere M 19 assentiebatur Mml trigetium A 20 ego] ergo Mam pro edacitate mea non creui p modo Aml 22 minora essent] minorarentur M 23 peccoribus AM 24 dubitat] d. inquit Mm2 marcescere Mp macrescere m 25 macescere-decrescere om.M 26 id add. Aml s.l. 28 censuerunt ita esse p

14. 23 cf. Cic. Tusc. III18

15. 1 habent Mm1 2 nobis M, om.p alia re M 3 ali] ali.(a ras.) A 5 pascatur anima M 6 aliquantam (a ult. ex u) A non aduertisse am 7 qua] quae Am2M cdd. 8 adque A ergo p 9 uescentem M 10 curis (u ex a corf.) A theoriis LM edd. 11 si per] super L si super M uel si super p posset L]p 12 numme.U 16 famelicasL esse om.p 17 uiciis A 18 ista om.J1 inquam mihi est crede p crede mihi am sterelitas A 20 morbo M repletur (r alt. ex s) A uitia] uiuam M 21 et ante ita <ras. A 23 *nequicquam (q ras., c m2) A nec quicquam LMp id est-sit om.M 26 ab] a M 27 all. est om.J! 28 perit!ml

16. 19 Cic. Hort. frag. 3G Miiller. Tusc. V 28

17. 1 perditio.; esse M 2 huius A cuius LMam cui p 3 obscurism 4 q iā (a in ras.) A id iam in ras. mlA uidere uos p 6 uinum salubro p 7 pestisterum A 8 quaedam duo M 9 est om Miu atque] et M 10 paulo lautius] paulo latius A pjulatus uideo L paulo lautius uideo M 11 sed] sed (tiam (om. etiam seq.) M sed et am 13 insumam operam M op. in summam L tp. consumam a ut tales] utiles Lml 18 uelle om.LMp 19 esse nos am uolumus (m ex s m1) A 20 *hoc (li ras.) A 21

- inquam omM 23 ue*lit A et habeat-uelit om-M 25 niater inquam prorsus p 27 modo er mundo curro mL. de*A 25 ortensio A hostensio L philosophiae om.M
18. 1 Cic. Hort. frag. 39 Müller. cf. Aug. de trin. XIII 5, 8
19. 2 prompti LM 3 beatos esse M 5 id est AL id M idem edd. miserrimi p alt. miserrimum M 6 adipissci (c add. m2) A 7 pra.uitas mali p 8 uoluntas M 9 sic illa M obliiti*(s ras.) A 10 considerare L 11 interim] in tantum M 12 sed (d m2) A tibi est inquit p 14 habere om.M 15 dignaueris ALM 1G nec] ne p non est fortasse p 17 commotionis L petitionis M 19 posse esse p neque-habet om.LMmlap neque omnem] et Mm2 in mg. 20 esse (se m'2) A non esse p 21 inceditis .1 sit] est edd. 25 hoc etiam et isti p licentii Am2LM edd. 20 illud p
20. LXIII. August. I pars III. ed. Knoell.
21. 7
22. 2 et quamdiu uolumus om.LMp asenticbantur Aml 3 omnesque p ****ip.sas (ipsas eras.) A 4 iocundas A 5 quae LM quod A 7 alt. potest add. m'~A 9 haec edd. 10 autem om.M 12 indig*us (u ras.) A in- diguius M indigus Lam indignus p 13 quid si] quid LMedd. hahlhdans A abhundans M 14 cupiendi] si cupiendi edd. si sibi M iocundeque AM 15 nou] nonne p 16 rebus illis LMp 17 pr. ne LM *hlic (c ras.) al 18 id eum] ide Aml ideum (um Am2) 21 semper mauens] ee*permanens (m ras.) A 22 quidem om.p hcertum (in ras.) A interrogatione Aml 23 egeret Aa non egeat-deuotione om.LMmlp continuerit p 26 uobis M esse arbitror m nisi] s-i LMp 27 enini] ergo L,om.p *is (h ras.) J is profecto M
23. 1 trygecius A 2 uult deus p sententia ALMp 3 larcidianus AM lastidianus p concessit (c alf. ex s) A minimus ille M 4 his A G illum Mmlp placere sibi LMp 7 percunctari Mml uisum est negl. percunctari]> 8 non] quod non LMp 9 quam] ne quam deLml quam ne Mp sileret L]lap trygecio* (sras., o ex u corr.m2) A 11 quicquam om-p inueni Mm1 sijetsip 12 uti Mam sencerissime A 13 habet Mml et animi om.M 14 ueraciter Lm1M 15 ualitudini Mp 16 ipsa fame (f ex s mZ) A 17 accipiaet A illud (11 ex d ml) A li*guriatis (r s. r) M 18 suggestum (w. g ex b till) A 19 nisi Mm 20 scolasticoM auditio (t ex s corr.) A 21 coagitaeruntque „1 coegeruntque L edd. cogertuntque M 22 esset (t ex m ml) .4 23 quod (q ex s) A susciperam A sup*ramus Mml 24 quod L 2G adinuenerunt p iocundius**A
24. 1*
25. 15 cf. Cic. Hort. frag. 89 Müller
26. 1 rem ita ego p proposui edd. 2 id quod (id m2) M 3 illis A 4pr.no- lunt A 5 inueni ut]. 6 etiam om.M esse non esse Mm1 esse non posse Mm2 at] aut.4 an L 8 sapientes Aml 9 ascensionem M rapait A 10 si quid M 11 uiscera-4 12 mecum eam M lambiet L capiet M aut admonebi Aml autem monebit L aut (me p) mouebit Mp ant me admonebit am 13 nauigijs metuere p spele (1 s. p m2) A 14 uitioso (0 alt. in ras.) A hinc M inquit me am 15 ait (a in ras.) A 16 melle ymetio M melles metio A 17 toto M remorsu L remorsum M 18 in om.LM traitio A 19 ullo L ait potest p inquit om.Mp trigetius A tragetius L 20 ille p me om.M 22 eis nimis] animis .4, an scribendum animo eis nimis? aduersabant A 24 dissentis a nobis Am2 s.l. nunquintam Aml illo M 25 alipio A alippio M
27. 1 ratiuncula acederet (e pr. ex c m2) A tam om.M 2 ille Mm 3 habere om-M uellet habere am 4 eum om.LMp 5 nucleis M edd. 6 illene] illene inquit edd. parue LMp 8 protrahetur p 10 utilia] uilia A ipse] esse M 11 tuo A suo LM edd. argumentaretur edd. 12 orum A 13 quod] id q. M 15 inquit beatus est Lp i. b. est quid beatus est M 16 sthomaecanter A dixit ALM 17 pr. inquit om.M annuerent L asseribi M 19 funderetur m adolescente M 22 prouocaremus edd. 23 et] sed edd. solos-risu om.M 24 iutueri (i alt. ex o m'2) .4 25 solet] fieri solet m iis w quicumque JI 20 abstineant M terrent M 27 inuit*aueraiu A magni] in 111. M

28. 1 inuitatorum L inuitatorem gerebam m inuitatorem alias personam gerebam a sustinere docuisti] sustinere non potui am commouitque cdd. me om. M 2 discrepentia Mml 4 sunt M quid] qui A 6 inquam A 7 nos] eos Migne 8 ut ex ul mLA hic om. J1 10 post tridie AM post om. L item post prandium] tempns prandii M sed] se A aliquantum M 11 idem ibidemque] ibidem M 12 quod] quam L crudelitate LMm2 credulitate JIml accessisse A 13 bm om M 16 exiguum] tam exiguum LM edd. reppertum A 17 enim est M 18 cum omnes] qui omnes L cum (eum p) uel communes ap 20 omnibusJ/ 21 ni m 23 quid] quinam Lap quisnam Mm uideretur uobis 25 parti am 26 dixerant a his A
29. 1 reliqui L esse deus M 2 qui inmundus Jlam appellatur imm. p non est spiiitus L 3 consensistis M 7 aliud] aliquid A 9 ritu*(s ras.) A sacrorumque spiritu spiritus ap 11 imiadit animam m 12 possunt M 13 diuinam AmlM expellere] e. potentiam M 14 inmundus sp. et innumda a. M 1G ex A abs LM edd. forte M seniore M 17 quis m 19 iam A, om. L/Im 20 omnibusque peccatis edd. his Atnl inmundum spiritum m spiritum om M 22 eum M tantum post iulicito exhib. Mm 23 temperet m 24 si A qui LM edd. sese abstinet M abstines sese edd. 2G cum plac. mihi conscribi M 27 placuisset] pl. haec ultima A his A, om. LMp ut bene edd.
30. 1 *talis A quod L uideatur p 2 consensit a ergo inquam una M 3a om. L paululum a uobis Mp 9 facit**A inmundum spiritum M 10 demn quaerit am 11 uiuat L 13 credendus Mm 14 rederent Aml uiderent p 19 et iam AL etiamsi M edd. 21 uiuit M cdd. liabet edd. 22 externo a 23 deum liabet am 24.26 propiciium A 25 saltim .i hoc] liunc p esse beatum (om. eum) p 27 ilum (u ex a ml) A 30 possumus LMp 31 all. propium (corr. m2 s.l.) A deum habet propiciium p
31. 1 erit om. LMp 3 nobis onnibus edd. 4 discussus (a ex u m1) A 5 mihi] nihilque a Mime 6 meam om. M 8 etiam cum p mater***** (mater cras.) A 9 continuo concedo M 10 aliquod II puto (u ex a m2) A 11 deus propitius am quomodo a 12 hoc J1 13 ergo] igitur M inquit L 14 inquit possum aiu 15 sententia ea A 18 haecce edd. nostra (om. etium) p 19 quaero A 22 fanet M edd. deum qui p 23 est om. LMp 25 proi - sus—26 habet add. Am2 in nef. 26 mihi om. L uidetur mihi p beattisj nisi beatus L 29 ia- deum A
32. 7 Cicero in Hortensio, cf. Usener, Gott. gel. Anz. 1892 p. 381
33. 1 uiciis A 4 placuisset Am2L habes A 6 esset] sit M edd. 7 mirum homine A lacumm indicaui col. Relract. 1 2, 4; qui pro tem aliquem beatum A qui pro te et ibi sic habet aliquem beatum LM qui beatus non est p qui propitium tenet deum, quem adhuc deum quaerentem nondum diximus esse beatum am 11 sit] est p 12 ita sit om. L 13 aliud esse am miserim L cum om A spatio uacuo relicto 14 longum] J. est Am2 s.l. 15 fastidium p 16 se om. AM 17 matutinas M edd. 18 tempusque A promeridianum ALp 19 credit Lp in pratulij infra. tuli L infra tulli M 20 comode p 21 reliquis Aml reliquis L peractus L paratus A protractus M perstratus M 22 mihi interroganti p *ac (h ras.) A 23 possimus LMam aliquod L 24 dierura interuallo p 26 aliud esse am
34. 23 cf. Retr. I 2, 4
35. 1 qui A omnes qui LM edd. etiam omnes p 4 enim erit Am] 5 beatus ergo est am egestate*(m ras.) A 7 qui Lp 9 consensisse LM nos (n ex m) A medium Am2 in ras. 13 *quorsum A cursum L istud LMtnl ead. quia***** (illud eras.) A istud edd. 14 sepultum (om. est) L non negabat- non ait add. Am2 in mg. 15 alt. non] nam ex non m2 A 18 uiuum (u alt, ex n m2) A inuenire L 19 aliquid Aml 20 id ex in m1A 22 nec] ne Aml non A non enim LM edd. 23 eget eis p positas Aml uita beata am 26 frangit A
36. 3 Ter. Eun. 761 12 Ter. Andr. 305 sq. 24 cf. Cic. Hort. frag. 76 Miiller

37. 1 inopia[.sed] inopias & A 3 uitare] cauere Terentius amittere L 5 uita- uit L 7 cum] non L cum uitare p 8 perpressionem A 9 uitare p 11 cōmici A sententia (alt. e in ras. m1) A 12 non om.L 13 possit m Terentii libri, cf. ciu. dei XIV. 25. de trin. XIII 7, 10 15 posse] possidet AnJ 21 multis cod. Trec. n. 40 multi ALM cthl. constitutis Trec. constituti A coa- stituti sunt Lm edd. 22 nutu A 23 possit Aml alique (e ex id m2) A tamen] talem edd. 24 oratum LMap dicat (a ex u corr.) A 25 egestatem A 2G neque ad] nequeat Aml uoluntatem A ll
38. 1 ualitudinemil/p praedisL quaestuossissimis] qua est uosissimis Aml que (om.p) studiosissimis Lp 2 et amicis iucundissimis om.LMp habun- dauit A 3 eisque LM breuiter add. m. post. s.l. A 4 pr. omnem A omni*s ex omniu ras. A 5 inquiet in ras. mlA nostrum p 6 quod (o ex i m2) A 9 plus om.m 10 enim] uir add. m 13 tunc LMp 15 omnia illa p 16 a*mittere (m ras.) A 17 infidem A (d ex n ml) La malo] multo A 18 illi a 19 quia] qui m 23 sententia p dependebam LMp 24 aliquantulum m 25 plene am 28 sapiens L 29 et] uel p egeret om.p diceremus Mm
39. 2 esset Am2 s.l. 4 ** iquam (i m2 in ras.) A multus A adtensimum L 7 ac] et M edd. 8 pr. sapientia Aml 12 miseriae LM 13 pr. homo orn.p 15 oratum LMp 17 fuisset L iis m 19 demersus Lam diuersus p 24 qua conclusione L 25 quid (d m2 in ras.) A quit L 26 habet p ergo om.p 27pr. sapientiam Am1 sapientiam inquit Am2 in mg. LMedd. 29inquam om.Lp 30 habere om-LMm alia L 31 nominantur L
40. 30 cf. 2, 8 (p. 95, 23)
41. 2 careat (alt. a ex u m2) A 3 lulmen A 5 nudum esse p 10 certam] et certam LM edd. 11 susciperam A 12 post sit ras. 2 litt. A appellaremus Am2LM edd. 14 ratione A stultiam A 15 miser stultus in ras. m2A 16 pr. omnem omp alt. omnis A 17 at ex ut A pr. et add. As.l. 19 egeat am 21 inquam iam LMp 22 his A et] ut LJI 24 ergo A qiuco] LM edd. 27 stultū**A
42. 16 cf. Sall. Cat. c. 52 28 Cic. Deiot. 26
43. 1 ne quicquam Mm2 2 iis m 3 frugalitate (fruga in ras. m2) A atque] et p 4 egestate Am] 6 trigecius A 7 contrarium A 8 solent LM edd. 12 egestatis A 13 si om.Am1 14 quaerimus Aml quaeramus ap 15 hoc curandum] obscurandum A inquisitione am 16 salustius M lectissimus] eius dilectissimus L electissimus ap oppolentiam A 17 nec hic A hic LMmp 18 formidinem L liberauimur L laborabimus m 19 ad utendum nobis p 22 statui in ras. A 24 at] ut Am] aut M Irugilitate A 27 dixerit L
44. 20 Ter. Andr. 61 27 cf. 4, 23 (p. 106, 2G)
45. 1 uirtutem esse am uirtutum esse p 3 diximus p cui] tui Aml 4 parcimonia edd. 11 habundantiam Aml 12 afflueatu? (om- et) Aml 15 reduntia AMm1 etiam et plus minusque p 1G inueni-es (a ras.) A inuenias L 19 nimium] minimum L 20 quia*modo (m ras.) A igitur p 21 est. etenim] est enim A 23 animi Lm2am 24 aliud Migne 25 diffamatus -4 diffamatur LM edd. 26hoc primum] adprime Terentii libri utile <m.p ut ex et A 27 hodierna L 28 aliud esse edd. 29 fatemur I.
46. LXIII. Aujust. I pars III. ed. KnoeLl.
47. s
48. 11 cf. 3, 18 (p. 103, 2.5) 17 cf. I Cor. 1, 24 21 Ioh. 14, 8
49. 1 egeret.4 sapientem esse p 2 iam AM nam L edd. ipsa La 3 & uoluit A enim aliud est M enim est a. p nihil est m 4 quo] a quo A se a animus A 7 animis ibi Aml 8 merore A 12 fallatiam A quibus p 14 inegestatis A \ 16 autem om.p 17 etiam om.LMp 18 et est LM id est A 19 placuit ante L 21 enim hoc L 22 utadd. Am2s.l. 28 quid L est Am2 s l. 29 alt. quis*** (est eras.) A 30 sunimu* (s ras.) A
50. 22 Ambros. hymn. II 32 (XVI 1474 M)

51. 1 animo Lm animi Jlmpl animum a frui Mm 4 alt, ut] et L pulsos*omni (s ras.) A 5 ueritatis om.LJlp 6 uestris ex nostris Lm2 uerum A uerbum LJlp 7 pr. ueJ om.p 14 beati sumus Am2 beatissimus AmlL 15 haec m 16 indicaris L 17 modo] bono p 18 uanitatis LJlp superstitionibus p 19 hoc L his a 20 uerbum LMap illud Ma,om p 22 precantis Am1LM 23 effundit LM 25 spe (e ex r, s s. m2) A fraglanti Aml flagrante edd. 26 et om.LJlam 28 patris .4 liberator Am1
52. 8*
53. 2 his L 3 quem L 4 nos om.LM cotidie A o est om.LMp nobis p 6 nostri phis (s ex c m2) A EXPLICIT LIBER DE BEATA UITA. INCIPIT AURELII AUGUSTIXI DE DUOBUS AXIMIS A EX- PLICIT LIBER SCI AUGUSTIXI DE UITA BEATA L EXPLICIT AUG. DE BEATA UITA M
54. 6 De b. nit. 1, ti 11 De b. uit. 1, 5; cf. De ord. I 11, 31 12 De b. uit. 1, 2. 5. 13 De b. uit. 2, 14 13 1 Cor. 13, 12 17 1 <W. 15, 44 sqq.

stoa0040.stoa056

Livro 1

Zenóbio, seguir e manter a ordem das coisas é próprio de cada um, mas ver ou revelar a ordem do universo, pela qual este mundo é mantido coeso e governado, é extremamente difícil e raríssimo para os homens. A isto se acrescenta que, mesmo que alguém possa compreender estas coisas, não consegue também realizar que encontre um ouvinte digno de assuntos tão divinos e obscuros, seja pelo mérito da vida, seja por algum hábito de erudição. No entanto, nada há que os melhores espíritos desejem mais avidamente e se esforcem mais para ouvir e aprender, aqueles que contemplam os escolhos e tempestades desta vida com a cabeça erguida, tanto quanto lhes é permitido, do que como acontece que Deus cuide dos assuntos humanos e que tamanha perversidade esteja tão difundida em todas as coisas humanas, que não pareça devida nem a uma administração divina, nem mesmo a uma servil, se a esta fosse dada tanto poder. Por esta razão, acredita-se que seja quase necessário para aqueles que se preocupam com tais coisas, deixar de lado que ou a divina providência não se estende até estes últimos limites, ou certamente todos os males são cometidos pela vontade de Deus, sendo ambas as opções ímpias, mas mais ainda a última. Pois, embora acreditar que algo esteja abandonado por Deus seja ao mesmo tempo muito ignorante e perigosíssimo para a alma, ainda assim, entre os próprios homens, ninguém acusou alguém de não ter podido fazer algo. Mas a censura por negligência é muito mais purgada do que a por malícia e crueldade. Assim, a razão é quase forçada a sustentar, não esquecendo a piedade, que ou estas coisas terrenas não podem ser administradas pelas divinas, ou que são negligenciadas e desprezadas,

em vez de serem governadas de tal modo que toda queixa sobre Deus seja branda e irrepreensível.

Mas quem é tão cego de mente, que duvide atribuir à divina potência e moderação qualquer razão no movimento dos corpos que esteja além da disposição e vontade humanas? A não ser que, porventura, ou por acaso se configurem os membros de quaisquer animais, ainda que minúsculos, com dimensão tão certa e sutil, ou — o que ninguém nega ser por acaso — possa confessar-se feito senão por razão, ou então, através de toda a natureza, aquilo que em cada uma das coisas admiramos ordenado sem o esforço da arte humana, ousaremos afastar do secretíssimo arbítrio da majestade com quaisquer frivolidades de vã opinião. Mas, com efeito, isto mesmo é mais pleno de questões: que os membros da pulga estão dispostos de modo admirável e distinto, enquanto, entretanto, a vida humana se revolve e flutua na inconstância de inumeráveis perturbações. Porém, deste modo, se alguém visse tão minuciosamente que sua vista não pudesse abranger no pavimento embutido nada além da medida de uma única tessella, censuraria o artífice como ignorante da ordenação e composição, por julgar perturbada a variedade das pedrinhas, a partir da qual aqueles emblemas, convergentes na face de uma única beleza, não pudessem ser vistos e contemplados simultaneamente. Pois nada mais acontece aos homens menos instruídos, que, não podendo abarcar e considerar com mente débil o conjunto e conceito universal das coisas, se algo os ofende, porque é grande para seu pensamento, julgam que grande feiura inere às coisas.

A maior causa desse erro é que o homem é desconhecido para si mesmo. No entanto, para que se conheça, necessita grandemente do hábito de afastar-se dos sentidos e de recolher a mente em si mesma e retê-la em si mesma. Isto só alcançam aqueles que, pelas feridas de opiniões que o curso da vida cotidiana inflige, ou as curam pela solidão ou as tratam com as disciplinas liberais. Pois assim, restituída a si

mesma, a mente compreende qual é a beleza do universo, a qual certamente foi nomeada a partir do Uno e, por isso, não é permitido à alma vê-la, a alma que se lança em direção a muitas coisas e persegue com avidez a pobreza, que ela ignora poder ser evitada apenas pela separação da multidão. Multidão, porém, não digo de homens, mas de todas as coisas que o sentido alcança. E não te admires de que ela sofra mais carência, quanto mais deseja abraçar uma pluralidade de coisas. Pois assim como num círculo, por mais amplo que seja, há um único centro para o qual todas as coisas convergem, o que os geômetras chamam de κέντρον, e embora as partes de toda a circunferência possam ser cortadas inumeravelmente, contudo não há nada além daquele único ponto, pelo qual as demais são igualmente medidas e que domina sobre todas como que por um certo direito de igualdade; se, porém, daqui quiseres sair para qualquer parte, tudo se perde na medida em que se avança para as mais numerosas coisas, assim a mente, dispersa de si mesma, é golpeada por uma certa imensidão e esmagada por verdadeira mendicância, quando sua própria natureza a obriga a buscar em toda parte a unidade e a multidão não lhe permite encontrá-la.

Mas também estas coisas que disse, qual a sua natureza e qual a causa do erro das almas, e de que modo se harmonizam em uma só coisa e todas são perfeitas, e contudo os pecados devem ser evitados, tu certamente alcançarás, meu Zenóbio — pois assim me é conhecido o teu caráter e a tua alma, amante de toda beleza sem a desmedida da libidinagem e das torpezas, o que é sinal em ti da futura sabedoria que por direito divino prescreve contra as perniciosas cobiças, para que não abandones a tua causa, seduzido por falsos prazeres, por cuja prevaricação nada mais torpe e perigoso se pode encontrar — alcançarás, pois, estas coisas, acredita em mim, quando tiveres dedicado esforço à erudição, pela qual se purifica e se aprimora a alma, de modo algum antes idônea, a quem sejam confiadas as sementes divinas. O que tudo isso seja, e que ordem exija, ou que promessa a razão faça aos estudiosos

e bons, e que vida nós, teus caríssimos, vivamos, e que fruto colhamos do ócio liberal, estes livros, creio eu, te instruirão suficientemente, mais doces para nós pelo teu nome do que pelo nosso próprio trabalho, especialmente se tu, escolhendo o melhor, quiseses inserir-te e adaptarte à própria ordem sobre a qual te escrevo.

Pois, quando a dor do estômago me obrigou a abandonar a escola, eu que já, como sabes, mesmo sem qualquer necessidade desse tipo, me esforçava por refugiar-me na filosofia, imediatamente me dirigi à casa de campo de nosso amicíssimo Verecundo. Que direi de sua boa vontade? Conheces perfeitamente a benevolência singular do homem, tanto para com todos quanto, verdadeiramente, para conosco. Ali discutíamos entre nós, sobre tudo o que parecia útil, empregando, certamente, a pena, para que tudo fosse registrado, o que eu via ser conveniente para minha saúde. Pois, como estava impedido por algum cuidado na fala, nenhuma contenda imoderada se insinuava durante a discussão; ao mesmo tempo também, para que, se algo de nosso agrado fosse confiado à escrita, não houvesse nem a necessidade de falar de outro modo, nem o trabalho de recordar. Realizavam, porém, estas coisas comigo Alípio e Navigio, meu irmão, e Licêncio, subitamente entregue de modo admirável à poesia; igualmente, a milícia nos havia restituído Trigécio, que, como um veterano, amava apaixonadamente a história; tínhamos também algo nos livros.

Mas numa certa noite, quando acordei conforme o costume e, em silêncio, refletia comigo mesmo sobre coisas que vinham à mente, não sei de onde — pois isso já se tornara hábito em mim, por amor de encontrar a verdade, que ou a primeira parte, se tais preocupações estivessem presentes, ou certamente a última, contudo quase metade da noite, eu passava em vigília, pensando no que quer que fosse, e não me permitia ser desviado de mim mesmo pelas lucubrações dos jovens, porque eles tanto faziam durante todo o dia, que me parecia demasiado, se também tomassem algo das noites para o trabalho dos estudos, e

tinham isso como preceito também de mim, para que fizessem algo além dos livros consigo mesmos e se acostumassem a habitar a alma — portanto, como disse, eu estava acordado, quando eis que o som da água atrás dos banhos, que passava por ali, chegou aos meus ouvidos e foi percebido mais atentamente do que o habitual. Parecia-me bastante admirável que a mesma água, ao cair sobre as pedras, soasse ora mais clara, ora mais abafada. Comecei a perguntar a mim mesmo qual seria a causa. Confesso, nada me ocorria, quando Licêncio, com sua cama, ao bater num pedaço de madeira próximo, assustou os ratos e assim revelou-se acordado. A ele eu disse: Percebes, Licêncio — pois vejo que acendeste a tua lâmpada para lucubrar — como esse canal soa de modo inconstante? — Já, disse ele, isso não é novo para mim. Pois, desejando saber do tempo, quando acordei alguma vez, aproximei o ouvido, para ver se a chuva não ameaçava, essa água fazia o que faz agora. — Aprovo, disse Trígécio. Pois ele também, deitado em sua cama no mesmo aposento, estava acordado sem que soubéssemos — pois havia escuridão — o que na Itália é quase necessário até para os ricos.

Portanto, quando vi nossa escola, por maior que fosse a que estava presente — pois tanto Alípio quanto Navígio tinham ido à cidade — mesmo naquelas horas não adormecida, e aquele curso de águas me lembrava de dizer algo sobre si: Qual, digo, parece ser para nós a causa, de que assim alterna este som? Pois não supomos que nestas horas alguém, seja por passagem ou por lavar alguma coisa, interrompa tantas vezes aquele fluxo. — O que pensas, disse Licêncio, senão que em algum lugar folhas de qualquer tipo, que no outono caem copiosa e perpetuamente, comprimidas pelas estreitezas do canal, ora cedem e recuam, mas quando a onda, que as pressionava, passa, novamente se juntam e se amontoam, ou algo mais acontece por variado acaso das folhas que flutuam, que de modo semelhante sirva para refrear agora, agora para liberar aquele fluxo? — Pareceu-me provável, não tendo

outro, confessei e, louvando sua inteligência, nada eu havia encontrado, embora por muito tempo tivesse buscado, por que assim fosse.

Então, após um breve silêncio interposto: Com razão, disse eu, tu nada te admiravas e te mantinhas recolhido com Calíope. — Com razão, respondeu ele, mas agora claramente me deste grande motivo para admirar. — O que seria isso? perguntei. — Que tu, disse ele, te admiraste com aquelas coisas. — Pois de onde costuma surgir a admiração, ou qual é a mãe desse vício, senão uma coisa insólita que foge à clara ordem das causas? — E ele: 'Que foge à clara', disse, isso eu aceito; pois nada me parece acontecer fora da ordem. — Aqui eu, mais ereto com uma esperança mais viva do que costumo estar, quando lhes peço algo, que o espírito do jovem, quase convertido a essas coisas tão subitamente ontem, tivesse concebido algo tão grande, sem que jamais antes tivéssemos tratado de questões sobre esses assuntos entre nós: Bem, disse eu, bem; mas realmente bem, sentiste muito, ousaste muito. Isto, acredita em mim, supera de longe o Hélicon, ao cujo cume tentas chegar como se fosse ao céu. Mas gostaria que estivesse presente a esta sentença; pois tentarei abalá-la. — Deixa-me, disse ele, por ora comigo mesmo, peço-te; pois dirigi fortemente a mente para outra coisa. — Aqui eu, temendo um pouco, que, arrebatado pelo estudo da poética, profundamente mergulhado, fosse arrastado para longe da filosofia: Sou instigado, disse eu, por ti a perseguir esses teus versos, cantando e uivando em todo tipo de metros, que tentam erguer entre ti e a verdade um muro mais monstruoso do que entre teus amantes; pois neles mesmos ao menos respiravam por uma fenda incomum. Pois ele então começara a cantar sobre Píramo.

Quando, com uma voz mais severa do que ele esperava, eu disse isso, ele ficou em silêncio por um tempo. E eu já havia abandonado o que começara e voltara a mim mesmo, para não ocupar em vão alguém já ocupado e, inoportunamente, não querer ou querer; então ele disse: Por meu próprio juízo, como um rato, disse, não foi expresso mais

apropriadamente em Terêncio do que agora pode ser dito por mim sobre mim; mas certamente aquela última parte talvez se volte para o contrário; pois o que ele diz: hoje pereci, eu talvez hoje seja encontrado. Pois se não desprezais, como os supersticiosos costumam fazer, também augurar a partir dos ratos, se eu aquele rato ou musarinho, que me denunciou a ti enquanto eu vigiava, com meu barulho o alertei, se tem algum juízo, para voltar à sua toca e repousar consigo mesmo, por que eu mesmo não seria alertado por aquele barulho de tua voz para filosofar antes que cantar? Pois essa é, como já comecei a crer para ti que diariamente provas, nossa verdadeira e inabalável morada. Portanto, se não te é incômodo e julgas que isso deve ser feito, pergunta o que quiseres; defenderei, quanto puder, a ordem das coisas e afirmarei que nada pode acontecer fora da ordem. Pois tão profundamente a absorvi e bebi em minha alma, que, mesmo se alguém me superar nesta discussão, também isso atribuirei não a qualquer temeridade, mas à ordem das coisas. Pois não será a coisa em si, mas Licentius que será superado.

Eu, por minha vez, alegrando-me, entreguei-me novamente a eles. Então, a Trygetius: O que, pergunto, te parece? — Eu favoreço, sim, disse ele, a ordem muitíssimo, mas estou incerto, todavia, e desejo discutir com toda a diligência uma questão tão importante. — Que tua parte, então, tenha esse favor, disse eu; pois o fato de estares incerto, penso que tens em comum também com Licentius e comigo mesmo. — Absolutamente, disse Licentius, eu estou certo desta opinião. Pois por que hesitaria em demolir um muro, do qual fizeste menção, antes que se erga completamente? Pois, na verdade, a poesia não pode me desviar tanto da filosofia, quanto a desconfiança de encontrar a verdade. — Então Trygetius, com palavras alegres: Temos, disse, agora. O que é mais, Licentius não é um Acadêmico. Pois ele costumava defendê-los com o maior empenho. — Deixa agora, disse, essas questões, para que não me arraste para algum laço ou armadilha de uma certa divindade, que começou a se mostrar a mim e à qual, suspenso e ansiando, me

entrego, e me desvie e disperse. — Aqui, sentindo que minhas alegrias abundavam muito mais copiosamente do que jamais ousara desejar, exultei, derramando aquele verso: Assim faça aquele Pai Deus! Pois Ele mesmo nos conduzirá, se O seguirmos, aonde nos manda ir e onde estabelecer morada, Aquele que agora dá augúrio e se insinua em nossas almas. Pois não é outro Apolo, que, nas cavernas, nos montes, nos bosques, excitado pelo aroma do incenso e pela morte das vítimas, enche os insensatos, mas é outro, certamente, é outro, aquele outro, verídico e a própria — pois por que rodeio com palavras? — verdade, de quem são profetas todos quantos podem ser sábios. Portanto, avancemos, Licentius; confiados na piedade, como cultores, suprimamos, seguindo nossas pegadas, o fogo pernicioso dos desejos fumarentos.

Já, disse ele, pergunta, peço-te, se posso explicar este tanto, sei lá o quê, com palavras e com meus raciocínios. — Isto mesmo, disse eu, responde-me, primeiro, de onde te parece que esta água não temerariamente assim, mas ordenadamente flui. Pois o que é conduzido por canais de madeira e levado até nossos usos, pode pertencer à ordem. Foi feito, de fato, por homens que usam a razão, para que em uma mesma viagem bebessem e se lavassem, e conforme a conveniência dos lugares, foi consequente e adequado que assim fosse feito; mas que aquelas, como dizes, folhas caíram de tal modo, que isto, que admirastes, acontecesse, por qual ordem das coisas, e não antes por acaso, pensaremos que foi feito? — Como se, disse ele, de outro modo, do que caíram, devessem ou pudessem cair, a alguém pode parecer, ao observar serenamente, que nada pode acontecer sem causa. Quê? Já queres que eu persiga a posição das árvores e dos ramos e o próprio peso, quanto a natureza impôs às folhas? Quê? A mobilidade do ar, pela qual voam, ou a suavidade, pela qual descem, e as várias quedas conforme a condição do céu, conforme o peso, conforme suas formas e outras causas inumeráveis e mais obscuras, o que me importa investigar? Essas coisas escapam aos nossos sentidos, escapam profundamente; aquilo, porém, que é

suficiente para a questão abordada, não sei como, não escapa à mente: nada acontece sem causa. Pois pode um perguntador importuno prosseguir perguntando: qual era a causa para que ali as árvores fossem plantadas? Responderei que os homens seguiram a fertilidade da terra. E se não são árvores frutíferas e nasceram ao acaso? E aqui responderei que vemos pouco; pois a natureza que as gerou de modo algum é temerária. Que mais? Ou me ensinem que algo acontece sem causa, ou creiam que nada acontece senão por uma certa ordem de causas.

A ele eu disse: Embora, digo, me faças odioso com perguntas importunas — pois dificilmente posso deixar de sê-lo, eu que te impedi de conversares com Píramo e Tisbe —, continuarei, no entanto, a perguntar-te. Essa natureza, que queres que pareça ordenada, para que bem — para não falar das outras coisas inumeráveis — criou essas mesmas árvores que não dão frutos? — Enquanto ele pensava no que diria, disse Trígécio: Porventura o uso das árvores se oferece aos homens apenas nos frutos? Quantas são as outras coisas que se fazem com a sombra, com a madeira, ainda que por fim, com as próprias ramagens ou folhas? — Não, por favor, disse ele, não lhe entregues estas respostas com interrogações. Pois são inumeráveis as coisas que podem ser apresentadas, das quais nenhuma tem utilidade para os homens, ou certamente está tão oculta ou é tão débil, que não pode ser descoberta ou defendida pelos homens, especialmente por nós. Que ele mesmo nos ensine, antes, como algo pode acontecer sem que uma causa o preceda. — Depois, digo, veremos essas coisas. Pois já não me é necessário ser mestre, uma vez que tu, que já professaste estar certo de coisa tão grande, até agora nada me ensinaste a mim, que desejo demasiadamente aprender e por isso mesmo vigio dias e noites.

Para onde me envias? — disse ele —; será porque te sigo mais levemente do que aquelas folhas aos ventos, pelas quais são lançadas na corrente, para que lhes seja pouco cair, se também não forem arrastadas? Pois o que mais será, quando Licentius ensina tanto a

Augustino quanto aquelas coisas que estão no meio da filosofia? — Não te suplico — disse eu —, nem te rebaixes tanto nem me exaltes. Pois também eu sou criança na filosofia e não me importo muito, quando pergunto, por quem me responda aquele que diariamente me acolhe queixoso, de quem aliás creio que será um dia profeta; e esse "um dia" talvez não seja longo. Mas, contudo, outros também, muito afastados deste tipo de estudos, podem ensinar algo, quando são constringidos à sociedade dos que discutem como que por vínculos de interrogações. Esse algo, porém, não é nada. Ou não vês — pois usarei de teu exemplo mais de boa vontade — aquelas mesmas folhas, que são levadas pelos ventos, que flutuam sobre as ondas, resistirem um tanto ao rio que se precipita e advertirem os homens sobre a ordem das coisas, se ao menos isto, que por ti é defendido, é verdade?

Então ele, saltando da cama de alegria, disse: Quem negaria, ó grande Deus, que Tu administras todas as coisas com ordem? Como todas as coisas se mantêm! Como são impelidas por sucessões certas para seus devidos lugares! Quantas e quão grandes coisas foram feitas para que pudéssemos falar isto! Quantas coisas acontecem para que Te encontremos! Pois de onde vem isto, senão da ordem das coisas e é por ela conduzido: que despertamos, que percebeste aquele som, que buscaste contigo a causa, que não encontraste a causa de coisa tão pequena? Até o rato aparece, para que eu, estando acordado, seja revelado. Finalmente, tua própria fala talvez, sem que tu mesmo a busques — pois não está no poder de ninguém o que vem à mente — é assim conduzida não sei como, para que me ensine o que devo responder-te. Pois, te pergunto, se estas coisas que dissemos, conforme planejaste, forem registradas por escrito e divulgadas um pouco mais amplamente para a fama entre os homens, não parecerá algo tão grande que, consultado sobre isso, algum grande vidente ou caldeu deveria ter respondido, muito antes que acontecesse? E se tivesse respondido, seria considerado tão divino, tão exaltado com louvores por todos, que ainda

assim ninguém perguntaria por que uma folha caiu da árvore ou se um rato errante incomodou um homem deitado. Pois, acaso algum deles alguma vez disse tais coisas por si mesmo ou foi forçado a dizê-las por um consulente? No entanto, se dissesse que um certo livro não obscuro viria a existir e visse que isso necessariamente aconteceria — pois não poderia adivinhar de outra forma — certamente qualquer movimento de folhas no campo, qualquer animalzinho vil em casa, são tão necessários na ordem das coisas quanto aquelas letras. Pois por estas palavras são feitas as coisas que, sem aqueles eventos precedentes mais insignificantes, não poderiam vir à mente, nem sair pela boca, nem ser transmitidas aos pósteros. Portanto, agora, peço, que ninguém me pergunte por que cada coisa acontece. Basta que nada aconteça, nada seja gerado, que alguma causa não tenha gerado e movido.

Percebe-se que tu, digo, não sabes, jovem, quantas coisas e por quais homens foram ditas contra a adivinhação. Mas responde agora, não se algo acontece sem causa — pois já vejo que não queres responder — mas se essa ordem que assumiste te parece algo bom ou mau. — E ele, hesitando: Não, disse, perguntaste de tal modo que não posso responder uma das duas. Vejo aqui certa mediania. Pois a ordem não me parece nem boa nem má. — O que ao menos consideras, digo, contrário à ordem? — Nada, disse ele; pois como pode haver algo contrário àquela coisa que ocupou tudo, que obteve tudo? Pois o que for contrário à ordem, necessariamente será fora da ordem; porém, nada vejo que seja fora da ordem: nada, portanto, se deve pensar que seja contrário à ordem. — Então, disse Trígécio, o erro não é contrário à ordem? — De modo algum, disse; pois não vejo ninguém errar sem causa; mas a série das causas está incluída na ordem e o próprio erro não só é gerado por uma causa, mas também gera algo, que por sua vez acontece por causa. Por isso, como não está fora da ordem, não pode ser contrário à ordem.

E quando Trygetius se calou, e eu mesmo não me continha de alegria, por ver aquele jovem, filho de um amigo muito querido, tornar-se

também meu, e não apenas isso, mas já se erguendo e crescendo para mim como amigo, e aquele cujo interesse até mesmo pelas letras medianas eu havia desesperado, como que, tendo recuperado sua posse, com todo ímpeto adentrar a própria filosofia — enquanto eu, em silêncio, me maravilhava e fervilhava de congratulação, subitamente ele, como que arrebatado por certa inspiração, exclamou: Oh, se eu pudesse dizer o que desejo! Rogo, onde quer que estejam, palavras, socorrei-me. E tanto os bens como os males estão em ordem. Creiam, se quiserem; pois como explicar isso, não sei.

Eu me admirava e calava. Trygetius, porém, quando viu o homem tornado afável, como que após uma leve embriaguez digerida, e restituído ao diálogo, disse: "Absurdo, Licêncio, me parece o que dizes, e claramente alheio à verdade; mas peço que me permitas um pouco e não me perturbes já gritando." — "Dize o que quiseres", respondeu ele; "pois não temo que me afastes daquilo que vejo e quase seguro." — "Oxalá", disse Trygetius, "que não sejas desviado da ordem que defendes! Não sejas arrastado por tanta negligência para com Deus, para falar mais brandamente. Pois o que poderia ser dito mais ímpio do que que até os males são contidos na ordem? Certamente Deus ama a ordem." — "Verdadeiramente ama", respondeu ele; "d'Ele emana, com Ele está, e se algo mais apropriado pode ser dito sobre assunto tão elevado, considera, por favor, contigo mesmo. Pois não sou idôneo para te ensinar essas coisas agora." — "O que devo considerar?", perguntou Trygetius; "Aceito plenamente o que dizes e me basta naquilo que entendo. Certamente disseste que até os males são contidos na ordem e que a própria ordem emana do Deus supremo e por Ele é amada. Disso segue-se que até os males são do Deus supremo e que Deus ama os males."

Nessa conclusão, temi por Licêncio. Mas ele, gemendo diante da dificuldade das palavras, e não buscando de modo algum o que responder, mas sim como expressar o que deveria ser respondido: "Deus não ama os males", disse ele, "e não por outra razão, senão porque não

está na ordem que Deus ame os males; e ama muito a ordem, justamente porque por meio dela não ama os males. Mas, na verdade, como podem os próprios males não estar na ordem, uma vez que Deus não os ama? Pois esta mesma é a ordem dos males: não serem amados por Deus. Ou te parece pequena a ordem das coisas, que Deus ame os bens e não ame os males? Assim, nem os males, que Deus não ama, estão fora da ordem, e contudo Ele ama a própria ordem; pois ama precisamente isto: amar os bens e não amar os males, o que é de uma grande ordem e disposição divina. Esta ordem e disposição, porque guarda a harmonia do universo por meio da própria distinção, faz com que seja necessário que existam também os males. Assim, quase como por antíteses, de certo modo, o que também nos é agradável na oração, a partir dos contrários, forma-se a beleza de todas as coisas juntas."

Depois disso, ele calou-se por um breve momento e, erguendo-se de repente, na direção onde Trigezio estava deitado, disse: "Pois te pergunto, por favor, se Deus é justo." Ele permaneceu em silêncio, como depois relatou, demasiado admirado e temeroso diante do súbito sopro de nova inspiração nas palavras de seu condiscípulo e amigo. Enquanto este calava, ele prosseguiu assim: "Se responderes que Deus não é justo, tu verás o que fazes, tu que há pouco me acusavas de impiedade. Mas se, como nos é transmitido e nós mesmos sentimos pela necessidade da sua ordem, Deus é justo, certamente é justo distribuindo a cada um o que é seu. Que distribuição, porém, pode ser dita onde não há distinção? Ou que distinção, se todas as coisas são boas? E o que pode ser encontrado fora da ordem, se pela justiça de Deus são restituídos a cada um conforme os méritos dos bons e dos maus? Todos confessamos que Deus é justo: portanto, tudo está incluído na ordem." Tendo dito isso, ele recostou-se no leito e, já com voz mais suave, visto que ninguém lhe dirigia a palavra, disse: "Nada me respondes, nem tu, que me compeliste a estas coisas?"

A ele eu disse: "Esta nova religião agora entrou em ti, confesso, digo. Mas o que parecer, responderei durante o dia, que já me parece retornar, a menos que seja aquele fulgor da lua que se insinua pelas janelas. Ao mesmo tempo, também é preciso calar, para que tão grandes bens teus, Licêncio, não sejam absorvidos pelo esquecimento. Pois quando é que nossos escritos não clamam para que estas coisas lhes sejam confiadas? Direi claramente o que sinto. Disputarei contra ti, quanto puder; pois a mim, se me venceses, não se pode dar maior triunfo. Mas se tua fraqueza, menos alimentada pela erudição das disciplinas, talvez não puder sustentar tanto a Deus, ceder à astúcia ou a algum agudo erro dos homens, cujas partes tentarei assumir, a própria coisa te lembrará quantas forças debes preparar, para que retornes a Ele mais firme, ao mesmo tempo porque também desejo que esta nossa disputa prossiga de forma mais refinada; pois não devo apresentá-la a ouvidos grosseiros. Pois nosso Zenóbio frequentemente tratou comigo muitas coisas sobre a ordem das coisas, a ele, que pergunta profundamente, nunca pude satisfazer, seja por causa da obscuridade das coisas, seja por causa da estreiteza dos tempos. Ele, porém, era tão impaciente com as frequentes procrastinações, que me provocou até mesmo com um poema, para que me obrigasse a responder mais diligentemente e copiosamente, e com bom poema, pelo qual o amas mais. Mas nem então pôde ser lido para ti, que estavas muito afastado do estudo destas coisas, nem agora pode. Pois sua partida foi tão repentina e perturbada por aquele tumulto, que nada destas coisas nos pôde vir à mente; pois ele havia decidido deixar isso para mim, que responderia, e muitas coisas concorrem para que este discurso lhe seja enviado. Primeiro, porque é devido; depois, porque, do modo como agora conduzimos a vida, também assim convém que seja indicada sua benevolência para conosco; por fim, porque na alegria pela tua esperança ele não cede a ninguém. Pois mesmo quando estava presente, pela familiaridade de teu pai ou melhor, de todos nós, estava muito solícito, para que certas centelhas de teu engenho, que ele observava diligentemente, não fossem tanto forjadas pelo meu cuidado

quanto extintas pela tua negligência; e quando soube que também és estudioso da poética, se congratulará de tal modo, que já me parece vê-lo exultante para mim."

Certamente não farás nada mais agradável para mim, disse ele; mas, quer riais da minha inconstância e levandade pueril, quer aconteça em nós por algum verdadeiro desígnio e ordem divina, não hesito em vos dizer: tornei-me de repente mais relutante para aqueles versos; outra coisa, muito diferente, não sei o que agora resplandeceu para mim com luz. Mais bela é a filosofia, confesso, do que Tisbe, do que Píramo, do que aquela Vênus e Cupido e todos os amores desse tipo. — E com um suspiro dava graças a Cristo. Eu recebi estas palavras, que direi de bom grado ou que não direi? Que cada um as receba como quiser, nada me importa, exceto que talvez eu me alegrava excessivamente.

Enquanto isso, após um breve momento, o dia se abriu. Eles se levantaram e eu, chorando muito, orei, quando ouço Licêncio cantarolando alegre e tagarelado aquela passagem profética: "Ó Deus das virtudes, converte-nos e mostra-nos o teu rosto, e seremos salvos." O que, no dia anterior, após a ceia, quando ele saíra para atender às necessidades da natureza, ele cantara um pouco mais alto do que nossa mãe poderia suportar, porque naquele lugar tais palavras eram continuamente repetidas em canto. Pois ele não dizia outra coisa, já que havia recentemente absorvido a melodia da canção e amava, como acontece, uma melodia incomum. Repreendeu-o aquela mulher religiosíssima, como sabes, por isso mesmo, que o lugar era inconveniente para o cântico. Então ele dissera, brincando: "Como se, se algum inimigo me encerrasse aqui, Deus não ouviria a minha voz."

Então, pela manhã, quando ele retornou sozinho — pois ambos haviam saído pelo mesmo motivo —, aproximou-se do meu leito: "Diga-me a verdade", disse ele, "que assim nos aconteça o que desejas, o que pensas de mim." — E eu, tomando a mão direita do jovem: "O que penso", respondi, "tu sentes, crês e compreendes. Pois não creio que

tenhas cantado ontem por tanto tempo em vão, para que o Deus das virtudes se revele a ti, convertido." — E ele, recordando-se com admiração: "Grande coisa dizes e verdadeira. Pois não me comove pouco o fato de que agora tão dificilmente me afastava daquelas frivolidades do meu canto, e já me pesa e envergonha voltar a elas; assim, sou todo levado a algo grande e admirável. Não é isso verdadeiramente converter-se a Deus? Ao mesmo tempo, alegro-me também por isso: que em vão me foi lançado o escrúpulo da superstição, por cantar tais coisas em tal lugar." — "A mim", disse eu, "isso também não desagradou e creio que pertence àquela ordem, para que também disso falássemos algo. Pois vejo que àquele canto convêm tanto o próprio lugar, onde ela se ofendeu, quanto a noite. Pois de que coisas pensas que oramos para nos convertermos a Deus e vermos a sua face, senão de certa cegueira do corpo e das imundícies e também das trevas, nas quais o erro nos envolve? Ou o que é outra coisa converter-se senão elevar-se a si mesmo, pela virtude e temperança, da imoderação dos vícios? E o que é outra coisa a face de Deus senão a própria verdade, por quem suspiramos e para quem nos tornamos limpos e belos, amados?" — "Não se pode dizer melhor", exclamou ele; depois, mais baixo, como ao ouvido: "Vê, por favor, quantas coisas ocorreram, para que eu creia que algo já acontece conosco por uma ordem mais próspera."

Se cuidas da ordem, digo, debes retornar àqueles versos. Pois a erudição das disciplinas liberais, certamente modesta e sucinta, apresenta amantes mais ágeis, mais perseverantes e mais elegantes para abraçar a verdade, de modo que desejem mais ardentemente, persigam mais constantemente e, por fim, se apeguem mais docemente àquilo que se chama, Licêncio, vida bem-aventurada. Ao ser nomeada, todos se erguem e, por assim dizer, atentam para as mãos, para ver se tens algo que possas dar aos necessitados e impedidos por diversas enfermidades. A estes, quando a sabedoria começa a prescrever que suportem o médico e permitam ser curados com alguma paciência, recaem em seus trapos,

cujo aquecimento, consumindo-os, faz com que se cocem mais avidamente na sarna dos prazeres calamitosos, do que, suportando e submetendo-se aos conselhos do médico um tanto duros e penosos para as doenças, sejam restituídos à saúde dos sãos e à luz. E assim, contentando-se com o nome e o sentido do sumo Deus como esmola, vivem miseráveis, mas vivem. Outros homens, porém, ou, para falar mais verdadeiramente, outras almas, enquanto conduzem este corpo, já dignas de seu tálamo, aquele esposo ótimo e formosíssimo busca, para as quais não basta viver, mas viver bem-aventuradamente. Portanto, volta por ora àquelas Musas. Mas sabes, contudo, o que desejo que faças? — Ordena, disse, o que te agrada. — Onde Píramo e aquela sua, um sobre o outro, como estás para cantar, se mataram, na própria dor, com a qual teu canto deve ser mais veementemente inflamado, tens oportunidade muito conveniente. Aproveita a execração daquela feia libidinagem e dos incêndios envenenados, pelos quais aquelas coisas miseráveis acontecem, depois eleva-te totalmente no louvor do amor puro e sincero, com o qual as almas doutas nas disciplinas e formosas na virtude se unem ao intelecto pela filosofia e não apenas fogem da morte, mas também desfrutam da vida beatíssima. — Aqui ele, calado e por longo tempo oscilando em consideração, balançando a cabeça, afastou-se.

Em seguida, eu também me levantei e, tendo sido prestadas a Deus as costumeiras orações noturnas; começamos a ir para os banhos — pois aquele lugar nos era, já que com o céu sombrio não podíamos de modo algum estar no campo, apto para discutir e familiar — quando eis que diante das portas notamos galos galináceos entrando numa luta demasiado acirrada. Agradou-nos prestar atenção. Pois, o que não ambicionam, por onde não percorrem os olhos dos amantes, para que não haja algo de onde a beleza da razão, que modifica e governa todas as coisas com ciência e ignorância, faça um sinal, a qual, suspirando por si mesma, arrasta seus seguidores por toda parte e aonde quer que ordene que seja buscada? Pois, de onde ou onde não pode dar um sinal? Como

naqueles mesmos galos era possível ver as cabeças estendidas com atenção, as penas infladas, os golpes veementes, as esquivas cautelosas e, em todo movimento dos animais destituídos de razão, nada que não fosse decoroso, visto que outra razão governa todas as coisas do alto; finalmente, a própria lei do vencedor, o canto soberbo e os membros recolhidos num só como que círculo, como em arrogância de dominação; mas o sinal do vencido, as penugens erguidas do pescoço e na voz e no movimento tudo disforme e, ainda assim, pelas próprias leis da natureza, de algum modo harmonioso e belo.

Muitas coisas buscávamos: por que todos assim, por que por causa do domínio sobre as mulheres sujeitas a si, por que então a própria aparência da luta nos conduzia um tanto, e além daquela consideração mais elevada, ao prazer do espetáculo; o que havia em nós que, afastando-se dos sentidos, buscava muitas coisas, e o que, por sua vez, se deixava capturar pelo convite dos próprios sentidos. Dizíamos a nós mesmos: onde não há lei? Onde não há o império devido ao melhor? Onde não há a sombra da constância? Onde não há a imitação daquela beleza verdadeiríssima? Onde não há moderação? E assim, advertidos para que houvesse moderação no espetar, prosseguimos para onde estava proposto, e ali, como pudemos, certamente com diligência — pois eram coisas recentes e quando poderiam escapar à memória de três estudiosos tão notáveis? — reunimos todas as pequenas obras de nossas vigílias nesta parte do livrinho, e nada mais foi feito por mim naquele dia, para poupar minha saúde, exceto o que antes da ceia costumava ouvir com eles metade de um volume de Virgílio diariamente, nada mais considerando em toda parte senão a moderação das coisas, a qual ninguém pode deixar de aprovar, mas sentir, quando alguém faz algo com zelo, é difícilimo e raríssimo.

Em seguida, no dia seguinte, bem cedo, chegamos animados ao lugar habitual e ali nos assentamos. E eu, com ambos atentos a mim, disse: "Esteja presente aqui, Licêncio, tanto quanto pudeses, e tu também,

Trigécio; pois não se trata de coisa pequena: investigamos a ordem. Por que eu agora, como se estivesse naquela escola, da qual me alegro ter escapado de algum modo, devesse elogiar a ordem para nós de maneira copiosa e ordenada? Aceitem, se quiserem — ou melhor, façam com que queiram — aquilo que nem nada mais breve sobre o louvor desta, nem, como me parece, mais verdadeiro pode ser dito. Ordem é aquela que, se a mantivermos na vida, nos conduzirá a Deus, e que, se não a mantivermos na vida, não chegaremos a Deus. Quanto a nós, já presumimos e esperamos que chegaremos, a menos que minha mente me engane sobre nós. Portanto, esta questão deve ser examinada e resolvida entre nós com a máxima diligência. Gostaria que estivessem presentes os outros, que costumam participar conosco destes assuntos; gostaria, se possível, não apenas deles, mas todos os nossos familiares, cujo engenho sempre admiro, tivessem agora comigo a mesma atenção que vocês têm, ou certamente apenas o próprio Zenóbio, a quem, ocupado com este assunto tão importante, nunca recebi, proporcionalmente à sua grandeza, em momento de ócio. Mas como isso não aconteceu, lerão nossas cartas, pois já decidimos não perder palavras sobre estas coisas e entrelaçar as próprias realidades, fugidias da memória, com o vínculo dos escritos, por meio do qual sejam trazidas de volta. E assim talvez a própria ordem o exija, que providenciou a ausência deles. Pois certamente vocês também, em assunto tão grande, porque nos é imposto suportá-lo sozinhos, se elevam com ânimo mais ereto e, quando aqueles, que nos são de máxima preocupação, lerem, se algo os mover a contradizer, esta discussão gerará outras discussões para nós, e a própria sucessão dos discursos se inserirá na ordem da disciplina. Mas agora, como prometi, Licêncio, tanto quanto o assunto permite, me oporei, ele que já quase concluiu toda a causa, se puder fortificá-la firmemente com o muro da defesa e levá-la a bom termo.

Aqui, onde os vi suficientemente comovidos pelo silêncio, pela expressão do rosto, pelos olhos, pela suspensão e imobilidade dos

membros e pela grandeza do assunto, e inflamados pelo desejo de ouvir: Portanto, disse eu, Licêncio, se te parece bem, reúne em ti todas as forças que poderes, apura todo o aguçamento que possuis e abrange, por uma definição, o que é essa ordem. — Então ele, ao ouvir que era forçado a definir, estremeceu como se aspergido por água fria e, fitando-me com um rosto mais perturbado e, como acontece, sorrindo levemente pela própria trepidação: Que coisa é esta? Por que, disse ele, pareço estar concordando contigo? Não sei com que espírito adventício acreditas que estou inflado. — E imediatamente, reanimando-se: Ou talvez, disse, há algo comigo? — E calou-se por um momento, para que tudo o que tinha de noção sobre a ordem fosse conduzido à definição; então, mais ereto: Ordem é, disse, aquilo por meio do qual são conduzidas todas as coisas que Deus estabeleceu.

O quê? O próprio Deus, perguntei, não te parece que age com ordem? — Certamente, respondeu, parece. — Então Deus é movido? disse Trigécio. — E ele: Por que não? perguntou; Negas que Cristo é Deus, que veio a nós com ordem e diz que foi enviado pelo Pai Deus? Se, portanto, Deus enviou Cristo a nós com ordem e não negamos que Cristo é Deus, não só Deus age sobre todas as coisas, mas também Deus é movido com ordem. — Aqui Trigécio, duvidando, disse: Não sei como devo entender isso. Pois quando nomeamos Deus, não é propriamente Cristo que surge em nossas mentes, mas o Pai. Este, porém, surge quando nomeamos o Filho de Deus. — Estás fazendo uma bela confusão, disse Licêncio. Negaremos, então, que o Filho de Deus é Deus? — Aqui aquele, embora lhe parecesse perigoso responder, contudo forçou-se e disse: E este, de fato, é Deus, mas ainda assim propriamente chamamos o Pai de Deus. — A ele eu disse: Contém-te antes, disse eu; pois o Filho não é chamado Deus de modo impróprio. — Mas ele, comovido pela reverência, como também não quisesse que suas palavras fossem escritas, insistia, Licêncio, para que permanecessem, como é próprio dos meninos ou antes dos homens — oh, horror! — quase todos, como se realmente

aquilo fosse tratado entre nós por causa de vanglória. Cujo movimento da alma, quando repreendi com palavras mais severas, ele enrubesceu. Por essa sua perturbação, percebi Trigécio rindo e se alegrando, e a ambos: É assim que agis? disse eu; Não vos comove, sob quais moles de vícios e trevas de ignorância somos pressionados e cobertos? É esta aquela vossa atenção de pouco antes, pela qual eu, insensato, me alegrava, e a elevação para Deus e para a verdade? Oh, se vós véis, ainda que com olhos tão lacrimejantes quanto os meus, em que perigos jazemos, de que doença a loucura esse riso indica! Oh, se vós véis! Quão rápido, quão imediatamente e com quanto prolongamento o transformaríeis em pranto! Infelizes, não sabeis onde estamos? É comum, de fato, que as almas de todos os tolos e indoutos estejam submersas, mas não é de um único e mesmo modo que a sabedoria estende auxílio e a mão aos submersos. Outros são, crede, outros são, que são chamados para o alto, outros, que são abandonados nas profundezas. Não queirais, suplico-vos, duplicar para mim as misérias. Bastem-me as minhas feridas, para cuja cura, rogando a Deus quase com prantos diários, contudo me convenço frequentemente a mim mesmo de que sou indigno de ser curado tão rapidamente quanto desejo.

Não queirais, suplico, se algo de amor, se algo de afeição me deveis, se compreendeis quanto vos amo, quanto vos estimo, quanto me atormenta a preocupação com vossos costumes, se sou digno de que não me negligencieis, se, finalmente, diante de Deus como testemunha, não minto, nada desejo mais para mim do que para vós, retribuí-me o benefício, e se de bom grado me chamais de mestre, pagai-me a recompensa: sede bons!

Aqui, para que eu não dissesse mais, as lágrimas me impuseram limite, e Licêncio, extremamente incomodado porque tudo estava sendo escrito, disse: "O que, pois, fizemos, suplico-te?" — "Ainda agora", respondi, "nem ao menos confessas o teu pecado? Não sabes que naquela escola eu costumava irritar-me gravemente, porque os rapazes

eram levados, não pela utilidade e decoro das disciplinas, mas pelo amor de uma vã glória, a tal ponto que alguns nem se envergonhavam de recitar palavras alheias e recebiam aplausos — ó mal digno de gemidos! — daqueles mesmos de quem eram as palavras que recitavam. Assim vós, embora nunca, creio eu, tenhais feito algo semelhante, contudo tentais introduzir e semear na filosofia e nessa vida, que finalmente me alegro ter abraçado, a peste última, mas mais nociva que todas as outras, da emulação corruptora e da vã jactância; e talvez, porque vos afasto dessa vaidade e doença, vos torneis mais preguiçosos para os estudos do saber e, repelidos do ardor da fama ventosa, vos congeleis no torpor da inércia. Infeliz de mim, se for necessário suportar ainda agora tais pessoas, de quem os vícios não podem retirar-se sem a sucessão de outros vícios!" — "Comprovarás", disse Licêncio, "quão mais puros seremos. Apenas isto te suplicamos, por tudo o que amas, que queiras que isso permaneça desconhecido para nós e ordenes que tudo aquilo seja apagado, ao mesmo tempo que poupes também as tábuas, que já não possuímos. Pois nada daquilo que por nós foi muito discutido foi transferido para os livros." — "Certamente", disse Trigécio, "permaneça o nosso castigo, para que essa própria fama, que nos atrai ilicitamente, nos afaste de seu amor com seu próprio flagelo. Pois, para que essas cartas se tornem conhecidas apenas dos nossos amigos e familiares, não pouco nos esforçaremos." — Ele concordou.

E, entretanto, minha mãe entrou e perguntou-nos que progresso tínhamos feito; pois também a ela era conhecida a questão. E, tendo eu ordenado que tanto sua entrada quanto sua pergunta fossem escritas, segundo nosso costume, ela disse: "O que fazeis? Acaso, naqueles livros que ledes, ouvi eu alguma vez mulheres serem introduzidas neste tipo de discussões?" — A ela respondi: "Não me importo muito", disse eu, "com os juízos dos soberbos e ignorantes, que irrompem da mesma forma sobre os livros a serem lidos e sobre os homens a serem saudados. Pois não consideram quais eles mesmos são, mas com que vestes estão

revestidos e com quanta pompa de bens e fortuna resplandecem. Estes, de fato, nas letras não prestam muita atenção, nem de onde vem a questão, nem a que ponto aqueles que discutem se esforçam por chegar, nem o que por eles foi explicado e concluído. Entre os quais, contudo, porque alguns são encontrados, cujas almas não são desprezíveis — pois estão aspergidos com certos condimentos de humanidade e facilmente são conduzidos através de portas douradas e pintadas aos sacrossantos penetrais da filosofia —, tanto nossos antepassados, cujos livros vejo serem conhecidos por ti, que os lêes conosco, como nestes tempos — para omitir os demais — o homem, preeminente tanto pelo engenho e eloquência quanto pelas próprias insígnias e dons da fortuna e, o que está acima de tudo, pela mente, Teodoro, a quem bem conheces, age de modo que, tanto agora quanto perante a posteridade, nenhum gênero de homem tenha razão para se queixar das letras de nosso tempo. Meus livros, porém, se porventura caírem nas mãos de alguns e, lido meu nome, não disserem: 'Quem é esse?', e atirarem o códice, mas, ou por curiosidade ou por excessivo zelo, prosseguirem adiante, desprezada a vileza do limiar, não se importarão de me ver filosofando contigo, nem talvez desprezarão qualquer um daqueles cujo discurso se mistura com minhas letras. Pois não são apenas livres, o que para qualquer disciplina liberal, quanto mais para a filosofia, é suficiente, mas nasceram na mais alta posição entre os seus. Os escritos dos homens doutíssimos contêm até mesmo sapateiros que filosofaram e gêneros muito mais vis de fortunas, os quais, no entanto, brilharam com tamanha luz de engenho e virtude, que de modo algum desejariam, mesmo que pudessem, trocar seus bens por qualquer nobreza deste tipo, sob qualquer condição. E não faltará, crede-me, tal gênero de homens a quem agrade mais precisamente isto: que filosofas comigo, do que se aqui encontrasse qualquer outra coisa, seja de amenidade, seja de gravidade. Pois também há mulheres entre os antigos que filosofaram, e tua filosofia me agrada sobremaneira.

Para que não ignores nada, mãe, esta palavra grega, pela qual a filosofia é nomeada, em latim se diz amor à sabedoria. Onde também as divinas Escrituras, que veementemente abraças, não ordenam que todos os filósofos, mas os filósofos deste mundo sejam evitados e ridicularizados. Que existe, porém, outro mundo, afastadíssimo destes olhos, que o intelecto de poucos são contempla, o próprio Cristo o indica suficientemente, que não diz: 'o meu reino não é do mundo', mas: o meu reino não é deste mundo. Pois quem quer que pense que toda filosofia deve ser fugida, nada mais quer senão que não amemos a sabedoria. Eu te desprezaria, portanto, nestas minhas cartas, se não amasses a sabedoria, mas não te desprezaria, se a amasses moderadamente, muito menos, se amasses a sabedoria tanto quanto eu. Agora, porém, visto que a amas muito mais do que a mim mesmo, como sei o quanto me amas, e visto que tanto progrediste nela; que já nem do horror de qualquer infortúnio fortuito nem da própria morte, o que para os homens doutíssimos é difícilimo, te aterrorizas, a qual suprema cidadela da filosofia todos confessam ser, eu, acaso, não me darei de bom grado a ti até mesmo como discípulo?

Aqui, ela, com brandura e piedade, jamais teria dito que eu mentira tanto, e eu via que tantas palavras havíamos derramado, que não poderiam deixar de ser escritas e já o limite do livro estava atingido, nem haveria mais espaço nas tábuas, pareceu-me bem adiar a questão, ao mesmo tempo para poupar meu estômago. Pois o tinham agitado mais do que eu desejaria, aquelas coisas que me pareceram necessárias vomitar sobre aqueles jovens. Mas quando começamos a nos retirar: "Lembra-te", disse Licentius, "de quantas e quão necessárias coisas nos são fornecidas por aquele ocultíssimo e divino ordenamento, mesmo sem que tu o saibas, para que as recebamos." — "Vejo", respondi, "e não sou ingrato a Deus, e presumo que vós mesmos, que isto observais, sereis por isso mesmo melhores." — Isto foi todo o meu trabalho naquele dia.

Aparato Critico

1. 2 AFRELII AITIUSTLM EPISCOPI DE ORDINE LIBER PRIMUS IXOIPIT // INUIPIT LIBER I BEATI AUGUSTINI DE ORDINE P INOIPIT LIBER .1. SRI AUGUSTINI DE ORDINE 11 INCIPIT LIBER •I- DE ORDINE RERUM AURELII AUGUSTINI PONTIFIOIS T, om A 4 ordinem-tenere] De ordine r. mi zjnobi M cum seqlli] consequi A cdd., om M 5 coerctetur II Pm2 ac regitur hic mundus edd. 8 ualeat U[ctld. uellet II ud Tml 10 quo P expectent AT optima quaeque (quaeque m2) M quae optima P 11 sopulos Tml 14 clli] cuipiam AT edd. euilibet JI 15 esse uideatur (se ui m? in ras.) P 16 iis m sunt curae m 18 uoluntati .1 20 quicqllam vx quictjuid Aml qaitquam Pml cumJ tumJl
2. 1 est] sit A 5 ita] ista T alta Aml inculpando T 7 quicquid A 8 rationis om.AT 9 est] est rationi AT dari T 10 suptilique T demen- sione H 12 posse H 14 ullis om.AT 15 hoc] et hoc Mm2 est om.M 16 dispositae H distinctae HP distincta AT edd. 17 innumerabilium (u ult. ex a) T 19 teselle Aml 22 fatiem T 23 congruentiam P conlustrarique (con in ras. m2) P 25 concentum AmZT edd. contentum Aml 26 quid] quis M 27 putant rebus m feditatem AM T 28 ipsi M incognitus est A
3. 1 cf. Retract. I 3, 3 12 cf. Oic. Tusc. I 40
4. 2 hii AT assecuntur M assequuntur AT 3 quos Aml aut] ut P 5 animus sibi edd. 7 uideri A 10 mirare Tml quod] quo T 11 am- plecti A 12 amplo—est om.A XEVVQOV scripsi centron codd. centrum edd. 13 geometrae] mathematici AT pares Aml 15 demetiantur HT 16 am- mittuntur T 17 ipso A edd. 18 in immensitate M conuertitur Hm2 in mg. M 19 eam Aml 21 sint (t m2 in ras.) T sunt Aml alt. et omHM extet erroris] exterris HP exiet erroris Aml exuat errores Am2 22 congruant (gruant m2 in ras.) T congruunt Aml 23 cunc-ta] coniuncta A 25 libidine Pml 26 pernitiosis AT ' 27 praescribis A
5. 1 qua ex quam A 2 eruditione AmlPml o ratio] hominibus M pro- mittit Pml 6 nos uitam M karissimi MT 7 hii T 8 laboatione M 11 scolam MPT deserere me T 12 confugere] cum fugere II 13 contulit P 16 athihito Pml 18 nonnulla] i;on in nlla T non in uilla A 10 q l[(lJl nostwm] nerum (erum in ras.) A 20 pr. neJl 21 alyppius HP nliplus T 22 ammirabiliter A mirabiliter M poetiae Pml trigetium AmtflT trigetius Am] 23 nobis item A 24 hystoriam AMPT etiam] ut eti;ni A nnihil (n m?) T 2li reputarem M 27 amor T 28 utJ ita ut A Tm \>r. aut om. A T 2'3 fere oni. T
6. 1 lugnbrationib.is M auocare HMP 3 noctium etiam Tml labore AMT 4 et ota.M 5 agere .1 sese] apud sese .1 Tchl. secum .1/ Jlabitar(h (nt ras.) P habitarent II 7 aniuaduersIis (mi ras.) P is in modum (in ml i A praessius Prnl 11 lijmo iuxta .4 snrires M soces Pml sese (11m. que) T 12 e*go(r ras.) P anniadiertisti AllMPin- in mq. Tvdd- licenti in(jiim.l 18 ad hcubrandum lumen A 10 amonisse AmlTml 17tnnc M 20 sco- lam AIIMT 22 dicerr thr se T aminonebat M T inquit .4 25 laIando A toties M interpellare Ihu'2 20 huiuscemodi .1 perpetuo .4 T edd. perpefie M 27 angistiis(us in in>i. in.po-4.) P euiei .1T i'dd. 28 rursus 7'
7. 9 cf. Retract. I 3, 6
8. 1 emittendi HP 5 cum HMP modico viLLJImI tu inquam M 6 calliopan HP calliopen M tenebras P 7 mihi dedisti A 8 ista om.A 9 ammiratio MT 12 ergo P alacriori spe M 14 concepsie P umquum] inquam AmlHP inter nos de his rebus A 15 ante AM quaestio M 17 transcendis AMTeJd. helicone JIJIP 18 peruenire (per add. in m<j.) T H) me modo A 20 mihi om.M alde Tml animum intendi M 21 phylo- sopia Tml 22 omnium T 23 canendo AT

- ulnlnndo Aml atque] et .4 24 inter amantes tuos] in terram tuos Pml inter amantis Pm2
imij. inter amantuos Jiml 25 eligere MP uel om.Aml inolita rimula] molita rimula M T
molitari multa H respirabunt T piramum Aui2M piranum Aml
9. 4.S Ter. Eun. 1024
10. 1 seueriori Ji 2 coeptam (scil. seueriuorem uocem) P coepta AHMTedd. 4 iudicio Jim] quasi]
miser quasi m Terentius 5 terrentium M 7 quod AHMPml T quid Pm2 quo Pm. post. in mg. 9
hodie forte Tedd. COL;tempnitis PmlT 10 anguriari AT 13 isto um.R .11 15 molestem II 1 tj
defen***dam (den ras.) P 19 superaueritA 21 rursusA restitui meil/ 22 quid] quid est T 23
sum om-AMmlm 25 communem MP 26 prorsum M 27 antequa T antequiem (e alt. ex a) A 28
erexerit lIjI edd.
11. 9 Uerg. Aen. X 875 11 cf. Uerg Aen. III 88 sqq.
12. 1 differentia T 2 quo H P 5 quoddam T a] ac (c s.m'2) P qua nescio M ostentare se T ostentare
(om. se) H (1 iniantem Tml dirrnpit T 7 habundare T 9 dous codd. deum (ergilii<s faciatl f.
sic altms apollo incipias ATedd. 10 ille T 11 saedem Pml qui dat] quid ; dMP 13 et pecudum
(om. quc) M 14 altus (>. alius m2) A 16 aapieutes (alt. e m2) A aggrediamur AHMTedd.
cultoris(i ex e m2)A 17 nestigiis] et uestigiis AMTedd. uestris HP 19 iam] hic iam Ta tanto P
corr. ml 21) uerbis] tuis u. Hm2 edd. mihi om.AT 21 tibi] nihiL-L!'2influero**/> quod]quod
illa ATedd. 23 in] ad T enim est T 24 eius 11110 .1/ biberet Tml
13. 1 ut dicis ill i A admirati JUPwST mirati A 2 potius casu .1 edd. 3 putauimus HP 4 aut] atque
JI intuenti] nuenti Aml; in mg. nota mrliti aliter serenissime uentis michi Am2 7 quod Hm2
molliciem AMT 8 descendunt // pro onere] ponere A pro honore // 10 paenitus Pml poenitus
A 11 aggressis Tni2 in mg. quaestione Aml 12 sine (si m2) P ociosus Ma percuncator T 13 ut
ibi] ubi T 14 sequotos T ubertatem APTn2a 16 temeraria P 19 otiosum HMP percontari reni M
20 non possuin A ne tx me Tml 21 colloqueris T quaere Tml naturam istam T 22 ordinatam H
26 lignisJ quae lignis AHMP)n2 in mg. T edd. quamuis mi.AT edd. 27 fiunt T ill]
14. LXIII. August. I pars III. ed. Knoell.
15. 9
16. 3 nos om.M 5 esse doctorem om.j.'H 6 nimium] minimum V 8 inquam HP leuius te
AHMTedd. 9 ista m profluentem aquam AT edd. 10 licentium H et om.A 12 me om.H 14 quem
om.Tml 17 societate (e alt. ex i mZ) A 1scoartamur3/ non] num T 19 tuos Arnl ipsa illa T 20
aliquantulum Tml 22 quod om.Aml 24 ordine] ordinare M 25 tenet Pml 27 ex ordine rerum A
2y eu;q:ilamus3/ auertisti T 29 sorix A 30 sermone (corr. m2) P
17. 3 respondere debeam T 4 mandata om.M 5 uidebitur A T edd. 6 de om.A aliquis AMTedd.
caldaeus A 7 debuerit] dubitauerit Atn2 in mq. atequam Aml cuenisset A euenerit a 8
ecferetur H eferetur Pml nemo ex eo Tml 9 quaereret] quaerere auderetAT ex] ab Am
oberrens Tml 10 enim om.M 11 a om,Pml 12 autqui HPml alt. dicere P 14 uolitatio
AHMPm2Tedd. 15 domo] agro A ordine rerum A necessario A ille P 18 cur quidque fiat] cu
quisque sciat Aml quicque T 19 satis (om. est) in ras. 4 21 Apparet] hic apparet ATedd. 24
ordo] utrum A quiddam Bi 25 an malum ex animalium ras. P submorans HMP
submurmurans AT edd. 26 de] e AHMTedd. enim hic A 28 saltim AM
18. 9*
19. 1 contrarium quicquam edd. potest—pr. esse add. Aml inmy. 2 continuit A 3 necesse—4
contrarium add.Hm2 in ?«</. 4 putare esse] putari AMT 7 ordini H 8 cui] cuius M edd. e
oin.AHM T edd. fit PT sit AHM edd. 9 pr. non Aml s.l. 12 solum hoc (hoc s. m2) A quoque
surgere mihi atque (om. iam) M 15 gratulationem AT end. 17 ubiubi] ubi AHmlMP 18 in
ordinej inordinata H ordinata Pm2 in giay. ab credite incipit cup. VII. m 21 «ebrietate (a ras.)

- P 22 mihi uidetur inquit T licenti add. Pm2 s.l. 24 perturbes edd. 25 auferas me (me s. m2) A 26 defendit deuius] diuius.4 28 uere AMPm2Te.dd. 29 ait] at P cum] et cum MT edd.
20. u n] ex A 7 ingemiscens AMTedd. IU ut et] ut AJll' edd. 12 ueru Pm" qui tix qu§ Mm2 15 diligit Aml 19 fit ex sit A 20 aaitlii- ti>tis A antithotis 3/ 21 iocundmn AMPmT ex] id est ex ATcdd. 2S se ' / ' 24 nam] nc (c- in ras.m'2) A 27 seqllutus PmlT si enim] etenim -i («iiiiiii iii ras.m2) A 3U necessitatem Aml
21. 7 Ter. Andr. 730
22. 1 repperiri PmlT dei] de ATm2 3 relisit HMP re;ilit ATcdd. se HMP e AT edd. stratu T 4 ei] enim A 7 istaec in te] ista haec in te A unde istaec Terenlius credor 9 inducitur Mm 10 tacendum] agen- dum ATm2m 12 < duersum edd. 13 uinceris T 15 parta A 16 tantam (a alt. ex u m2) A deum] uim A 17 ipsa (a s. m2) P 19 eam grossis auribus edd. 21 percunctanti T 23 inpatiens fuit edd. 29 responduro Ana1 iste afhl. Tm2 s,l.
23. 21 Ps. 79, 8
24. 1 pro quod A 3 nemi*ni (i pr.s.) P 4 pro] et pro A 8 mihi om.M 12 in nobis fit (sit A) A T non uobis add. Hml inmrj. 15 tisque.VP tisque H piramus A 20 lacrimans M ibi lacrimans T snccinentem] cantitantem A in ras. 2lil]um.4mi garule Pml 23 quaesita AT 24 nostraj mea A inea nostra T 25 loco] in loco Mm2 2G auserat Pml 27 obiurgabat M 29 me inimicus hic ll
25. 2G cf. Retarct. I 3, 4
26. 1 egressus Tml 3 dic mihi ATedd. 4 adulescentes Pml adpr*phendens (n ras., e ult. ex i) P 6 cecinisse tamdiu A quamdiu cccinisse // 8 modo] mouet Pml tam] tamen A aduocabar A 9nu*gisJ. 10 pr. in] ad As.l. snbueheor HPml 12 infectus P intectus Hml cantabam Tm7 cantatabam Aml 14 diceremus] t diceremus Am2 ipsum locum M quo] quod P qua T 17 tenehris] a tenebris AHMTedd. 18 inmoratiolle Ill' 19 tolli M 21 illa M 22 suppressus T 23 prosperiori V propriore A 27 persenaerantiores A commotiores AT 28 neritate Ptnl nt] ut et AllMT edd.
27. 6 d. Conf. IX 1, 1 (p. 197, 13) 14 ct. Retr. I 3, 5
28. 1 dnliiis ei (ei s. m2) A 2 uita beata M se AT (j cunicalefacione 7 calefacione M 7 eriimnosuruni P ut monia Tml admonita A 8 paulum MPml 9 luciquc sanorum M 12 opns e.r corpus ran. A conhinxAMPia'? ! 1;5 sit ATcdd. 14 scias A uelim facere .1 15 ***iube P c]uod] id quollAT 16 superinnicem]jiniicem.l/ super se inuicema supra seminecem m 17 quo tuum] quo totum T quociim A 19 ueneriatorum II 21 dotatae AHm'11'm2 T (1dd. fonno*sae (n ras.) P formosae AJl T pdd. 23 cogitatiOlv.1 20 nobis um-M 27 aptus uobis M 28 gallinacios II edd.
29. 2 araantium A unde HMP innuant T 4 inhiantis T quaeuumqlll' P 5 atque] aut M ubique] ubicumque Mm quaeri] sectari (uat. se) a G dari (i cx e) A uideres A intentius JI 7 acntissimas A 8 rationis animalium expertium Tml non add. Amls.l. 10 collectam P 12 ceruic* *T pennulas AHMPm'2 T 13 concinum P 16 ducere Pnil diceret Aml 17 multa remota A 20 inimitatio ex immutatio T 21 uerrissimae (r cx 1) T motus II admoniti HMPm2 22 est ex esset A quo] ubi J/ 23 ibi] ubi HP rcs om M 24 quando] uel quomodo Am2 in mj. 20 actuin aliud A aliud actum HMTed/i illaJl/ 28 uirgiliu AMPm2Tedd.
30. 2 aliqui HPml aliquis M 4 post tridie APT alacres <m. M 5 atteiitis in ine] attentissime (e ali. in ras. P) HMP 6 qunttum] quam P 8 scola etnli. 9 ruate AT(<!<. 13 peruenimus Hm2M nisi iani A 14 de uobis om M fallit (it in ras.) P 15 solui Aml 16 posset AMTedd. 17 saltim J tantum P 18 quarn] tanquam (tan s.m2') A 21 iam om.M 22 a om A 25 imponitur perferenda M uobis .4 26 sunt <m-M 28 procreauit Aml prosequessio .4 29 praemiseram AmlH
31. 17 d. Joll. 6. 3S

32. 5 difinitione A 7 turbatori M ipsa ut fit Tml 8 estom-^1 alt. quid] qlloAdJl 9 anuerellmP an ueretw nescio] scio Hm2M 10 se.4 11 ille l/nd nitionis Plll notitionis A 12 conduceret (t ex tur curr.) A 14 nonj nuin ex non A 15 post deus add. Am~ s.l. ordine 17 deo urri..Jl deo patre A 19 agit] ait II etiam agitur dens ordine AT agitur ordine etiam deus edd. adubitans P an dubitans // 2H istud Aa 23 licentie** (e ex us) A 26 dicimus deum Tml 27 ille] trigetius a 28 etiam] iam Tlltl urgebat AMPmlT.
33. 17 d. Joll. 6. 3S
34. 5 difinitione A 7 turbatori M ipsa ut fit Tml 8 estom-^1 alt. quid] qlloAdJl 9 anuerellmP an ueretw nescio] scio Hm2M 10 se.4 11 ille l/nd nitionis Plll notitionis A 12 conduceret (t ex tur curr.) A 14 nonj nuin ex non A 15 post deus add. Am~ s.l. ordine 17 deo urri..Jl deo patre A 19 agit] ait II etiam agitur dens ordine AT agitur ordine etiam deus edd. adubitans P an dubitans // 2H istud Aa 23 licentie** (e ex us) A 26 dicimus deum Tml 27 ille] trigetius a 28 etiam] iam Tlltl urgebat AMPmlT.
35. 2 uero om..4 7 imperitiaaaT coopiamur T haecine est (c alt. et e alt. m2) P haecine est AT haec est M 9 lypientibus H 10 periculis AHMTedd. 11 qu*»q; (u s.) A 12 sumus Tm demersos om-M 16 mihi geminare A 18 me esse A 21 pr. quantum] quanti AmI 24 libenter omJl redite T 27 scriberentur M 28 saltim AM 29 stomachari T 30 quod (d m2 in ras.) A atque edd. disciplinae M 31 immanissimae A
36. 1 non puderet recitare M gemiscendum T 2 ab eisdem MM.37 4 pr. in om.P 5 iactantiam AT 9 miserum me T 10 decere T decidereitf uitiorum aliorum A 12 probatiores Hml 13 diligigitis T 15 diserta M desiderata Hrn1 17 fame Trnl 19 desudauimus Am2 22 cum scribij conscribi T 23 femina sum quam H 24 disputationis AHMPm2T edd. 25 inquam curo A supborum T imperitorum (om. que) H in intelligendos (in s. m2) A 2G in om, T
37. 18 cf. Retract. I 3, 7 28 cf. Col. 2, 8
38. 1 repperiuntur jl/P contempnendi Pml conuertendi T 3 penitralia AT 5obmittamT salt.etom.Aml 9conqu\$raitur A lOmeumautenilibrum A 11 sed uel (cum s. uel iu2) A 12 studiosi uium A contenta MP contempta AHT uilitate] utilitate Hm2 in mg. humilitate M 13 philosophante// 15 contemtnt (p ras.) P 18 multos A 20 condicione Pm2 22 aliudj aliquid T 23 pr. aut om-A iocunditatis AMPmlT 24 philophatae Aml 25 quo] quod 11T 2seuitandos AHMTedd. esseom.Tml 29aliumautem A
39. 1 cf. Retract. I 3,8 3 Ioh. 18, 36
40. 1 Christus ipse AHM 2 pr. non om.Mml alt. non eras. H 4 phylosophia T 5 contempnerem PmlTm2 7 alt. amare H 9 et nouerimdiligas om.Hml 10 fortuiti om.Tml 14 relegiose P 15 et] et cum M nos] non T 16 non] om.Tml nunc s. ras. A 17 reliqui MP sthomocho P 18 ea] eaPwi2 22 diuinam A 23 non om.Tml auertitis T 25 meum. amen A

Livro 2

Passados então alguns poucos dias, veio Alípio e, tendo surgido o sol claríssimo, o esplendor do céu convidou e, quanto podia naqueles lugares no inverno, a suave temperatura a descer ao prado, do qual nos servíamos mais frequentemente e familiarmente. Estava também conosco nossa mãe, cujo engenho e alma inflamada para as coisas divinas, havendo eu antes percebido por uma convivência prolongada e diligente consideração, então verdadeiramente em certa discussão de não pequeno assunto, que tive no dia do meu aniversário com convivas e reuni num livrinho, tão grande me apareceu a mente dela, que nada parecia mais apto à verdadeira filosofia. Por isso, eu havia decidido, quando sobrasse ócio, agir para que ela não faltasse ao nosso colóquio. O que também no primeiro livro desta obra por ti foi conhecido.

Quando, portanto, nos assentamos no lugar mencionado, da melhor maneira que pudemos, eu disse àqueles dois jovens: Embora tenha me irritado de modo infantil convosco, tratando de grandes questões, contudo me parece que não aconteceu sem a ordem propícia de Deus que o tempo tenha sido assim consumido na conversa, pela qual vos afastava dessa leviandade, de modo que um assunto tão importante parece ter sido adiado até a chegada de Alípio. Por isso, visto que já lhe apresentei a questão bem conhecida e mostrei quanto progredimos nela, estás pronto, Licêncio, para defender a causa que assumiste, a partir daquela tua definição? Pois creio lembrar-me que disseste que a ordem é aquela pela qual Deus age em todas as coisas. — Estou pronto, disse ele, quanto posso. — Como então, perguntei, Deus age ordenadamente em todas as coisas? Será que também age ordenadamente a Si mesmo? Ou, além d'Ele, as demais coisas são governadas por Ele com ordem? — Onde todas as coisas são boas, disse ele, não há ordem. Pois há a suprema igualdade, que nada deseja de ordem. — Negas, perguntei, que junto a Deus todas as coisas são boas? — Não nego, disse ele. — Conclui-

se, disse eu, que nem Deus nem aquelas coisas que estão junto a Deus são administradas com ordem. — Ele concordou. — Porventura, perguntei, todas as coisas boas não te parecem ser nada? — Pelo contrário, disse ele, elas verdadeiramente são. — Onde está, então, perguntei, aquilo teu, que disseste, que todas as coisas que existem são administradas com ordem e que absolutamente nada há que esteja separado da ordem? — Mas existem, disse ele, também os males, pelos quais acontece que a ordem inclua também os bens; pois somente os bens não são regidos pela ordem, mas simultaneamente os bens e os males. Quando, porém, dizemos: 'todas as coisas que existem', certamente não dizemos somente os bens. Disso resulta que todas as coisas juntas, que Deus administra, são administradas com ordem.

A ele eu disse: As coisas que são administradas e realizadas, parecem-te mover-se ou julgas que são imóveis? — Essas, respondeu, que acontecem neste mundo, confesso que se movem. — As restantes, perguntei, negas? — As que estão com Deus, disse, não se movem; todas as demais julgo que se movem. — Portanto, visto que consideras que as coisas que estão com Deus, disse eu, não se movem, mas as outras admites que se movem, mostras que todas as coisas que se movem não estão com Deus. — Repete isso mesmo, disse ele, um pouco mais claramente. — O que me pareceu não ser por dificuldade de compreensão que ele quis, mas por um espaço para indagar, no qual encontrasse o que responder. — Disseste, disse eu, que as coisas que estão com Deus não se movem. As outras, porém, movem-se. Se, portanto, estas que se movem não se moveriam, se estivessem com Deus, visto que negas que todas as coisas que estão com Deus se movam, resta que as coisas que se movem estão fora de Deus. — Diante dessas palavras ainda calava-se, até que finalmente: Parece-me, disse, que também neste mundo, se algumas coisas não se movem, estão com Deus. — Nada disso me importa, disse eu; pois confessas, creio eu, que nem todas as coisas que estão neste mundo não se movem. Disso conclui-se

que nem todas as coisas deste mundo estão com Deus. — Confesso, disse ele, que nem todas. — Logo, há algo sem Deus? — Não, disse ele. — Portanto, todas as coisas estão com Deus. — Aqui, hesitante: Peço, disse, que não tenha dito aquilo, que nada há sem Deus; pois absolutamente todas as coisas que se movem não me parecem estar com Deus. — Sem Deus está, disse eu, portanto, este céu, que ninguém duvida que se move. — Não está, disse ele, sem Deus o céu. — Logo, há algo com Deus que se move? — Não posso, disse ele, como quero, explicar o que sinto; contudo, o que tento dizer, peço que, se puderem, entendam sagazmente, sem esperar pelas minhas palavras. Pois também nada me parece estar sem Deus e, o que está com Deus, por sua vez parece permanecer inabalável; o céu, porém — dizer que está sem Deus não posso, não só porque julgo que nada está sem Deus, mas porque considero que o céu tem algo que não se move, o que verdadeiramente ou é Deus ou está com Deus, embora o próprio céu não duvide que gire e se mova.

Defina, então, peço-lhe, se lhe agrada, o que seja estar com Deus e o que seja não estar sem Deus. Pois se a controvérsia entre nós é sobre palavras, facilmente será desprezada, desde que vejamos a própria coisa, que concebeste em tua mente. — Detesto eu, disse ele, definir. — O que faremos, então? perguntei. — Tu, disse ele, define, por favor. Pois é mais fácil para mim ver na definição de outrem o que não aprove, do que explicar qualquer coisa definindo bem. — Agradar-te-ei, disse eu. Parece-te que estar com Deus é aquilo que por Ele é regido e administrado? — Não, disse ele, não era isso que concebera em meu espírito, quando dizia que as coisas que não se movem estão com Deus. — Vê, então, disse eu, se ao menos esta definição te agrada: está com Deus tudo o que entende a Deus. — Concordo, disse ele. — E então? perguntei; o sábio não te parece entender a Deus? — Parece, disse ele. — Sendo assim, como os sábios não apenas numa única casa ou cidade, mas também peregrinando e navegando por imensas regiões se movem,

como será verdade que tudo o que está com Deus não se move? — Fizeste-me rir, disse ele, como se eu tivesse dito que o que o sábio faz está com Deus. Está com Deus, mas aquilo que ele conhece. — Não conhece, perguntei, o sábio seu códice, seu manto, sua túnica, seus móveis, se os tem, e outras coisas desse gênero, que até os tolos conhecem bem? — Confesso, disse ele, conhecer a túnica e conhecer o manto não é estar com Deus.

Portanto, dizes, afirmo, que nem tudo o que o sábio conhece está com Deus, mas, no entanto, que tudo o que do sábio está com Deus, isso o sábio conhece. — Muito bem, disse ele; pois tudo o que conhece por meio desse sentido do corpo, não está com Deus, mas aquilo que percebe com a alma. Talvez ouse dizer ainda mais, mas, contudo, direi; pois com vós como juízes, ou confirmarei ou aprenderei. Quem quer que conheça apenas aquelas coisas que o sentido do corpo alcança, não apenas não me parece estar com Deus, mas nem mesmo consigo mesmo. — Aqui, quando percebi que Trigécio, em sua expressão, parecia querer dizer algo, mas era contido pela vergonha, para não irromper, por assim dizer, em lugar alheio, dei-lhe permissão, já que Licêncio se calava, para que expusesse o que quisesse. E ele disse: Essas coisas que pertencem aos sentidos do corpo, absolutamente ninguém me parece conhecê-las. Pois uma coisa é sentir, outra é conhecer. Por isso, se algo conhecemos, penso que está contido apenas no intelecto e só por ele pode ser compreendido. Disso resulta que, se aquilo que o sábio conhece pelo entendimento está com Deus, tudo o que o sábio conhece pode estar com Deus. — O que, quando Licêncio aprovou, ele acrescentou outra coisa, que de modo algum eu poderia desprezar. Pois disse: O sábio absolutamente ele mesmo está com Deus; pois também a si mesmo o sábio entende. O que se conclui tanto daquilo que recebi de ti, que está com Deus aquilo que entende a Deus, quanto daquilo que foi dito por nós, que está com Deus aquilo que é entendido pelo sábio. Mas esta parte dele, pela qual usa esses sentidos — pois não creio que deva ser contada, quando chamamos

alguém de sábio — confesso que não conheço, nem sequer suspeito de que natureza seja.

Portanto, concludo, digo, que o sábio consiste não apenas de corpo e alma, mas também da alma inteira, se de fato é loucura negar que essa parte, pela qual ele usa os sentidos, pertença à alma. Pois não são os próprios olhos ou ouvidos que sentem, mas algo outro, não sei o quê, que sente através dos olhos. Ora, se não atribuímos esse próprio sentir ao intelecto, não o atribuímos a nenhuma parte da alma. Resta, então, atribuí-lo ao corpo, o que me parece, por ora, nada mais absurdo de se dizer. — A alma, disse ele, do sábio, purificada pelas virtudes e já unida a Deus, é digna também do nome de sábio, e nada mais nele agrada em ser chamado sábio; mas contudo, certas, por assim dizer, impurezas e despojos, das quais ele se purificou e como que se retirou para dentro de si mesmo, servem a essa alma ou, se toda esta deve ser chamada de alma, servem certamente a essa parte da alma e estão sujeitas a ela, à qual só convém ser nomeada sábia. Nessa parte sujeita, creio que habita também a própria memória. O sábio, portanto, usa dela como de um servo, para que lhe ordene e, já domado e subjugado, imponha limites à lei, a fim de que, enquanto usa desses sentidos por causa daquilo que já não é necessário ao sábio, mas a si mesmo, não ouse se exaltar nem se ensoberbecer diante do senhor, nem usar dessas mesmas coisas que lhe pertencem de modo indiscriminado e imoderado. Pois àquela parte mais vil podem pertencer as coisas que passam. E a quem é necessária a memória, senão para as coisas que passam e, por assim dizer, fogem? Aquele sábio, portanto, abraça a Deus e dele frui, que sempre permanece e não é esperado para existir, nem se teme que falte, mas por aquele mesmo pelo qual verdadeiramente é, está sempre presente. Cuida, porém, imóvel e permanecendo em si mesmo, de certa forma, do peculio de seu servo, para que, como servo frugal e diligente, dele faça bom uso e o guarde com parcimônia.

Ao considerar com admiração essa sentença dele, lembrei-me de que eu mesmo havia dito algo semelhante, de forma breve, certa vez, enquanto ele ouvia. Então, sorrindo, disse: Agradeça, Licêncio, a este teu servo, pois se ele não te ministrasse algo de seu pecúlio, talvez agora não tivesses o que mereces. Pois, se a memória pertence àquela parte que se entrega como serva para ser governada por uma boa mente, foste agora ajudado por ela, acredita em mim, para dizeres isso. Portanto, antes de retornar àquela ordem, não te parece que, mesmo por tais coisas, isto é, pelas disciplinas honestas e necessárias, a memória é necessária ao sábio? — Para quê, disse ele, a memória é necessária, se ele tem e mantém presentes todas as suas coisas? Pois nem mesmo no próprio sentido, para aquilo que está diante de nossos olhos, invocamos a memória em auxílio. Ao sábio, portanto, que tem diante dos olhos interiores do intelecto todas as coisas, isto é, que contempla fixa e imóvel o próprio Deus, com quem estão todas as coisas que o intelecto vê e possui, para que serve, peço-te, a memória? Quanto a mim, para que fosse necessária para reter estas coisas que de ti ouvi, ainda não sou senhor daquele servo, mas ora lhe sirvo, ora luto para não servir, e como que ousou reivindicar-me para minha liberdade, e se porventura alguma vez ordeno e ele me obedece e muitas vezes me faz pensar que venci, em outras coisas novamente ele se ergue de tal modo, que miseravelmente eu jazo sob seus pés. Por essa razão, quando perguntamos sobre o sábio, não quero que me nomes. — Nem a mim, disse eu; mas ainda assim, será que esse sábio pode abandonar os seus ou, de algum modo, enquanto move este corpo, no qual mantém aquele servo preso por sua própria lei, deixar o dever de conceder benefícios a quem pode e, sobretudo, o que dele é veementemente exigido, o de ensinar a própria sabedoria? Quando faz isso, para ensinar de modo conveniente e ser menos inepto, muitas vezes prepara algo, que por disposição profere e discute, o qual, se não o confiar à memória, necessariamente se perderá. Portanto, ou negarás que os deveres da benevolência pertencem ao sábio, ou confessarás que algumas coisas do sábio são guardadas pela memória.

Ou talvez algo de suas coisas, não por si mesmo, de fato, mas por causa dos seus, contudo necessário para si, ele confia à guarda daquele servo, para que ele, como sóbrio e da melhor disciplina do senhor, não guarde, de fato, exceto o que, por causa dos insensatos a serem conduzidos à sabedoria, mas o que, contudo, aquele lhe ordenou que guardasse? — E de modo algum, disse ele, penso que algo seja confiado a este pelo sábio, se de fato aquele está sempre fixado em Deus, seja em silêncio, seja falando com os homens; mas aquele servo, já bem instruído, guarda diligentemente, o que às vezes sugira ao senhor que discute e lhe faça, como ao mais justo, agradável o seu ofício, sob cujo poder se vê viver, e isto faz não como raciocinando, mas por aquela lei suprema e ordem suprema prescrevendo. — Nada, digo, agora resisto às tuas razões, para que o que empreendemos seja antes levado a cabo. Acerca disto, porém, diligentemente, de que modo se haveria — pois não é coisa pequena nem contente com tão pequeno discurso — veremos em outra ocasião, quando o próprio Deus, pela ordem, tiver dado a oportunidade.

Ficou definido, porém, o que significa estar com Deus, e quando eu disse que estar com Deus é o mesmo que compreender a Deus, vós ainda acrescentastes mais, para que ali estejam também aquelas coisas que são compreendidas pelo sábio. Neste ponto, muito me perturba como de repente colocastes a estultícia junto a Deus. Pois se estão com Deus todas as coisas que o sábio compreende, e ele não pode evitar senão a estultícia compreendida, então também estará, o que é ímpio dizer, aquela peste com Deus. — Comovidos por esta conclusão, após se terem mantido em silêncio por algum tempo, disse Trígécio: "Responda também aquele, por cuja vinda a esta discussão no momento mais oportuno não creio que nos congratulamos em vão." — Então Alípio disse: "Deus nos dê coisas melhores! Será que para mim, afinal, tanto silêncio meu estava sendo preparado? Mas já foi interrompida a quietude. Contudo, agora me esforçarei para satisfazer, de algum modo,

a este pedido, desde que primeiro tenha previsto o que será e obtido de vós que nada mais exijais de mim além desta resposta." — "De modo algum, Alípio", disse eu, "é próprio da tua benevolência e humanidade negar tua voz, também desejada, ao nosso discurso. Mas prossegue agora, cumpre o que começaste; o restante, conforme já se apresenta a ordem, virá." — "Igualmente devo esperar coisas melhores quanto à ordem", disse ele, "em cuja defesa, por ora, quisestes que eu me colocasse. Mas, se não me engano, pensaste que por esta tua conclusão a estultícia foi unida a Deus por eles, porque disseram que todas as coisas que o sábio compreende estão com Deus. Mas até que ponto isso deve ser aceito, deixo de lado agora; presta um pouco de atenção àquele teu raciocínio. Pois disseste: 'se estão com Deus todas as coisas que o sábio compreende, e ele não pode evitar senão a estultícia compreendida' — como se realmente fosse obscuro que, antes que alguém evite a estultícia, não deve ser considerado com o nome de sábio — e foi dito que a estultícia compreendida está com Deus: portanto, quando alguém compreende essa mesma estultícia para evitá-la, ainda não é sábio. Mas quando o for, a estultícia não deve ser contada entre as coisas que ele compreende. Por esta razão, visto que estão unidas a Deus as coisas que o sábio já compreende, corretamente a estultícia será separada de Deus.

Agudamente, de fato, respondeste, como costumias, Alípio, disse eu, mas como se tivesses sido empurrado para aperturas alheias. Contudo, porque, creio eu, ainda te dignas a ser tolo comigo, o que faremos, se encontrarmos algum sábio, que de bom grado nos liberte desse tão grande mal, ensinando e discutindo? Pois nada lhe suplicarei antes, tanto quanto julgo, senão que me mostre o que seja, o que é, qual seja completamente a estultícia. Pois acerca de ti não afirmaria facilmente; a mim, porém, tanto e por tanto tempo ela detém, quanto e enquanto por mim não é compreendida. Dirá, portanto, aquele, por teu testemunho: 'Para que vos ensinasse isso, quando era tolo, deveríeis ter vindo a mim; agora, porém, podereis ser vossos próprios mestres; pois eu já não

compreendo a estultícia'. O que, de fato, se dele ouvisse, não temeria advertir o homem, para que se tornasse nosso companheiro, e ao mesmo tempo buscaríamos outro mestre. Pois, embora não compreenda plenamente a estultícia, vejo, contudo, que nada há mais tolo do que essa resposta. Mas talvez lhe dê vergonha assim nos abandonar ou seguir. Discutirá, portanto, e exagerará copiosamente os males da estultícia. Nós, porém, provendo bem por nós, ou ouviremos atentamente o homem ignorante do que fala, ou acreditaremos que ele sabe aquilo que não compreende, ou ainda, pela razão dos teus protegidos, a estultícia está ligada a Deus. Nada, porém, do que foi dito anteriormente é, que eu veja, que possa ser defendido: resta, portanto, o que não quereis, o extremo. — Nunca te senti invejoso, disse ele. Pois se desses protegidos, como dizes, tivesse recebido algo honorário, como costuma, enquanto és demasiado apegado a esta argumentação, seria forçado a devolvê-lo agora a eles. Por isso, que se contentem com isto, que, trabalhando contigo, lhes dei não pouco tempo para refletir, ou, se vencidos, os patronos, sem culpa própria alguma, de bom grado escutam o conselho, e nisto já te cedam e sejam mais cautelosos no restante.

Não desprezarei, disse eu, o que na tua defesa Trigécio, não sei por que ainda fazendo alvoroço, desejava dizer, e o farei com a tua boa permissão; pois talvez não estejas bem instruído, tu que recentemente sobrevieste a este negócio, para que, afastada a defesa, eu ouça pacientemente os próprios pleiteando a sua causa. Como eu havia começado. — Então Trigécio, estando Licêncio completamente ausente: Como quizerdes, disse ele, aceitai e ri-vos da minha estultícia. Não me parece que deva ser chamado de entendimento, por meio do qual se entende a própria estultícia, que é a causa, se não única, pelo menos máxima, de não se entender. — Não recuso facilmente, disse eu, aceitar isso. Pois embora me comova muito o que Alípio sente, como alguém possa corretamente ensinar qual é a coisa que não entende, e quanta perdição traz à mente aquilo que a mente não vê — pois certamente

atentando nisso, que tu disseste, ele temeu dizer, sendo-lhe essa sentença conhecida também dos livros dos doutores — todavia, considerando o próprio sentido do corpo — pois também por esse mesmo a alma se utiliza e só ela é, com o entendimento, qualquer que seja, uma comparação — sou levado a dizer que ninguém pode ver as trevas. Por essa razão, se para a mente isto é entender, o que para o sentido é ver, e ainda que alguém tenha os olhos abertos, são e puros, não pode, contudo, ver as trevas, não se diz absurdamente que a estultícia não pode ser entendida; pois não chamamos de outras trevas da mente. E já não moverá isso, como a estultícia pode ser evitada não sendo entendida. Pois assim como evitamos as trevas com os olhos por isso mesmo, que não queremos não ver, assim quem quiser evitar a estultícia, não se esforce por entendê-la, mas por aquelas coisas que podem ser entendidas, por meio dela se entristeça por não entender, e sinta que ela lhe está presente, não porque a entende mais, mas porque entende menos as outras coisas.

Mas voltemos à ordem, para que Licentius nos seja finalmente restituído. Pois isto já vos pergunto: se tudo o que o insensato faz vos parece ser feito com ordem. Vede, por favor, que armadilhas a questão encerra. Se disserdes que é com ordem, onde ficará aquela definição: ordem é aquilo por que Deus age em todas as coisas que existem, se até o insensato age com ordem no que faz? Se, porém, não há ordem naquilo que é feito pelo insensato, haverá algo que a ordem não abranja; mas nenhuma das duas opções desejais. Vede, suplico, para que não confundais todas as coisas com a defesa da própria ordem. — Aqui novamente Trygetius — pois aquele outro ainda estava completamente ausente — disse: É fácil, na verdade, responder a essa tua complexa argumentação, mas no momento falta-me uma analogia, pela qual percebo que minha opinião deve ser defendida e esclarecida. Contudo, direi o que sinto; pois tu farás o que fizeste há pouco. Pois aquela menção das trevas não trouxe pouca luz para o que, da minha parte,

estava envolto em obscuridade. Pois toda a vida dos insensatos, embora através deles mesmos seja pouco constante e pouco ordenada, pela divina providência, no entanto, é necessariamente incluída na ordem das coisas e, como que disposta em certos lugares por aquela lei infável e sempiterna, de modo algum é permitido que esteja onde não deve estar. Assim acontece que, com ânimo estreito, considerando-a apenas em si mesma, alguém, como que repellido por grande fealdade, a rejeite. Se, porém, erguendo e dilatando os olhos da mente, contemplar simultaneamente o universo, nada encontrará que não esteja ordenado e sempre, como que em seus próprios lugares, distinto e disposto.

Quão grande, digo, quão maravilhosa para mim por vós aquele Deus e Ele mesmo, como mais e mais sou levado a crer, algum oculto orden das coisas, não sei qual, responde! Pois dizeis aquilo que nem como são ditas não vejo, nem como as vedes entendo; assim, suspeito que sejam tanto verdadeiras quanto profundas. Talvez tu buscases algo semelhante a essa tua opinião. Mas a mim já ocorrem inumeráveis coisas, que me arrastam completamente ao consentimento. Pois, o que há mais hediondo que o carrasco? O que há mais feroz e terrível que aquele ânimo? No entanto, entre as próprias leis ocupa um lugar necessário e é inserido na ordem de uma cidade bem governada, e é nocivo por seu próprio ânimo, mas pela ordem alheia, punição dos nocivos. O que pode ser dito mais sórdido, mais vão, mais cheio de desonra e torpeza do que as meretrizes, os lenões e as demais pragas deste gênero? Tira as meretrizes das coisas humanas, perturbarás tudo com as paixões; coloca-as no lugar das matronas, desonrarás com mancha e desonra. Assim, portanto, este gênero de homens, por seus costumes impuríssimos na vida, pelas leis da ordem, na condição vilíssima. Não há nos corpos dos animais certos membros que, se os considerares isoladamente, não podes considerar? No entanto, a ordem da natureza não quis que faltassem, porque são necessários, nem permitiu que se destacassem, porque são indecorosos. Estes, porém,

mantendo seus lugares deformes, concederam o lugar melhor aos melhores. O que nos foi mais suave, o que mais condizente como espetáculo para o campo e a vila foi aquela luta e conflito dos galos, de que fizemos menção no livro anterior? O que vimos, porém, mais abjeto na deformidade do subjugado? E, no entanto, através da própria perfeição daquela mesma contenda, uma beleza mais perfeita surgira.

Tais coisas, creio, são todas, mas buscam olhos. Os poetas se enamoraram dos solecismos e barbarismos, como os chamam; preferem chamar de esquemas e metaplasmos com nomes alterados a fugir de vícios manifestos. Se, porém, retirarmos tais coisas dos versos, sentiremos falta dos condimentos suavíssimos. Amontoai muitas em um só lugar, todo o conjunto acre, pútido, rançoso, eu rejeitarei com fastio. Transferi-o para a linguagem livre e forense, quem não ordenará que se fuja dela e se refugie nos teatros? A ordem, portanto, que governa e modera essas coisas, não permitirá que sejam excessivas em si mesmas nem estranhas em qualquer lugar. A oração, interpondo-se com certas passagens humildes e muito semelhantes às não polidas, ilumina os próprios saltos e lugares graciosos. Se ela estiver sozinha, lançá-la-ás como vil; mas se faltar, aquelas coisas belas não sobressaem, não dominam em suas próprias regiões e possessões, e, obstruindo-se a si mesmas com sua própria luz, confundem o todo. Grandes graças também são devidas aqui à ordem. Quem não temeria, quem não odiaria as conclusões mentirosas ou as que, insinuando-se pouco a pouco, seja diminuindo, seja acrescentando, conduzem à aceitação da falsidade? Contudo, frequentemente, nas disputas, colocadas em posições certas e próprias, elas têm tanto valor, que, de algum modo, por meio delas, a própria decepção se torna doce. Não será também aqui a própria ordem louvada?

Já na música, na geometria, nos movimentos dos astros, nas necessidades dos números, o domínio da ordem é tal que, se alguém desejar ver, por assim dizer, sua fonte e seu próprio santuário interior,

ou o encontra nestas coisas ou por elas é conduzido até ele sem qualquer erro. Tal erudição, se alguém dela se servir com moderação — pois nada há ali que se deva temer senão o excesso — nutre um tal soldado da filosofia, ou mesmo um comandante, que ao supremo modelo, além do qual não possa, nem deva, nem deseje buscar algo mais, por onde quiser, voará e chegará e conduzirá muitos, de modo que já, enquanto ainda estiver preso às coisas humanas, as despreze e discirna todas elas, de tal forma que de modo algum o comova por que um deseje ter filhos e não os tenha, outro seja atormentado pela fecundidade excessiva da esposa, aquele careça de dinheiro, embora esteja preparado para distribuir liberalmente muitas coisas, e sobre ele se abata o magro e sarnoso usurário, escondendo seus tesouros, dissipador que esbanje e derrame amplas heranças, o mendigo que, chorando quase o dia todo, mal consiga obter uma moeda, a honra que exalte um indigno, os costumes luminosos que se ocultem na multidão.

Estas e outras coisas na vida dos homens frequentemente obrigam os homens a crerem impiamente que não somos governados por nenhuma ordem da divina providência; outros, porém, piedosos e bons e dotados de engenho esplêndido, que não podem admitir em seu ânimo que sejamos abandonados pelo sumo Deus e, no entanto, perturbados por tamanha como que névoa e confusão das coisas, não veem nenhuma ordem, e desejando que lhes sejam reveladas as causas mais ocultas, muitas vezes lamentam seus erros até mesmo em versos. Se eles perguntarem apenas isto: por que os italianos sempre rogam por invernos serenos e, da mesma forma, nossa Getúlia sempre tenha sede, quem lhes responderá facilmente? Ou onde entre nós será investigada qualquer suspeita dessa ordem? Eu, porém, se posso aconselhar os meus, tanto quanto me parece e quanto sinto, julgo que eles devem ser instruídos em todas as disciplinas. De outro modo, certamente, estas coisas não podem de modo algum ser entendidas, de forma que sejam mais claras que a luz. Se, porém, são mais preguiçosos ou ocupados com

outros negócios ou já endurecidos para aprender, que preparem para si os amparos da fé, com o qual laço os atraia a si e os liberte destes horrendos e intricadíssimos males Aquele que não permite que pereça ninguém que a Ele creia bem por meio dos mistérios.

Pois dupla é a via que seguimos, quando a obscuridade das coisas nos perturba: ou a razão, ou certamente a autoridade. A filosofia promete a razão e liberta apenas uns pouquíssimos. No entanto, ela obriga esses mesmos não apenas a não desprezarem aqueles mistérios, mas a compreendê-los como devem ser compreendidos; e a verdadeira e, por assim dizer, genuína filosofia não tem outra tarefa senão ensinar qual é o princípio sem princípio de todas as coisas, quão grande intelecto permanece n'Ele, e o que d'Ele emanou, sem qualquer degeneração, para nossa salvação; a quem, um só Deus todo-poderoso, com quem o Pai, o Filho e o Espírito Santo, tripotente, os veneráveis mistérios, que com fé sincera e inabalável libertam os povos, pregam, não de forma confusa, como alguns, nem de maneira injuriosa, como muitos. Quanto, porém, é grande aquilo, que o Deus tão grande dignou-se assumir e realizar por nós este corpo de nossa própria natureza, quanto parece mais vil, tanto mais está repleto de clemência e está longe e acima de uma certa soberba dos engenhosos.

A alma, porém, de onde tira sua origem, ou o que faz aqui, quanto age por Deus, o que tem de próprio, o que alterna entre ambas as naturezas, até que ponto morre e como se prova imortal — de que grande ordem julgais vós que são estas coisas, para que sejam aprendidas? Grande, certamente, e segura, sobre a qual, se houver tempo, falaremos brevemente depois. Isto, porém, quero que de mim recebais agora: se alguém temerariamente e sem a ordem das disciplinas ousa precipitar-se no conhecimento destas coisas, esse, em vez de estudioso, torna-se curioso; em vez de douto, crédulo; em vez de cauteloso, incrédulo. Por isso, o fato de que agora, à minha pergunta, tão bem e adequadamente respondeis, tanto me admiro de onde venha, quanto sou forçado a

reconhecê-lo. Vejamos, contudo, até onde vossa oculta intenção possa avançar. Já nos sejam restituídas também as palavras de Licêncio, que, ocupado por tanto tempo com não sei qual cuidado, esteve alheio a este discurso, de modo que creio que ele lerá estas coisas não diferentemente daqueles nossos familiares que não estão presentes. Mas volta a nós, peço-te, Licêncio, e faze-te aqui presente por inteiro; pois a ti digo. Pois tu aprovaste minha definição, pela qual se disse o que é estar com Deus, com quem a mente do sábio permanece imóvel, tanto quanto posso alcançar. Quisestes ensinar.

Mas o que me perturba é como, uma vez que esse sábio, enquanto vive entre os homens, não nega estar no corpo, de que modo acontece que, com o corpo vagueando para cá e para lá, a mente permaneça imóvel. Pois desse modo podes dizer que, quando o navio se move, os homens que estão nele não se movem, ainda que confessemos que eles o possuem e o governam. E, de fato, se eles o governassem e fizessem ir para onde quisessem apenas com o pensamento, ainda assim, quando ele se move ou é movido, aqueles que estão estabelecidos no mesmo lugar não podem não se mover. — Não, disse Licêncio, a alma está no corpo de tal modo que o corpo comanda a alma. — Nem eu digo isso, respondi; mas também o cavaleiro não está no cavalo de tal modo que o cavalo comande a ele, e, no entanto, ainda que conduza o cavalo para onde quer, é necessário que se mova quando o cavalo se move. — Pode, disse ele, permanecer sentado, imóvel. — Obrigas-nos, disse eu, a definir o que é mover-se; o que se podes fazer, desejo que o faças. — Certamente, disse ele, permaneça, por favor, o teu benefício; pois permanece a minha petição, e, para que não me perguntes de todo se me agrada definir, quando eu puder fazê-lo, eu mesmo o declararei. — Tendo sido ditas estas coisas, o servo da casa, a quem tínhamos confiado essa tarefa, correu até nós e anunciou que era hora do almoço. Então eu disse: O que é mover-se, esse servo não nos obriga a definir, mas a mostrar com os próprios olhos. Vamos, portanto, e passemos deste lugar

para outro lugar; pois nada mais é, se não me engano, mover-se. — Aqui, tendo sorrido, partimos.

Mas, quando refizemos os corpos, visto que o céu se cobrira de nuvens, sentamo-nos no lugar habitual no banho. E eu disse: Concedes, então, Licêncio, que o movimento não é outra coisa senão a passagem de um lugar para outro? — Concedo, disse ele. — Concedes, então, que ninguém está num lugar onde não estivera, e que não houve movimento? — Não compreendo, disse ele. — Se algo, disse eu, estive antes noutro lugar e agora está noutro, concedes que houve movimento? — Assentiu. — Logo, disse eu, poderia o corpo vivo de algum sábio estar aqui agora connosco, de modo que a alma estivesse ausente? — Poderia, disse ele. — E ainda, disse eu, se ele falasse connosco e nos ensinasse algo? — Mesmo se, disse ele, nos ensinasse a própria sabedoria, não diria que ele está connosco, mas consigo. — Não está, então, no corpo? disse eu. — Não, disse ele. — Ao que eu: Aquele corpo, que carece de alma, não confessas que está morto, quando eu propus que estivesse vivo? — Não sei, disse ele, como explicar. Pois vejo que nem o corpo do homem pode estar vivo, se a alma não estiver nele. E não posso dizer onde está o corpo do sábio, sem que a sua alma esteja com Deus. — Eu, disse eu, farei com que expliques isto. Pois talvez, porque Deus está em toda parte, para onde quer que o sábio vá, encontra Deus, com quem pode estar. Assim acontece que podemos não negar que ele transita de um lugar para outro. O que é mover-se, e contudo estar sempre com Deus. — Confesso, disse ele, que aquele corpo faz a passagem de um lugar para outro, mas a própria mente, à qual foi imposto o nome de sábio, nego.

Agora, por enquanto, cedo a ti, digo, para que uma questão obscuríssima e que exige tratamento mais longo e cuidadoso não impeça, no momento, nosso propósito. Mas vejamos isto, uma vez que foi definido por nós o que é estar com Deus, se podemos saber também o que é estar sem Deus, embora já julgue que seja manifesto. Pois creio que te parece que aqueles que não estão com Deus, estão sem Deus. — Se

as palavras me pudessem socorrer, disse ele, diria o que talvez não te desagradasse. Mas peço que suportes minha infantilidade e que, como te convém, apreendas as próprias coisas com mente ágil. Pois aqueles, a mim, parecem nem estar com Deus e, no entanto, serem possuídos por Deus; assim, não posso dizer que estão sem Deus aqueles que Deus possui. Igualmente, não digo que estão com Deus, porque eles mesmos não possuem a Deus, se de fato, já há tempos, em nossa conversa, que tão alegremente tivemos no dia do teu nascimento, concordou-se que possuir a Deus nada mais é do que fruir de Deus. Mas confesso temer essas coisas contrárias, como alguém nem esteja sem Deus nem com Deus.

Não te perturbes com essas coisas, digo eu. Pois onde a matéria convém, quem não desprezaria as palavras? Portanto, já retornemos enfim àquela definição de ordem. Pois disseste que ordem é aquilo pelo qual Deus age todas as coisas. Nada, porém, como vejo, Deus não age; pois daí te pareceu que nada pode ser encontrado fora da ordem. — Permanece, disse ele, minha opinião; mas já vejo o que estás prestes a dizer: se Deus age aquelas coisas que confessamos não serem bem feitas. — Muito bem, digo eu; certamente lançaste o olho na mente. Mas assim como percebeste o que eu diria, assim peço que vejas o que deve ser respondido. — E ele, balançando a cabeça e os ombros: Estamos perturbados, disse. — E talvez a matéria desta questão tivesse sobrevindo. E ele, após algum silêncio, pediu que eu mesmo o interrogasse novamente sobre isso; ao qual ponto anteriormente por Trígécio havia sido respondido, ele não tinha de todo voltado a atenção. Então eu: Por que, digo eu, ou para que te repetiria? O que foi feito, dizem, não faça outra vez. Portanto, admoesto antes que cuides de ler aquelas coisas que foram ditas acima, se não pudeste ouvir. A qual ausência de teu ânimo de nosso discurso de fato não levei a mal e por muito tempo assim supreei, de modo que nem impedisse aquelas coisas

que, concentrado e afastado de nós, realizavas contigo mesmo por ti, e prosseguisse com aquelas que este escrito não permitiria que perdesse.

Agora busco chegar a esse ponto, que ainda não tentamos examinar com raciocínio cuidadoso. Pois, logo que não sei qual ordem nos gerou essa questão sobre a ordem, lembro-me de que disseste que esta é a justiça de Deus, pela qual Ele separa entre bons e maus e a cada um atribui o que é seu. Pois é, tanto quanto percebo, a definição mais clara de justiça; assim, gostaria que respondesses se te parece que Deus alguma vez não foi justo. — Nunca, disse ele. — Se, portanto, sempre, disse eu, Deus é justo, sempre houve o bem e o mal. — Certamente, disse a mãe, não vejo outra coisa que se siga. Pois não houve juízo de Deus quando não havia mal, nem, se alguma vez não atribuiu a cada um dos bons e maus o que é seu, pode parecer que tenha sido justo. — A isso Licêncio: Então julgas que devemos afirmar que o mal sempre existiu? — Não ousou, disse ela, afirmar isso. — O que diremos então? perguntei; se Deus é justo porque julga entre bons e maus, quando não havia mal, não era justo. — Aqui, enquanto eles calavam, percebi que Trígécio queria responder e permiti. Mas ele: Certamente, disse, Deus era justo. Pois podia separar o bem e o mal, se tivesse surgido, e pelo próprio fato de que podia, era justo. Pois não é que, quando dizemos que Cícero prudentemente investigou a conspiração de Catilina, se moderou, não foi corrompido por nenhuma recompensa para poupar os maus, justamente os imolou com o supremo suplício pela autoridade do senado, corajosamente suportou todos os dardos dos inimigos e o peso, como ele mesmo disse, da inveja, não estivessem essas virtudes nele se Catilina não tivesse preparado tamanha perdição para a república. Pois a virtude deve ser considerada por si mesma, não por alguma obra deste tipo, e no homem, quanto mais em Deus, se todavia nos é permitido compor essas coisas para eles de algum modo dentro das limitações das coisas e das palavras. Pois, para entendermos que Deus sempre foi justo, quando surgiu o mal, que separar do bem, nada adiou em atribuir a cada um o

que é seu; pois não era então que Ele tinha de aprender a justiça, mas então era para usar a justiça que sempre teve.

O que, tendo tanto Licêncio quanto minha mãe aprovado com atenção necessária: O que, digo eu, dizes, Licêncio? Onde está aquilo que tão veementemente afirmaste, que nada acontece exceto por ordem? Pois o que aconteceu, para que o mal nascesse, certamente não aconteceu pela ordem de Deus, mas, tendo nascido, foi incluído na ordem de Deus. — E ele, admirado e sentindo-se incomodado por que uma causa tão boa tivesse escapado tão repentinamente de suas mãos: Absolutamente, disse, digo que a ordem começou a partir daquele momento, a partir do qual o mal começou a existir. — Portanto, digo eu, para que o próprio mal existisse, não foi feito por ordem, se, depois que o mal surgiu, a ordem começou a existir. [sempre houve ordem junto a Deus e ou sempre houve nada, o que se chama mal, ou, se em algum momento se encontra que começou, porque a ordem mesma ou é boa ou provém do bem, nunca houve algo sem ordem nem haverá algum dia. embora também não saiba o que antes ocorreu, mas aquilo escapou devido ao costume do esquecimento; o que creio ter acontecido por ordem, conforme o mérito ou grau ou ordem da vida.] — Não sei como, disse ele, escapou-me a opinião que agora desprezo; pois não deveria ter dito que, depois que o mal nasceu, a ordem começou, mas que aquela justiça, sobre a qual Trigécio discorreu, assim também a ordem ter estado junto a Deus, mas não ter vindo ao uso, senão depois que os males começaram a existir. — No mesmo, digo eu, recairás; pois aquilo que minimamente desejas, permanece inabalado. pois quer a ordem tenha estado junto a Deus, quer tenha começado a existir a partir daquele tempo, a partir do qual também o mal, contudo aquele mal nasceu fora da ordem. o que se concedes, confessas que algo pode acontecer fora da ordem, o que enfraquece e trunca tua causa; se, porém, não concedes, começa a parecer que o mal nasceu pela ordem de Deus e confessarás Deus como autor dos males, sacrilégio do qual nada mais

detestável me ocorre. — O que, quer por não entender, quer por dissimular que entendeu, repetindo frequentemente e querendo, nada mais teve que dizer, e entregou-se ao silêncio. então minha mãe: Eu, disse, não penso que nada possa ter acontecido fora da ordem de Deus, porque o próprio mal, que nasceu, de modo algum nasceu pela ordem de Deus, mas aquela justiça não permitiu que permanecesse desordenado e reduziu e compeliu-o à ordem que lhe era devida por mérito.

Aqui eu, ao perceber que todos buscavam a Deus com o maior empenho e cada qual segundo suas forças, mas não compreendiam a própria ordem da qual tratávamos, até que se chegue à inteligência de sua majestade inefável: "Rogo-vos", disse, "se, como vejo, apreciais muito a ordem, não permitais que sejamos precipitados e desordenados. Pois embora a razão mais oculta prometa demonstrar que nada acontece fora da ordem divina, contudo, se ouvirmos algum mestre de escola tentando ensinar sílabas a uma criança a quem ninguém antes houvesse ensinado as letras, não digo que deveríamos rir dele como de um tolo, mas considerá-lo digno de ser contido como um louco, não por outra razão, creio, senão porque não observa a ordem do ensino. Ora, ninguém duvida que os inexperientes fazem muitas coisas dessas, que são reprovadas e ridicularizadas pelos instruídos, e que os homens dementes fazem outras, que nem mesmo escapam ao juízo dos insensatos; e, no entanto, essa mesma disciplina, profunda e remotíssima até da suspeita da multidão, promete revelar a espíritos tão dedicados e que amam somente a Deus e as almas, que todas essas coisas, que confessamos serem perversas, não estão fora da ordem divina, de modo que não nos poderiam ser mais certas do que as verdades supremas dos números."

Esta disciplina, porém, é a própria lei de Deus, que, permanecendo sempre fixa e inabalável junto a Ele, se transfere, por assim dizer, para as almas sábias, para que saibam viver tanto melhor e mais sublime quanto mais perfeitamente a contemplam pelo entendimento e mais

diligentemente a guardam vivendo. Esta disciplina, portanto, aos que desejam conhecê-la, ordena seguir simultaneamente uma dupla ordem, cuja uma parte é da vida, a outra da erudição. Aos jovens, pois, que a estudam, convém viver de tal modo que se abstenham das coisas venéreas, das seduções do ventre e da garganta, do culto e ornato imoderado do corpo, das ocupações vãs dos jogos e da torpor do sono e da preguiça, da rivalidade, da maledicência, da inveja, das ambições de honras e poderes, da própria cobiça imoderada de louvor, e creiam que o amor ao dinheiro é o veneno mais certo de toda sua esperança. Nada façam de modo efeminado, nada temerariamente. Nos pecados, porém, dos seus, ou expulsem totalmente a ira ou a refreiem de tal modo que seja semelhante à expulsão. Odeiem a ninguém, não queiram descuidar de nenhum vício. Observem cuidadosamente, ao punirem, que não seja demais, ao perdoarem, que não seja de menos. Nada punam que não possa levar ao melhor, nada indultem que se converta em pior. Considerem seus todos aqueles sobre os quais lhes foi dada autoridade. Sirvam de tal modo que se envergonhem de dominá-los, dominem de tal modo que lhes agrade servi-los. Nos pecados, porém, alheios, não se importunem contra a vontade. Evitem as inimizades com toda cautela, suportem-nas com equidade, terminem-nas com presteza. Em todo contrato e conversação com os homens, basta guardar este único provérbio comum: a ninguém façam o que não querem sofrer. Não queiram administrar a república senão quando perfeitos, e apressem-se a aperfeiçoar-se ou dentro da idade senatorial ou certamente dentro da juventude. Mas quem quer que tarde se volte para estas coisas, não julgue que nada lhe foi prescrito; pois estas, decerto, guardará mais facilmente com a idade amadurecida. Em toda vida, lugar e tempo, tenham amigos ou se esforcem por tê-los. Obsequiem os dignos, ainda que não o esperem, cuidem menos dos soberbos, não o sejam minimamente. Vivam de modo apto e congruente, adorem a Deus, pensem nele, O busquem, apoiados na fé, na esperança e na caridade. Desejem a tranquilidade e o curso certo de seu estudo e de todos os

companheiros e, a si mesmos e a quem puderem, uma mente boa e uma vida pacífica.

Segue-se, pois, que eu diga como os estudiosos devem ser instruídos, os quais, como foi dito, começaram a viver. Para o aprendizado, igualmente, somos conduzidos necessariamente de duas maneiras: pela autoridade e pela razão. No tempo, a autoridade vem primeiro, mas na realidade a razão é anterior. Pois uma coisa é o que se prefere na ação, outra é o que se estima mais no desejo. Assim, embora a autoridade dos bons pareça mais salutar à multidão inexperiente, e a razão seja mais adequada aos eruditos, todavia, porque nenhum homem se torna perito senão a partir da inexperiência, e nenhum inexperiente sabe como deve se apresentar aos que ensinam e com que tipo de vida pode ser ensinável, acontece que a todos os que desejam aprender os grandes e ocultos bens, não lhes abre a porta senão a autoridade. A qual, uma vez que alguém a tenha atravessado, segue sem nenhuma dúvida os preceitos da vida ótima, através dos quais, tendo-se tornado ensinável, então enfim aprenderá tanto quão grande razão possuem aquelas mesmas coisas que seguiu antes da razão, e o que seja a própria razão, a qual, após os primeiros passos da autoridade, já firme e idôneo, segue e compreende, e o que seja o intelecto, no qual estão todas as coisas — ou ele mesmo antes é todas as coisas — e o que haja, além de todas as coisas, o princípio de todas. A este conhecimento, poucos chegam nesta vida; além dele, porém, nem mesmo após esta vida alguém pode avançar. Quanto àqueles, porém, que, contentes apenas com a autoridade, tiverem dedicado-se constantemente aos bons costumes e às retas aspirações, ou desprezando ou não podendo instruir-se nas disciplinas liberais e ótimas, bem-aventurados a eles, enquanto vivem entre os homens, não sei de que modo os chamaria, contudo creio inabalavelmente que, logo que deixarem este corpo, eles, conforme viveram melhor ou pior, serão libertos mais facilmente ou com mais dificuldade.

A autoridade, porém, é em parte divina, em parte humana, mas a verdadeira, firme e suprema é aquela que se denomina divina. Nela deve-se temer a admirável falácia dos seres aéreos, que, por meio de certas adivinhações relativas às coisas que pertencem a estes sentidos do corpo e algumas sentenças, costumam enganar com muita facilidade as almas, seja as curiosas por fortunas perecíveis, seja as cobiçosas de poderes frágeis, seja as temerosas de milagres vãos. Deve-se, portanto, chamar de autoridade divina aquela que não só transcende, por meio de sinais sensíveis, toda a faculdade humana, mas também, conduzindo o próprio homem, lhe mostra até que ponto se rebaixou por causa dele, e ordena que não se detenha nos sentidos, pelos quais aquelas coisas admiráveis parecem existir, mas que voe para o intelecto, demonstrando ao mesmo tempo quão grande poder tem aqui, por que faz estas coisas e quão pouco as valoriza. Pois é necessário que ensine, tanto pelos atos o seu poder, como pela humildade a sua clemência, e pela preceito a sua natureza, as quais coisas todas são transmitidas de modo mais oculto e mais firme nos ritos sagrados pelos quais somos iniciados, nos quais a vida dos bons é purificada com muita facilidade, não pelos rodeios das disputas, mas pela autoridade dos mistérios. A autoridade humana, na verdade, engana frequentemente; contudo, parece sobressair com justiça naqueles que, tanto quanto o senso dos ignorantes consegue captar, dão muitos indícios de suas doutrinas e não vivem de modo diferente daquele que pregam que se deve viver. A estes, se também se acrescentarem alguns dons da fortuna, pelos quais pareçam grandes no uso e maiores no desprezo, é sumamente difícil que alguém, crendo nos preceitos de vida que eles oferecem, seja justamente censurado.

Então Alípio disse: Uma imagem muito grande da vida foi estabelecida por ti diante de nossos olhos, de modo pleno e ao mesmo tempo breve, à qual, embora aspiremos com teus preceitos cotidianos, todavia hoje nos tornaste mais desejosos e mais ardentes. A essa imagem, se fosse possível, não apenas nós, mas também todos os

homens já desejaria que chegassem e a ela se apegassem, se, assim como essas coisas são maravilhosas de ouvir, também fossem fáceis de imitar. Pois não sei por que modo — o que oxalá esteja longe de nós! — a mente humana, enquanto ouve essas coisas, proclama que são celestiais, divinas e absolutamente verdadeiras, mas ao buscá-las comporta-se de outra maneira, de modo que me parece muito verdadeiro que ou os homens divinos, ou não sem auxílio divino, vivam assim. — A ele eu disse: Esses preceitos de viver, que a ti, como sempre, muito agradam, Alípio, embora aqui tenham sido expressos por minhas palavras conforme o momento, contudo não foram inventados por mim, como muito bem sabes. Pois os livros dos grandes homens e quase divinos estão repletos deles, o que não julguei necessário dizer por tua causa, mas por causa desses jovens, para que neles não desprezem, por assim dizer, minha autoridade com razão. Pois não quero de modo algum que eles creiam em mim, a não ser ensinando e dando razão, por causa dos quais, pela grandeza das coisas a serem estimuladas, também creio que tu interposeste esse discurso. Pois para ti não são difíceis de seguir essas coisas, as quais arrebataste com tanta avidez e com tão grande ímpeto de uma natureza admirável entraste, de modo que eu me tornei para ti mestre das palavras, e tu para mim mestre das coisas. Pois agora não há nenhuma causa para mentir, ou ao menos ocasião; pois nem creio que te tornes mais diligente com teu falso louvor, e aqui estão presentes aqueles que conhecem ambas as coisas, e esse discurso será enviado àquele para quem nada nosso é desconhecido.

Contudo, quanto aos homens bons e dedicados aos melhores costumes, se não pensas de modo diverso do que disseste, creio que julgas serem eles em menor número do que me parece provável; mas muitos permanecem profundamente ocultos, assim como também, de muitos que não estão ocultos, permanecem ocultas essas mesmas coisas que são admiráveis; pois estas coisas estão na alma, a qual não pode ser apreendida pelos sentidos e, frequentemente, enquanto deseja

harmonizar-se com as conversas dos homens viciosos, diz aquilo que parece aprovar ou buscar. Muitas coisas também faz não por vontade própria, seja para evitar o ódio dos homens, seja para fugir da insensatez, de modo que nós, ouvindo ou vendo, dificilmente julgamos de outro modo senão o que esse sentido nos relata, e assim acontece que acreditamos que muitos não são tais quais eles mesmos e seus familiares os conhecem, o que desejo que te persuadas a partir de alguns dos grandes bens da alma de nossos amigos, que somente nós conhecemos. Pois esse erro se apoia não pouco também nesta causa: que não poucos se convertem subitamente para a boa vida e admirável, e, até que se tornem conhecidos por alguns feitos mais notáveis, acredita-se que são como eram. Pois, para não me alongar demais, quem, que antes os conhecesse, facilmente acreditaria que esses jovens buscam com tanto empenho as coisas grandiosas, que de repente, nesta idade, declararam tão grandes inimizades aos prazeres? Portanto, afastemos essa opinião da alma; pois também aquele auxílio divino, que, como convinha, colocaste religiosamente no final do teu discurso, exerce o ofício de sua clemência mais amplamente do que alguns supõem, através de todos os povos. Mas voltemos, se te agrada, à ordem de nossa disputa e, visto que já se falou suficientemente sobre a autoridade, vejamos o que a razão pretende.

A razão é o movimento da mente capaz de distinguir e conectar aquilo que se aprende, e usar esta como guia para compreender a Deus ou mesmo a alma que está em nós ou em toda parte, é algo que um gênero de homens raríssimo consegue, não por outra causa, senão porque, avançando nos negócios destes sentidos, é difícil para cada um retornar a si mesmo. Assim, quando os homens se esforçam por tratar tudo com razão nas próprias coisas falazes, o que seja a própria razão e qual seja a sua natureza, exceto pouquíssimos, absolutamente ignoram. Parece admirável, mas contudo a coisa se apresenta assim. Basta ter dito isto por ora; pois se eu desejasse mostrar-vos agora algo tão grande,

como deve ser entendido, seria tão inepto quanto arrogante, se eu me declarasse já tê-la percebido. Todavia, na medida em que ela se dignou a avançar sobre as coisas que nos parecem conhecidas, investiguemo-la, se pudermos, por enquanto, conforme o discurso empreendido requer.

E primeiro vejamos onde essa palavra, que se chama razão, costuma ser empregada; pois aquilo que mais deve nos mover é que o próprio homem foi assim definido pelos antigos sábios: o homem é um animal racional mortal. Aqui, posto o gênero, que foi dito animal, vemos acrescentadas duas diferenças, pelas quais creio que o homem devia ser advertido, tanto para onde deveria retornar quanto de onde deveria fugir. Pois assim como o progresso da alma até as coisas mortais foi uma queda, assim também o regresso deve ser para a razão; por uma palavra é separado dos animais, porque é racional, por outra é separado dos divinos, porque é chamado mortal. Portanto, se não mantiver aquilo, será um animal; se daqui não se afastar, não será divino. Mas como os homens doutíssimos costumam discernir aguda e sutilmente o que há entre racional e razoável, de modo algum isso deve ser negligenciado para o que propusemos. Pois disseram que é racional o que usa ou pode usar a razão, mas razoável o que foi feito ou dito com razão. Assim, podemos chamar estas termas de razoáveis e nosso discurso, mas racionais ou aquele que as fez, ou nós, que falamos. Portanto, a razão procede da alma racional, evidentemente, para aquelas coisas que são feitas ou ditas razoavelmente.

Vejo, portanto, duas coisas pelas quais o poder e a força da razão podem ser percebidos até mesmo pelos próprios sentidos: as obras dos homens, que são vistas, e as palavras, que são ouvidas. Em ambas, porém, a mente se serve de um duplo mensageiro por necessidade do corpo: um, que é dos olhos, o outro, dos ouvidos. Assim, quando vemos algo configurado com partes congruentes entre si, não dizemos de modo absurdo que aparece racionalmente; e igualmente, quando ouvimos algo harmonizar-se bem, não hesitamos em dizer que soa racionalmente.

Ninguém, porém, deixaria de ser ridicularizado se dissesse: 'cheira racionalmente' ou 'sabe racionalmente' ou 'é macio racionalmente', exceto talvez naquilo que, por alguma razão, foi preparado pelos homens para que assim cheirasse, ou soubesse, ou fosse quente, ou qualquer outra coisa; como, por exemplo, se alguém, considerando a causa pela qual foi feito, disser que um lugar, de onde se afugentam serpentes com odores fortes, cheira racionalmente; ou que uma poção, preparada por um médico, é racionalmente amarga ou doce; ou que um banho, que ele ordenou ser temperado para um doente, aquece racionalmente ou está morno. Ninguém, porém, ao entrar num jardim e aproximando uma rosa das narinas, ousa louvá-la assim: como fragra racionalmente! Nem mesmo se um médico tiver ordenado que a cheirasse — pois então diz-se que a ordem ou o remédio foi dado racionalmente, mas não que cheira racionalmente — nem tampouco porque aquele odor é natural. Pois ainda que um cozinheiro tempere um guisado, podemos dizer que foi temperado racionalmente, mas que sabe racionalmente, quando não há nenhuma causa externa, mas se satisfaz apenas ao prazer presente, de modo algum se diz conforme o próprio uso da linguagem. Se, de fato, se perguntar àquele a quem o médico deu a poção, por que deveria senti-la doce, apresenta-se outra razão, pela qual assim é, isto é, o tipo de doença, que já não está naquele sentido, mas se apresenta de outro modo no corpo. Se, porém, se perguntar a um glutão, instigado por um estímulo da gula, por que algo lhe parece tão doce, e ele responder: 'porque apetece' ou 'porque me deleita', ninguém dirá que é racionalmente doce, a menos que talvez aquele deleite seja necessário para alguma coisa e aquilo que ele mastiga tenha sido preparado assim por essa razão.

Segundo o que pudemos investigar, encontramos certos vestígios da razão nos sentidos e, no que diz respeito à visão e à audição, até mesmo no próprio prazer. Os outros sentidos, porém, não costumam exigir esse nome em seu próprio prazer, mas por causa de algo mais, o que é uma

ação do ser racional realizada com algum propósito. Mas, no que se refere aos olhos, em que a harmonia das partes é dita racional, costuma-se chamar de belo; e no que diz respeito aos ouvidos, quando dizemos que uma harmonia é racional e que um canto ritmado está racionalmente composto, chama-se suavidade, já com um nome próprio. Contudo, nem nas coisas belas, que nos atraem, nem na suavidade dos ouvidos, quando o coração tocado soa como que límpido e puro, costumamos dizer que há algo racional. Resta, portanto, que confessemos que no prazer desses sentidos pertence à razão aquilo onde há certa medida e modulação.

Portanto, ao considerarmos cuidadosamente cada detalhe desta mesma construção, não podemos deixar de nos sentir desagradados, pois vemos uma porta no lado, e outra quase no centro, mas ainda assim não colocada no centro. De fato, nas coisas fabricadas, uma dimensão desigual das partes, sem que nenhuma necessidade a imponha, parece causar ao próprio olhar uma espécie de injúria. Mas o fato de que, no interior, três janelas, uma no centro e duas nas laterais, com intervalos iguais, derramam luz sobre o assento, como nos deleita ao contemplarmos com mais atenção e como arrebatava a alma em si mesma! É algo manifesto e não precisa ser explicado a vós com muitas palavras. Daí os próprios arquitetos já chamam essa proporção com seu próprio termo, e dizem que as partes dispostas de modo discordante não têm proporção. O que se estende amplamente e quase se difunde por todas as artes e obras humanas. Já nos poemas, nos quais igualmente dizemos haver uma proporção pertencente ao prazer dos ouvidos, quem não percebe que a medida é a criadora de toda essa suavidade? Mas quando um ator dança diante de espectadores atentos, e todos aqueles gestos são sinais de coisas, embora um certo movimento numeroso dos membros deleite os olhos com essa mesma medida, diz-se, contudo, que aquela dança é racional, porque significa e mostra bem algo, além do prazer dos sentidos. Pois não é que, se ele representar Vênus alada e Cupido com

manto, embora o pinte com movimento e disposição admiráveis dos membros, pareça ofender os olhos, mas através dos olhos, a alma, à qual aqueles sinais das coisas são mostrados; pois os olhos se ofenderiam, se não se movessem belamente. Isto, de fato, pertencia ao sentido, no qual a alma, pelo próprio fato de estar unida ao corpo, percebe o prazer. Uma coisa, portanto, é o sentido, outra é através do sentido; pois o sentido é acariciado pelo belo movimento, mas através do sentido, apenas a bela significação no movimento atinge a alma. Isto também é mais facilmente percebido nos ouvidos; pois tudo o que soa agradavelmente, isso mesmo agrada e atrai a audição; mas o que é bem significado através desse mesmo som, é referido à mente somente, ainda que pelo anúncio dos ouvidos. Assim, quando ouvimos aqueles versos: "Por que os sóis hibernais se apressam tanto a banhar-se no Oceano, ou que demora obsta às lentas noites?", de um modo louvamos os metros e de outro sentimos o pensamento, e não sob o mesmo entendimento dizemos: 'soa racionalmente' e 'foi dito racionalmente'.

Portanto, já são três os gêneros de coisas, nos quais aquilo racional aparece: um está nos atos referidos a algum fim, outro no aprender, o terceiro no deleitar. O primeiro nos adverte a nada fazer temerariamente, o segundo a ensinar retamente, o último a contemplar beatamente; na moral está aquele superior, estes dois, porém, nas disciplinas, sobre as quais agora tratamos. Pois aquele que em nós é racional, isto é, que usa a razão e faz ou segue coisas racionais, porque por um certo vínculo natural era constrangido na sociedade daqueles, com os quais a própria razão lhe era comum — nem o homem poderia associar-se firmissimamente ao homem, se não conversassem e assim derramassem, por assim dizer, suas mentes e pensamentos uns aos outros — viu que era preciso impor vocábulos às coisas, isto é, certos sons significativos, para que, uma vez que não podiam sentir suas almas, usassem o sentido como intérprete, por assim dizer, para ligá-las a si. Mas as palavras dos ausentes não podiam ser ouvidas; portanto, aquela

razão gerou as letras, com todos os sons da boca e da língua notados e discriminados. Nada, porém, destas coisas poderia fazer, se a multidão das coisas parecesse estender-se infinita sem um certo termo fixo. Portanto, a utilidade de numerar foi observada por grande necessidade. Descobertas estas duas coisas, nasceu aquela profissão dos escribas e calculistas, como uma certa infância da gramática, que Varrão chama litteratio; em grego, porém, como se chama, não recorro suficientemente no momento.

A razão, então, avançando, percebeu que os mesmos sons da boca, com os quais falávamos e que já havia designado com letras, uns eram aqueles que, com uma abertura variadamente moderada, como que desatados e simples, fluíam da garganta sem qualquer colisão; outros, por uma pressão diversa da boca, mantinham, contudo, algum som; e, por fim, aqueles que, a não ser que se juntassem aos primeiros, não podiam irromper. Assim, nomeou as letras, nesta ordem em que foram expostas, vogais, semivogais e mudas; depois, marcou as sílabas. Em seguida, as palavras foram distribuídas em oito gêneros e formas, e todos os seus movimentos, integridade e junção foram habilmente e sutilmente distinguidos. Daí, já não esquecendo dos números e da dimensão, voltou a atenção para as próprias variações das pausas das vozes e das sílabas, e descobriu que daí os espaços de tempo eram uns duplos, outros simples, pelos quais as sílabas longas e breves eram entendidas. Marcou também essas coisas e as dispôs em regras certas.

Já poderia ter sido perfeita a gramática, mas, porque pelo próprio nome proclama professar as letras — donde também em latim se diz literatura — aconteceu que, tudo o que fosse digno de memória fosse confiado às letras, necessariamente pertencesse a ela. Assim, um só nome, mas uma coisa infinita, múltipla, mais cheia de cuidados do que de deleite ou verdade, acrescentou-se a esta disciplina, a história, não tanto trabalhosa para os próprios historiadores quanto para os gramáticos. Pois quem suportaria que um homem parecesse ignorante,

por não ter ouvido que Dédalo voou, mentiroso, aquele que o tivesse inventado, tolo, quem tivesse acreditado, impudente, quem tivesse perguntado, não parecesse, ou naquilo em que costume compadecer-me gravemente de nossos conhecidos, que se não responderem como se chama a mãe de Euríalo, são acusados de ignorância, enquanto eles mesmos, aqueles por quem são interrogados, não ousam chamar de vãos e ineptos nem curiosos?

Portanto, aquela razão perfeita e bem ordenada, instruída pela gramática, foi incitada a buscar e atentar para essa própria força pela qual gerou a arte; pois, ao defini-la, distribuí-la e reuni-la, não apenas a organizou e ordenou, mas também a defendeu de toda incursão de falsidade. Quando, então, passaria a construir outras coisas, se não distinguisse, notasse, organizasse e revelasse primeiro seus próprios, por assim dizer, mecanismos e instrumentos — a própria disciplina das disciplinas, que chamam de dialética? Esta ensina a ensinar, esta ensina a aprender; nela, a própria razão demonstra e revela a si mesma, o que é, o que deseja, o que vale. Ela sabe que sabe, e não apenas quer, mas também pode, só ela, tornar os homens sábios. Mas, visto que frequentemente os homens insensatos, em relação ao que lhes é aconselhado com retidão, utilidade e honestidade, seguem não a verdade mais pura, que rara alma contempla, mas seus próprios sentimentos e costumes, era preciso que fossem não apenas instruídos, na medida de sua capacidade, mas também frequentemente e sobretudo comovidos. A essa sua parte, que trataria disso, mais repleta de necessidade do que de pureza, com o seio abundantíssimo de deleites que espalha ao povo, para que este se digne ser conduzido à sua própria utilidade, chamou retórica. Até aqui, aquela parte que se diz racional na significação foi promovida pelos estudos liberais e disciplinas.

Daí, essa razão quis arrebatarse à beatíssima contemplação das próprias coisas divinas. Mas, para não cair do alto, buscou degraus e preparou para si mesma o caminho através de suas possessões e ordem.

Pois desejava a beleza, que só e simples poderia contemplar sem estes olhos; era impedida pelos sentidos. Assim, voltou um pouco a atenção para esses mesmos sentidos, que, clamando ter a verdade em si, com seu importuno clamor chamavam de volta a que se apressava para seguir adiante. E primeiro começou pelos ouvidos, porque diziam que suas próprias palavras eram aquelas com as quais já havia feito a gramática, a dialética e a retórica. Mas essa faculdade potentíssima de discernir logo viu o que havia de diferença entre o som e aquilo de que ele era sinal. Entendeu que nada mais pertencia ao juízo dos ouvidos senão o som, e que este era triplo: ou na voz de um ser animado, ou naquilo que o sopro produz nos instrumentos, ou naquilo que era emitido por percussão; ao primeiro pertencerem os trágicos ou os cômicos ou os coros de qualquer tipo e todos absolutamente que cantassem com a própria voz; o segundo ser atribuído às flautas e instrumentos similares; ao terceiro serem dadas as cítaras, líras, címbalos e tudo o que fosse sonoro por percussão.

Via, porém, que esta matéria era vilíssima, se não fosse configurada por certa dimensão de tempos e moderada variedade de agudeza e gravidade do som. Reconheceu daí serem aquelas sementes que, na gramática, ao considerar sílabas com diligente atenção, chamara de pés e acentos, e porque nos próprios verbos era fácil atentar para as breves e longas sílabas, quase em igual multidão espalhadas na oração, tentou dispor e conjugar aqueles pés em ordens certas, e nisso, seguindo primeiro o sentido mesmo, imprimiu articulações moderadas, que se chamam cesuras e membros. E para que o curso dos pés não se desenrolasse mais longe do que seu juízo pudesse sustentar, estabeleceu um limite, de onde retornasse, e daí mesmo chamou verso. Porém, o que não fosse moderado por fim certo, mas corresse com pés ordenados racionalmente, notou com o nome de ritmo, que em latim nada mais pôde ser dito senão número. Assim, dela foram gerados os poetas. Nos quais, ao ver não somente grandes momentos de sons, mas também de palavras e coisas, muito os honrou e lhes concedeu o poder de mentiras

racionais, conforme quisessem. E porque daquela primeira disciplina traziam a linhagem, permitiu que os gramáticos fossem juízes sobre eles.

Neste quarto grau, portanto, seja nos ritmos, seja na própria modulação, ele compreendia que os números reinavam e tudo aperfeiçoavam; examinou com a máxima diligência de que tipo eram; descobriu que eram divinos e sempiternos, sobretudo porque com o auxílio deles havia entrelaçado todas as coisas superiores. E já suportava com grande dificuldade que o esplendor e a serenidade deles fossem descoloridos pela matéria corpórea das vozes. E como aquilo que a mente vê está sempre presente e se mostra imortal — de cujo gênero os números pareciam ser —, mas o som, por ser uma coisa sensível, flui para o tempo passado e é impresso na memória, já com a razão favorecendo o mentiroso racional, foi inventado pelos poetas que as Musas são filhas de Júpiter e da Memória. Donde esta disciplina, participante do sentido e do intelecto, encontrou o nome de música.

Dáí partiu para as riquezas dos olhos e, percorrendo a terra e o céu, percebeu que nada mais lhe agradava senão a beleza, e na beleza buscou as formas, nas formas as dimensões, nas dimensões os números, e perguntou a si mesma se ali existiria tal linha, tal redondeza ou qualquer outra forma e figura, como a inteligência continha. Encontrou algo muito inferior e de modo algum comparável, o que os olhos viam, com aquilo que a mente discernia. Estas coisas também, distintas e dispostas, reduziu a uma disciplina e chamou-a de geometria. O movimento do céu a comovia muito e a convidava a considerá-lo cuidadosamente. Também ali, pelas constantíssimas mudanças dos tempos, pelos cursos certos e definidos dos astros, pelos espaços moderados dos intervalos, entendeu que nada mais dominava senão aquela dimensão e os números, os quais, definindo e separando de modo semelhante, entrelaçando em ordem, gerou a astrologia, grande argumento para os religiosos e tormento para os curiosos.

Em todas essas disciplinas, portanto, deparavam-se-lhe todas as coisas numerosas, que, no entanto, nas dimensões mais manifestamente se destacavam, as quais em si mesma, pensando e refletindo, contemplava como verdadeiríssimas, mas naquelas que são sentidas, antes as sombras e os vestígios delas recordava. Aqui muito se elevou e muito presumiu, ousou comprovar a alma imortal. Tratou de tudo diligentemente, percebeu absolutamente que podia muito e que tudo o que podia, podia pelos números. Moveu-a um certo milagre e começou a suspeitar que ela mesma talvez fosse o próprio número, pelo qual todas as coisas são numeradas, ou se isso não fosse, que, no entanto, ali estivesse aquele a que ansiava chegar. Este, porém, com todas as forças compreendeu, que já seria o indicador de toda a verdade, aquele, de cuja menção fez Alypius, quando investigávamos sobre os Acadêmicos, como Proteu estava em suas mãos. Pois as imagens falsas das coisas que numeramos, fluindo daquele ocultíssimo, pelo qual numeramos, arrebatam para si o pensamento e muitas vezes fazem aquele, quando já está sendo segurado, escapar.

Se alguém não se submeter a essas coisas e não reduzir tudo aquilo que está ampla e variadamente difundido por tantas disciplinas a algo único, simples, verdadeiro e certo, não busca levemente o nome digníssimo de erudito, para já não apenas crer, mas também contemplar, entender e reter aquelas verdades divinas. Porém, quem quer que, seja ainda escravo das paixões e ávido pelas coisas percíveis, seja já fugindo dessas coisas e vivendo castamente, mas ignorando o que é o nada, o que é a matéria informe, o que é o inanimado formado, o que é o corpo, o que é o inanimado no corpo, o que é o lugar, o que é o tempo, o que está no lugar, o que está no tempo, o que é o movimento segundo o lugar, o que é o movimento não segundo o lugar, o que é o movimento estável, o que é a eternidade, o que é não estar no lugar e não estar em lugar nenhum, o que é estar além do tempo e sempre, o que é não estar em lugar nenhum e não não estar em lugar nenhum e nunca ser e nunca não

ser; quem quer que, portanto, ignorando essas coisas — não digo daquele sumo Deus, que é melhor conhecido não conhecendo —, mas quisesse investigar e discutir sobre a sua própria alma, errará tanto quanto é possível errar ao máximo. Mais facilmente, porém, conhecerá essas coisas aquele que compreender os números simples e inteligíveis; e, por sua vez, compreenderá estes aquele que, sendo forte de engenho, e desocupado pelo privilégio da idade ou de qualquer felicidade, e veementemente inflamado pelo estudo, tiver seguido a mencionada ordem das disciplinas, quanto basta. Pois, visto que todas aquelas artes liberais são aprendidas em parte para o uso da vida, em parte para o conhecimento e contemplação das coisas, alcançar o seu uso é difícilimo, exceto para aquele que, desde a própria infância, sendo ingeniosíssimo, tiver dedicado esforço instantemente e constantissimamente.

Quanto ao que é necessário delas para aquilo que buscamos, não te deixes, peço-te, ó mãe, esta como que imensa floresta de coisas amedrontar. Pois certas coisas de todas serão escolhidas, em número paucíssimo, tu, potentíssima, e em conhecimento, de fato, árduas para muitos, contudo para ti, cujo engenho cada dia me é novo e cuja alma, seja pela idade, seja pela admirável temperança, remotíssima de todas as frivolidades e, emergindo da grande labilidade do corpo, em si mesma muito se ergueu, reconheço, serão tão fáceis quanto difíceis para os tardíssimos e miserrimamente viventes. Se, pois, disser que facilmente chegarás àquele discurso que careça de vício de locução e língua, certamente mentirei. Pois a mim mesmo, a quem grande necessidade foi aprender perfeitamente essas coisas, ainda em muitos sons de palavras os Italianos atormentam e por mim, por sua vez, no que toca ao próprio som, são repreendidos. Outra coisa é estar seguro pela arte, outra pela nação. Quanto aos solecismos, porém, que dizemos, talvez qualquer douto, atentando diligentemente, na minha oração encontrará; pois não faltou quem a mim persuadissem peritíssimo que o próprio Cícero cometeu alguns vícios deste tipo. Quanto aos barbarismos, porém, de tal

gênero em nossos tempos se constatou, que até mesmo aquela sua oração parece bárbara, pela qual Roma foi salva. Mas tu, desprezando essas coisas ou pueris ou a ti não pertinentes, assim a quase divina força e natureza da gramática conhecerás, que dela a alma terás segurado, o corpo aos eloquentes terás deixado.

Também diria o mesmo sobre as demais artes deste tipo, as quais, se talvez as desprezas profundamente, eu te admoesto, tanto quanto um filho ousa e tanto quanto permites, para que guardes firme e cautelosamente essa tua fé, que recebeste nos veneráveis mistérios, e depois para que permaneças constante e vigilante nesta vida e nos costumes. Quanto, porém, às coisas obscuríssimas e, no entanto, divinas, como Deus não faça nenhum mal e seja onipotente e tantos males aconteçam, e para que bem Ele fez o mundo, Ele que não era necessitado, e se o mal sempre existiu ou começou no tempo e, se sempre existiu, se estava sob a condição de Deus e, se estava, se também este mundo sempre existiu, no qual aquele mal fosse dominado pela ordem divina — se, porém, este mundo começou a existir em algum momento, como, antes que existisse, o mal era contido pelo poder de Deus, e qual era a necessidade de fabricar o mundo, no qual o mal, que já o poder de Deus refreava, fosse encerrado para as penas das almas? Se, porém, houve um tempo em que sob o domínio de Deus não havia mal, o que subitamente aconteceu, que através dos tempos eternos passados não havia acontecido? Pois em Deus ter surgido um novo conselho, para não dizer ímpio, é ineptíssimo dizer. Se, porém, dizemos que o mal foi importuno e quase ímpio para Deus, o que alguns pensam, já ninguém douto conterà o riso, ninguém não instruído deixará de se indignar; pois o que poderia prejudicar a Deus aquela natureza, não sei qual, do mal? Pois se dizem que não podia, não haverá causa para a fabricação do mundo; se dizem que podia, é um nefando inexpiable crer que Deus fosse violável, nem mesmo assim, ao menos, para que tivesse providenciado com virtude, para que sua substância não fosse violada;

pois confessam que a alma paga penas aqui, quando entre sua substância e a de Deus não querem que haja absolutamente nenhuma diferença. Se, porém, dissermos que este mundo não foi feito, é ímpio e ingrato crer, para que não se siga aquilo, que Deus não o fabricou — portanto, sobre estas e coisas semelhantes, ou pela ordem da erudição ou de modo algum se deve buscar qualquer coisa.

E para que ninguém pense que abraçamos algo demasiado amplo, digo isto de forma mais clara e breve: ninguém deve aspirar ao conhecimento dessas coisas sem aquela dupla ciência, por assim dizer, da boa discussão e do poder dos números. Se alguém considera também isto demasiado, que conheça perfeitamente apenas os números ou apenas a dialética. Se até isto é infinito, que saiba perfeitamente apenas o que é o um nos números e quanto ele vale, não ainda naquela suprema lei e suprema ordem de todas as coisas, mas naquelas que diariamente sentimos e fazemos por toda parte. Pois a própria disciplina da filosofia acolhe esta erudição e nela nada mais encontrará do que o que é o um, mas muito mais profundamente e de modo muito mais divino. Cuja questão é dupla: uma sobre a alma, outra sobre Deus. A primeira faz com que conheçamos a nós mesmos; a outra, a nossa origem. Aquela nos é mais doce, esta mais cara; aquela nos torna dignos da vida feliz, esta nos faz felizes; aquela é para os que estão aprendendo, esta já para os instruídos. Esta é a ordem dos estudos da sabedoria, pela qual alguém se torna apto a compreender a ordem das coisas, isto é, a discernir os dois mundos e o próprio Pai do universo, de quem não há ciência na alma senão saber como não O conhece.

Seguindo, portanto, esta ordem, a alma já entregue à filosofia primeiro se inspeciona a si mesma e, àquela a quem já aquela erudição persuadiu que ou sua própria essência ou ela mesma é a razão, e que na razão ou nada há melhor e mais poderoso do que os números ou nada mais a razão é senão número, assim consigo mesma falará: eu, por um certo movimento meu interior e oculto, posso discernir ou conectar as

coisas que devem ser aprendidas, e esta minha força se chama razão. Mas o que deve ser discernido, senão aquilo que ou se julga ser uno e não é, ou certamente não é tão uno quanto se julga? Igualmente, por que algo deve ser conectado, senão para que se torne uno, tanto quanto possível? Logo, tanto no discernir quanto no conectar, uno eu não quero e uno eu amo, mas quando discerno, purificado quero; quando conecto, íntegro quero. Naquela parte evitam-se as coisas alheias; nesta, as próprias se unem, para que algo uno e perfeito se faça. Para que a pedra fosse pedra, todas as suas partes e toda a sua natureza se solidificaram em uma. E a árvore? Não seria árvore, se não fosse uma? E os membros de qualquer ser vivo e as vísceras e tudo o que é deles, dos quais ele se constitui? Certamente, se padecessem o divórcio da unidade, não seria animal. Os amigos, que outra coisa tentam senão ser um? E quanto mais um, tanto mais amigos são. O povo é uma cidade, para a qual é perigosa a dissensão. Pois o que é dissentir senão não sentir um? De muitos soldados se faz um exército. Não é verdade que qualquer multidão é menos vencida, quanto mais em um se coaduna? Donde essa própria coadunação em um foi chamada cunho, como que co-unho. E todo amor? Não quer tornar-se um com aquilo que ama e, se lhe acontece, um com ele se torna? O próprio prazer não deleita mais veementemente por outra razão, senão porque os corpos que se amam são compelidos a um. A dor, por que é perniciosa? Porque se esforça por dissolver aquilo que era um. Logo, é molesto e perigoso tornar-se um com aquilo que pode ser separado.

De muitas coisas espalhadas por toda parte, que jazem diante, e depois reunidas em uma só forma, faço uma casa. Sou melhor, se de fato eu a faço, ela é feita, portanto melhor, porque faço; não há dúvida de que Aquele é melhor do que a casa. Mas não sou melhor do que a andorinha ou a abelhinha — pois também aquela constrói habilmente seus ninhos e esta seus favos — mas sou melhor do que elas, porque sou um animal racional. Mas se na medida das proporções está a razão, será que o que

as aves fabricam é menos apropriado e harmoniosamente medido? Ao contrário, é muito numeroso. Não sou, portanto, melhor por fazer coisas numerosas, mas por conhecer os números. O que então? Aquelas, sem saber, podiam operar coisas numerosas? Podiam, certamente. De onde isso é ensinado? Do fato de que nós também ajustamos a língua aos dentes e ao palato com medidas certas, para que do boca as letras e as palavras irrompam, e todavia não pensamos, quando falamos, com que movimento da boca devemos fazer isso. Depois, que bom cantor, ainda que seja inexperiente em música, não guarda na memória, pelo próprio senso natural, tanto o ritmo quanto a melodia percebida ao cantar, do que pode ser feito algo mais numeroso? Se o indouto não sabe, mas ainda assim faz, é a natureza que opera. Quando, porém, sou melhor e devo ser colocado acima dos animais? Quando sei o que faço. Nada mais me coloca acima do rebanho, senão o fato de que sou um animal racional.

Como, pois, é imortal a razão e eu, ao mesmo tempo, sou definido como algo racional e mortal? Ou será que a razão não é imortal? Mas a razão de um para dois ou de dois para quatro é verdadeiríssima, e essa razão não foi mais verdadeira ontem do que hoje, nem será mais verdadeira amanhã ou depois de um ano, nem, se todo este mundo se desfizer, poderá essa razão deixar de ser. Pois esta é sempre tal como é, mas este mundo nem ontem teve, nem amanhã terá, o que tem hoje, nem mesmo no próprio dia de hoje, ou no espaço de uma hora, teve o sol no mesmo lugar; assim, como nele nada permanece, nada tem do mesmo modo nem por um pequeno espaço de tempo. Portanto, se a razão é imortal e eu, que discerno ou conecto todas essas coisas, sou razão, aquilo pelo qual sou chamado mortal não é meu; ou, se a alma não é o mesmo que a razão, e contudo uso a razão e por meio dela sou melhor, é preciso fugir do pior para o melhor, do mortal para o imortal. Estas e muitas outras coisas a alma bem instruída fala e pondera consigo mesma, as quais não quero perseguir, para que, desejando ensinar-vos a

ordem, não exceda a medida, que é pai da ordem. Pois gradualmente ela se conduz, e não mais só pela fé, mas por certa razão, aos costumes e à vida ótima. A quem diligentemente contempla a força e o poder dos números, parecerá demasiado indigno e demasiado lamentável que, por sua ciência, faça correr bem o verso e toque a cítara em concerto, e que sua vida e a si mesma, que é a alma, siga um caminho desviado e, dominada pela luxúria, soe dissonante com o ruído muito feio dos vícios.

Quando, porém, ele se tiver composto e ordenado, e tornado harmonioso e belo, ousará então ver a Deus e a própria fonte, de onde mana toda a verdade, e o próprio Pai da verdade. Ó Deus grande, que olhos serão aqueles, quão sãos, quão decorosos, quão vigorosos, quão constantes, quão serenos, quão bem-aventurados! Mas o que é aquilo que eles veem? Que coisa, pergunto, que devemos pensar, que devemos avaliar, que devemos dizer? As palavras cotidianas nos ocorrem e todas estão contaminadas pelas coisas mais vis. Não direi mais nada, exceto que nos é prometida a visão da beleza, pela imitação da qual as outras coisas são belas, e pela comparação com a qual são feias. Quem quer que veja esta beleza — e verá aquele que vive bem, ora bem, estuda bem — quando o moverá o fato de que um, desejando ter filhos, não os tem, outro os tem em abundância, um os expõe, odeia os que estão por nascer, ama os nascidos? Como não lhe repugnará que nada haverá que não tenha sido em Deus. Donde é necessário que todas as coisas aconteçam por ordem e, no entanto, que Deus não seja rogado em vão? Finalmente, quando moverão a este homem quaisquer fardos, ou quaisquer perigos, ou quaisquer fastios, ou quaisquer lisonjas da fortuna? Pois neste mundo sensível é veementemente a considerar o que seja o tempo e o lugar, para que, o que deleita numa parte, seja do lugar ou do tempo, seja contudo entendido ser muito melhor o todo, do qual aquela parte é, e, por outro lado, o que ofende numa parte, seja claro ao homem douto não ofender por outra razão, senão porque não se vê o todo, ao qual aquela parte miraculosamente convém, mas naquele

mundo inteligível, qualquer parte é bela e perfeita como se fosse o todo. Estas coisas serão ditas mais amplamente, se vossos estudos, seja este mencionado por nós, seja outro talvez mais breve e mais cômodo, contudo, como exorto e espero, tiverem começado a seguir e de todo mantido com diligência e constância a reta ordem.

Para que isso nos seja permitido, é necessário dedicar o máximo esforço aos melhores costumes; pois nosso Deus não poderá nos ouvir de outra forma, mas aos que vivem bem, ouvirá com a maior facilidade. Oremos, portanto, não para que nos venham riquezas ou honras ou coisas desse tipo, fugazes e instáveis, que passam diante de qualquer resistência, mas para que nos alcancem aquelas coisas que nos tornam bons e bem-aventurados. Para que estes votos sejam cumpridos com a maior devoção, confiamos especialmente a ti, mãe, esta tarefa, pois creio e afirmo sem dúvida que foi pelas tuas preces que Deus me concedeu esta disposição de espírito, para que eu nada absolutamente anteponha à descoberta da verdade, nada mais deseje, nada pense, nada ame, e não cesso de crer que alcançaremos este tão grande bem, que desejamos por teu merecimento, se o pedires da mesma forma. Quanto a ti, Alípio, o que te exortarei, o que te aconselharei? Tu que não és excessivo porque amar tais coisas, por mais que seja, talvez seja sempre pouco, mas nunca poderá ser dito com acerto que é demais.

Então ele disse: Verdadeiramente conseguiste que a memória dos doutíssimos e grandes varões, que outrora pela grandeza das coisas parecia incrível, não só não a tenhamos como duvidosa pela consideração cotidiana e por esta presente admiração que em ti temos, mas também, se necessário for, possamos jurar sobre ela. Pois, que mais? Não nos foi hoje revelada, quase diante dos nossos próprios olhos, por ti, aquela venerável e quase divina disciplina de Pitágoras, que com justiça foi tida e aprovada, quando tanto as regras da vida como os caminhos da ciência, não tanto as veredas, mas os próprios campos e os límpidos mares, e, o que foi de grande veneração para aquele varão, os

próprios santuários da verdade, onde estivessem, quais fossem, como deveriam ser buscados, tão brevemente e tão claramente significaste, que, embora suspeitemos e creiamos que ainda te restem coisas mais secretas, contudo não nos consideramos sem impudência, se julgarmos que devemos exigir algo mais?

Aceito essas coisas, digo, com prazer — pois não são tanto tuas palavras, que não são verdadeiras, quanto o verdadeiro espírito nas palavras que me deleita e excita — e é bom que tenhamos decidido enviar esta carta àquele que costuma mentir alegremente muitas coisas sobre nós. Se, porém, outros talvez a lerem, nem a esses temo, para que não se irrite com você. Pois quem não perdoaria com a maior benevolência o erro de quem ama ao julgar? Quanto, porém, a teres feito menção de Pitágoras, creio que te veio à mente por alguma ordem divina oculta. Pois o assunto, muito necessário, tinha-me escapado completamente, aquele que naquele homem — se é preciso crer em algo confiado à memória pelos escritos; embora quem não creia em Varrão? — costumo admirar e quase diariamente, como sabes, exaltar com louvores, porque a disciplina de governar a república transmitia por último aos seus ouvintes, já instruídos, já perfeitos, já sábios, já felizes. Pois via ali ondas tão grandes, que não queria confiá-las senão ao homem que, ao governar, evitasse quase divinamente os escolhos e, se tudo falhasse, ele mesmo se tornasse para aquelas ondas como um rochedo. Pois somente do sábio pode-se dizer com toda a verdade: "Ele, como rocha imóvel do mar, resiste", e as demais coisas que foram ditas em versos eloquentes com este sentido. Aqui se deu fim à discussão e, com todos alegres e muito esperançosos, desfizemos a reunião, quando já havia sido trazida a luz noturna.

Aparato Critico

1. 1 EXPL AURELII AUGUSTINI DE ORDINE LIBER .1. INCIPIT LIBER II. P AURELII AUGUSTINI EPISCOPI DE ORDINE LIBER -I- EXPLICIT. IXUIPIIT LIBER SECUNDUS H EXPLICIT LIBER I- DE ORDIXE . INCIPIT LIBER SECUNDUS DE ORDINE M AURELII AUGUSTINI DE ORDINE LIB -I- **»LICIT- INCIPIT EIUSDEM LIB II T EXPLICIT LIBER PRIMUS. INCIPIT SCDS DE ORDINE A 2 alyppius P 4 blande Aml 5 llostra] mea Am2 s.1. 7 tum] tu T 8 in quadam] inquam (qiuim dcl. m2) A 9 conuiis H lOcredeturJtjf 11 instrueram J habundaret T 12 et om-AMTeM. libro om-M 15 succensuerim AMT magis Pml 16 quod] quo Tml 17 isto Aml tempus om-M 18 alyppii P dilata aduentum A 19 feci et] faciet H
2. LXIII. August. I pars III. ed. Knoell.
3. 10
4. 7 ergo illud est inquam A est ergo inquam illud edd. 9 etiam inquit A 10 ordo ordo H 11 solum a 12 diximus A omnia***(qu £ ras.) P 15 mundo sunt M fiunt mundo edd. 21 spacio Ta 24 cum deo essent Tml 27 et om.AT 28 non s. ras. Am2 31 igitur sunt A sunt (om. igitur) M 32 hinc A 33 nihil om. Tml
5. 1 hoc om.AMmlT 2 nemo om.M 3 ut] quod H 4 quid] quodAT molior A exspsctetis HP 6 nihil mihi AT esse orrt.31 sursum M 7 esse-solum Tm2 in ras. 9 non om. Tml uereATcdd. aut] autem H P 10 ac] aut T 11 cum] sine A 12 non eras. A sine] cum ATml internos om M 13 contem*netur (p ras.) P mente concepistiM 16 quicquam] quidA 17 id ona.111 18 non] nunc A 22 tibi deum edd. non om.M 24 inmensam H 25 est om.Tml inqu it mihi MT 27 deo—scd om.M 28 suppellectilem A superlectilem Pml haberet T
6. 10*
7. 2 pr. sapienti A 4 esse A 5 enim] etiam Tml 6 confirmer AT edd. quisquis enim ea ATm 7 attigit A 9 dicere AflJIT edd. 11 ill*e (a ras.) P 12 nemo prorsus M mihi nemo A 13 in intellectu H 16 probasset A 17 contem*nere P 18 cum deo ipse A cum deo (om. ipse) m se om-Tml 23 me om M 25 utimur Tml 26 anima H 29 interim mihi AHMmlT edi. interim Mml 32 delectat] decet AT edd. appellari Am
8. 1 exubiae Tml ille om.M 2 **seruiunt (in ras.) T 6 imponit A 7 illa (a m2) P 9 iis m adpertinent HmlMP ad se pertinent AHm2T uel eam Hm2s.l. 12 **sapiens (sa ras.) P 15 quodadmodo Pml quodadmodo II quodammodo M 16 famulos P custodiam P 18 ille Tml 19 inquam om.Mm] aliquid nisi A 20 quod] quid a 24 alt. propter] uel pr. AmlT 25 sapientis Aml inquam P 28 uocamus] nobis uocamus AT edd. igitur] ergo edd. anante P 29 omnia om.M
9. 1 pr. esset T ut eras. A, om.M esset] est ut A 2 nondum] nam non A 3 seruio modo A 4 me audeo edd. 5 impero] uel imperem Am2 obtemperat (et s. at m2) A faciat Am2 saepe] se A 6 in aliis ex maliis Pm2 ita om.Jl miser] ego m. Am. post. 8 iste sapiens M 9 opus ex corpus A in eras. A 10 relinquet edd. 13 ut post saepe add. Am2 quod om.A 14 ac] ut M 16 an] aut Ha 17 suos] uos P 18 necessarios Ta illi seruandum A 19 sobri*us (n ras.) P 20 pr. quod om.a praeter M tantum M 21 imperauerit (ue s. m2) A 22 semper deo m deo infixus est semper a 23 tacitus siue om.JJ 24 disputandi Hml 25 domino om.M 26 sese T 29 uero] uerbo M
10. 1 exubiae Tml ille om.M 2 **seruiunt (in ras.) T 6 imponit A 7 illa (a m2) P 9 iis m adpertinent HmlMP ad se pertinent AHm2T uel eam Hm2s.l. 12 **sapiens (sa ras.) P 15 quodadmodo Pml quodadmodo II quodammodo M 16 famulos P custodiam P 18 ille Tml 19 inquam om.Mm] aliquid nisi A 20 quod] quid a 24 alt. propter] uel pr. AmlT 25 sapientis Aml inquam P 28 uocamus] nobis uocamus AT edd. igitur] ergo edd. anante P 29 omnia om.M
11. 1 pr. esset T ut eras. A, om.M esset] est ut A 2 nondum] nam non A 3 seruio modo A 4 me audeo edd. 5 impero] uel imperem Am2 obtemperat (et s. at m2) A faciat Am2 saepe] se A 6 in aliis ex maliis Pm2 ita om.Jl miser] ego m. Am. post. 8 iste sapiens M 9 opus ex corpus A in

- eras. A 10 relinquet edd. 13 ut post saepe add. Am2 quod om. A 14 ac] ut M 16 an] aut Ha 17 suos] uos P 18 necessarios Ta illi seruandum A 19 sobri*us (n ras.) P 20 pr. quod om. a praeter M tantum M 21 imperauerit (ue s. m2) A 22 semper deo m deo infixus est semper a 23 tacitus siue om. JJ 24 disputandi Hml 25 domino om. M 26 sese T 29 uero] uerbo M
12. 25 cf. lin. 7
13. 2ordineom. T 4 est] esset AT edd. 5 ab*ieciestis T quare H 6 me om. M colloueritis Aml 7 quaecumque] quaecum JI Pml 8 dictum HmlP 11 o*portunissimo (p ras.) P 12 gratulos Tml alyppius P semper inquit meliora A 13 huccine Am2HPm2Tm huic ne a 14 **quies (re ras.) T iam quies est ex requiesset Pm2 15 in futurum AT edd. 19 perforce A se A 20 aequi Aml atqui Am2 speranda sunt M **speranda T 21 asserti- onem AT nisi A 24 quatinus T ratiotionem A 25 aduerte] libet aduertere a nam si] non A 28 dictum est] dicis ista AT 29 sapientis (om. a) A
14. 2 fuerit] sapiens fuerit AHTedd. 3 ea om. A 4 a deo] ad eos P secernitur MPm2 edd. 6 tamquam] iam quam P tamen A 7 faciaius. 4 8 a tanto (a s. m2) A tautum M libet T 11 affirmauerim AHMTedd. 12 *a me non (n alt. s.) P ergo est M 15 si ab eo audirem Tml 16 non ante ammonere add. Am2 17 ut] quamuis Am2 18 intelligam A 20 exaggerans (om. et) A 21 audimus Hml 22 attende P 23 aut] et 7' adhuc Aml deo* (rum ras.) A 24 stultitiae HmlP est superiorum A 25 uideam (am ex o m2) A 26 discis HP 27 honorari H accepisse lIMP ratio*cinationis (a ras.) P ratiocinationes H 28 id] utH redere Tml
15. 1 sunt APml paruum codd. 5 contem*nam P 6 cupiebam HmlMP 8 tuam A 10 stulticia T 13 enim flm2sJ. multum me A 14 sentit AMT edd. 15 dicere A non add. Pml s.l. 16 alt. mentem T 17 ueritus est M eiom.il/ 19 consideras Aml animo AmlT 21 meti Pvil 22 quod-uidere om. AI plurisque Hml 24 nullos Arnl mentes P 25 possit stulticia M 26 non oni. 31 28 non om. AmI all. intellegi (in s. rn2) P intellegi Hml
16. 2 iara ex uobis edd. 6 ordine agat A iis m 9 item] autem A 10 quidera otn. H 11 co*plexioni Cn ras.) P conexioni M defect Aml 13 tu om. J! 14 id in ras. T inuolutum lIMP inuolutum prolatum ATrn inuolutura et prolatum a 19 debet] dubitetP 22 inordinatum (om. non) A 23 re*periet (p ras.) P reperit A 24 pr. quam] et quam A 28 esse ona. II aliquid AM in] non A 30 subtrahunt M 31 tetrius] deterius M acrius A durius M
17. 14 cf. I 8, 25 (p. 137, 28)
18. 3 decoris AT edd. 4 plenis jU meretribus Pna1 6 locum P decore Tml dehonestaberis HP 7 sit M ita ATm2 8 condicione (c alt. in ras.) P utilissimum Am2 9 post membra add. Am2 s.l. sunt quae 11 uc- luit***** (uoluit ras.) P indecore HMPml emine Tml 12 continendo (i ex e) A 13 quod om. AT agri JI uillaque] uillaque quid AT 14 galliniorum AT 15 mentionem fecimus M adiectus T 17 peruenerat Arn! 18 slycismos H P 19 quae Am2 in ras. 20 scemata AmlMP Tml methaphasmos Tml appellauere Jla 21 maluerunt JTedd. iste Pml 22 desiderauimus #MPml desiderabis Am2 congere* (s ras.) A 23 agre Pml putridum a fastidibus Am2 transfer P 24 ditionem P ea ex eam Aras. 25 teatra Tml antris a se condere] secedere M uidebit T
19. 1 apud Pml 2 submissa AHMT saltus] altos AmZT altus Aml 3 sola Am2 in ras. 4 desint JI 5 possessionibus Tml 8 uel addendo om. A sessionem Pml assentionem T 9 in om. M 10 pedibus M collocare a 13 geniometrica (v s. o rn2) P 15 penetral M desiderat A 16 eo om. A talis—utatur OJH.3/17 ibi] ubique Tubique est A 19 quod] quem m 21 eosrt 23 nimia uxoris edd. foecunditate P 25 incumbet AMml luxuriae T Inxuriosus (osus in ras.) A 26 tota A
20. 9 cf. Retract. I 3, 4
21. 1 alii m pii et boni m praediti m 4 uolentes Migne G serenas (a ex u) A hiemis Aml hveas T 7 misere A respondeat AT indi- cabitur AT 11 alt. aut] ut Hml 12 occupati A 13 ad sese] adesse

- Hm2M 14 ille om.A 16 est enim A 17 ratione T certe om.M auctoritate AT 18 permittit H 19 contemⁿere P 20 nullum tom. que aliud) M 21 germina P 24 cum quo fFMP eo quo AT eumque edd. 25 tripotentem] patripotentem .11 spiritum sanctum A T edd. ueneranda HMP docent ueneranda AT edd. 26 misteria A mystia T fides fIMP 28 corporis tantos P
22. 1 atque agere om.11 uilius]utilius A 2quidam Pml 3 alteque H Pm1 T lateque AMPm2 edd. 5 agat HMP distet AT edd. quod] quid A alternat (e s. alt. a m2) A alterna est M 6 quatinus T 7 putetis HMP dicantur T dicamus (ca m2) A 9 ac] aut T 10 studiose Pml 12 apte] aperte AT respondistis ATrn 13 agnoscere ATm 14 lactens Am2T lactans Aml iicentii AHMPmSTedd. etiam om. Tm1 15 tandiu AT 17 electurum P 18 diffinitionem A 19 mente MP sapientes Aml 21 uoluisti Medd. 23 corpore ex core Am2 ante quo add. Hm2 uel plcto (p inras.) P 25 potest Aml moueatur M 28 moueatur Ma moueretur A Tm possent T
23. 1 non ex nam Am2 2 hoc ego edd. ego (hoc om.) M 4 quo uelit om.M uelit] uelit ire AT edd. modo P raotu Ana 7 postulatio] peticio Tutl 8 prorsus HMP rursus ATm defitiiri T diffitiiri A tacere IIMP 9 donio (nio s. m2) P de domo ante cucurrit e.rhibel M 10 ad nos om.A esse om.T 11 nos om.Tml 13 locv (v s. o m2) P. oudi 14 arrisisset M 15 ad Pml 16 inquam concedis ergo A 17 in] ad A 18 loco P in loco UM in eo loeo ATedd. 20 alt. alio] in alio ATedd. 22 hoc M 27 careret AMTm careat a fatereris ATrn
24. 18 cf. Aug. de beat. uit. 4. .34 (p. 115, 1)
25. 4 semper una. Tlltl 5 locum] lo 8. rn2 P euni HM 7cedo tibi A 11 t'sse manifestum AT 12 aute non add. 11m2 d. qui 13 suppetere (te s. In::) A fertassequod tibi cdll. 14 te add. Pml\$.1. 15 isti] ipsi AT et isti a Ilj quas Mml 1S natalitio (om. tuo) M 19 iocundissimum AMPmiT asse cx est Tni2 22 ista om.T 23 contenunat P ad illam iam M 24 quod II 25 uisum tibi eclcf. 27 pr. agat A/IMT <dd. 28 eiecisti a 29 p^{*}to }J alt. quod .1
26. 4 cf. de ord. II 4,11 (p. 154, 10) 6 Ter. Phorm. 419 15 cf. dc ord. I 7,19 (p. 133, 30)
27. 1 sit] est AT humeris AHMPm2T 2 pos Pml 3 aliquantum m petiit edd. 4 animaduertat AHT edd. aduertat M 8 quide T 9 per- tuli] te pertuli AT edd. 10 remotumque P remotumque (i ueZ s s. urn m2) H et] uta 12 illud AMTedd. nondum] numquam (om. discutere) A 13 primum (a s. u m2) P a nobis AT 14 pepererit Aa 15 quae AT edd. est HMP nulla est AT edd. 16 diffinitio T 22 censes] censes inquit ATedd. 23 malum semper AT semper] super M 24 deus] deus ideo AJITedd. 28 ex HMP eo ATm
28. LXIII. August. I pars III. ed. Knoell.
29. 11
30. 4 cf. Oic. Cat. I 23. 27
31. 2 catillinae P temperasse HM P temperanter AmlTedd. et tempe- ranter Am2 3 illo P 5 in om- M isti M catillina P tantum Pml in tantam A 6 se add. Pm2 s.l. ipsam AM edd. 7 huiusce modi M et expunxit Pm2, om.A 8 illi*(s ras.) A 9 ista quoquomodo edd. per- mittitur H edd. permittuntur M 11 distribuere a ei tunc A 12 quia a 13 pr. et om.M intenta P in tanta AHMTedd. 14 licenti dicis M iam A 15 inseruisti M Igesseom.MmlT 21 ortuum Pml semper erat-26 ordine uitae ATedd., inclusi, cum desint in JIM P semper] sed semper m 23 pr. bon Trnl bonus Tm2a 27 mihi om M sentent'am ATedd.
32. 18–166, 25 cf. [Eugippii] Excerpta n. 23 p. 124–128 Knoell
33. 3 apudum A ad om.A usum] usum eius ATa 8 posse om.M ac] et Tml 10 auctorem deum (m deum in ras.) T 11 dissimulanti AHMT 12 se om.A euoluerem AT reuoluerem edd. habuit aliud scripsi aliud HMP habuit AT edd. 13 se OM M 15 alt. est om-M 16 sinit ATml ordinem meritum A redigit Pml 18 quoque M 21 multum (um ex is).4 praepoteros Tml 22 quan+quam P quaquam T 25 syllabus A 27 post pro non add. Pm2 s.l. hoc ut opinor a 29 iudicium HPml

34. 11*
35. 2 ista Mm2 7 insipientes (om. in) Aml 12 ita] uita M 13 ueneris AHMT indomesto T immoderato A 14 ac torcorpore P a torpore AT Eug. edd. 15 sumni T 19 audaciter m 20 simUiter M ..21 non om.M 22 ualeant HMP 23 impeius T 24 seruiat Pml 26 inuicto Tml 27 finiant citissime ferant aequissime P 28 hoc unum (ex unus) prouerbum uulgare A hoc unum u. pr. M 31 festinant Pml certe om.A iuuentutem AMT Eug. edd. se ad ista AT Eug.
36. 1 conuertens M 2 decocta aetate facilius M 3 insistant A 4 extantibus Aml 7 studiis suis AT Eug. edd. 13 plures Pml 16 fit] sit M 17 nocentibus HP possit esse docilis A docibilis Eug. 20 fastus ex factus P 21 dicet Tml praedicta AT Eug. sequutus T 23 conpraehendit P 24 ipsa Ma pr. uniuers* (a s. ras.) P 25 quicquid T 26 uero (o ras e.c.e) P 27 tantum ex tamen Tm2 28 contempnentes AP 30 uiuunt A Tm2 Eug. edd. uiunt Trnl
37. 13 cf. Retract. I 3, 3 23 cf. Retract. I 3, 2
38. 1 hoc om.M 2 quo] qui M 4 ea om. m 5 acreorum A sensos Pm] 6 sententias FI M P potentias AT Eug. edd. 7 fornarum P 8 cupiditas P formidolosas AllJIT 10 transcendet FlJIP 11 et om.Jll eis P 12 ipsium] eum Am2 s.l. et] sed M tenere HMP 14 penda*t (n ras.) A 16 praeeptionem P 20 uidetur (n s. e m2) A 24 contentumque P conten.. tuque M conteptuque T maiores in ras. T, om.J! 30 inhere T
39. 1 si, ut haec] si haec sicuti (sicut A) sunt AT si haec sicuti edd. 2 quodnobis om.M quod AT uel HP 4 esse om.M se gerit] egerit AT 7 perplurimum P uerbis meis M 9 quae ex quod A 10 dicendum mihi edd. istos om.H 11 contempnant P contempnant T 13 arbitror te A 15 naturae in ea (ea. T) AT natura Pa admirabili. (s ras. P) M P impletu Prnl 17 est om.A saltim AMP 18 super te in A ne eras. stulta laude (om. tua)Mml hii AT assunt AM 19 mittitur AT 22 atque] quam Hm2 s.l 23 paenitus AP 24 latent] latent te AT edd. 25 dum Am2 s.l. congnie T, om..M 26 dicunt T 27 aut propter M
40. 1 aliter] aliud T aliquid aliud Am2 in ras. quam] oni.A, in mg. m2: nisi quod 3 quibusdam om.M 5 pr. non] **n T et hac HP ex hac MTa hac Am nutritur AT paucis M 6 mirandamque AT edd. factis clarioribus A 7 ignotescant T 8 quis AT qui HMP id est quomodo Hm2sl. nouerant M 9 indixisset Trnl 11 dicebat M 12 tui s. ras. Am2 ultra officium a 16 motus A 17 intellegent dum P 18 usquequa (om. que) A 19 nisi Tm2 s.l. 20 progresso (v s. o m2) P ipsum] ipsum et ipsum HM 21 in om.M homines apere ai 22 pr. fXtom.A 23 ignoratPml 24 dixisti HMP 25 tam] tamen H sum Aml 26 me om.A iam om.J! *****profitare (fatear ras.) A 27 idagemus MP possimus T
41. 3 cf. Cic. Acad. II 21
42. 1 quod add. Pm2 s.l. quo HJJa 2 illum T 3 anima Pml 5 auditas JI 7 t's*se (t ras.) P 8 et alio edd. 10 erit] recipit JI sed omA 11 ac] ot ndcl. 13 ratioi;#*e (al ras.) A 16 loquitur Pml 17 procedat A 18 niti- onalia llm1 19 igitm] ergo edd. 20 etiam ipsis A amoueri T 21 mens utitur -22 aurium] qui aurium edd. 23 fi*guratum (g ras.) P 26 ride- tur AT 27 iis m 29 grauius JJ 30 ita om.AT
43. 1 modicus P 3 languidis M solium (t s. i m2) H oleum M solitum a 4 ortum AT amouens A laudare] dicere edd. 5 flagrat MP fraglat HT illam ex ullah A olfacere P 6 illud datum A non-rationabiliter om.J! 7 holere P 8 est ille odor T o*dor A ordo P coquo All quoquo Tm] non (s.l.) rationabiliter conditum rationabiliter A 11 ipsa ex illa Tml 14 in illo (in s. m2) i1 sensus HmlP sed om.M habent HMP 15 uel] et AT edd. respondot M 16 diceret M 17 delectio Tml rei sit rei T 21 post uoluptate add. Am2 est 22 aliud aliquid A 24 rationalis H 26 dicendo a 28 quod HMPT quo A cum edd. nos] nos color AHMPm2T edd. compulsa (om. cum) T chorda edd.

44. 5 hostium P G nca— medio otn.M 7 iniqua] in qua M dimentio T 9 a] in A 10 solito (t s.m2) M lucem M 11 nec] ne P 17 hystrione T saltante] saltem Hml 20 rationalis A 21 ostentat Aml 22 si (i s.ml) P pennatam AHM id] ad A 24 per oculos post cui exhibet A rerum signa edd. 26 quod] quo T 27 pr. aliud] aliud est Pm2T 28 pr. sensu M pulchre HMP 29 in motu] in motus P motu M 30 iocundae P ioeunde AHMT illum AHPTm auditum om.A illud libet atque ipsum auditum JIignf
45. 4 Uerg. Georg. II 480 sq. Aen. I 745 sq. 27 Wilmanns De M. Ter. Uarronis libr. gr. frg. 92 (p. 209 sq.) cf. Isidor. Etym. I 3, 1. Mart. Cap. III 229
46. 1 significabitur M 5 hyherni T tarde A noctibus (n in ras.) P 6aliter (om. que) T 8 illudom.M gestom.A? 10 discendo***A dicendo edd. 12 motibus A est om. T et P 13 rationabile M 14 pr. vel om.A 1x) societatem T 17 cumloquerentur T post ita add. Am'i s.l. ut 20 ad eos AJIT ad eo HmlP (eo del. Hm2) sensusHP interpreate P 22 horis AmlP 23 poterant Tml si multitudo IIT similitudo .4 7P termino defixo M 24 infinite Tedd. ne infinite .4 23 calculorum MTA 28 praesenti a
47. 21 cf. Uerg. Aen. VI 14 sqq. Ouid. Met. VII 159 sqq. 24 cf. Uerg. Aen. IX 284 sqq.
48. 1 horis P 3 hyatu T 4 diuero T praessu horis P praess** (ovi. oris) M 6 qua A 7 semiuoles Tml et seruiuocales 31 sillabus A semper nominallitM 8 degesta P sunt] estAf lOnumerofl 12 dupla] dupla etAMT dupliciaa simplicia a 14ipsoow.il/ lolittera ex litteras/lwiz 18 ante multiplex add. Hm2 ac iocunditatis P 19 hystoria et hystoricis MT 20 imperitum (im del. na2) A uideri] utri HP, om.M 21 non ona. Zi finxerint P dixerit AT 23 nostro familiari HM P misereri M qui si] quasi M 24 euri*alii ex euryali Pm2 eurali AJIT inscithiae II insitiae A 25 rogantur ea Tml
49. 1 ratione ATa 2 estl sit A quae H pepererit a 3 eas AT 4 ordinauerat Pm2 edd. 5 quando] quasi a 6 sua om.Jl machinamenta P et om.M digeret Tml 9 hac] haec P ipsam A 10 quid ualeat om.111 sciens M 12 suadenter Pml et honeste om.M 15 saepe] quaeil/ commoneri Aa 18 adduci om.Jl *adduci P retoricam P rethoricam AMT 21 rerum diuinarum edd. 22 reparare AT uoluit] uel uolet Tm2 s.l. de om M 23 ipsa AHm2MTedd. ipsi Hml uias AT 24 molita P 25 possit HMP assensibus M 26 aciem om.M clamantes habere A 28 auibus M 29 pr. et del.mlA rethoriamcodd.
50. 1 ad A potentissime A secernendi T secernenda A 3 esset Pml 5 tragoedos P tragedos.11 comedos AM 6 huiuscemodi APm2T atque] uel M 8 cytharas MPT 10 uarietati Aml 11 figura**rentur A 12 syl- labis P 14 proprie Mml 17 caesa] et caesa A edd. nominauit A edd. 18 prouolueret M quam] in quo M sustineret M 21 rythmi P rithmi AMT qui] quiaHP quodM 24 mouimenta (ui s. na2) H honerauit A 25 quorum] ut M 26 styrypem T 28 quartu Pml 30 repperiebat P
51. 7 cf. Retract. I 3, 5
52. 1 ipsi P 2 contexerat HMPta egerrime AMP 3 corpora Aml G praeterfuit Hml 7 mendatio AT ratione HMP ratione quaerendumne quid aliquid pro paganis (propaginis A) similiter id esset memoriae filius musus ATa q laerendumne quid propagini similiter inesset m 10 est profecta eM. opes] opus es A 11 illustrans a 13 talis ibi A 17 distincte disposita T distincte disposita A 19 cunctantissimas M 21 eam A 23 religionis Aml augmentum A 27 ipse Aml intueatur lImI 28 autem in his A 29 ausa] ita ausa IIMa
53. 7 cf. c. Acad. III 5, 11
54. 1 probare M precepit T 2 proslls Pml et quidquid—posse om.Aml posset] posse P 4 cunta Pml 5 eam a 6 comprahen*sis J index (x add. m2) J 7quaeremus P 8 protheuscodd. IZ quisque]quis T illa om.m 13 quoddam Mm 14 erudiri M dignissimus (om. nomine) IIMP

- nomine dignissimusa. edd. 15pr. iam om.M 17inhyans T hinians 11 19pr. exanime] animē A all. exanime HMP species ATedd. 20 in tempore (in s. m:!) P 21 all. quid motus—locum om.Illm 22 alt. quid sit om.A 23 praeter] praeteritum M olt. qlid] et quid edd. et nunquam esse—i.on esse om.Aml 26 posl sed add. Aml si s. I.
55. LXIII. AuuiM. I par< III. cd. Knoell.
56. 12
57. 1 eognosceat ista edd. ti contemplationemq; (q; m2) T 10 pr. quid IIm2M ad id om.M 11 ncj nec a hoc ex h8c Aml 1;3 uij] om.M in AP id est a potentissima um.J/ 14 mihi qllotidie A 16 a magna AHMTedd. emer**gentem (ge ras.) P 17 quam difficilia om.Tml 18 peruenturum Aml 19 uino (uitio s. m2) A 21 attiuet M 22 reprehenduntur M 23 solycismos HP quisquis A 24 repperiet AP 25 huiuscemodi M cyceronem T 26 persuaserit m 27 ratio fLU Pa qua ex quia A 28 tn] cum A con- temptis AHMT 29 uim om.M 30 cognoscis JmI'm desertis P reliquise disertis edd.
58. 1 huiuscemodi M 2 paenitus P contempnis P quo (s. co) ad- .. moneo A 8 indigus ATrn2 indignus Tmla 11 domitaretur Ma dominaretur m 13 fabricare Tml 14 fenabat Tml 16 se extitisse P constitisse A 19 alt. nemo] ne modo A 20 succensebit AM edd. qua] quae H quia M qualis Am2 22 erat M 26 saltim AMP ut om.]] ne] nec HP 24 hinc AT 27 ne T illum T 28 huiuscemodi M 30 nos om.M 31 arbitretur Tm2 in ras. arbitraretur Aml
59. 12*
60. 4 et om.M 5 nūdū T in om.HMPa 6 iis m 9 inueLit ATm 11 nostram ovx.M 12 carior] elatior a 14 ordo om.T 16 in add.Pmls.l. 18 ergo M 19 se ipsam primo AT 23 possunt (corr. ml) P uel] et M edd. 24 quid] quod Am2 quod aut] aut id quod M 25 *quali*A 27 alt. uno Pml 28 conectendo H 31 non (ne s. ml) P 32 animamtis Pml ac] et M
61. 1 est om.A e] ex M et P a A patiatu M 2 diuortium P erat P 5 **milibus (si ras.) P milibus A similibus HM 6 nonne] non HmlP nam Hm2.l1 7 coit] cogit Hml alt. cuneos (o s. u) // coneus M 8 eo] deo a 9 ante contingat add. Pm2 s.l. aliquid 11 quia] nisl 12 ab ergo incipit cap. XIX M cum eo unum fieri edd. 18 affabre AMT 20 numquid M 21 no.i ex nun P 23 att. poteraut orn,HMP 24 linguam] rationem M 26 cogitemus Pml 27 bonum P 28 rythmum P rithmum AJIT 29 quod quid HmlP quid quod Af si HMP hoc ATedd.
62. 1 facit edd. niliil] at niliil HTm 2 rationabile P 3 ergo A 4 quiddam P quiddam esse AHMT edd. 5 pr. ad] at HMml *at P aU. at HMmlPml aut Pm? 6 illa AT erat HP 7 concil lit M 8 eri Pml 10 in om.M 12 quae] qui AHm2M edd. 13 quo] quod T mecum A id non est T 15 pr. at HP mortale (i s. e) P 16 erudit alloquetur P erudit alloqueretur H erudita loquetur Aml isad(ds. m2)T moiem H 21 uerbum M cytharamque codd. 23soom.Aml 25 posieitAf ordinauerit Pm2Tm'Jm ac edd. concinnatamJI deumom.M 27 (ei:m M 2smagite (e?» ras.) P uidentes M 29 illud est M
63. 12 cf. Retract. I 3, 2 23 cf. Retract. I 3, 9
64. 2 docurrunt AT nobis occurrunt M sordidi AT 4 imitationem (m rubrica del.) P comparationem P 7 habeat ATm habundanter Aml abun- dantes M pr. alios H 8 diligat HM P alius diligat AT diligat alius m nihil] et nihil AT 10 iustum m 11 honera A nlla om.M 13 alt. locis P 14 bmen] totUil/mas.i. et rursusilla cuius pars est li1 15 rursum A 17 intellegibile Pml 18 totam (om. tamquam) a 20 rectum] rerum Tml 21 insti- tuerit Aml gnauter A grautier HM edd. 25 faillime om.M 26 pr. ttel Tm'2sl. alt. uel om.AT huiuscemodi a et om.A 28 deuotissima a
65. 15.27 cf. Retract. I 3, 10

66. 1 indubitanter ante confirmo M 2 (leum om. II 3 ueritate Pm] 4 bonum AT edd. promerentem P 9 hic om. H efficitur P 11 uideatur A con- sideratione quotidiana A 12 in te] uitae A dubium AI 13 de illa om. 111 possumus Am] 14 nonne] non de HMP uenerabilis H 15 pythagore P phytagore MT pytigora A 16 itinera AT inaera HMPa 17 ueneratione P 19 plene A edd. 21 nos om..M arbitremur codd. abs te arbitremur edd. 22 enim om. M 24 quod] quid Aml studuimus T 25 libenter om. AT 26 succenseant AHmLM 27 boniuolentissime AMPm2T autem om. TmI phytagore MT pytagore A 28 illum M vidiuino P
67. 10 Uerg. Aen. VII 585
68. 2 de litteris et 4 efferre scripsi haec ferre AHmLMmlPT efferre Hm2Mm2 edd. gerendae T publicae rei M 5 trahebnt Aml 6 enim ibi AJIT 7 permittere AT diuinae P 11 lucentius a hac HP sententia P 12 hinc A AURELI AGUSTINI • DE ORDINE • LIBER -II. EXPL. P AURELI AUGUSTIN DE ORDIN LIBER .11. EXPLICIT AH EXPLICIT LIBER-II- DE ORDINE T EXPLIGIT LIBER -II- SCI AIG DE ORDINE M

No mesmo período, entre aqueles que foram escritos sobre os Acadêmicos, escrevi também dois livros sobre a ordem, nos quais se discute uma grande questão: se todas as coisas boas e más o ordenamento da divina providência contém. Mas, ao ver que o assunto era bastante difícil de entender e que com dificuldade poderia ser conduzido, através da discussão, à compreensão daqueles com quem tratava, preferi falar sobre a ordem do estudo, uma vez que se pode progredir das coisas corporais para as incorpóreas.

Verdade, também nestes livros me desagradava frequentemente a interposição do termo fortuna;

e que não acrescentava: do corpo, quando mencionei os sentidos do corpo;

e que muito atribuo às disciplinas liberais, as quais muitos santos muito ignoram, alguns até as conhecem e não são santos; e que mencionei as Musas como se fossem algumas deusas, ainda que em tom de brincadeira;

e que chamei de vício a admiração;

e que disse que os filósofos, não dotados de verdadeira piedade, brilharam com a luz da virtude;

e que dois mundos, um sensível, outro inteligível, não pela pessoa de Platão ou dos platônicos, mas pela minha, assim recomendei, como se isto também o Senhor não quisesse ou quisesse significar, porque não disse: o meu reino não é do mundo, mas: o meu reino não é deste mundo, embora possa ser encontrado dito por alguma locução e, se outro mundo foi significado pelo Senhor Cristo, aquele possa ser entendido mais congruentemente, no qual haverá novo céu e nova terra, quando se cumprirá o que oramos dizendo: venha o teu reino. Nem mesmo Platão errou nisto, porque disse haver um mundo inteligível, se não quisermos atentar para o vocábulo, que é inusitado na consuetude eclesiástica naquela coisa, mas para a própria coisa. Pois aquele chamou

mundo inteligível a própria razão sempiterna e inamutável, pela qual Deus fez o mundo. Aquele que nega que ela existe, segue-se que diga que Deus fez irracionalmente o que fez, ou, quando fazia ou antes que fizesse, não soubesse o que fazia, se junto a ele não havia razão de fazer. Se, porém, havia, como havia, essa mesma parece que Platão chamou mundo inteligível. Contudo, não usaríamos deste nome, se já fôssemos suficientemente instruídos pelas letras eclesiásticas.

Nem me agrada aquilo que, quando eu disse: "É preciso dedicar os maiores esforços aos melhores costumes", logo acrescentei: "Pois nosso Deus não poderá nos ouvir de outra forma; mas aos que vivem bem, ouvirá com toda a facilidade". Pois assim foi dito, como se Deus não ouvisse os pecadores; o que, de fato, ele disse no evangelho, mas aquele que ainda não conheceu a Cristo, por quem já fora iluminado no corpo.

nem me agrada aquilo que, ao filósofo Pitágoras, tanto louvor dei, de modo que quem isto ouve ou lê, possa pensar que eu acreditei não haver erros na doutrina pitagórica, quando há muitos e igualmente capitais. Esta obra assim começa: Sobre a ordem das coisas, a Zenóbio.

Aparato Critico

1. 11 De ord. II 9, 27 12 De ord. I 1, 2 cf. Retract. 11,4 13 De ord. I 5, 15, 8, 24. II14, 39 sq. 14 De ord. I 3, 6, 8, 24. II 14, 41 16 De ord. 13,8 De ord. I 11, 31 17 De ord. I 11, 32 18 Plato Resp. p. 507. Tim. p. 27 sq. Dicis Doxogr. p. 305b, 3. p. 334 a, 1. cf. Aug. de Acad. III 17, 37 21 Ioh. 18, 3G 24 Es. 65, 17.66, 22. II Petro 3,13. Apoc. 21,1 25 Matth. 6,10
2. 3 Act. 17, 24 10 De ord. II 20, 52 13 Ioh. 9, 30 sq. 15 De ord. II 20, 53 sq. 18 Aug. de ciu. dei VI 5. VII 35

Sobre a Vitae Press

A Vitae Press é uma editora digital dedicada a tornar textos clássicos acessíveis ao leitor moderno através de traduções de alta qualidade.

Nossa Biblioteca Patristica traz os escritos dos Padres da Igreja em seis idiomas: inglês, espanhol, português, italiano, francês e alemão.

Do Corpus Scriptorum Ecclesiasticorum Latinorum (CSEL), da Patrologia Latina e de outras edições críticas — séculos de sabedoria teológica, agora ao seu alcance.

Mais da Biblioteca Patristica

Explore nosso catálogo crescente de obras patristicas traduzidas. Pesquise "Vitae Press Biblioteca Patristica" na sua loja favorita.

Creditos

Texto original	Contra Academicos; De Beata Vita; De Ordine (1922)
Autor	Augustinus
Editor da edicao critica	Pius Knöll
Colecao de origem	Corpus Scriptorum Ecclesiasticorum Latinorum (CSEL)
Traducao	Traducao assistida por IA – Vitae Press
Modelo de traducao	DeepSeek V3
Controle de qualidade	Gemini (Google) – revisao do livro completo
Licenca	Traducao © 2025 Vitae Press
